

CARLOS IMBASSAHY

A EVOLUÇÃO

**PREFÁCIO DE
PEDRO GRANJA**

OBRAS DO MESMO AUTOR:

À MARGEM DO ESPIRITISMO.

A MEDIUNIDADE E A LEI.

CIÊNCIA METAPSÍQUICA.

CORPO E ESPÍRITO.

ESPIRITISMO E LOUCURA.

O ESPIRITISMO À LUZ DOS FATOS.

OS MENEZES, romance.

LEVIANA, romance.

RELIGIÃO.

O ESPIRITISMO.

A REENCARNAÇÃO E SUAS PROVAS.

MATÉRIA OU ESPÍRITO?

FANTASMAS, FANTASIAS E FANTOCHES.

CARLOS IMBASSAHY

A EVOLUÇÃO

Com uma resposta à crítica sobre o livro “A Reencarnação e suas Provas”

Prefácio de

PEDRO GRANJA

EDIÇÃO DA

LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ

CURITIBA – ESTADO DO PARANÁ

Desta edição foram tirados, fora de comércio,
cinquenta exemplares em papel *Bouffant Pluma*,
numerados e rubricados pelo Autor.

Exemplar N° 599

A

PEDRO GRANJA

Esta dedicatória é, ao mesmo tempo, dívida de gratidão, homenagem ao esforçado trabalhador na seara da solidariedade humana, preito de muita amizade.

É ainda o fruto de uma grande admiração pela independência de caráter, firmeza de princípios, uma vida de honestidade e de trabalho, um inexcedível desprendimento, que o leva ao sacrifício pessoal, e, sobretudo, sobrelevando essas virtudes, um coração adamantino, uma extraordinária bondade, muito difícil de encontrar entre os homens, cuja dureza estamos a ver constantemente numa flagrante demonstração de egoísmo e de atraso.

Aqui fica o meu modesto testemunho, fortalecido por muitos anos de convívio espiritual.

A

MÁRIO CAVALCANTI DE MELO

Velho amigo nas lides do pensamento, companheiro nas horas de trabalho, e de lutas, sinto oferecer-lhe tão pouco em troca do muito que tenho recebido.

Mas vão, nestas linhas – de envolta com a alegria que me causa ver surgir, quase de repente, nas letras espiritualistas, o vulto de um desassombrado pugnador que se agiganta com o tempo – a estima sincera que, começada nas lidas da vida presente, se há de fortalecer pelos tempos fora, na causa comum que abraçamos.

ÍNDICE



Prefácio	9
A Título de Prólogo	20

EVOLUÇÃO

Da Seleção Natural	23
Transformismo	25
Forma	25
Órgãos rudimentares e inúteis.....	26
Embriologia	27
Paleontologia	27
Objeções	29

A REENCARNAÇÃO

A Evolução Espiritual	36
A palingenesia e os seus aspectos	41
Religião	41
Filosofia	41
Demonstrações	44
Simpatias e antipatias	44
Crianças que lembram o passado	44
Crianças-prodígios.....	47
O já visto	47
Prenúncio de reencarnação	51
Transfiguração	53
Regressão da Memória	55
Em Resposta	59
O regresso à vida	59
A evolução tal como é	62
Um pouco de Psicologia	67
Lições.....	73
Os saltos da natureza	73
Instinto	77
Corpo e Espírito	80
Confusão de termos. Erros gráficos	82
Inteligência e memória. Indiferença do Criador	84

OS TABUS RELIGIOSOS

Extremismos Religiosos	87
A Bíblia	89
Símbolos e chaves..	89
Fonte e síntese do saber	91
A Ressurreição segundo a Igreja.....	95
A Ressurreição por outras faces	95
Os luminares das Igrejas e das Letras	98
As fontes, a autenticidade, as dificuldades bíblicas	103
Reencarnação	107
A reencarnação vista por um Frade	107
As objeções de um erudito Padre	109
A reencarnação na Inglaterra	115

OS TABUS CIENTÍFICOS

Endocrinologia	124
Herança Psíquica	131
Corpo e espírito	131
A réplica de um Professor	139
A Transmissão pela Memória	147

A MANIFESTAÇÃO DOS VIVOS

No Terreno das Provas	155
-----------------------------	-----

A MANIFESTAÇÃO DOS MORTOS

Universalidade da Manifestação	164
Entre os civilizados.....	177
A realidade da manifestação	180
Identificação do espírito	191
Automatismo inteligente	194
O drama real	196
A voz salvadora.....	197
Nas sessões de Victor Hugo	198
O encontro miraculoso	200
O desastre do R-101	201
A manifestação do avião brasileiro	202
A volta do Bispo	203
O caso Piper	203
Consequências Morais	217
O remorso	218
As vidas infelizes	219
A vida feliz do espírito	222

A EVOLUÇÃO

PREFÁCIO

O Psiquismo experimental, já proclamado sobre bases da Doutrina dos Espíritos, vem abrir à humanidade um novo campo de fecundos estudos e realizações, onde os conhecimentos só terão de lucrar com a exposição desses ensinamentos doutrinários. A Ciência, por exemplo, verá nele um complemento indispensável ao seu progresso; a Religião terá nele o seu mais poderoso auxiliar; e a Filosofia tornar-se-á mais clara, mais lógica, mais concludente.

Até as Artes, também receberão dele a sua indispensável contribuição: sobre o seu influxo o cinzel e o escopro falarão de uma Vida Superior que nos espera; a poesia motivará seus princípios na estesia do Belo e do Fraterno; e a música afinará seus instrumentos para cantar as melodias da Imortalidade e proclamar, pelos seus acordes, a universal glória de Deus.

O Espiritismo – graças à grandiosidade dos seus princípios filosóficos, científicos e religiosos – demonstra-nos, com exuberância de fatos, que hoje já se pode perfeitamente aceitar e compreender esse entrelaçamento do material e do imaterial, sem, contudo, crer. A crença geralmente pressupõe causas subjetivas; a compreensão as dispensa e se limita, quando não às causas objetivas, pelo menos às razões de ordem científica.

O velho princípio filosófico de que, se queremos compreender, é necessário crermos (credo ut intelligam) não tem, depois dos ensinamentos espíritos, razão de ser, pois o Homem, eterno investigador das coisas de Deus e de si mesmo, está sempre, e sempre esteve, às voltas com os problemas da filosofia espiritualista – “que primeiro preceitua crer para depois saber...”

Contudo, devemos convir que se a Doutrina dos Espíritos ainda encontra opositores competentes, apenas isto é devido ao fato de que a inteligência humana constitui um elemento indispensável de individualização e de elevação da personalidade, quer tateando no caminho do erro, quer progredindo no caminho do conhecimento, consoante os méritos de cada um, não nos restando senão inclinar-nos ante os decretos dessa Sabedoria, que determina a cada ser aquilo que se torna necessário à sua evolução.

Mas a morte é a eterna soberania, e um dia os crentes e os descrentes, os sábios e os inscientes atravessarão os mesmos caminhos da vida errática e cada um há de se certificar do sentido das coisas do Espírito e que as qualidades humanas, boas ou más, são aquisições próprias, bagagens de suas encarnações próximas ou longínquas.

Se admitíssemos, porém, o absurdo de que existe uma só vida e a evolução reencarnacionista é uma quimera, como deveríamos classificar esse Deus que deu vida e ainda a dá a crianças deformadas, cegas ou surdas-mudas, abandonadas às portas frias dos asilos? Não ficaríamos nós, humanas criaturas, muitos furos acima dessa Divindade, uma vez que se estivesse em nossas mãos aliviaríamos e alindaríamos todas as crianças tristes, todas as crianças disformes, todas as ceguinhas, todas as paralíticas? Que Deus seria esse, que não se comove com as lágrimas; que não se perturba com as súplicas de perdão; que não se compadece dos necessitados?

Nunca e jamais ninguém se arrependeu de praticar o bem, mesmo que para isso tenha que se desviar dos caminhos que vinha seguindo. Repartir com os outros um pouco da abundância de que se desfruta é o único meio infalível de crescer um tanto mais a própria felicidade, porque o ser humano que sacrifica uma parcela de seu gozo para aumentar o bem-estar de seu semelhante, tem a verdadeira visão dos deveres que a condição humana impõe, pois a existência de um homem nunca será medida pelos anos

que viveu ou pelas riquezas que acumulou, mas pelas obras meritórias que conseguiu realizar.

- Mas se nada, absolutamente nada, persistir após a morte do corpo, de que nos valerão todas essas qualidades do Espírito?

Afirmaremos, então, com todos os recursos da nossa razão, que ao lado do seu aniquilamento integral, todas as verdades científicas também perderão seus atributos sancionados pela inteligência humana, e o próprio Universo – grandioso na sua monumental e perfeita organização – deixará de existir, tudo não passando de mera e fantástica ilusão...

- Por quê?

- Porque esse panorama extraordinário e genial, impregnado de inteligência e maravilhas, só é vislumbrado, concebido e sentido pelo Homem através da função transcendental de seu cérebro. Seria o infinito subordinado ao finito...



Todo este despretensioso intróito é um desaforo entusiástico da leitura de “A EVOLUÇÃO” – mais outra obra de Carlos Imbassahy, o qual fulgura em múltiplas fronteiras do conhecimento humano.

É que Carlos Imbassahy sempre teve e ainda tem uma formação nitidamente científica. Pesquisador de uma lógica incomparável e de uma cultura indiscutível, os tesouros de conhecimentos e de experiências, que se escondem, continuamente, sob sua aparência singela, parecem entrar em contradição com a sua máscara dialética, que não raro palmilha os caminhos da temeridade, quando arrasa uma calúnia ou replica um libelo levianamente assacado contra a Doutrina dos Espíritos. É nesses momentos de crise doutrinária que ele se transforma, então, no Clemenceau de Niterói, no acertado dizer de Wandyck Freitas.

Vencidos, todavia, aqueles instantes de crise, recolhe-se à penumbra. É natural o seu retraimento. Carlos Imbassahy, no fundo, sempre foi, é e será um tímido. Timidez dos simples. Simplicidade dos puros. Sua aversão à popularidade, às aglomerações, resulta de seu feitio arisco, incapaz de saborear o gosto da vulgaridade. O clima de seu espírito é todo recolhimento, imantado por vibrante ideal. Ernesto Bozzano também era assim.

Contudo, no que ele mais se distingue e nos toca mais de perto, é na compleição correta de seu espírito e na firmeza de seu caráter, ao lado de outras qualidades primorosas, que exornam a sua personalidade.

Sente-se nele a constante preocupação de tornar-se útil à humanidade. Prega, conversando; e conversando, doutrina; e doutrinando, polemiza; e com a mesma elegância apologética de Monsabre e a mesma suavidade de Bernardes.

Sábio e moderado, Carlos Imbassahy foi sempre o espírito cordato e apaziguador da Doutrina, pois a marcante doçura de sua simpatia e bondade já amainou muitas tempestades. É que, diante da repousante impassibilidade do seu espírito e da serena persuasão de seus conhecimentos, que servem de exemplos de que, com doçura e sabedoria, todos os objetivos são alcançáveis, as ondas crespas da eloquência enfurecida “morriam como num quebra-mar de suaves contornos”.

Possuidor de vasta cultura, pode ele enriquecer as letras pátrias com obras de subido valor, que são verdadeiros monumentos de saber e repositários de admiráveis lições, os quais lhe conferem o justo título de filólogo, filósofo, sociólogo e pensador.

Viverá, portanto, o nosso Autor, nas antologias, na cultura da Língua, nos primores do estilo, na perfeição do dizer, como Mestre da mais difícil, da mais bela, da mais nobre e da mais empolgante das artes: a arte de escrever.

Seu divulgador, seu defensor por tempo imemorial, os seus cabelos branquearam nas lides doutrinárias. Daí o tato, a experiência, o bom senso e a sabedoria com que, inúmeras vezes, dominou os simpósios tumultuosos, quando as velas das paixões se inflavam nos debates temáticos. Daí, também, os seus escritos primorosos, as pregações doutrinárias que são verdadeiras aulas, as suas palestras amenas, em tertúlias de amigos, sempre se distinguindo pelo traço inconfundível de sua infinita modéstia e pelo inabalável apego à ciência da Imortalidade da Alma.



“A EVOLUÇÃO” é uma de suas maiores obras. Ali está o Autor inteirinho, com as suas variadas e excelentes qualidades, já nossas conhecidas e acima discriminadas. Pôs nela todo o seu amor à Doutrina, que é único e inconfundível; todo o seu bom senso, que não se mescla nunca com toleimas; toda a sua cultura acadêmica e doutrinária, que se faz sentir ao contato das primeiras páginas.

É obra que, não fora volumosa e maciça, se leria de uma só assentada. Tudo nela é motivo de atração – o que aliás constitui quase uma prerrogativa do Autor. São páginas consistentes, vibrantes, magistrais, como se o Autor, na centelha da emoção momentânea, jogasse sobre os temas um punhado de pedras preciosas, artisticamente lapidadas.

A quem nos ler, poderá parecer que estamos até a endeusá-lo. Livre-nos Deus de tal palermice. Jamais endeusamos ninguém, e agora, mais do que nunca, seria isso inoportuno. Muito menos, porém, podíamos deixar de dar o seu a seu dono.

Neste livro, por exemplo, Carlos Imbassahy trata da evolução material e espiritual, procurando mostrar que elas caminham paralelamente, segundo as vistas do Criador, tendo por escopo e remate, o progresso e a felicidade universal.

É seu intuito ainda destruir a tese materialista de que o espírito é função do corpo e dele depende; busca, sobretudo, comprovar a falência completa dos ensinamentos que apresentam os caracteres psíquicos como oriundos de fatores hereditários ou de anomalias orgânicas.

Descrita a evolução física, segue-se a parte principal do trabalho, que é a evolução espiritual, evolução que se processa através das vidas sucessivas. Para o demonstrar, entra na descrição de vários fenômenos, todos conducentes à tese reencarnacionista. Estuda diversos casos, dando-nos exemplos especiais de cada um dos fenômenos, cujo conjunto nos leva à convicção da multiplicidade das existências.

Passa, então, a mostrar a realidade da existência do Espírito e de sua liberdade em relação ao corpo: é o fenômeno anímico, idêntico em sua modalidade ao fenômeno espiritual, e por onde já podemos preparar-nos para compreender a comunicabilidade dos desencarnados. E o Autor reforça a tese de Ernesto Bozzano, a de que a libertação do espírito vivo nos dá a convicção de que ele pode continuar vivo e independente após a morte.

E aí já o Autor deixa patente que as faculdades morais e intelectuais não se acham no corpo, porque no espírito separado e independente elas também se manifestam.

Acompanha, depois, o fato metapsíquico desde os albores da humanidade, estuda-o em várias regiões, verifica-o entre os selvagens e os civilizados, para concluir pela sua

absoluta, pela sua incontestável autenticidade, e mais ainda, pela certeza total de que essa identidade do fenômeno através dos povos e das idades, nos traz a prova irrecusável de que os mortos sobrevivem e que só os impávidos e fanáticos adversários do progresso espiritual podem continuar emperrados nas velhas e absurdas idéias de que a morte extingue tudo.

Em suma: A obra de Carlos Imbassahy é a demonstração de que, tanto material como espiritualmente, viemos de ínfimas camadas, e fomos progredindo lentamente até o estado atual; que o espírito está temporariamente ligado ao corpo e logo mostra a sua independência em diversas circunstâncias da vida, nas quais se desprende do seu ergástulo, e principalmente depois da crise a que chamamos “morte”, em que se apresenta na plenitude de suas faculdades; que, diante do fenômeno espírita, é impossível sustentar a tese de que a nossa moral, a nossa memória, a nossa inteligência provém totalmente dos nossos avós.



O autorizado experimentador Gustavo Geley, por exemplo, numa síntese dos princípios doutrinários do Espiritismo, já afirmara que o Universo inteiro, no seu mínimo e no seu máximo, está sujeito a uma evolução constante e progressiva. Há evolução para o princípio material; há evolução para o princípio psíquico.

À base da evolução, a Alma é um simples elemento de vida, uma inteligência em germe. É a força difusa que associa e mantém as moléculas minerais numa forma definida.

No cimo da evolução, a Alma é um princípio vivo, consciente e livre, guardando apenas, da sua associação à matéria, o mínimo orgânico necessário à conservação da sua individualidade.

E no curso da sua evolução progressiva, a Alma passa por organismos cada vez mais aperfeiçoados, numa série imensa de encarnações e desencarnações.

A lei geral do Universo é, portanto, a da Evolução; por toda a parte o movimento e a vida se constituem os fatores de trabalhos decisivos para o nosso aperfeiçoamento. O brasão do Cosmos é a luta pela sabedoria, o aniquilamento do erro, a extinção da ignorância, o preparo para a Evolução.

É que a Vida, ansiosa por expandir-se e evoluir, tem abertos os braços às forças ambientes, que nela penetram em caudais; multiplicam-se as criações, e a consciência, ávida de sensações, se enriquece e aperfeiçoa. Complica-se-lhe a estrutura; nada se perde, tudo evolui; nenhum ato, nenhuma prova passam sem que deixem a sua impressão. Transformam-se a consciência primordial, a forma que a veste, o ambiente que a circunda, por um processo lento de contínuas aquisições. Cada vez mais sapiente se torna o ser, por ter vivido e por efeito das experiências que acumulou; especializa suas aptidões. Nasce o instinto, consciência mais complexa, que recorda, sabe, prevê.

Subamos mais agora, até ao Homem. Subsistem os precedentes substratos: a consciência orgânica, obscura, automática, mas atual, porque em funcionamento, se bem que abandonada na profundidade do ser; o instinto, vivo, presente, sapiente como nos animais, e recordador. Mas uma nova estratificação se agrega, a razão, a inteligência, qual feixe de faculdades psíquicas, que formam a consciência propriamente dita.

Assim como o germe sintetiza todo o organismo que dele resultará, assim como, para isso, a vida sempre se refaz, a fim de recomeçar desde o princípio em cada forma, repetindo o ciclo percorrido em toda a evolução precedente, tanto como fenômeno orgânico, quanto como fenômeno psíquico, assim também o Homem resume em si todas as consciências inferiores.

O psiquismo é, pois, a mais alta meta da vida. O seu desenvolvimento constitui o resultado final do recâmbio, da seleção, da transformação da espécie, de tanto saber, de tanta luta, de tanta tensão. Ele se fixa nos órgãos, nas formas, plasma-os e os anima, em todos os níveis, fazendo deles um meio para evoluir ainda mais.

Em síntese: Nas formas da vida, ele se revela e exprime e, observando-as, podemos remontar ao princípio psíquico, à centelha que se lhes agita no íntimo. É toda uma fatigante, dolorosa e lenta ascensão, do protozoário ao Homem, e além, até aos mais altos píncaros do psiquismo, onde se dá a gênese consciente do Espírito. Maravilhosa, progressiva obra, em a qual a Suprema Sabedoria, princípio infinito, está sempre presente, num ato constante da criação.

Em o nosso modo de ver, quanto mais se eleva o Espírito, mais se purifica o seu invólucro: podemos, pois, em sentidos inversos, dizer quanto mais grosseiro é esse invólucro, menos adiantado é o Espírito. Daí a conclusão de que a alma, antes de animar um organismo tão perfeito como o corpo do Homem, deve ter passado pela fiera animal; embora o orgulho humano tivesse cavado um abismo insuperável ente o reino hominal e o reino animal, a verdade é que não nos diferimos deles senão no grau da inteligência, por exemplo, o macaco, o cavalo e o elefante não estão mais do que um degrau abaixo de nós.

Todavia, por mais que o homem se mascare e por mais polido que se mostre, não padece dúvida que o seu espírito atravessou a escala zoológica para poder despontar na humanidade. “Todos os espíritos têm a mesma origem e todos tendem para o mesmo fim” – eis uma lei inflexível no Universo, lei justa e sábia que regula a evolução e a vida das almas.

E para que essas idéias se firmem e permaneçam, está sendo desenvolvida, em todos os setores dos conhecimentos humanos, uma campanha decisiva e profícua no sentido de se esclarecerem as inteligências sobre o prolongamento evolutivo da existência terrena, dando assim um golpe letal às injunções neantistas que vedam o conhecimento dos problemas espirituais, pois se ficarmos restritos aos acanhadíssimos horizontes de uma única existência puramente material, os próceres dessa ciência e dessa religião, pelo modo com que se manifestam e sancionam virtualmente a velha ideologia que faz deste mundo a única esfera da Vida, não podem deixar de extinguir do humano coração todas as paixões nobres, todo o esforço para a evolução do Espírito, que é a nossa finalidade.



Afirmam os partidários da fé cega, que devemos crer sem investigar, “porque os justos vivem da fé...”. É bem verdade que um dos evangelistas dissera: “Tudo é possível a quem crer”, naturalmente a quem crê com conhecimento de causa, e o próprio Paulo, corroborando este ensino, dizia aos coríntios: “Creio, por isso é que falo”.

Todavia, fé é conhecimento, afirma Allan Kardec. E mais: “Se a nossa fé se fortalece de dia para dia, é porque compreendemos”, (Livro dos Médiuns, n. 149), concluindo assim: “Para crer não basta ver, preciso é, principalmente, compreender. A fé cega já não é mais deste século”. (Livro dos Espíritos, pág. 253).

Não temos, pois, nem dogmas, nem pontos doutrinários inabaláveis, que nos conduzam aos extremismos religiosos. Além dos princípios da comunicabilidade entre vivos e mortos, e da evolução através das reencarnações, que estão absolutamente demonstrados, respeitamos todas as filosofias que se ligam à origem da Alma e ao seu futuro, o que nos dá superioridade incontestável sobre as demais teorias, cujos adeptos estão circunscritos aos estreitos limites de seus dogmas religiosos e movimentos de fé, conforme se deduzirá das palavras do Autor quando pondera:

“Não são as religiões que pecam, mas os extremismos religiosos; o mal nem sempre está na fé, mas na intolerância, na acrimônia, na imposição da fé, com prejuízo do esclarecimento das consciências.

Mantemos essa atitude franca de pesquisa, o direito de opinar, o dever de crítica, a liberdade de refletir, mesmo entre os nossos irmãos de crença. Nem sempre temos sido felizes, e essa nossa independência nos tem custado, além de objurgatórias e censuras, até represálias.

Bem sabemos quanto é precário o entendimento humano, quanto é arraigado o espírito de seita, como é fraco o espírito filosófico, como é persistente a tendência para se firmarem os seres em determinados princípios onde não há firmeza nenhuma. A lógica não é material encontradiça e por isto não está barateada no mercado das inteligências. Tanto que o indivíduo se afasta do currículo das idéias, das proposições de grupo, das convenções, ou de doutrinas pessoais sem qualquer alicerce, é logo mal visto e posto à margem como rês contaminada”.

É que os extremismos religiosos, consoante seus dogmas e seus cultos farisaicos, aniquilam todos os sentimentos elevados, todas as paixões nobres e concorrem, sobremodo, para que, sobre as coisas do Espírito, o indiferentismo se apodere dos homens. Todos os sermões e discursos que se fizeram ou se fazem ouvir ainda dos púlpitos e das tribunas, coligidos e registrados entre as obras clássicas que enriquecem as bibliotecas, sejam eles de Viera ou de Bossuet, de Alves Mendes ou Montefeltro, de Mont’Alverne e de centenas de outros que ilustram a literatura, não tiveram outra serventia senão a de envernizar o homem exterior, permanecendo o espírito na dúvida sobre a sua situação no Universo, ignorante sempre dos seus destinos, das suas conseqüências e finalidades.

Este fato nos vem demonstrar, por si só, que toda e qualquer doutrina, toda e qualquer filosofia, toda e qualquer religião ou toda e qualquer ciência que não assenta no alicerce evolucionista, construído pelos fatos e pela lógica que nos fornecem esses mesmos fatos, não pode prevalecer.

Eis por que o Autor preferiu tratar exclusivamente dessa base, trazendo para a sua construção materiais de primeira ordem, bem cuidados, insistentemente selecionados, pois foi com o auxílio dos experimentos anímicos e espíritos que a Doutrina dos Espíritos teve a prova positiva, categórica, substancial, indestrutível da imortalidade da Alma, alicerçada nas autorizadas vozes dos Crookes, dos Wallaces, dos Zoellners, dos Bozzanos e de tantíssimos outros mais.

O autor, já no prólogo, principia a sua obra por analisar, perfunctoriamente embora, por economia de espaço e tempo, a evolução espiritual do Homem, sempre às bordas do abismo da incredulidade e que não admitia outros conhecimentos senão os que se poderiam basear no campo experimental e na observação continuada. Assim vivia o homo sapiens de Lineu até o aparecimento do Espiritismo. Sobre o assunto escreve Carlos Imbassahy:

“A Ciência espírita tornou-se o pedestal de uma Filosofia. Que nos ensina ela? A razão de nossas dores, o porquê de nossas existências num planeta cheio de agrestias, avassalado pelos cataclismos, e onde temos, lado a lado, as asperezas da natureza e a maldade dos semelhantes. Nada disso, ainda, nos haviam ensinado, assim como de onde viemos e para onde vamos. E só poderão dizer para onde iremos aqueles que chegam, até nós, dos lugares a que teremos de aportar”.

Passa depois a analisar, também ligeiramente, pelas mesmas razões, a origem natural do Homem, bem como a demonstração da sua posição no Universo – problema esse

que Luís Büchner, com o seu materialismo, considerava o primeiro de todos e que tanta celeuma científica e religiosa tem suscitado desde tempos imêmore. Analisou-o sob o ponto de vista do Espiritismo, o que sem dúvida lhe empresta outro e maior valor.

A origem natural do Homem, isto é, o seu aparecimento na Terra, considerado segundo os ensinamentos da Doutrina dos Espíritos, tem muito mais lógica e maior razão de ser do que o encarado pela Ciência materialista, porque o mais elevado tema de que o Homem não pode descurar é o de conhecer-se a si mesmo, conhecer o meio em que se encontra, o propósito da vida e o meio para onde terá de ir, impreterivelmente, depois da morte.

Sabemos hoje que a nossa estada na Terra é breve, e aquilo que temos para aprender e saber é tudo. Já os antigos filósofos repetiam este pensamento na sentença: “Vita brevis, ars longa”. Não é a vida, em geral, que é curta, mas sim a nossa passagem pelo mundo, porque a Vida em sua genuína manifestação perpetua-se através dos tempos; vivemos sempre, caminhamos com os mundos e os sóis, pela eternidade afora, crescendo sempre, engrandecendo-nos cada vez mais em sabedoria e em virtudes, para nos aproximarmos da Suprema Sabedoria.

Resolvido o problema da sobrevivência humana, compenetrados os homens de que a morte nada mais é que uma transição para um plano superior da existência; cientificamente convencidos de que a individualidade não se extingue no túmulo, mas conserva todos os seus atributos e aquisições, a ciência oficial e o sectarismo religioso ver-se-ão forçados a mudar de rumo, adaptando os seus conhecimentos aos ensinamentos da Doutrina dos Espíritos.



O capítulo sobre a “Reencarnação” é dos mais oportunos. Reafirmando, de um modo geral, o seu modo de sentir, já exposto no livro “A Reencarnação e suas Provas”, escrito de parceria com o ilustre Mário Cavalcanti de Melo, o Autor traz à tona nova bibliografia, outros casos palingenésicos e cerrada argumentação em prol dessa teoria a que já faziam referência Pitágoras, Platão, Plotino e tantos grandes vultos mais da antiguidade.

Todavia, a maior objeção que ainda se pode fazer a esta teoria é o esquecimento das existências, inconscientes umas das outras, pois o abandono de um corpo para tomar outro, sem haver memória do passado, equivale ao não-ser, seria o nada para o pensamento.

Compreende-se, portanto, porque os que fazem tal idéia da reencarnação, repilam-na forçosamente; mas o Espiritismo não no-la apresenta com aquele caráter impossível. A vida espiritual da Alma, ensina ele, é a sua existência normal, com indefinida lembrança retrospectiva. As multiplicidades corporais são meros intervalos, curtas estações na existência espiritual; e a soma de todos estes pousos não passa de mínima parte da existência normal, absolutamente como, numa viagem de muitos anos, se se detivesse de tempos em tempos por algumas horas.

Um dos postulados básicos da Doutrina dos Espíritos é exatamente a Reencarnação, sem a qual inúmeros problemas se tornariam obscuros e outros insolúveis. A condenação às penas eternas pelas quedas terrenas seria uma aberração da Eterna Justiça, que sempre concede ao Homem novas oportunidades de regeneração e aperfeiçoamento. Allan Kardec ensinou, com a sua costumeira clareza e simplicidade, que “se a sorte do Homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as

ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa”.

Léon Denis, justamente considerado o maior filósofo espiritualista, declarava que o presente não se explica senão pelo passado – (le présent ne s’explique que par le passé) – e que a encarnação tem por objetivo o aperfeiçoamento do ser humano; que a vida na carne é o sono da alma, a qual pode ter um sonho triste ou risonho.

Gabriel Delanne, que escreveu um dos mais concisos e criteriosos tratados sobre o assunto, ponderava que a “Doutrina palingenésica tem um alcance filosófico e social de considerável importância para o futuro da Humanidade, porque estabelece as bases de uma psicologia integral, que maravilhosamente se adapta a todas as ciências contemporâneas, em suas mais altas concepções”.

Sir William Barrett, tão reservado neste particular, não teve dúvida em subscrever a seguinte passagem que se encontra em “Nos Umbrais do Além”:

“À idéia reencarnacionista tem-se oposto o esquecimento total de nossas existências passadas, mas isto pode ser apenas eclipse temporário. É possível que a recordação dessas vidas anteriores nos acuda à memória no decurso de nossos progressos espirituais, à medida que atinjamos vida mais ampla, consciência mais dilatada”.

Não é por certo sem-razão que o brilhante autor de “O Espiritismo à Luz dos Fatos” afirma:

“A doutrina palingenésica não é uma lucubração individual; não é doutrina surgida de uma cabeça; não se trata, mesmo, de uma escola filosófica, como algumas que conhecemos, embora fruto do estudo, da inteligência e da meditação. É uma doutrina universal, ensinada e propagada pelos Espíritos, documentada pelo tempo, repetida nas mais variadas manifestações, assegurada pelos fatos. Vê-lo-emos”.

Sim, não há dúvida; e o autor passa a enumerar a veracidade da sua assertiva e a documentá-la com exemplos e fatos de primeira grandeza. E é, então, com dados estatísticos, referendados pela ciência, que vai demonstrando ser a Alma uma entidade real, que sobrevive à matéria, que transita pelos mundos orgânicos e inorgânicos em sua trajetória evolutiva.



O autor estuda com largo conhecimento de causa o inexplicável – para os leigos – fenômeno de precocidade nas crianças, pois esses infantes-prodígios nos provam, com uma irresistível vidência, que a inteligência independe do organismo físico, porque as formas mais elevadas da atividade intelectual se revelam numa idade em que o cérebro ainda não adquiriu pleno desenvolvimento, sendo esta uma das melhores objeções que podemos contrapor à teoria materialista.

Psicólogos e psicanalistas, por mais que investiguem e tentem explicar a existência das crianças-prodígios e dos gênios, apenas apresentam hipóteses, falando em causas despercebidas, em influências obscuras, em hereditariedade, em recalques, em complexos confusos, e, finalmente, em transmissões ediponianas.

Neste assunto também a Teologia, na incapacidade de um esclarecimento racional e muito menos acessível à razão, atribui a existência de gênios e de meninos-prodígios às misteriosas, confusas e flutuantes vontades de um Deus, que se apraz em criar, numa única existência, criaturas tão diferentes entre si, como o são o batráquio e a estrela, a flor e o verme, o pássaro e a serpente.

Só mesmo a Doutrina dos Espíritos é que pode enfrentar o problema e estudá-lo à luz da Ciência e da Razão. A hereditariedade, a tão sovada hereditariedade, chamada a postos de socorro a todo o instante, nada faz nem pode fazer, porque o fenômeno ou ultrapassa o seu campo de ação ou não pertence a ele. Crianças-prodígios e gênios são para nós, reencarnacionistas, espíritos que passaram por muitas vidas e acumularam os resultados de suas existências, até chegarem a esse esplendor, que comumente se denomina precocidade ou genialidade.

Carlos Imbassahy cita vários casos clássicos, de cuja veracidade já não se duvida e cujo valor já não se discute. Estamos, portanto, de acordo com ele quando escreve:

“Tratando-se de crianças, convém lembrar que entre os comprovantes da Doutrina da Reencarnação se inscrevem os casos das crianças-prodígios, ou mesmo das crianças precoces, que desde cedo revelam uma inteligência, uma atividade intelectual e conhecimentos que seu cérebro não lhes pode fornecer, pelo seu pouco desenvolvimento. São inúmeros os casos apontados. A hereditariedade não poderia explicá-los, haja vista que, por mais que se investiguem as ascendências, não se encontra o ancestral que pudesse fornecer à criança os seus predicados excepcionais”.

Sabe-se que a hereditariedade transmite as qualidades somáticas ou corporais, no ponto de vista morfológico, o que é indiscutível; por outro lado é também incontroverso que a hereditariedade não transmite os predicados morais e intelectuais, precisamente o que tem de mais nobre, elevado e característico a individualidade humana.

É que a influência dos meios, a herança genética, as diferenças de educação não bastam para explicar essas anomalias. Vemos os membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue, educados nos mesmos princípios, diferenciam-se em vários pontos. Homens excelentes têm tido monstros por filhos. Marco Aurélio, por exemplo, foi progenitor de Cômodo; personagens célebres e estimados têm descendido de pais obscuros, destituídos de valor moral ou outro.

Ora, sendo o Espírito imortal, é através das vidas sucessivas que ele vai aprendendo e armazenando experiências. E um belo dia, porém, volta à Terra, o véu das suas vidas pregressas se descerra e põe então à prova o seu cabedal de conhecimentos, o qual, por se manifestar no corpo de uma criança, parece ser aos olhos leigos “um fenômeno” ou talvez (como o é por certo para muitos) “uma obra do Diabo”...

Santa simplicidade!



Devemos ainda dizer que o autor trata longamente de dois tabus – o religioso e o científico – mostrando que por um, que devia ser o da razão, a humanidade se vem guiando por trilha falsa, e desviando-se da verdadeira, que é a que leva ao Bem.

Livros cheios de lendas inverossímeis, de atos reprováveis, de feitos escabrosos, de violências, de maldades é que são tidos como faróis divinos, como a palavra sagrada. Pelo outro tabu, que nos deve encaminhar pelo saber à Verdade, enche-se a criatura das mais errôneas noções, que a afastam do terreno da espiritualidade e a levarão ao desespero, quando lhe virem fechadas, pelo sofrimento, todas as provas que conduzem à esperança.

Quem não conhece por aí respeitáveis pessoas, em plena maturidade para o estudo e a conversação de obras sérias, que são sensivelmente piedosas e profundamente religiosas, exteriorizarem em seu pensar a idéia de um Deus antropomórfico, ilaqueado num geocentrismo mesquinho, com a sua cornucópia de graças e de predestinações, com as suas retaliações e com os seus favoritismos, que repugnam à razão e ao sentimento de quem as ouve?

É certo que o homem tem propensão para definir a Divindade, inteiramente à sua imagem. Imagem aumentada e exaltada, mais ou menos, segundo os conhecimentos de que dispõe. O nosso mundo espiritual, como o Paraíso dos antigos, é, muitas vezes, concebido pelo mesmo método. Assim construímos o invisível e o imponderável em relação às nossas dimensões.

E a História mostra-nos que não vão longe os séculos que viram correr sangue de muitas gerações, por se permitir às guerras das religiões provar a Verdade das concepções mais pueris e menos verossímeis. O erro seria, portanto, julgarmo-nos definitivamente curados desta fraqueza.

Hoje, contudo, a demonstração científica da multiplicidade das existências colocou-nos em face do dilema: ou negar, aceitando a inconsciência do religiosismo insciente, ou compreender e avançar por essa vereda do saber. Acha-se doravante demonstrada aqui, nas páginas deste livro, a existência de uma Ordem Suprema, não podendo o Homem, portanto, subsistir senão imerso nessa grande Lei.

Quanto ao conceito limitadíssimo de uma força desconhecida, que guie os eventos, cumpre se sobreponha o conceito vastíssimo de uma Suprema Justiça que impõe ao destino o equilíbrio e as compensações.

No seu seio, violência, usurpação, maldade, má-fé nada mais são do que absurdas antecipações de um átimo, que depois se hão de pagar com exatidão matemática. No seu seio está e impera a Providência Divina, não uma providência no sentido de guia pessoal, no sentido de uma ajuda arbitrária que se possa solicitar sem a merecer e capaz de poupar o inevitável esforço da vida, mas uma providência da Grande lei, permeada de equilíbrio, aderente ao mérito, mantida por contínuas compensações, que levantam aqueles que caem, se mereceram ascender, e abatem aqueles que sobem, se mereceram descer.

Vê-la-emos, depois, a dar a quem mereça e tirar a quem abusa, premiar e punir, distribuir acima das repartições humanas, como um princípio de ordem, uma força de nivelamento que ajuda o fraco e substitui o impulso da prepotência humana por essa outra força tanto mais útil quando mais real e poderosa, que é a Justiça Superior.

Nada mais vamos, portanto, acrescentar sobre o assunto. Dispensando-nos, por completamente inútil, dessa preocupação, e limitando-nos a transcrever mais este tópico do autor, apenas queremos atrair a atenção do leitor para a conclusão dele, que também poderá servir de resposta aos que discordam do nosso pensar, quando replicam e dizem:

- “Não queremos isto! Deixem-nos com o nosso inferno, onde não há mais esperanças, nem réstea de luz na alma, onde o arrependimento é inútil, onde as

dores não têm limites, nem na intensidade, nem no tempo, onde a eternidade é a da tortura. Deixem-nos com o nosso céu, onde o beato ali fica sem fazer mais nada, em santa ociosidade, a cantar hinos de louvor a Deus, que se compraz nesses hinos, e se envaidece como qualquer presumido com aslouvaminhas de seus incensadores. Deixem-nos com o nosso Deus arbitrário, sectarista, faccioso que, à custa de zumbaias e bajulações, iremos a Ele”.

Precisamos, enfim, conter o queixo dessas pessoas, que “falam de tudo e que não sabem nada”, pois quando o pensador religioso começa a imaginar como suas crenças são influenciadas por novas teorias, ele se aproxima rapidamente do reino da ciência; e quando o cientista pensa em tais questões, ele também se aproxima rapidamente do reino da religião, ambos crendo no Deus que fez os homens e não no Deus que os homens fizeram.

Aí, então, religião e ciência se unem à Eterna Sabedoria. Sabedoria que é o Caminho. Caminho que é a Verdade. Verdade que é a Vida. Vida que é o Amor. E o amor – que é Deus.



É-nos humanamente impossível, num simples e desataviado prefácio, acompanhar o Autor nas suas longas e criteriosas estiradas em prol da Doutrina. Se o fôssemos seguir a par e passo (e o não faríamos por nos faltarem as necessárias credenciais) seríamos obrigados a escrever outros tantos números de páginas de “A EVOLUÇÃO”. Não é isto o que Carlos Imbassahy deseja nem é este o nosso intento.

Vamos, portanto, fazer ponto final. Como poderíamos, com meras palavras de entusiasmo ou de louvor, apreciar outros capítulos de “A EVOLUÇÃO”, como a Seleção Natural, a Evolução Espiritual, a Psicologia, a Regressão da Memória, o Instinto, a Bíblia, a Ressurreição, a Endocrinologia, a Herança Psíquica, a Transmissão da Memória, a Manifestação dos Vivos, a Manifestação dos Mortos, as Conseqüências Morais, o Remorso, as Vidas Infelizes e as Vidas Felizes?

É de todo em todo impossível. Arrojar-se ao tentâmen seria querer inutilmente competir com o Autor ou produzir certamente laudas soníferas.

Carlos Imbassahy é um nome que dispensa apresentação e muito mais do que apresentação, dispensa apreciação. O nosso Ernesto Bozzano brasileiro, como num justo título de merecimento, é o missionário que, no tempo certo e exato, desceu a estas terras de Santa Cruz para orientar, esclarecer e ensinar.

Mais uma prova do quanto afirmamos está em “A EVOLUÇÃO”, ora lançada aos mares da sorte para gáudio da Doutrina dos Espíritos que é, por decorrência natural, a doutrina dos espíritos.

PEDRO GRANJA

A TÍTULO DE PRÓLOGO

Caminhava o mundo a passos largos para o abismo da incredulidade. A Ciência tomava grande impulso, e ao passo que se iam desvendando os mistérios do corpo, mais impenetráveis se mostravam os mistérios da alma.

A escola experimental, dirigida por verdadeiros gênios, afirmava que os nossos conhecimentos só se poderiam basear na experiência e na observação reiteradas. Não era mais a fé a nossa bússola senão o conhecimento.

O sol das velhas religiões, que haviam iluminado o mundo, descambava. E a essa penumbra veio juntar-se o desprestígio em que caíam os dogmas, até então o sustentáculo das religiões. As lutas religiosas eram o mais formal desmentido às pregações divinas. Não se procurava esclarecer as consciências, mas forçá-las a aceitarem determinados princípios, ainda que fossem inadmissíveis pelo seu absurdo, ainda que a Ciência lhes provasse o erro flagrante. Ninguém se poderia insurgir contra um ponto de fé. A base de tudo era o mistério.

Ora, constantemente baixavam à Terra vultos aureolados por missão divina, e eles se chamavam Lao Tseu, Confúcio, Sócrates, Zoroastro, Buda, Jesus Cristo. E a humanidade fechava os ouvidos a esses missionários.

Para que a fé fugisse por completo, via-se imperar o fanatismo, a ignorância, o atraso mental, a maldade, a cupidez, o egoísmo, a desonestidade. Os seres, ainda os que melhores provas deveriam dar do respeito à *lei*, viviam guerreando-se uns aos outros, cometendo atrocidades, trazendo por toda a parte o facho da discórdia, e deixando, por vezes, nos espíritos, a convicção de que, onde entra a Religião, entra o desconhecimento, a ortodoxia, o exagero, a incoerência, o absolutismo, a injustiça, a fereza, a separação.

Surgira, no firmamento espiritual, Jesus, o Cristo; trouxe-nos o seu Evangelho de paz e de perdão, e os homens o transformaram em bandeira de discórdia, em pendão de guerra.

As gerações estavam caminhando para a completa descrença de Deus, esse Deus que não divisavam em parte alguma, que os desiludia pelas injustiças flagrantes, que criava seres fadados à desgraça. Marchávamos de olhos vendados para o ceticismo.

Foi nesse momento catastrófico que apareceu o Espiritismo. Chegava a época, já prenunciada nos próprios evangelhos. O Espírito de Verdade, que o Cristo nos prometeu enviar, é essa plêiade de Espíritos Superiores que nos vêm avivar os conselhos de Moral, retificar os pontos que nos faziam descer da Divindade, trazer-nos os sofredores do Espaço, para que eles nos atestem, nos seus sofrimentos, a verdade dos ensinamentos espirituais; eles nos vêm confirmar a lei, onde se diz que expiaremos o mal que houvermos praticado.

Já não é a época do crê ou morre, mas do vê e aceita. Já não se constroem as consciências, esclarecem-se. Já não se trata de pessoas, mas de idéias. A nova revelação surge por uma revolução nos processos doutrinários; aparece-nos por um novo método, o da convicção pela prova. Vem com o fato; é-nos apresentada pelo fenômeno. Surge com os métodos que a Ciência preconiza.

A Ciência espírita tornou-se o pedestal de uma nova filosofia. Que nos ensina ela? A razão de nossas dores, o porquê de nossas existências num planeta cheio de agrestias, avassalado pelos cataclismos, e onde temos, lado a lado, as asperezas da natureza e a maldade dos semelhantes. Nada disso, ainda, nos haviam ensinado, assim como de onde viemos e para onde vamos. E só poderão dizer para onde iremos aqueles que baixam, até nós, dos lugares a que teremos de aportar.

Veio então o albor de novos ensinamentos fazer-nos compreender a razão da vida neste planeta de expiações e ao qual teremos de voltar tantas vezes quantas forem necessárias ao nosso progresso. E contribuiremos para a evolução geral à custa de nossas dores, de nossas energias, de nosso esforço, evolução que será do nosso mundo, que atingirá as gerações porvindouras, evolução que será nossa.

Os males não nos são lançados sobre os ombros por arbítrio divino, por injustificável determinação; não somos acolhidos às cegas pela sorte, nem os favores são distribuídos por acaso, mas tudo obedece a uma sábia pré-ordenação. A tudo preside a justiça divina. Sofre-se para evoluir. Evolvemos remindo as faltas.

A missão dos que vieram ao planeta com uma parcela de responsabilidade espiritual não é pregar a desarmonia, apodiar os díscolos, injuriar os contrários, anatematizar, concitar à revolta e ao extermínio, lançar os adversários à execração, fulminar os que pensam livremente, senão buscar a solidariedade, pregar a fraternização, porque a lei é nos amarmos uns aos outros.

Há que aconselharmos a tolerância, porque a tolerância é uma das mais belas virtudes do espírito. Temos que sacrificar até as idéias, antes de imolar o nosso semelhante. É preciso ter sempre, não só nos lábios, senão principalmente nos corações, o sentimento da benignidade; é preciso vencer o da hipocrisia, da farsa, da mentira e lembrarmos-nos de que o Mestre, tantas vezes benévolo e generoso para com as fraquezas da carne, era, entretanto, muito severo para com as faltas do espírito e, conseqüentemente, para com os velhacos e dissimulados, que tanto mais rezavam quanto mais virulentos eram nas apóstrofes, ferozes nas vinditas, implacáveis nas ações. Era vê-los e admirá-los pela santidade que mostravam por fora e pela triaga que conservavam por dentro. Infelizmente os exemplos são muitos.

Os Espíritos nos estão chamando a atenção para essas fraquezas, que convém evitar, modificar, reformar a todo o custo. Devemos ser firmes em nossas convicções, sinceros em nossos sentimentos, leais em nosso proceder, honestos na mais lata aceitação do vocábulo, altruístas, sem interesses, e sobretudo, caritativos, de uma caridade sem restrições, que devemos estender até aos animais. Em troca dos nossos sacrifícios, já pela nossa melhoria, já pela de nossos irmãos planetários, teremos a esperança de uma vida melhor, quando os acicates do infortúnio, sem remédio, forem de molde a nos encher de desespero.

Coube a Allan Kardec a tarefa de codificar esses ensinamentos. E quando as setas ervadas da crítica, e por vezes da contumélia, lhe são lançadas, lembramo-nos que são poucos os benfeitores que não tenham tido o seu quinhão de martírio ao lado de sua trajetória de glória.

EVOLUÇÃO

DA SELEÇÃO NATURAL

“Agora tu, Calíope, me ensina” a resolver este problema, o do tempo e do espaço. Tratar de tão vasta matéria nos estreitos limites que nos são assinalados, é quase um milagre. Vamos tentá-lo.

Um dos assuntos que mais têm preocupado a Ciência é a origem do homem. A religião de nossos pais resolveu facilmente o caso com a lenda bíblica. O intelectual de nossos dias, se é também filósofo, sorri, e deixa que os seus semelhantes fiquem embalados nessa ilusão, já que nada lhes pode dar em troca.

O Cardeal de Bonald afirmava que o homem é uma inteligência servida por órgãos. Se lançarmos, porém, a vista ao homem primitivo, apanágio de nossa espécie. E quem vê ainda hoje o procedimento das criaturas, a nebulosidade de suas idéias, os vícios de que se acham gafados, os crimes que, desde o primeiro dia, vêm manchando a alma humana, perguntará onde estará aquela inteligência.

Outras interrogações continuam a bailar no espírito – *De onde veio o homem? Por que existe? Para onde irá?...*

A aparição do homem, para alguns, ter-se-ia dado na época terciária, para outros na quaternária. Pretende-se que o surgimento do ser humano foi múltiplo, que cada tipo nasceu nas regiões em que cada raça se encontra. Outros pensam que os nossos ancestrais vieram de um determinado ponto, e que a emigração, o clima, o meio, a natureza deram nascimentos às raças.

Donde viriam os seres?

Houve quem afirmasse, com visos de ciência, que o cadáver do cavalo produzia vespas; a de um burro, moscas; que os ratos nasciam do queijo. Duret assegurava que as folhas das árvores, caindo num lado, davam peixes, e na terra, pássaros. Jurou-se ter visto isso. Em suma, era preceito científico que a matéria animal em decomposição produzia formas vivas. E tal preceito correu mundo até que Francisco Redi cobriu a carne morta com uma gaze. Como as moscas não pudessem pôr nas carnes putrefatas, defendidas pela gaze, as larvas não puderam aparecer, nem os filhotes de outros insetos. Estava por terra a teoria da geração espontânea.

Houve um precursor do pensamento evolucionista. Quem aventou, expôs e defendeu pela primeira vez a idéia do transformismo foi Lamarck, em 1809. (*Filosofia Zoológica*). Cinquenta anos, portanto, antes de Darwin, apresentava-se ao mundo um cientista que se vinha impor aos pósteros pelo seu descortino, diante dos poucos conhecimentos da época, pela sua coragem e pelo seu sacrifício. Foi João Batista Lamarck quem estabeleceu que a vida tende a aumentar o volume dos corpos vivos, até o limite de suas necessidades; que, por motivo das adaptações, há a criação de novos órgãos, os quais se desenvolvem de acordo com o uso; que as novas aquisições seriam transmissíveis hereditariamente: era a lei dos caracteres adquiridos. Verificou que as espécies provêm de um ramo comum extinto; demonstrou a ancianidade da terra; foi alvo de grandes ataques porque mostrou os erros do dogmatismo e da tradição religiosa.

Depois de Lamarck, Huxley procurou descobrir a lei da evolução. Charles Lyell via que tudo que observava estava a desmentir a doutrina bíblica das criações separadas. Hooker notava, na distribuição geográfica das plantas, a descendência com modificações tópicas. Richard Owen era pela transmutação das espécies. Descartes punha em dúvida a revelação divina da Criação. Spinoza na Holanda, Pascal na França, Hume na Inglaterra também levantaram o véu que encobriam tais conhecimentos.

De um lado, o pouco saber, do outro a mão férrea da Igreja, entibiaram os passos dos mais arrojados, e a doutrina se foi arrastando lentamente e lentamente abrindo caminho através da ignorância, do fanatismo e da violência.

Os métodos científicos trouxeram grande auxílio aos filósofos. Linneu procurou sistematizar; acreditava, porém, que Deus enchera a terra de espécies fixas e invariáveis: era a linha reta.

Erasmus, avô de Darwin, referia-se à luta pela existência, na seleção pelo animal fêmea, dos mais belos e fortes; no mimetismo; no uso ou desuso de certos órgãos, com efeitos hereditários e conseqüentes modificações na espécie.

Buffon, na França, segue-lhe as pegadas, e ensina a hereditariedade dos caracteres adquiridos.

A doutrina evolucionista foi logo perfilhada por Saint-Hilaire e outros.

Em 1859, surgia Darwin com a *Origem das Espécies* e, logo depois com as *Variações dos Animais e Plantas* e a *Descendência do Homem*.

Ao lado de Darwin, co-autor da doutrina, houve o eminente naturalista inglês Alfred Russel Wallace, cujas idéias espíritas, aliás, confessou por mais de uma vez.

Outro grande impulsor foi o catedrático alemão Ernest Haeckel, que lhe trouxe valiosa contribuição; deu-lhe o título de monismo.

A vida de Darwin era uma pesquisa constante, arriscada, por mares e terras, com os percalços dos climas, das intempéries, das doenças, dos animais nocivos, do fanatismo religioso, da agressividade dos semelhantes, e sobretudo da ignorância humana.

Começou a preocupá-lo a dessemelhança que encontrava, por toda a parte, entre os indivíduos da mesma espécie. Deviam ter existido variações; necessariamente era mister abandonar o conceito de fixidez das espécies, isto é, as espécies se teriam modificado gradualmente. Tratava-se de fatos. Os ratos andinos, por exemplo; a natureza, por diversos fatores, os havia modificado. As espécies apresentavam, por vezes, gradações quase imperceptíveis. Os fósseis mostravam semelhanças com exemplares vivos: deviam ser antepassados.

Nos estudos dos animais comuns verificou as variações produzidas pela domesticidade, pelo cuidado, trato e seleção devido aos criadores e horticultores. Onde estivesse, deparava o exemplo da capacidade humana para modificar a natureza dos seres. Era o caminho aberto para a teoria da seleção natural.

Reforçou-se em seu espírito a idéia evolucionista de seus predecessores, a das modificações, pela hereditariedade, dos caracteres adquiridos; pelo uso e desuso dos órgãos; pela adaptação ao meio e às necessidades. Estudando as espécies duvidosas, concluiu que deviam ser formas de transição.

O *Ensaio de Malthus* abriu-lhe um clarão no espírito – a luta pela existência. E daí a sobrevivência dos mais aptos. Tinha encontrado, finalmente, a teoria da seleção natural: na luta pela vida os mais fracos sucumbiam; uma espécie morre quando não se adapta ou é vencida.

Também Wallace compreendeu que a origem do gênero humano estava ligada ao mundo dos animais, dos quais falava como “nossos companheiros na dor, na doença, no sofrimento, na fome, na morte, nossos escravos e amigos”.

Pela doutrina de Darwin se estabelece que o homem e o macaco tiveram a mesma origem em eras pré-históricas, partindo ambos de um ramo comum. Desse ramo, onde não havia ainda homem nem macaco, surgiram as duas espécies. Nós não seríamos filhos dos símios, mas primos, embora afastados.

As provas em que o grande biologista assentou a sua doutrina pareceram formidáveis a grandes vultos, muitos dos quais já mencionados. Ela deu novo impulso a

várias pesquisas científicas, modificou as idéias existentes sobre a idade da terra, sobre os fósseis, sobre os estratos geológicos. Pelos fósseis pode-se reconstituir as espécies animais e vegetais desde suas primitivas formas e descobrir muitas intermediárias. Marsh estabelece a ligação das aves com os répteis. Diversos fragmentos do homem primitivo foram encontrados, como os de Java, da Bélgica, da Alemanha, da Inglaterra; neles se viam as diversas fases por que passaram os animais para chegarem aos nossos dias.

Estendeu-se a idade da terra. Já não eram alguns séculos que a indicavam, mas milhares de séculos. A Ciência ia mudar de rumo.

TRANSFORMISMO

Ampliemos o estudo anterior.

Dá-se este nome às transformações por que vêm passando os seres até chegarem às formas que hoje apresentam. Eles partem do tipo mais simples ao mais complexo; é a doutrina da evolução.

Ao transformismo opõe-se o ensino bíblico da criação das espécies, conforme se acham atualmente, tendo o casal humano aparecido como o vemos em nossos dias. Pela mesma doutrina bíblica, o homem ocupa um lugar de relevo na Terra, que é um astro feito unicamente para seu uso e benefício, astro superior e especial, a dominar soberano na imensidade. Os demais, subalternos, têm a missão de iluminar-nos e embelezar o céu.

Os evolucionistas, porém, com o auxílio da Astronomia, provaram que, em meio ao enxame de estrelas que povoam o Firmamento, o mundo é um astro sem nenhuma importância, apagado, quase ridículo em seu tamanho, em sua velocidade, deplorável pelos seus cataclismos, inclinado no eixo, torto, sem já falar na pobre, miserável e atrasadíssima humanidade que ele arrasta pelo infinito em sua interminável peregrinação.

Ora, diz a Ciência que o homem é apenas um animal ligeiramente aperfeiçoado, e que as espécies, tanto animais, como vegetais, provieram de formas elementares, chegando evolutivamente ao grau em que se encontram. Descobriu-se, portanto, que os seres vivos descendem de pequeno número de formas primitivas, senão de uma forma única e em um único ponto.

A Ciência conseguiu demonstrar essa evolução pela Morfologia e Anatomia dos animais; pela Embriogenia e Embriologia, que é o estudo da formação dos seres, desde o óvulo ao nascimento; pela Paleontologia, que é o estudo dos fósseis.

Forma – Há uma grande desigualdade entre os seres superiores e os inferiores, mas se nota uma progressão entre eles, ou seja, uma série de intermediários que fecham a cadeia, mostrando que não houve solução de continuidade na sua formação. Verifica-se, assim, uma transformação progressiva das formas inferiores para as superiores. As alterações foram resultantes de adaptações. As espécies, ao mudarem de lugar, de clima, adquirem novas propriedades ou novos caracteres; conseguem gordura, mudam de cor, criam pêlos, e assim resistem às agrestias da natureza. O mesmo se dá com as modificações anatômicas.

Órgãos rudimentares e inúteis - Ainda com relação à forma, há que tratar dos órgãos rudimentares que certos animais apresentam, demonstrando que já os possuíam as espécies de que descenderam, assim como os órgãos inúteis mostram que já não se tornam necessários, o que tudo explica a razão por que os seres se vêm diferenciando.

O boi não tem dentes incisivos na maxila superior, entretanto eles aparecem no embrião.

Os cetáceos possuem barbas em vez de dentes, mas os dentes se encontram no embrião, o que prova já terem existido.

As serpentes perderam as pernas, mas lhes conservam os traços; algumas há que ainda têm patas rudimentares, lembranças do passado; são as descendentes do lagarto.

O avestruz e o pingüim, que perderam o hábito do vôo, ainda possuem asas rudimentares. Alguns cisnes, ao saírem do ovo, são cobertos de penugens e penas pretas, logo depois substituídas pelas brancas. É sinal de que o cisne ancestral era preto.

Como os antepassados do homem moviam as orelhas, o que hoje é raro, ele ainda mantém o músculo que as acionava. O cóccix humano é uma reminiscência da cauda que já possuímos.

Como exemplo de adaptação, temos o morcego. É conhecida a fábula de La Fontaine, onde aquele animal, para escapar de um perigo, ora se dizia ave, ora rato.

Os esquilos, por motivo dos grandes pulos a que eram obrigados, porque, fracos, não poderiam resistir aos animais que os perseguiam, criaram como que um pára-quedas, que são membranas ao lado do corpo.

Peixes há que vivem nas regiões tropicais, em lagos, tanques, poços, sujeitos a secarem. Transformou-se-lhes a bexiga natatória em pulmão, que lhes permite respirar fora d'água. Existem os voadores. Foram obrigados a voar, já por se livrarem dos inimigos, já para fugirem dos lugares secos ou que principiavam a secar; criaram então uma espécie de asas.

Os anfíbios surgiram pelas necessidades do meio e da vida. São animais que vivem na água e na terra. Os corpos tomaram, então, a conformação necessária para a vida em ambos os meios.

Certos batráquios passam a vida no lodo; os olhos criaram uma pele protetora transparente.

Os dedos dos cavalos e do veado ficaram reduzidos apenas aos necessários à corrida.

A lontra e a marta se parecem; deviam ter nascido de um tipo comum, mas a lontra, tendo que viver n'água, sofre as alterações que a outra não possui – dedos palmados, cauda achatada, disposições circulatórias e respiratórias que lhe permitem ficar em baixo d'água.

A girafa tem o pescoço comprido, pela necessidade de apanhar os vegetais nas árvores altas.

Os animais que vivem em cavernas e profundidades acham-se inteiramente adaptados ao meio.

No chamado fenômeno de mimetismo, o animal, por se defender, toma um aspecto exterior que o confunde com o ambiente, com as plantas, com as pedras, com outros animais, principalmente os temíveis, obrigando os seus perigosos inimigos a se conservarem a distância: Uma espécie de camuflagem da natureza, dando-lhes idéia de uma entidade supervisionadora.



Já se produz a variação das espécies em nossos dias, por meio de seleção artificial, enxerto nos vegetais, domesticidade nos animais e processos de várias ordens. Os chineses, por exemplo, com certos artifícios, transformaram alguns peixes, conseguindo nos descendentes esquisitas formas, muito diferentes das primitivas. Existem várias espécies de pombos; todos derivam, porém, de uma forma única, o pombo bravo, a *Columbia Livia*.

Paremos nestes exemplos.

Embriologia – Já vimos, é o estudo do embrião. A evolução de milhares de séculos renova-se no embrião, a nossos olhos. Nele, a semelhança de forma é idêntica nas primeiras fases do desenvolvimento, e por ele se vêem os diversos aspectos do ser no seu progresso evolutivo. Assim, o embrião do homem, do quadrúpede, da ave, do batráquio, do réptil, do peixe, dos vertebrados, enfim, têm semelhança perfeita, o que prova uma origem comum.

Os animais revestem, ainda, no seu desenvolvimento, formas sucessivas diferentes, que se parecem com as espécies adultas superiores: a rã, por exemplo, é a princípio um verdadeiro peixe. Os equiciodermas, como o ouriço, a estrela-do-mar, são diferentes na forma, mas as larvas, de começo, são idênticas. O mesmo se dá com os moluscos. As formas larvares dos insetos lembram os tipos inferiores.

O embrião dos mamíferos, inclusive o do homem, possui sucessivamente a estrutura dos vertebrados inferiores, passando sucessivamente pela do peixe, do réptil, do batráquio, da ave, para chegar à do mamífero. No desenvolvimento do feto vê-se que ele, a princípio, tem a forma de peixe, depois a de réptil, depois a do batráquio, e assim por diante. O ser revela, pois, as diversas formas por que passou a espécie até o seu estado presente.

Paleontologia – É o estudo dos fósseis e fósil é o corpo, animal ou vegetal, que se encontrou no seio da flora e da fauna, e por eles se verifica que as espécies se sucedem, sendo as antigas inferiores às modernas. Provam o transformismo. Vê-se, pois, uma vez ainda, que as formas vivas se sucederam em ordem progressiva, partindo das simples até chegarem às mais complexas, havendo entre elas as formas de transição, que nunca se descobririam, se não fora a revelação das profundas camadas geológicas.

A profundidade dessas camadas constitui a ordem dos grandes períodos geológicos, em número de quatro, com suas respectivas divisões. O primário, que deve ter uma espessura de vinte mil metros, teria uma duração de cinquenta e dois milhões de anos. Foi na segunda época desse primeiro período, no chamado terreno cambriano, que surgiram os primeiros vestígios de vida, as algas e os criptógamos, como os fetos, os cogumelos, o musgo, todos vegetais de ordem inferior.

No siluriano, ou terceira época, a flora e a fauna se apresentam com maior elevação; vêem-se os polípeiros, os moluscos e já alguns cefalópodes, com tentáculos como o polvo, e alguns seres que deviam ser os antepassados dos invertebrados.

No devoniano, ou quarta época, já aparecem os peixes, apenas cartilaginosos, antepassados dos batráquios.

Na última camada, o terreno permo-carbonífero, aparecem os insetos, as aranhas, os miriápodes, os primeiros batráquios, os primeiros répteis. No reino vegetal, as grandes florestas que, soterradas, formaram as jazidas carboníferas. Vai-se assim do protozoário aos primeiros invertebrados. Esse longo período foi de uns cinquenta milhões de anos.

O período secundário anda por uns trinta e cinco milhões de anos. Desapareceram as árvores gigantescas no terreno triásico e há a preponderância do réptil. O jurássico surpreende com os animais antediluvianos, gigantes da fauna, como o ictiossauro, o plesiossauro e o labirintodonte, espécie de crocodilo; o megalossauro, o iguanodonte,

répteis terrestres; o atlantossáurio, com uns quarenta metros de comprimento; o pterodáctilo, réptil voador; as tartarugas; o arqueoptérix, antepassado do pássaro, porque era um tipo entre o pássaro e o réptil.

Dão entrada no cenário da natureza os primeiros mamíferos – monotremos e marsupiais – e os insetos.

O período terciário, de uns quatorze milhões de anos, é a época dos mamíferos. Surgem os paquidermes, o antepassado do cavalo, que possuía cinco dedos, os lemurianos, antepassados do macaco; o dinotério, o maior dos mamíferos; os primeiros ruminantes; a preguiça, o tatu, o tamanduá. E o macaco antropomorfo, o nosso longínquo avô.

No plioceno, as formas já se aproximam das atuais; nota-se o tipo de transição entre o mastodonte e o atual elefante, e o tipo de transição entre o macaco e o homem, ou seja o *Pithecanthropus erectus*, isto é, o macaco que já caminhava como o homem.

O período quaternário, o nosso, de uns cem mil anos, é o do aparecimento do homem. Na primeira época deste período houve várias espécies, hoje desaparecidas, como o mamute, o megatério e outras.

Ainda aqui a mesma caminhada evolutiva, através das diversas épocas, tendendo sempre a demonstrar a ordem de sucessão progressiva.

Notamos, pois, que o velho antepassado, o labirintodonte, reúne os caracteres dos peixes, batráquios e répteis. Devia ter sido o avô deles.

Os répteis marinhos do período secundário parecem peixes e têm suas características. Há répteis fósseis com a conformação dos mamíferos.

Foram encontradas muitas formas de transição entre os pássaros e os répteis, entre os mamíferos inferiores e os superiores, verificando-se, assim, a passagem de uns para os outros ramos.

Chegamos ao homem. O mais velho macaco é o lêmure, que se vai aproximando lentamente do macaco atual. Chega-se ao verdadeiro símio, o platirrino, e depois ao catarríneo. Do catarríneo descende o macaco antropóide, dividido em dois ramos, um deles, o ancestral desaparecido, o antropopiteco. Foi desse antropopiteco, o *erectus*, que surgiria o homem. Os outros continuaram macacos. Tal é a documentação paleontológica.

Levando a sonda à maior profundidade possível, ou seja, ao mais remoto passado, o que o naturalista descobre é uma espécie de geléia ou coalhos de massa viva, homogêneos, que são as atuais moneras. A reprodução se faz por cissiparidade.

Na classe dos vertebrados, vemos, pelos fósseis, que a evolução começa no peixe inferior. A mesma gradação se nota na escala embriológica. Quando falta um nó, vamos encontrá-lo na escala paleontológica e na embrionária. O nó, que seria o intermediário, desapareceu da série dos indivíduos que conhecemos, mas se encontra assinalado no embrião e demonstrado no fóssil.

Em suma, as provas do transformismo nos são apresentadas pela forma externa, pela Anatomia Comparada, pela Embriologia, pela Paleontologia. Muitas espécies se conservaram e outras desapareceram na luta pela vida, dada a lei de seleção. E se vemos algumas antigas ao lado das modernas, é que a evolução não se fez numa linha reta única ascendente, mas por diversas ramificações, tal como uma árvore, onde há o tronco e daí os galhos, os ramos, os pedículos, as flores e os frutos.

Foi através dos tempos, numa elaboração lenta mas contínua, que surgiram todas as espécies como hoje as conhecemos.

Tiraremos no próximo estudo as ilações filosóficas que o presente capítulo oferece.

OBJEÇÕES

Se a evolução constitui hoje – declara Geley – uma das grandes hipóteses científicas mais bem estabelecidas, apresenta, entretanto, sérias dificuldades. Essas dificuldades que ele enumera e comenta são as seguintes:

Os fatores clássicos são impotentes a fazer-nos compreender a origem das espécies, a origem dos instintos; são incapazes de explicar as transformações bruscas criadoras de novas espécies, bem como de explicar a cristalização imediata e definitiva dos caracteres essenciais de novas espécies e de novos instintos; são também impotentes para resolver a dificuldade geral de ordem filosófica relativa à evolução, que do simples faz surgir o complexo, e do mínimo o máximo (*du moins fait sortir le plus*). (1)

A igreja é mais ou menos contrária à doutrina evolucionista e francamente adversa à transformista de Darwin. Pela pena de um dos seus mais ilustres representantes, opõe-lhe a seguinte crítica:

Nenhum descobrimento de fóssil até agora vem confirmar a descendência humana do macaco; o homem aparece subitamente na terra como uma espécie nova.

As últimas pesquisas pré-históricas acusam, nas mais antigas idades, três principais tipos humanos que são co-existent. As raças são a de Neanderthal, a de Negróide e a de Cro-Magnon.

Não existiu o homem terciário. O de Neanderthal era um homem como os outros, nada inferior ao *sapiens*, disse Boule. Entre o Pitecantropo e o de Neanderthal existe um intermediário, que vem interromper a série evolutiva, o Homem do Piltdown. Sergi afirma que o Homem de Rodésia não tem nenhuma semelhança simiesca. O fracasso do Pitecantropo de Java foi solene, pois que era um fóssil quaternário, que não passava de um “gibbon”, espécie de símio.

O derradeiro achado paleontológico, o *Sinanthropus*, representa um grupo humano antiqüíssimo. É dele, possivelmente, que deriva, no quaternário superior, o *Homo soloensis*, de Java, mais tarde absorvido por outras formas. Finalmente, nenhum vestígio existe dos antropóides da época terciária (2).

Tal, em síntese muito rápida, e, necessariamente, imperfeita, a crítica que à hipótese darwiniana apresenta o Vice-Reitor da Universidade Católica de São Paulo e Diretor da de Campinas.

As razões acham-se desenvolvidas e apoiadas nos pareceres de vários cientistas.

Parece-nos que haveria algo que dizer e comentários que fazer, mas o nosso intuito aqui é apenas o de expor.

(1) Gustave Geley – *De l’Inconscient au Conscient*, 1920.

(2) Monsenhor Dr. Emílio José Salim – *Ciência e Religião*. 3ª edição, 1949.

A bem da verdade histórica e científica convém assinalar o que diz Marcelino Boule tratando das formas fósseis, que seriam o elo entre o Antropopiteco e o Homem:

Nenhuma das formas que enumeramos confirma a filiação do trânsito da forma dos símios aos homens.

Façamos um pouco de história: Em Engis, próximo de Liège, encontrou Scherlin *um crânio* que julgou haver pertencido a um indivíduo entre o animal e o homem, mas por fim convenceu-se, e assim, o afirmou, que apesar da estreiteza da frente, este crânio estava muito longe da forma animal e se aproximava muito da forma caucásica mais pura.

Em 1856 foi encontrado perto de Dusseldorf, no vale de Neander, uma calota de crânio a que se deu o nome de Neanderthal, ou o *homem de Neanderthal*. E em que ficou este achado? Em nada, pois que o Doutor Carlos Vogt, que nada tinha de religioso, se encarregou de demonstrar no Congresso Internacional de Antropologia, realizado em Paris em 1867, que tal crânio era de homem e até provou que o crânio de um dos seus amigos, do médico psiquiatra alemão Doutor Emmyer, era verdadeiramente do tipo de Neanderthal.

Em 1891 foram achados na ilha de Java dois molares, a parte superior de um crânio, um fêmur esquerdo a dezenove metros de distância de dois outros, e, com este e outros ossos que não consta que tenham sido do mesmo esqueleto, formaram o célebre *Pithecantropus*, que muitos consideraram como o *Elo Perdido*. Alguns lhe chamaram o *Homem-Macaco Erecto* e outros o *Homem-Macaco Mudo*. Mas Virchow, que presidiu ao Congresso de Zoologia, em que foi apresentado o estudo acerca do *Pithecantropus*, depois de fazer notar, como era seu dever, que ninguém podia provar que todos os ossos achados tivessem pertencido ao mesmo sujeito, disse:

- Todas as investigações dirigidas no sentido de encontrar a continuidade progressiva, desde os animais ao homem, têm sido inúteis. Não há tal *Pro-anthropus*. O Homem-Macaco é uma quimera.

Assim sucedeu com os oitenta e quatro crânios achados até princípios de 1935, em diversas partes do mundo; e assim sucedeu também com a famosa mandíbula de Mauer, ou de Heilberg, encontrada em 1908. Tudo acabou em *fiasco ou fracasso científico*. E não se dará o mesmo com o achado anunciado a som de pratos e de caixa? Não será o mesmo fiasco dos que queriam provar que o homem é simplesmente o Macaco Aperfeiçoado?

Estas notas são devidas ao Sr. Rufino Juanco. (3)

Robert Broom, afamado antropologista, declarou ter encontrado o *elo perdido*, que decifraria o mistério dos antepassados do homem.

Garcia Gutierrez prognostica para esse achado um novo desastre.

E o escritor Rufino julga que esse esforço, em se achar no símio o nosso antepassado, é o ódio à Bíblia, e vê o darwinismo rebatido por verdadeiros sábios.

Só não compreendemos por que motivo haveria de o ódio proporcionar tal teoria...

É provável que essa "visão" seja tão bem fundamentada quanto o ódio à Bíblia, que o Sr. Rufino vê nos antropologistas, ódio esse que não se sabe de qual fonte teria provindo.

(3) *Estudos Psíquicos*. Agosto de 1949.

Em compensação Ilin e E. Segal, no livro – *Como o homem chegou a ser um gigante* – referem-se aos célebres elos, ao Pithecanthropus, ao Homem de Sinanthropus, ao Homem de Heildeberg, ao Homem de Eringsford, ao Homem de Cro-Magnon, e os confirmam no sentido darwinista.

Por seu turno relato-nos Bernard Savigny:

OS HOMENS-MACACOS – O caso se deu nas proximidades do Natal. Uma mocinha chinesa estava ocupada em sangrar uma árvore da borracha em uma plantação de Trolak, no Estado malaio de Perak. Sobre seu ombro pousou pesada mão. A pequena voltou-se e se viu cara a cara com um ser estranho, um ser que parecia uma mulher, mas com ademanos simiescos.

Numa outra plantação, um sangrador encontrou, no mesmo dia, três criaturas igualmente de aparência simiesca, mas de pele branca, longas cabeleiras caindo como uma floresta até a cintura. Dois machos e uma fêmea. Eram grandes, tinham dentes que se projetavam, como defesas de elefante, para fora das bocas. Os homens tinham bigodes de cinquenta centímetros de comprimento, antebraços peludos e levavam à cintura, presas em um cinto rústico, enormes facas. De todos eles saía um fétido animal. Foi essa pelo menos a descrição feita pelo trabalhador, o qual mantivera seu sangue-frio, enquanto que a pequena chinesa quase desmaiara. O sangrador chegou a precisar que os desconhecidos usavam de uma linguagem constituída sobretudo de grunhidos inarticulados.

Imediatamente foi despachada à procura das misteriosas criaturas uma patrulha das forças de segurança malásias. E os soldados as encontraram em uma clareira da floresta, à beira de um curso de água. O cabo que comandava a patrulha absteve-se de atirar contra as misteriosas criaturas, porque, frisou “talvez se tratasse de aborígenes de uma raça ainda desconhecida”.

Gente ainda na idade da pedra é descoberta hoje, não todos os dias, mas freqüentemente. Há apenas dois anos, uma expedição franco-venezuelana entrou em contato, no alto Orenoco, com índios “Motilones”, que estavam no mais baixo grau de escala social. Há alguns meses, jovens etnólogos franceses entraram em contato, na Índia, em distritos afastados, com tribos das quais nada ou quase nada se tinha até então ouvido falar.

Não é absolutamente impossível, “a priori”, que humanos no último grau da escala social existam nas imensas florestas malaias que os raios do sol quase não atravessam. (4)

O “Diário da Noite” procedeu a um longo inquérito sobre o magno assunto e ouviu os nossos patrícios mais esclarecidos e mais a par das modernas investigações. E elas, ao que parece, em vez de desmentirem o Transformismo, trouxeram-lhe mais força e mais luz.

O Dr. Paula Couto, paleontólogo do Museu Nacional, autor de duzentos trabalhos, seguindo as pegadas dos Drs. R. Dalt e Robert Broom, é de opinião que a África é o centro de origem e dispersão dos primatas superiores, entre eles o homem.

(4) Bernard Savigny – *O Globo*, 26-5-954.

Uma forma africana, o *Australopithecus Africanus*, descoberta por Dart, em 1925, é um símio evoluído, já de forma humana.

Em 1937, o Dr. Broom, na intenção de descobrir os restos de um indivíduo adulto daquele símio, a fim de estabelecer melhor suas reais afinidades, veio a encontrar os primeiros restos do já famoso símio de Sterkfontein, que recebeu, na pia batismal da sistemática zoológica, o nome de *Plesianthropus transvaalensis*. Uma outra forma fóssil, *Paranthropus robustus*, muito afim com o último, apresenta um tipo de mandíbula humana ou, pelo menos, que pode ser considerado como um tipo muito próximo da linha ancestral humana, que deve ter brotado do tronco primata dos últimos tempos do período Terciário (Plioceno superior). Os dentes de ambos, *Plesianthropus* e *Paranthropus*, embora tenham algumas semelhanças com os dos antropóides vivos e fósseis (*Dryopithecus* e outros), são realmente muito mais afins com os do homem, segundo Broom.

Gregory e Hellman, confirmando a opinião de Broom, chegaram à conclusão de que a África abrigou estão símios que tinham quase atingido a natureza humana, e que teriam sido colaterais do homem, mas não seus ascendentes, pois o ramo humano já teria surgido então do tronco comum de ambos, como resultado de uma evolução morfológica, operada nos últimos tempos do período Terciário, imediatamente anterior ao período geológico atual, isso, aproximadamente, há um milhão de anos passados.

A última descoberta de Robinson em Swartkrans, Transvaal, de uma forma simiesca ainda mais aproximada do homem que as anteriores, a qual constitui bem um tipo morfológicamente transitório entre este e os símios antropóides, veio dar mais ênfase e segurança à conclusão científica da origem simiesca do homem, hoje indiscutível e francamente aceita, mesmo, pela própria Igreja Católica, como veremos, oportunamente.

O “*Telanthropus*” de Robinson é mais um elo intermediário que se conhece, da cadeia que teria culminado no homem ou, pelo menos, uma forma final de um grupo primata, hoje extinto, colateral do grupo humano e mais semelhante a este que ao grupo dos grandes antropóides. (5)

Tratando dos vertebrados, diz ainda o cientista patricio que eles vêm dos peixes primitivos, quase todos extintos, até o homem. A Paleontologia demonstra que a vida teve sua origem no seio das águas, sendo os peixes nossos antigos representantes.

Os vertebrados só conquistaram a terra firme no período Devoniano, com os primeiros anfíbios. Os primeiros répteis, deles descendentes, datam de trezentos milhões de anos. Aí dominou o Dinossauro. Aparecem depois as aves e os mamíferos, isto já na época Mesozóica.

As aves tinham dentes e cauda como os répteis. Os mamíferos surgiram do grupo reptiliano. Os mais antigos Primatas, próximos parentes dos lêmures, datam da era Cinozóica, a *idade dos Mamíferos*. A evolução dessa forma até o símio antropóide foi relativamente rápida. O Homem data do período Pleistoceno, isto é, de um milhão de anos. Ele não é descendente dos símios antropóides atuais, mas seu colateral.

O *Dryopithecus*, símio antropóide do Mioceno, na Índia, é considerado como a forma de partida do ramo dos Primatas, que culminou no Homem. Fora conhecido, primeiramente, por ter sido achada na França, em 1856, por Lartet, uma mandíbula fóssil. Sua dentição lembra a do chimpanzé, do gorila e do homem.

(5) “Diário da Noite”, fevereiro de 1954.

A evolução dos seres vivos, no estado atual dos conhecimentos paleontológicos e biológicos, deixou de ser uma teoria para ser um fato comprovado. Só os ignorantes põem isto em dúvida. A evolução da vida, do mais simples aos mais complexos, o encadeamento dos seres vivos, é hoje evidente. É inegável.

Houve uma fase em que o homem era tanto homem como símio; fase curta, de transição, muito restrita, portanto, a oportunidade de conservar-se como fóssil. A escassez dos elos de ligação é grande e muitos se perderam.

No fim do Plioceno, há três milhões de anos, surgiu um ramo que se sub-ramificou nas formas antropóides extintas dos *Australopithecus*, *Plesianthropus* e *Telanthropus*. Há outros ramos, o *Pitecanthropus*, de Java, o *Sinanthropus*, da China, o Homem de Neanderthal, e finalmente nós.

Em 1936, Robert Broom descobre, no Transvaal, na caverna de Sterkfontein, diversas partes de um macho adulto, com certos aspectos humanóides. Foi o *Australopithecus*, mais tarde chamado *Plesianthropus*.

O famoso *Pitecanthropus erectus* é o homem de Gaues, descoberto por Dubois, em Java. Ele e o *Sinanthropus pekinensis*, ou o homem de Pequim, são considerados tipos próximos do ponto de partida do reino humano, embora não situado em sua linha ancestral, mas apenas na sua base.

Acredita-se que o *Sinanthropus* tivesse habilidade para fabricar instrumentos de quartzo talhado a osso, a capacidade de produzir e usar o fogo, haja vista que nas mesmas camadas de depósito em que foram encontrados, acharam-se aqueles utensílios e montes de cinza.

Chega-se aos *Hominídeos*. Tendo encontrado, em 1907, perto de Heildeberg, uma mandíbula com caracteres indubitavelmente humanos, a que dá o nome de *Homo heidelbergensis*.

Terr Haar descobre restos de um hominiano fóssil, num jazigo de ossos, em Java: o *Homo soloensis*, que se calcula tenha vivido há quarenta mil anos.

O *Homo rhodesienses*, da caverna de Brojen Hill, data de 1921. Crê-se que represente na Ásia um tipo humano primitivo, há muito tempo extinto na Europa.

O famoso *Homem de Neanderthal* foi descoberto em 1856 pelo alemão Fulhrott, na fuma de Feldhofer, e vários restos em diferentes lugares. Esses primitivos, de características bestiais, ainda são colaterais nossos.

Existem, porém, ascendentes diretos do primitivo *Homo sapiens*. Três raças distintas marcam a aurora da História da Humanidade: as de Grimaldi, Cro-Magnon e Chancelade; homens da *Idade da Rena* ou do Pleistoceno superior mostram já certo desenvolvimento cultural e intelectual. Interessante característico na última raça é que, nos pés, o dedo grande afasta-se notavelmente dos outros, como nos símios.

Pio XII, na encíclica *Do Gênero Humano*, afirma que o magistério da Igreja não proíbe que a doutrina da evolução seja objeto de pesquisas, no que diz respeito à origem do corpo humano, que pode ser admitido como originário da matéria orgânica preexistente. Ao Papa juntam-se Monsenhor Ernesto Pisoni, Teilhard de Chardin e Vittorio Marcozzi, este jesuíta e cientista, no afirmarem a não incompatibilidade da teoria evolucionista com o corpo da teoria da Igreja.

Para Monsenhor Pisoni não há provas seguras da origem do corpo humano; não faltam, porém, indícios e motivos, diz ele, para supor uma origem símia: as grandes semelhanças entre os macacos superiores e o homem; o sangue do chimpanzé pode ser transfundido no homem; os espermatozóides de um e outro são idênticos; enxertos de macacos superiores estão no domínio da Cirurgia; há a coincidência da aparição do homem com a dos antropóides, a afinidade anatômica, e por aí além.

Em suma, declara o Autor: - Mostramos que no estado atual dos conhecimentos paleontológicos e biológicos, a teoria da evolução não pode mais ser negada, nem posta em dúvida. Já ultrapassou a fase de pura teoria para atingir a de fato comprovado. O homem, o mais evoluído de todos os primatas, representa o ponto final de uma das cadeias evolutivas do reino animal, a do vertebrado em geral, a dos mamíferos em particular. (6)



O que aí fica como intróito à evolução da alma é o pé em que se acha a questão. A nossa verdadeira tese é a do progresso anímico, através das vidas sucessivas. Esta é que pretendemos demonstrar, assim Deus nos ajude.

(6) “Diário da Noite”, fevereiro de 1954.

A REENCARNAÇÃO

A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Tratamos do progresso das espécies, isto é, da evolução material. Vamos verificar que essa evolução é idêntica em relação ao Espírito.

Não seria absurdo para a filosofia dos Espíritos – diz Ortiz – supor em nosso planeta duas escalas paralelas evolucionistas, ambas perfeita e constantemente entrosadas, através de seculares e milenárias genealogias das espécies e de suas transformações evolutivas. (7)

Geley dizia:

Tudo evolve: os indivíduos, as espécies, as sociedades, as nações, os mundos, os universos. Uns e outros nascem, desenvolvem-se, progridem e morrem, para dar lugar a indivíduos, a espécies, a sociedades, a nações, a mundos, a universos mais aperfeiçoados. Não existe o repouso. Ele seria o nada: por toda a parte e sempre o progresso evolutivo.

O espírito não poderia escapar à lei e não escapou.

Singular coincidência – diz ainda Geley – Transformismo e Espiritismo apareceram na mesma época. Doutrinas contraditórias em aparência, a primeira foi admitida com entusiasmo pelos materialistas, crendo apoiar suas idéias nessa base científica; a segunda era acolhida como vaga esperança no meio espiritualista, que sentia desmoronar as velhas crenças.

Ambas chegam hoje a uma conciliação inesperada, às expensas do materialismo negativista e do espiritualismo religioso. (8)

As idéias infantis da criação do mundo e dos seres, donde surgiu o primeiro casal, já pronto e acabado, são substituídas pelo da luta imensa processada através dos milênios. Se as ciências naturais foram buscar a matéria nos seres simples e unicelulares, o espiritualista vai descobrir o princípio anímico nos reinos atrasados, onde esse princípio acompanha as formas vivas na sua marcha ascendente; vê que esse espírito se vai desenvolvendo, como tudo na natureza, até entrar na espécie humana, coberto ainda das impurezas animais, haja vista que o animal é o seu próximo berço; mas daquelas impurezas se irá despojando lenta, seguramente, no longo trajeto das vidas sucessivas.

Fácil é compreender a obra de Deus nessa interminável peregrinação, onde a criatura aprende à proporção que se eleva e se torna feliz à proporção que aprende.

Aprofundando-nos no conhecimento da alma humana, descobriremos que ela tem erros inatos, imperfeições raciais. O meio em que vive não lhe permite aperfeiçoamento notável. Outras existem, por tal forma endurecidas, que não lhes é possível adquirir de um jato os benefícios do conhecimento ou as luzes da moral. Não os entenderiam. Veja-se um aluno estúpido: por mais que o mestre se esforce, não poderá transmitir-lhe o que sabe. Antigamente faziam que as lições lhe penetrassem, não pela cabeça, mas pelas mãos. Entrava em cena a palmatória. Hoje os processos são mais humanos.

(7) Fernando Ortiz – *La Filosofía Penal de los Espiritistas*, Buenos Aires, pág. 17.

(8) Gustave Geley – *Essai de Revue Générale*, Paris, 1925, pág. 65.

Já não se pede ao Espírito o que ele não pode dar. Já se compreende o período evolutivo em que ele se encontra.

Os próprios defensores da Bíblia e outros livros sagrados já perceberam a posição ridícula em que tais livros se vêem em face da Ciência. E resolveram contornar o problema de forma a não se desmoralizarem a si e ao livro. Procuraram manter-se diante dos ensinamentos modernos, descobrindo chaves, símbolos, emblemas, soluções, imagens, por trás dos quais se acham os versículos inaceitáveis.

Já é um grande passo mostrar às mentes menos cultas que muitos dos textos de tais livros é mera tolice, embora sob um disfarce qualquer. O desiderato do verdadeiro pensador não é desbancar ou desmoralizar tal ou qual livro tido por sagrado, senão destruir a tolice, senão mostrar que aquilo não está certo. Se os apaixonados pelos livros concordam que se trata, mesmo, de tolices ou puerilidades, ao estudioso não importam os meios de defesa de que lançam mão para salvar do naufrágio as obras de sua fé.

Saint-Yves d'Alveydre, no seu livro *Missão dos Judeus*, diz-nos, tratando da gênese:

É evidente que, se em lugar de ver em nossos primeiros pais terrestres, canibais vizinhos do macaco, faz-se surgir a humanidade corporal de um único par, dotado por milagre de todas as perfeições, instalado há seis mil anos num el-dorado situado no Oriente, ao lado do Tigre e do Eufrates, todos os ramos da carne dessa singular árvore humana deverão provir de uma única raça asiática.

Mas o autor não concorda com isso e acrescenta:

Repetirei, entretanto, que Adão não quer dizer um homem de carne e osso, mas um Princípio cosmogônico. (9)

Fechemos os olhos aos textos subseqüentes, pelos quais se vê que *Adão* não quer dizer outra coisa senão um homem. O caso, porém, é que Saint-Yves vê o homem primitivo, como aquele selvagem, vizinho do macaco. De fato, o homem primitivo era aquele ser animalizado, embrutecido, vivendo nas cavernas, guiado quase pelo instinto, sem conhecimentos, nem moral. Se aprofundarmos a visão, a fim de lhe descobrir os antepassados, teremos o *Antropopithecus erectus* ou o Catarrino, ou o Lêmure, até esbarrar no zoófito ou no criptógamo. Diante disto, a criação do casal seria muito duvidosa e prestar-se-ia a gracejos. Alveydre arranja-nos o princípio cosmogônico, substituindo uma dúvida por outra.

Para alguns, o símbolo já não é este. As interpretações variam ao sabor das cabeças. Uma questão puramente subjetiva, sem que nos forneçam um meio seguro de convicção.

Já Shabaz Britten Best nos *Mistérios e Misticismo da Bíblia* ensina:

E Deus disse, faremos Adão – a Humanidade em semelhança de nós mesmos.

Nos, quem? Nós indica pluralidade. Mas, se antes de Deus e de Adão não havia mais ninguém? Ao mesmo tempo, porém, nos assegura:

Antes de encerrar-se na forma humana terrestre a Alma já percorreu longa carreira...

(9) Saint-Yves D'Alveydre – *Mission des Juïfes*, I, Paris.

Chama-se a isto “esclarecer os mistérios da Bíblia”.

Não é nosso intuito discutir essa intrincada elaboração mental. Vemos os esforços inauditos por manter uma tradição e seria quase descaridade procurar fulminá-los. Mas já uma clareira se abre para os nossos trabalhos. Lançado o alvião na estátua dos nossos bíblicos ancestrais, prepara-se o caminho para jornadas mais sérias.

O fato é que encontramos em nossos dias indivíduos que demonstram tratar-se de um primitivo, de um espírito atrasado. O atraso assume diversas gradações; vai do criminoso endurecido, do criminoso nato, ao hipócrita, ao simples batedor de carteira, ao falsificador de firmas, ao falador da vida alheia. Chamaríamos formas evolutivas do atraso. A intensidade do crime diminui na proporção da caminhada.

Nota-se que o atraso provém do pouco adiantamento da alma, ou de sua infância, ou de sua fraqueza, de algo que está em si que vive em si, que surgiu consigo das brumas do passado. São produtos de instintos, de impulsos, de sugestões, de desejos, de idéias retrógradas, de paixões arraigadas, de fanatismos, e o indivíduo obedece a tudo isso, sem compreender o erro, sem perceber o alcance do mal, tomando muitas vezes por um dever o erro que está praticando.

Veja-se o cidadão que pretende lavar a honra, matando quem o injuriou; o que assassina a mulher que manchou o lar; o que não leva a ofensa para a casa... Os medievais que conduziam a herege à fogueira estavam convencidos de que serviam a Deus. Os invasores que exterminam o inimigo servem à Pátria.

Há ímpetos selvagens irreprimíveis; há sentimentos de que o indivíduo não tem ou parece não ter a menor culpa; nasceu com ele, faz-lhe parte integrante do caráter. Censura-se a pessoa indiferente às desgraças alheias; outras que com elas se regozijam; outras que as praticam. Tudo isto está no sentimento, ou melhor, na falta de sentimento.

Ele não tem o sentimento da pena; essa insensibilidade, diria o vulgo, está na massa do sangue. Nasceu assim. Às vezes ainda se alegra o indivíduo com a desventura do próximo, e se há um propulsor qualquer, traduz os seus maus sentimentos em ação, e comete a falta.

Não foi ele, porém, quem instituiu em si as deploráveis paixões. Vieram com ele de longe. Jogar um indivíduo destes no Inferno, quando ele, segundo a nossa velha religião, surgiu assim das mãos do Criador, seria não só o cúmulo do contra-senso, senão da perversidade.

Isto é que é preciso destruir; precisamos ter outra idéia da Divindade.

Só a evolução nos fará entrar no caminho certo da Psicologia e da Filosofia. É necessário ver no faltoso um ser ainda nas faixas da criação. É mister que tenhamos em vista, para o seu melhoramento, o fator *Tempo*.

A idéia de uma alma criada para um corpo, sofrendo as vicissitudes desse corpo, far-nos-ia duvidar da Justiça Divina. Diante da razão e das provas, o que se vê é o corpo criado para a alma. É esta que lhe imprime os defeitos, pelos defeitos que traz em si.

Só a doutrina da reencarnação nos poderá dar idéia de Deus, que as demais religiões diminuem, apresentando-o como um ser arbitrário, colérico, vingativo, injusto, imprevidente, ou, na melhor hipótese, indiferente às desditas humanas.



Poderíamos ir colher a centelha espiritual, a exemplo dos seres vivos, nos reinos longínquos da Natureza. Mas a nossa pouca ciência não nos permite ir tão longe. Basta que notemos nas plantas os albores de uma inteligência que desabrocha sob a forma de tropismos: as raízes procuram os veios d'água, os arbustos se voltam para o sol, as folhas usam de artifícios e insídias para apanhar os alimentos, como as plantas carnívoras, cujas folhas, esplendidamente abertas, logo se fecham se nelas vem pousar inseto ou pássaro, e os devoram.

No animal, o instinto é mais desenvolvido e são inúmeros os exemplos que as histórias nos fornecem de sua inteligência, a qual chega até ao raciocínio. Vemo-los com os embustes, as artimanhas, as virtudes e vícios, as habilidades que exornam os bípedes. São suscetíveis de vingança e gratidão.

Sabe-se daquele elefante que costumava receber guloseimas dos que passavam. Para isso ele estendia a tromba e os visitantes lhe davam as suas ofertas. Um dia, porém, um gaiato, em vez da costumeira dádiva, espetou-o com uma alfinetada. E lá se foi a rir com os outros companheiros. Quando voltava, descuidado, sentiu que tomava banho de lama. É que o elefante sugara a água de uma poça próxima e o esperara para derramá-la em sua cabeça.

Um caso oposto. Outro elefante costumava receber de uma vendedora aquilo que ela trazia em seu tabuleiro. Essa vendedora tinha sempre a filhinha consigo. Certa vez, o paquiderme, tomado de pânico, por um motivo qualquer, saiu em vertiginosa carreira pelo caminho em que se achava a rapariga com o seu pequeno. Esta, apavorada, abandonou o tabuleiro e a criança, e deitou a correr, desatinada. De repente, lembrou-se da filha, que ficara à passagem do animal. Não havia mais tempo de socorrê-la; estava ela quase louca de desespero, quando viu o elefante parar, tirar a criança como todo o cuidado do caminho e sair de novo em grande disparada.

Ora, não podendo aventurar-nos à gigantesca empresa de estudar a evolução espiritual desde o seu início, limitar-nos-emos a lembrar que a vida do homem começa na floresta; a sua linguagem é a mímica e o grunhido; são depois os monossílabos; tem por morada os antros, os buracos, os esconderijos, os galhos; vive apenas para a satisfação de necessidades. A sua existência transcorre numa luta constante contra vários adversários, desde a natureza ao próprio semelhante. Daí em diante é que começa a sua penosa ascensão.

O espírito do troglodita é o ser mal-entrado na espécie humana. Não foi o troglodita quem fez o Espírito, foi o Espírito atrasado que tomou a forma do troglodita. O indivíduo é inculto, rústico, bisonho, em virtude da bisonhice, da rusticidade, da incultura do Espírito.

O Espírito é o que é o ser. A individualidade está nele. É nele que residem os predicados. Ignorância ou conhecimento, estupidez ou inteligência, vícios ou virtudes, capacidade ou incapacidade, atraso ou adiantamento mental, tudo está no Espírito e vive com o Espírito. As faculdades psíquicas não se acham no corpo, mas na alma, e a acompanham em sua imensa trajetória, aperfeiçoando-se constantemente, até que o ser possa “tornar-se perfeito como o Pai celestial é perfeito”.

Quando toma a vestidura carnal, formando o binômio representado pelo corpo e espírito, ou o trinômio, corpo, espírito e perispírito, ele se apresenta com as qualidades que possui; e se desenvolve de acordo com as necessidades evolutivas, servindo-lhe a matéria, com suas asperezas e suas dores, para o burilamento espiritual.

Por vezes, o Espírito sofre as deficiências do corpo e por isso não se torna livre a sua manifestação: é o caso dos idiotas, dos cretinos, do embrutecimento produzido por certas moléstias. São provas impostas para o necessário progresso. É o vaidoso, o arrogante, que resgata nas humilhações planetárias, as faltas cometidas. E por aí além.

Narra a *Révue Scientifique et Morale du Spiritisme*, o caso de um indivíduo atoleimado ou imbecilizado, conhecido pelo nome de o “maluco Suciác”, o qual vagueava pelas ruas da cidade de Huesca, vestia-se de modo burlesco, falava só, ora corria, ora caminhava solenemente; era um desses tipos de rua que atraem a chacota pública e vivem desprezivelmente.

O presidente de um centro conseguiu evocá-lo numa ocasião em que dormia, e mais tarde, quando ele morreu, apareceu espontaneamente e declarou que em encarnação anterior fora o senhor de Sangarren. Poderoso, orgulhoso, importante, tivera uma vida faltosa, que viera carpir na situação miserável em que o conheceram como o idiota Suciác. Acharam a confirmação de que ele dissera nos arquivos existentes no seu antigo castelo.

São casos como este que nos fazem ver a razão por que nem sempre podem os Espíritos dar expansão às suas faculdades. (10)

A doutrina palingenésica não é uma lucubração individual; não é doutrina surgida de uma cabeça; não se trata, mesmo, de uma escola filosófica, como algumas que conhecemos, embora fruto do estudo, da inteligência e da meditação. É uma doutrina universal, ensinada e propagada pelos Espíritos, documentada pelo tempo, repetida nas mais variadas manifestações, assegurada pelos fatos. Vê-lo-emos.

(10) *Revue Scientifique et morale du Spiritisme*, 1912, pág. 442. Gabriel Delanne – *Documents pour servir à l'Étude de La Reincarnation*, Paris, 1924, pág. 220.

A PALINGENESIA E OS SEUS ASPECTOS

Os elementos a favor das vidas sucessivas são de ordem religiosa, filosófica e científica.

Religião – As religiões, em regra, são reencarnacionistas. No próprio Cristianismo, não obstante as noções do Céu e Inferno, que o Catolicismo e o Protestantismo extraíram do Novo Testamento, existe a idéia de reencarnação. Quando o Cristo diz que é preciso renascer, quando afirma que João é Elias, quando esclarece que os filhos de Deus não nasceram do sangue, nem da carne, ele estabelece, a nosso ver, o princípio de uma vida anterior.

Orígenes, nos *Princípios*, pregava o renascimento; Tertuliano, na *Apologética*, perguntava se não seria digno admitir-se que um homem pudesse ter sido anteriormente outro homem, conservando as faculdades precedentes. S. Jerônimo teria assegurado que a transmigração das almas fazia parte dos ensinamentos revelados aos iniciados. S. Agostinho deixa entrever suas dúvidas, quando indaga: - Antes da minha infância teria estado em algum lugar?

Tratando do Budismo vemos que a roda das vidas sucessivas é um ensino básico. Consta ele dos mais antigos livros sagrados. Essa doutrina é ainda encontrada entre os selvagens. Ora, sabe-se que no fundo das crenças há quase sempre um ponto objetivo. Os povos atrasados crêem em fantasmas porque vêem fantasmas. As suas idéias, no que toca à imortalidade, são mais ou menos idênticas às dos civilizados. Essa uniformidade é produzida pelo fenômeno. O princípio da multiplicidade das existências deve ter sido haurido na própria declaração dos mortos, tal como se dá com a codificação de Allan Kardec.

Filosofia – A Palingenesia é um dos pilares da doutrina espírita. Retirem-na de entre os princípios básicos e toda a clareza, todo o rigoroso critério de justiça que apresenta, desaparecem; os problemas que procura resolver obscurecem-se; a lógica empana-se. Voltaríamos ao mistério, ao ocultismo, às reticências, às explicações nebulosas, caindo no realejo da “vontade de Deus”, dos “impenetráveis desígnios de Deus”, da “glória de Deus” e outras velharias, que nos apresentam o Criador como um déspota feroz, senhor de um arbítrio incompreensível e injustificável, distribuidor de graças e desgraças, sem a menor consciência, sem o menor vislumbre de justiça, sem a menor noção de equidade, premiado amigos e fazendo a desventura de inimigos, sem que se saiba por que se tomou de amizade por uns e inimizade por outros, distribuindo as suas mercês da mais absurda e incompreensível maneira.

Um malfeitor, um ditador, um prepotente agem, por vezes, com melhor lógica e maior senso. Uma tal falta nos julgamentos do Senhor deixa tão profunda brecha na fé, que não é de admirar a ascendência do materialismo no espírito dos que estudam; sem as luzes que a Palingenesia fornece àqueles que pensam, não haverá em breve quem mais acredite no Criador, a não ser por medo.

Os grandes e graves problemas do sofrimento, da prova, do ser, do destino tornam-se resolúveis com os esclarecimentos que nos traz a sucessão das vidas. Há, entretanto, indivíduos que se põem à frente da estrada, impedindo a marcha do Evolucionismo, como a dizer-nos:

- Não queremos isto! Deixem-nos com o nosso inferno, onde não há mais esperanças, nem réstea de luz na alma, onde o arrependimento é inútil, onde as dores não

têm limites, nem na intensidade, nem no tempo, onde a eternidade é a da tortura. Deixem-nos com o nosso céu, onde o beato ali fica sem fazer mais nada, em santa ociosidade, a cantar hinos de louvor a Deus, que se compraz nesses hinos, e se envaidece como qualquer presumido com aslouvaminhas de seus incensadores. Deixem-nos com o nosso Deus arbitrário, sectarista, faccioso, que à custa de zumbaias e bajulações, iremos a Ele.



A variedade da sorte é imensa. Lado a lado, a riqueza e a pobreza, senão o fausto e a miséria; o são e o doente; o belo e o feio; o perfeito e o aleijado; o estúpido e o inteligente; um, cheio de cargos e distinções, o outro, a esmolar um emprego; um, na ociosidade; outro, no trabalho penoso. Iríamos ao infinito se continuássemos a multiplicar os exemplos, a mostrar as nuances que caracterizam a vida humana.

O fato se explicará se soubermos que tudo será efeito de causas remotas. É a ação e a reação; conseqüências de fatos passados; é, enfim, o indivíduo a resgatar no mesmo teatro e com o mesmo cenário as culpas, as faltas, os erros praticados em existências pretéritas.

Tal abusou da sua inteligência produzindo a infelicidade de seus semelhantes, em vez de empregá-la no conforto e progresso desse mesmo semelhante; vem com as deficiências mentais que notamos, desde o simples bobo ao louco furioso. O potentado, o chefe, o condutor de indivíduos, o diretor, que abusou de sua ascendência, do seu prestígio ou do seu poder, volta em condição humilde, quando não humilhante.

Basta como exemplos. A inteligência é o fruto de um longo aprendizado. Os conhecimentos se acumulando nos recessos da alma. Em cada nova existência, novos conhecimentos se adquirem, de sorte que, para estudar determinada disciplina, as aquisições do passado vêm à mente, tornando fácil a compreensão, rápida a apreensão; essa facilidade no entender, aprender e executar é que constitui a inteligência de que muitos se ufanam, quando ela não significa mais do que uma temporada maior nas escolas da vida. Daí a frase é - aprender é recordar.

Se o indivíduo se esclarece pelo trabalho dos séculos, as suas virtudes se explicam pela lixívia do tempo. É escorregando e levantando-se, chorando e enxugando as lágrimas, percebendo em cada vida no espaço os erros da vida terrena, que a alma cai em si, e promete modificar-se. E a cada etapa planetária vai deixando pelo caminho as suas impurezas, como nós vamos lançando fora aquilo de que não mais precisamos.

Não vimos até hoje, fora da reencarnação, onde se explicassem esses problemas. Quando os argutos dão asas ao seu gênio inventivo é um mistifório de que não se percebe nada.



Suponhamos um indivíduo vítima de antigos vícios; que passou por grandes quedas e conseqüentes tribulações; tudo se conserva nos esconsos do Espírito. A experiência se mantém em estado latente. Quando, porém, se ensancha a pouca oportunidade de cair no erro, a memória esperta do fundo de seu esconderijo, faz vibrar a consciência, e o paciente se afasta, tanto mais rapidamente do campo da tentação, quanto mais profundas forem as ranhuras produzidas por seus erros, e maior o seu progresso. A memória não se perde. Ela aí está dando os seus frutos no nosso proceder, na linha reta dos bons, nas sentenças dos justos, na probidade dos honestos.

Ninguém vê o homem digno nas tavernas, nas casas de jogo, nos lugares mal-afamados; não se lhe conhece um ato desprezível. Isto não passa do resultado de provas múltiplas e experiências seculares, de quedas e soerguimentos, e daí o aprumo em que muitos se encontram. É a criptomnésia que está a ditar os nossos atos, a deter-nos no mau caminho, a orientar-nos na boa estrada.

É costume dizer-se: - Fulano teve a intuição de como deveria proceder. Essa intuição é apenas recordação; a nossa vida atual, com os predicados que possuímos, é consequência de nossa longa viagem: evitamos o passo em falso como se tivéssemos clara na mente a claudicação anterior.

Há ainda alguns hiatos e muita coisa por explicar. Existem, como entre as espécies, uns tantos tipos de transição no terreno espiritual, e a nossa paleontologia se acha em começo de estudos.

Dir-se-ia, por exemplo, que Deus poderia ter feito melhor. É de crer. Acusam-nos de se supor que já sabemos tudo. Não há tal. Só supõe que sabe tudo o ignorante. Não podemos explicar o que ainda não é permitido, haja vista que estamos na infância do conhecimento espiritual. Vamos até onde o braço alcança. Não é nossa pretensão achar que está tudo descoberto, quando começamos a dar os primeiros passos na senda do Desconhecido.

DEMONSTRAÇÕES

Entramos, agora, na parte científica: primeiro a observação, depois a experiência. Até aqui o raciocínio, agora a prova.

SIMPATIAS E ANTIPATIAS

Um fato que a psicologia tem procurado desvendar inutilmente é o das simpatias e antipatias entre certas pessoas, sem que haja causa que as justifique. Simpatizamos ou não, sem saber por quê. O móvel de tais sentimentos terá a sua raiz no bem ou mal que nos fizeram essas criaturas em passadas eras, nas desavenças ou na convivência que com elas tivemos. Ocorre-nos um caso ilustrativo:

Henri Sausse (*Des preuves, en voilà*) conta o seguinte :

Uma senhorita, de nome Sofia, pedira ao autor que a fizesse adormecer, a fim de verificar se ela possuía, em estado latente, faculdades de lucidez. Para fazê-la desprender, pediu ele o auxílio de uma sonâmbula, a senhorita Luísa. E esta respondeu, nervosamente, em voz baixa:

- Não, não quero... Não posso...

No dia seguinte, ao visitar Luísa, o experimentador indagou motivo de sua recusa e ela, em transe sonambúlico explicou:

- Opus-me porque essa pessoa foi a causa da minha desgraça em outra existência; juramo-nos um ódio eterno; eu a desprezo e nunca lhe perdoarei o mal que me fez.

Disse o experimentador, que não o acaso, mas amigos invisíveis as tinham posto no mesmo caminho para devida reconciliação.

Em outra seção, adormecidas ambas, Sofia e Luísa, os Espíritos exortam-nas a reconciliação, secundado pelos presentes. Luísa toma, então, a inimiga pelo braço e lhe diz:

- Veja, lembre-se...

Sofia, estupefata, chora e exclama:

- Você não me pode perdoar, fiz-lhe muito mal. Tenho vergonha, não sei como esconder-me...

Luíza, porém, declarou que, já que os amigos pediam, estaria tudo apagado desse sinistro passado. Foi um custo acordá-las. Era epílogo de um ódio prolongado. Provas, eilas, disse Henri Sausse.

CRIANÇAS QUE LEMBRAM O PASSADO

No ocidente, onde nada se conhece do assunto e tais recordações passam por fantasia, superstição ou perturbação mental, em vez de procurarem os pais ou parentes do menino esclarecerem o caso; em vez de puxarem por ele, de o interrogarem, de verificarem a exatidão do que diz, muito pelo contrário, buscam impedir por todos os meios o surto das evocações.

No oriente, o processo é inverso; deixam que os filhos discorram à vontade e procedem depois as investigações. E o passado se desvenda e prova. Descobrem-se os antigos parentes do reencarnado, a região, a rua, a casa onde morou; verifica-se a exatidão

do que referiu, como as pessoas que amou, os costumes que teve, os divertimentos de que gostava, os brinquedos que possuiu.

A senhorita Panigot, numa carta a Dellane (*Reencarnation*), diz que ela e sua filha foram a um cemitério; e ao passarem por uma tumba, a criança parou, apontou para umas flores brancas e declarou: eram assim as flores que estavam na sepultura de minha primeira mamãe. Admirada, a mãe perguntou o que ela queria dizer. Contou a menina que perdera a sua mãe, que ela era má, que tinha uma irmã muito boa...

Mais tarde a filha escreve: - O que vou contar está ainda presente à minha memória, apesar de ter mais de trinta e dois anos. A que eu chamo minha primeira mãe era alta, morena, magra; não era boa. Ia eu muitas vezes às vizinhanças de uma torre, com dois galgos. De minha irmã não tenho recordações. Não me lembro de ter crescido. Creio que morri pequena. Aprendo o inglês facilmente e por intuição. Provavelmente vivi na Inglaterra.

Esta é uma narrativa simples, desprovida de documentação. Outras existem, entretanto, onde a prova é exuberante. Haja exemplo no importante inquérito do Dr. Innocenzo Calderone, enfeitado em interessante monografia e citado em várias obras de Psiquismo.

Esses fatos, só por só, darão por terra com a doutrina das lembranças hereditárias, dos clichês ancestrais, do plasma germinal eterno, porque não se trata de simples transmissão de lembranças, hipótese, além de indemonstrável, difícil de aceitar e compreender. Mas de fatos que constituem verdadeiras e insofismáveis identificações, e que só se podem atribuir a recordações de uma outra vida.

A criança, muitas vezes, em tenra idade, não tem a menor noção do que seja a pluralidade das existências, a vida anterior, assunto que não é comum às conversações, antes o repele. Entretanto, ela se reporta aos fatos de outra vida, dizendo-se aí presente, declarando ter vivido nessa época. Refere-se a vários episódios, que se verificam; a casa que mostra era a sua; diz onde estavam os seus brinquedos, as suas vestes, os seus objetos; declara o nome que tinha e os de seus parentes; narra acontecimentos que com ela se passaram; vai a lugares mais ou menos ocultos da casa para provar que ali se guardavam tais ou quais utensílios; conhece os escaninhos do edifício; aponta os antigos progenitores, o cônjuge, ou os filhos, ou diz quais foram, quando já não existem. Mostra, às vezes, mais apego à antiga residência e amor aos antigos pais que aos da atualidade.

Tal é o que se encontra no longo *Inquérito Calderone*.

Não há nada, pois, que justifique o tratar-se de uma transmissão por cromossomas, nem que denuncie o vago das recordações que se dariam com essa transmissão. O fenômeno tem os característicos inconfundíveis da volta do espírito. As cenas são muito vivas, as impressões muito nítidas, os sentimentos muito fortes para serem tomados como frutos da hereditariedade, ficando-se ainda sem saber por que a transmissão, tão fidedigna no que diz respeito aos fatos, havia de enganar-se soezmente, declarando-se pessoa reencarnada.

Alguns sucintos e rápidos exemplos:

Foi no Thanan Bhangore. A tia de Manmohim tem uma filha. Saem a passeio, ao acaso. Ao passarem por uma casa, diz a menina que ela pertenceu a seu marido, em vida anterior. Penetram na casa. A criança saúda uma velhinha e declara. – Esta foi a minha avó, aqui está meu quarto, esses foram meus filhos. Aponta o antigo marido, já velho, e pretende desposá-lo. Diante do sorriso dos presentes, propõe-se provar o que diz e narra, entre outros acontecimentos, terem cozido seis rupias no forro de suas vestes, quando ela estava para morrer; que pedira dinheiro ao filho mais velho; declara onde deixara uns tantos objetos e o que se encontrava em determinada mala, encafuada num canto da sala. Descobriu-se

tudo. Alguns objetos estavam envelhecidos, outros cobertos de poeira, tudo a demonstrar ancianidade e abandono.

Uma das pessoas presentes perguntou à menina quem ela era. A menina contou um incidente remoto passado entre ambos, o que deixou a interlocutora comovida.

Sob o título - *A Reencarnação do Major Welsh* – transcreve a *Révue Spirite*, de Paris, uma notícia publicada pelo *Rangoon Times*, da Índia. Esse periódico refere-se a uma criança de olhos azuis e cabelos louros, que vivia em Meiktilia, filho de pais burmeses, de condição humilde, e admirável pela frescura da pele e seu tipo físico, nessa família de indígenas. Quando tinha 4 anos espantou sua mãe, dizendo-lhe, de repente, que fora o Major D. J. Welsh, do *Border Regiment*, morto havia longos anos. Descreveu minuciosamente a casa do dito major e outros sítios que jamais conhecera. A mãe, alarmada, chamou os vizinhos, e o garoto recomeçou as suas narrativas, acrescentando que, com duas outras pessoas, se havia afogado num lago, na precedente existência, isso na noite de março de 1904.

De fato, o Major Welsh, o Sr. Reade e o Lugar-Tenente Quinlan haviam morrido dessa maneira. A abundância dos pormenores fornecidos e a sua comprovada autenticidade fez considerável impressão nas populações da província.

A notícia que se segue é do *Milwaukee Sentinel*:

O senhor J. C. Horster vivia no condado de Effingham, no Illinois, e perdera uma filha em tenra idade. Teve outra filha e foi residir no Dakota; esta chamava-se Nellie, mas logo que começou a falar disse que queria chamar-se Maria, que foi o nome que tivera na primeira vez. O Sr Horster, obrigado a voltar a Effingham, levou Nellie consigo. A menina reconheceu logo a antiga casa, onde declarou que tinha vivido, e designou diversas pessoas que conhecera na existência anterior. Ela quer rever sua antiga escola e para lá vai sem hesitação; instala-se num banco e afirma - era aqui que eu me assentava. Por muitos outros detalhes desconcertantes tornou-se evidente que a criança não improvisa nem mistifica. Nenhuma explicação plausível pode ser fornecida pelas testemunhas do fato, a não ser a de que se trata de uma reencarnação. (11)

Em Havana, vivia o casal Cabrera, que teve um filho de nome Eduardo. Este declarou, com pormenores, o local e casa em que vivera, o seu antigo nome, Ponche, e outras particularidades.

Risadas, gracejos, ironias, mas foi tal a insistência do pequeno, que os pais se puseram em indagações. O que descobriram deixaram-nos estarecidos.

Os casos se multiplicam. O que está minguando é o espaço e o tempo. Ficamos nestes exemplos.

(11) *Revue Spirite*, 1925, pág. 275

CRIANÇAS-PRODÍGIOS

Tratando de crianças, convém lembrar que entre os comprovantes da doutrina da reencarnação se inscrevem os casos das crianças-prodígios, ou mesmo das crianças precoces, que desde cedo revelam uma inteligência, uma atividade intelectual e conhecimentos que seu cérebro não lhes pode fornecer, pelo seu pouco desenvolvimento. São inúmeros os casos apontados. A hereditariedade não poderia explicar-los, haja vista que, por mais que se investiguem as ascendências, não se encontra o ancestral que pudesse fornecer à criança os seus predicados excepcionais.

O JÁ VISTO

O já visto, o já ouvido, o já sentido, é um fenômeno que se diria aparentado com o das lembranças de outra vida por parte de crianças. Este se dá em regra com os mais velhos.

Consiste em experimentar uma pessoa a sensação de já ter visto aquilo que aparecem à vista pela primeira vez, ou ouve o que diria já ter ouvido, o sente o que lhe parecia já ter sentido. É, em suma, a persuasão de que se vê uma cena anteriormente percebida, quando nada nos diz que a cena tivesse acontecido ou existido. O fenômeno, apesar das explicações mais ou menos forçadas que lhe dão, é mais um depoimento a favor da nossa tese. Vejamos:

O padre Pierre-Jules Bertheley, antigo vigário de Santo Eutrópio, escreveu a *Flammarion* narrando diversos casos congêneres. Por várias vezes, diz o missivista, teve a idéia perfeita de haver visto lugares por onde nunca passara, chegando a orientar-se por caminhos que lhe eram inteiramente desconhecidos.

A revista inglesa *Light*, de 1916, página 374, narra o seguinte caso:

Um artista romeno, muito conhecido, residia em Londres e era membro da delegação de seu país. Alistou-se num Regimento de Cavalaria. Certo dia, em manobras no condado de Berkshire, ao lado do Capitão, teve que escalar uma íngreme colina, cujo aspecto lhe era familiar, e o revelou ao capitão.

- Conhece a região? - Perguntou-lhe este.

- Não, respondeu o artista, nunca vim aqui, mas, não sei porquê, me parece que já vi esta colina e o que atrás dela se esconde. Há uma pequena montanha coroada por um bosque. Desce-se em seguida e chega-se a um terreno nivelado.

- É exato – Respondeu-lhe o capitão - Sem compreender como o amigo poderia ter adivinhado.



Conta *Flammarion* que conheceu o afamado calculista Jacques Inaudi quando este tinha apenas 13 anos de idade. A sua espantosa faculdade de fazer os mais complicados e extensos cálculos, imediatamente, espantava já o grande astrônomo, tanto mais quanto Inaudi não conhecia os números, não sabia ler nem escrever. A sua habilidade parecia absolutamente inexplicável, e o sábio encontrava para ela uma razão, que era o resultado de conhecimentos em vidas anteriores. Assim, perguntou-lhe uma vez, à queima-roupa:

- Já notou uma reminiscência qualquer, uma lembrança esquecida e reaparecida?

E ele contou o seguinte:

Em 1883, fui a Lons-le-Saulnier, no Jura, pela primeira vez. Tinha então uns quinze anos. Chegando a determinado lugar, disse imediatamente: - Mas eu conheço este lugar, eu já o vi.- Olhei atentamente para umas três ou quatro casas que me pareceram quase familiares, e afirmei: - Há ali, mais adiante, à direita, uma casa com uma escadinha de seis a sete degraus. Procurei-a e achei-a. Fiquei tão impressionado com esse fenômeno que, à tarde, dando a minha sessão, tinha o espírito agitado, e os meus cálculos não tiveram a precisão de costume.

A propósito, refere Flammarion o que lhe contara o Sr. Hutt, redator do *New York Herald*:

Por ocasião da abertura do canal de Suez, servia como marinheiro, num navio de Gordon Bennett. Saindo de Suez, ele notou, à margem do Nilo, aspectos que o impressionaram, como se já os tivesse visto, e de tal modo, que adivinhava os que iam aparecer. A reminiscência era completa em todos os pormenores; o mesmo sucedeu no dia seguinte. Lembrou-se, ainda, do sítio em que estava a sua sepultura e a achou. Em certo momento, procurou uma paisagem que não encontrava; informou-se, e soube que as antigas árvores não mais existiam.

M. Hutt, declarara o astrônomo, é um homem positivo. E acrescenta:

Eis aí duas observações pessoais, muito preciosas que, segundo creio, não se podem explicar senão pelos conhecimentos fortuitos de vidas anteriores.

Lembra, ainda, o caso do Padre Garnier, já citado em *La Mort et son Mystère*. Esse cônego viajava pela Itália; ora, sucedeu que três anos antes vira, em sonho, pitorescos episódios dessa viagem com detalhes originalíssimos e singulares.

Pessoalmente - é ainda ou ex-Diretor do conservatório de Juvisy, quem diz - poderia assinalar um curioso fato, cuja origem não me foi dado descobrir e que se me apresentava várias vezes em sonho. E Camilo Flammarion refere:

Vejo-me, em situação bastante desagradável, conduzido ao suplício, entre homens armados do XV ou XVI séculos. Caminho muito tempo por uma velha rua da idade média, sabendo que estou condenado à morte. Meu sonho termina antes do momento fatal.

Um dia, numa sessão de espiritismo, asseguram-me que, em existência anterior, eu tinha sido Don Alonzo de Ercilla, poeta espanhol, autor de *l'Araucana*. Tive a curiosidade de ler-lhe a biografia e vi que ele fora condenado à morte em consequência de uma rixa, e depois perdoado. Nasceu em Madri em 1533. (12)

Nota-se no episódio, primeiro o sonho, sem justificativa de qualquer espécie; depois a sessão espírita que o esclarece; finalmente a pesquisa do astrônomo em referência à biografia do autor de *Araucana*, que tudo confirma. E é testemunha pessoal Camilo Flammarion.



É muito mais claro supor que aquele momento trágico da vida de Ercilla ficasse, mais que quaisquer outros, profundamente gravado no espírito do poeta. Este sulco na alma, tornado indelével, mesmo através da opacidade da matéria, é que surge nos momentos de liberdade do sonho, lembrando a passagem tenebrosa.

E a essa explicação fácil e clara, opõem-nos uma série de hipóteses, obscuras e inaplicáveis, onde sobressai a da célebre memória ancestral, memória que não sabemos como seria aqui encaixada, fora das reminiscências do próprio Espírito, em vida anterior, nem como poderia ser ela justificada como produto material.



Vejamos, agora, um caso onde mais perfeita se nos apresenta a idéia da volta do Espírito, a exemplo do conhecido episódio relatado por Flournoy, de que era médium a célebre sensitiva Helena Smith. Ele é um tanto longo e somos forçados a resumi-lo de muito. Consta do *Journal of S. P. R.*, vol. XIII. É endossado por diversos membros da Sociedade, e por ele se responsabiliza a senhora Spapleton, figura importante na referida Sociedade.

Uma distinta senhora conta que aos seis anos de idade vira sua mãe com os trajes do século XVIII, isto sem conhecer nenhuma gravura ou retrato dessa época.

A história de Maria Antonieta comovia-a a lágrimas, e ela sentia pela malograda rainha inexplicável afeição, com uma espécie de indefinível saudade.

Certa vez, em casa de amigos, entrando num quarto, viu Maria Antonieta, em pé, junto a uma pequena mesa. Não era a mesma; parecia espantada, agonizante, com os olhos sem brilho, fixando-a estranhamente. Sua cabeleira, esbranquiçada, tinha um simples nó sobre a cabeça.

Um ano após, indo a Paris, visitou o museu Grévin; recebeu um choque, percebendo a rainha numa figura de cera; era a reprodução exata de sua visão, em casa dos amigos, com exceção dos traços de agonia.

As visões com Maria Antonieta tornavam-se constantes, e ela deixava de revelá-las para evitar as risadas e jocosidades que seus relatos provocavam. O mais interessante é que nessas ocasiões se via como homem.

Passeando por lugares onde nunca estivera, Saint Cloud, Marly, Versalhes, tinha a sensação de que já vira todas aquelas paisagens. Ao visitar o palácio de Versalhes, com uma criada, indicou previamente vários lugares e como era. Em caminho pelo parque, enchia-se de recordações, que não sabia precisar. Voltando lá, no dia seguinte, com alguns amigos, foi designando as diferentes alas dos apartamentos outrora habitados pela família real; entrou por diversos compartimentos, atravessou corredores, abriu e fechou portas e, com absoluta segurança, como se fosse íntima de palácio. Chegou, afinal, com espanto de todos, aos aposentos reais, sem que pudesse explicar como os conhecia. Eu creio – dizia – que se me deixassem aqui com os olhos vendados, poderia reconstituir sua disposição exata, com o mobiliário antigo.

O Trianon ainda lhe era mais conhecido. Traçara um monograma de Maria Antonieta, que era o fax-símile do que se encontrava nas escadarias do Trianon.

Do castelo de Marly, de que só existiam ruínas, fez dela uma descrição perfeita. Em Paris, não podia passar na Rua Saint Honoré sem estremecer e nada a faria atravessar a Praça Concórdia em determinado ponto.

Uma noite experimentou horrível pesadelo: ouvia os urros selvagens da população, e espiando pela janela viu Maria Antonieta passar na carreta; momentos depois achava-se em meio à multidão, lutando por abrir passagem, e a gritar: - Deixem-me aproximar-me da rainha. Depois, ia ela mesma, a vidente, para o cadafalso, e batia freneticamente nas pernas do carrasco para impedi-lo de cumprir sua sinistra tarefa.

Aqui acaba o relato. Quem conhece os episódios da trágica Revolução Francesa percebe a exatidão das visões. Quem sabe dos dolorosos trâmites por que passou a desventura rainha, mormente no seu trajeto para a guilhotina, compreenderá os desesperos da vidente, como a recordação de uma testemunha da época, a testemunha que era ela, então um cavalheiro, e co-participante do drama, já como amigo da rainha, já como familiar da Corte, já finalmente por ter ido também ao instrumento da morte, íntimo que era da família real, e mais ainda, por sua manifestação de piedade junto a carreta fatídica. Naquela época, justamente denominada do *Terror*, os gestos de bondade para um condenado eram um convite seguro para a morte.

Mais um caso, que lamentamos não poder transcrever por extenso.

Laura Raynaud, desde criança, contrariando as tradições da família, recusava-se ir à Igreja, e afirmava que o espírito volta à terra em outro corpo. Nunca tais idéias lhe foram ensinadas ou sugeridas.

Lembrava-se de já ter vivido e descrevia a casa em que morara, ampla, confortável, com terraço, grandes janelas... Descrevia, ainda, a vida que aí vivera. Via-se jovem, doente do peito, errando num parque. A morte a surpreendera por volta dos vinte e cinco anos. Chamara-se Jeanne. Fora enterrada numa igreja. Depois reencarnou numa aldeia de Aumont, no Somma.

Em 1913, Durville convida-a a ir à Itália. Chegam a Turim. Ela tem a impressão de que a região não lhe era desconhecida; já vira aquelas paisagens... Nunca porém fora à Itália nem lera nada a respeito desse país. Chegam a Gênova. Já as impressões se tornaram mais fortes: vivera ali; era agora a certeza.

Saíram a passeio, em busca da antiga morada. Em breve a perceberem; lá estava ela com todas as indicações anteriormente fornecidas. Dúvida nenhuma. Pertencera à família S., muito conhecida. Lá morrera Jeanne.

Na igreja de São Francisco d'Albaro descobrem um registro de óbito que responde exatamente as indicações fornecidas pela senhora Raynaud.

Finalmente, a senhora D'Elphes, sonâmbula, completa o rol de provas que o Sr. Durville já possuía. A vidente disse tudo o que se achava numa ata que ele tinha em mãos e que ainda não havia aberto. Pois lhe acabava de chegar pelo correio. Referia-se a ata a informes que mandara buscar na Itália. E a vidente foi declarando o nome da falecida, Jeanne, o lugar onde foi enterrada, com o nome da família e alguns pormenores.

Mais tarde, em presença da Sra. Raynaud, declara:

- "Jeanne está reencarnada." Continua a prestar informes que espantam os circunstantes. Finalmente, apontando para a Sra. Raynaud: - Ali está Jeanne.

Hão de concordar que há aqui uma série de coincidências e concordâncias que não são para desprezar.

Difícil seria invocar a memória ancestral. Não sabemos se tenha observado que uma lembrança fosse transmitida de um ascendente a um descendente. Passemos adiante.

PRENÚNCIO DE REENCARNAÇÃO

Há os espíritos que predizem e avisam sua nova encarnação. É preciso notar que não se trata de fato premonitório, dadas as circunstâncias de que se reveste o fenômeno e as concordâncias que se verificam.

Refere L. Péjone, em *Survie*:

Brizollara perdera em 1926 uma filhinha de oito anos, inteligente, muito dedicada à música, pois transpunha desde os sete anos.

O pai, ateu, tornou-se médium. Em 1927 obteve, pelo lápis, uma comunicação cujo escrito se assemelha à de sua filha, e ela diz:

- Não chore; serei substituída a 28 de março de 1928 por um irmão.

Brizollara comunica o fato aos amigos e depois de mais de um ano, na data anunciada, torna-se pai de um menino. No curso de 1930, a senhora Brizollara espera uma criança em dezembro, e o marido, pela mesma letra da filha, recebe a frase seguinte:

- Voltarei a 12 de novembro e serei ainda uma menina.

A 12 de novembro a esposa punha no mundo uma filha. Esta criança, parecida espantosamente com a outra, tem duas pequenas manchas de vinho no pescoço, no mesmo lugar em que a outra tinha manchas idênticas.

A menina, que se chama Poupette, tem cinco anos. Por diferentes vezes manifestou lembrança de sua antiga existência, na qual trazia o nome de Zezette. Certa vez um marceneiro veio à casa dos Brizollara; quando o marido chegou, disse-lhe a mulher - O filho do Pai Peru está aí; e a criança logo exclamou - Ah, é o Pays - sobrenome do pai de Peru. Ora, este morrera havia muito, e Poupette não o conhecera, mas Zezette dele se lembrava porque na precedente existência ia buscar bombons com ele.

A mãe abriu o piano, havia muito fechado, e começou a tocar, e a criança logo disse: - Mas Zezette sabe tocar isso. Era a música que a finada preferia.

Diz a menina a uma amiga - Eu tive brincos. - E a outra. - Mas tuas orelhas não são furadas. - Sim - Responde a criança, - mas eram antes, e eu tinha brincos.

Poupette - diz o pai - tem de Zezette o mesmo físico, o mesmo moral, os mesmos dotes musicais. (13)

O senhor Fajardo perde uma filha de cinco anos, chamada Ninie. Prestes a morrer, e vendo as lágrimas da mãe, ela lhe diz: - Não se aflija; não partirei para sempre; voltarei num domingo do mês de abril.

Num domingo de abril nasce uma segunda filha. É o retrato, são os modos da outra. Certa vez disse a menina, inesperadamente: *Eu sou Ninie*.

Que poderia ela saber, aos cinco anos, de renascimento, da volta ao mundo?

A narrativa que se segue é feita pelo capitão Florindo Batista. (*Ultra*, Roma, 1912).

O casal, nascido na Itália, perde uma filha. Certa noite, a mulher acorda, vê a filha com seu aspecto alegre infantil, que lhe diz: - Vou voltar.

Seis meses depois nascia uma criança muito parecida, em todos os sentidos, com a menina falecida. Seguem-se várias coincidências, de que destacamos esta: a finada tinha uma nutriz, suíça, que só falava francês. Ela aprendera nas montanhas uma cantilena - diz o Autor - que devia ter saído do cérebro de Morfeu, tais as virtudes soporíferas. A ama, após a morte da criança, voltou à sua terra, e a cantiga foi completamente esquecida.

(13) L. Pejone – *Survie*, 1926. *Revue Spirite*, 1936, pág. 416.

Passaram-se nove anos. Há uma semana - refere o pai – achávamo-nos na sala, quando ouvimos no quarto, como um eco longínquo, a ouvidada cantilena. Chegados ao aposento, vimos a criança sentada; e era ela que cantava com a letra e a acentuação francesas, que não conhecia. Perguntou-lhe a mãe quem lhe ensinara a canção. Não sei - respondeu a menina ingenuamente. - Não foi ninguém; eu sei por mim mesma.



Há as comunicações dadas nos centros espíritas. Tal espírito diz que vai encarnar. Às vezes menciona a família em que deve aparecer, apresenta sinais, diz o sexo, dá indicações e faz previsões exatas. Pouco depois cessam, no centro, as manifestações de seu espírito. Nasce uma criança na casa e na família indicadas; os sinais e tudo o mais correspondem ao que fora prenunciado.

Consta dos anais do Psiquismo o caso dos gêmeos do Dr. Samona. Esse médico e sua senhora são pessoas muito conhecidas e de distinta linhagem italianas.

Em 1910, o Dr. Samona perdia uma filha de cinco anos, de nome Alexandrina.

Três dias depois do falecimento, a Sra. Samona sonhou que a filha lhe dizia - Eu voltarei, assim pequena...

A progenitora, incrédula, continua inconsolável; tendo sofrido uma operação, julgara impossível nova maternidade. Quando, em certa ocasião, chorava e lamentava a perda de sua filha, ouviu três pancadas na porta. Para ela se dirigiram os filhos do casal, gritando - É a tia Catarina; mas grande foi a surpresa quando não viram ninguém.

Resolveram os pais ir a sessões espíritas. Na primeira se apresenta duas entidades; uma se disse Alexandrina; tinha a mesma linguagem infantil; a outra se exprimia corretamente. Disse Alexandrina que fora ela que aparecera em sonho, e que dera as pancadas para que a mãe, numa hora de angústia, tivesse sinal de sua presença. Por fim, afirmou, insistentemente, que voltaria pelo Natal. Em abril houve as primeiras suspeitas de gravidez; em maio novo aviso da volta da menina, que declarou viria com outra.

A mãe parecia decepcionada quanto a um futuro parto, dadas as condições em que se achava. Dir-se-ia impossível a realidade da gravidez, e mais, que se ela houvesse, chegasse a termo; duvidava ainda que pusesse no mundo dois seres, porque nunca lhe sucedera, nem a pessoa de sua família; e que fossem duas meninas.

No quinto mês, o Dr. Vincent Cordeiro diagnosticava, com reservas, um parto duplo, o que era confirmado pelo afamado Dr. Giglio, dois meses depois. Perto do Natal, nasciam as duas meninas. Eram muito diferentes, porém uma delas dir-se-ia a cópia fiel de Alexandrina. Entre outras, havia uma particularidade: tinha como a finada irmã, hiperemia no olho esquerdo, seborréia na orelha direita e ligeira assimetria na face.

O caso está cheio de farta documentação e provas testemunhais.

Em 1913, o Dr. Samona volta ao assunto para declarar que, do ponto de vista físico e moral, era fricante a dessemelhança das gêmeas, o que fazia ressaltar a semelhança de uma delas com a finada Alexandrina. Assim, por exemplo, ela é calma, enquanto a outra gêmea é viva e inquieta; brinca tranquilamente, fala só, à meia voz, fica muito tempo ocupada; é cuidadosa, trata das roupas, e tudo isto se diriam uma repetição exata do que fazia e de como procedera a morta. É muito agarrada com a mãe; a outra era assim, o que já não se dá com a irmã viva. Ao ouvir um ruído mais forte oculta-se no seio materno, dizendo -*Alexandrina si spaventa*, tal como fazia a outra.

Não brinca com bonecas, prefere as crianças de sua idade, é asseada, não gosta de queijo nem de sopa, tudo como Alexandrina. E ainda como Alexandrina, abre os armários,

tiras as botinas, brinca com elas, e sai com um pé calçado e outro descalço, atrapalhando-se, com riscos de cair.

Há um fato que a irmã do doutor aguardava sem nada revelar. A primeira Alexandrina, por capricho ou graça, aos dois anos, trocava os nomes das pessoas.

Grande foi a alegria da tia, vendo na nova sobrinha, quando aprendeu a falar, a mesma facécia.

Finalmente, diz Samona, o desenvolvimento da vida de Alexandrina atual é para nós, como um mesmo filme cinematográfico, já desenvolvido na vida da outra.

Em 1921, Lancelin publica em *La Vie Posthume* mais algumas notas: a atual Alexandrina fica apavorada à mais ligeira dor de cabeça: a outra morrera de meningite; os pais falaram de uma ida à Monréale, em que, diziam, havia a mais bela igreja Normanda e onde as filhas iriam ver o que nunca viram.

Elas já estão crescidas. Mas Alexandrina replicou:

- Já estive lá. - E descreveu a estátua que existia no templo, as pessoas que a acompanharam a essa visita, em sua primitiva encarnação, uns padres de roupas vermelhas e azuis e uma senhora com chifres.

Os pais recordaram tudo aquilo, salvo os chifres da senhora. Até que se lembraram ter havido, de fato, na companhia deles, uma senhora com excrescências na cabeça; ela pretendia ir à Palermo, a fim de consultar um médico.

Esta narrativa, aliás muito resumida, já nos dá a idéia, diante dos incidentes que a rodeiam, da base sólida em que os reencarnacionistas se firmam.

TRANSFIGURAÇÃO

Muitos autores apelam para a sugestão e auto-sugestão, a fim de explicar a maioria dos fenômenos, como os que aqui temos mostrado. Entre esses se achava Luís Gastin, conhecido escritor e psiquista. Entretanto, escrevendo a Gabriel Dellane, ele lhe narra o seguinte, que sintetizamos:

Costumava, grande hipnotizador que era, fazer que duas moças, de nome Aimée e Juliette, adormecessem, a fim de obter fatos de vidência sonambúlica. A mais jovem, Aimée, apresentava interessantes manifestações de sonambulismo lúcido; a outra era uma paciente medíocre, de fracos resultados. Quando muito, costumava sobrevir-lhe um estado cataleptóide e não passava disto.

Um dia, ao olhar para Juliette, adormecida, ela lhe disse, bruscamente: É curioso! Não o vejo mais, ou antes, vejo-o envelhecido, calvo, com o olhar severo. Não é bem o senhor, mas é a sua expressão; sim, é um velho parecido, e por trás de sua fisionomia fria e grave, que me espanta, eu o vejo tal como conheço, vivo e sorridente.

Descreveu depois uma série de rostos, de várias idades, homens e mulheres, que vinham como máscaras vivas, mas frias, colocar-se diante da fisionomia de Gastin, e sempre com a mesma expressão de olhar.

Essa porta da alma - refere o missivista - que é a expressão fisionômica, o *sujet* conhecia em todas as visões, como sendo a minha; estava ali a característica de minha individualidade.

Depois, tudo desapareceu. O escritor perguntou, então, a paciente, o que representariam aquelas curiosas visões caleidoscópicas. Juliette nada soube responder, mas a irmã, a Aimée, o bom *sujet*, que também se achava sob a ação hipnótica, lhe disse: - São as suas existências precedentes.

Luís Gastin, que estava muito longe de perfilhar qualquer doutrina espiritualista, e muito menos a espírita, fez novas experiências, no sentido de descobrir o papel da sugestão ou da auto-sugestão, porém nada conseguiu.

Vem a propósito um caso pessoal. Freqüentávamos, nós e um amigo, a casa de Rui Barbosa. Eu, moço ainda, ia em companhia de meu pai. E o amigo, também jovem, contou o caso singular que com ele se passava, julgando-se vítima de alguma alucinação. É que via sempre junto ao Rui, principalmente quando ele falava, a figura de um Papa. Mas a expressão, os modos, o jeito do Rui são os mesmos no Papa; ele é o Papa com caras e vestes diferentes. E uma coisa como que me diz - aquele Papa é o Rui .

- Você houve alguma voz?

- Não, não ouço coisa alguma. É uma idéia, compreende?...

Não compreendemos nada, nem lhe podemos dar qualquer explicação, desconhecendo naquela época o espiritismo, de que tínhamos grandes receios e nenhuma vontade de nos meter nele.

Sabemos agora do que se trata. O Rui teria sido Papa. Há alguns indícios da veracidade do caso. Rui Barbosa sempre teve grande inclinação para os assuntos religiosos, mormente os que diziam respeito ao papado. Haja vista o seu interesse pelo - *O Papa e o Concílio*. Certa vez, em conversa com meu pai, de quem era íntimo, lhe disse: - Eu falo e escrevo sobre política, porque estou metido nisto, e já agora não posso mais recuar. Mas o meu ideal é o púlpito. Se pudesse abandonava tudo e ia para a tribuna religiosa. Nasci para orador sacro; parece que vim ao mundo assim.

Coincidências, dirão. Mas essas coincidências é que constituem a prova. Acreditava, sobremaneira, no Espiritismo, mas tinha sempre uma lamparina acesa diante de Nossa Senhora.

Vimos examinando várias hipóteses aventadas para justificar, fora da reencarnação, os fenômenos que a demonstram. Onde, porém, elas se tornam insustentáveis, é no chamado fenômeno da regressão da memória. Iremos vê-lo.

REGRESSÃO DA MEMÓRIA

O hipnotismo trouxe-nos grandes revelações. Uma delas é a de que a memória não se perde. Todos os acontecimentos da vida, todas as sensações ficam arquivadas em nosso ser espiritual. E, por força da sugestão hipnótica, ou mesmo independente dessa sugestão, ocasionalmente, e espontaneamente, ou por uma causa qualquer, o indivíduo se apresenta em determinada fase de sua existência, com os conhecimentos, os sentimentos, as idéias da época evocada. Chama-se a isto - a regressão da memória. É o ser tal como era, na idade sugerida pelo hipnotizador ou revelada pela crise. Assim, o indivíduo, em certos momentos, pode apresentar-se num diferente estado d'alma. Há mudança de personalidade, com esquecimento do estado normal.

Que o indivíduo conserva a memória de tudo, observamo-lo nos pequenos atos da vida. Fatos absolutamente esquecidos surgem-nos, de repente, à lembrança, como uma revelação. Outros aparecem no sono provocado ou se apresentam no sono comum.

Conta o Dr. Dufay, conforme um relato de Pitres (*Leçons sur l'hystérie et l'hipnotisme*) que uma jovem empregada colocara numa gaveta umas jóias, varrendo-se-lhe o caso inteiramente da memória. Dando falta das mesmas, a dona acusou a criada e ela foi presa por isto.

Resolveu o Dr. Dufay hipnotizá-la a fim de descobrir a verdade; adormecida, a moça contou que guardara as jóias num móvel com medo as roubassem e indicou onde se achava. Informado do acontecido, o Juiz de Instrução foi à casa da dama furtada e achou as jóias como o havia dito a sonâmbula. Demonstrada a sua inocência foi ela posta em liberdade.

Pitres, na obra citada, refere vários casos de regressão, que ele denomina ecmnésia. Uma rapariga de vinte e oito anos, durante o delírio ecmnésico, volta aos sete anos de idade, época em que cuida de uma vaca. Costumava ela então ajoelhar-se à beira da estrada como quem apanha flores; depois põe-se a cantar, conversa com uma vaca imaginária, brinca, pula. Quando a interrogam quanto à sua vaca, à sua avó, aos habitantes da aldeia, responde com linguagem e ingenuidade infantis, mas com extrema precisão. Se o interlocutor se refere a acontecimentos posteriores, ela se mostra espantada e nada compreende.

Até aos sete anos só falava o dialeto local; mais tarde é que aprendeu o francês; assim, durante a crise, só se expressava no referido dialeto, e, se lhe dirigiam a palavra em francês, respondia que ignorava a língua dos senhores da cidade.

Psiquistas curiosos não se limitaram às manifestações espontâneas; resolveram provocar o fenômeno, aplicando passes magnéticos. Como exemplo de regressão provocada temos o caso descrito por Bourru et Burot:

Jeane, hipnotizada, é conduzida aos seis anos. Ela está em casa dos pais, abre castanhas, tem sono, quer é ir para a cama... Nesse estado fala o limosino, dialeto de Limoges, e mal sabe as primeiras letras. O hipnotizar leva-a aos dez anos, sua fisionomia já não é a mesma, nem pois seus modos. Acha-ser no castelo da família; vê os quadros e os admira; pergunta por suas irmãs e as vai esperar na estrada; refere-se aos vários incidentes e acontecimentos passados nessa época. Vem aos 15 anos; evoca as lembranças desse período; escreve o *Petit Savoyard*; quando acorda, espanta-se de o haver escrito: já nem se recordava mais.

Pierre Janet, (*L'Automatisme Psychologique*), sugere à sua paciente Rose que ambos se acham, não mais em 1888, mas em 1886. Eis que a moça começa a gemer, queixa-se de que não poder andar, que está muito cansada...

- Mas que tem você? – pergunta o psicólogo.
- Nada. Em minha situação...
- Que situação?

Ela responde com um gesto, mostrando o ventre que inchara subitamente. O experimentador havia-a levado, sem o querer, a um período da vida em que estava para ser mãe.

Não convém esquecer um fenômeno que demonstra a persistência da memória: é a chamada “Visão panorâmica” ou “Memória sintética” na eminência da morte, conforme o título que Ernesto Bozzano deu a uma de suas monografias.

Nas ocasiões de perigo gravíssimo, quando o indivíduo está prestes a sucumbir por um acidente qualquer, num desastre, começo de asfixia, enforcamento ou afogamento; por um inopinado ataque que o conduz às portas da morte, ele vê, numa visão panorâmica, transcorrer, diante de sua consciência, todos os atos, todas as cenas de sua vida prestes a extinguir-se, com o sentimento do bem ou do mal que praticara; com a satisfação num caso e o arrependimento no outro, mais ou menos intenso, conforme o grau de sua espiritualidade. Dir-se-ia uma visão cinematográfica, em que a tela, apesar da rapidez com que essa visão se desenvolve, faz rever os mínimos incidentes da vida, transcorridos até aquele momento.

Teremos, como os exemplos acima, preparado o terreno para o conhecimento e compreensão de experiências célebres, que demonstram a sucessão das vidas.

Certo de que a memória não se perde, que o espírito é uma espécie de chapa onde tudo fica indelevelmente gravado, não é de admirar que, levando mais longe o processo da regressão, se chegue, não só às fases afastadas da vida presente, como às da tenra idade, se não ao período precisamente anterior, que é o da vida no espaço, e aos da vida antecedente.

Pelo método experimental, conseguiu-se a regressão da memória do paciente, e, conduzindo-o mais longe, chegou-se ao inesperado, à vida no Além, e às vidas pregressas.

Conta Bouvier que usando dos referidos processos, conseguiu regredisse o paciente à vida do espaço. O interessante é que, na volta à vida presente, tal como teria dado ao nascer, nota o esforço do Espírito por subtrair-se à força invisível que o atrai ao seio materno. Verificava-se o ensino espírita, o qual nos diz que a volta à vida é mais penosa que a morte, ou seja, a volta ao espaço.

Já Fernandez Colavida, em 1887, tentou provocar numa sonâmbula a lembrança de passadas existências. Magnetizou-a em alto grau e ordenou-lhe que regredisse à véspera, à antevéspera, a uma semana, a um mês, a um ano antes, e assim até levá-la à infância. Não contente, conduziu-a mais além, e ela referiu-se à morte, à volta e à vida no espaço; mergulhou-a em sono mais profundo e ela chegou a quatro encarnações, de que a mais antiga era uma vida selvagem. Em cada existência, os traços fisionômicos, os gestos e os modos, o hábito, a linguagem, os conhecimentos se lhe alteravam profundamente.

O engenheiro De Rochas, ex-administrador da Escola Politécnica de França, foi quem mais se ocupou desse gênero de experiências. Foi ele quem ousou levar mais longe e por mais tempo o fenômeno da regressão da memória.

Vejamos o que nos diz:

Quando fiz os primeiros ensaios, parava logo que o paciente, transportado à primeira infância, já não sabia responder; pensei que não fosse possível ir mais além. Tentei um dia tornar mais profundo o sono e grande foi o meu espanto quando, interrogando o paciente, achei-me na presença de outra personalidade, que dizia ser a alma de um morto, que usara tal nome e que vivera em tal país. Fiz reviver o morto e ele percorreu a sua vida precedente.

Podia assim remontar a muitas existências anteriores. Os *sujets*, quaisquer que fossem as suas opiniões no estado de vigília, apresentavam o espetáculo de uma série de individualidades, cada vez menos adiantadas moralmente, à medida que se remontava o curso das idades. Em cada existência expiavam-se, por uma espécie de pena de Talião, as faltas da existência precedente, e o tempo que separava duas encarnações se passava no meio mais ou menos luminoso, conforme o estado de adiantamento do indivíduo. (14)

De rochas descreve as suas numerosas experiências, tendo podido verificar a exatidão do que diziam os pacientes adormecidos quando revelavam suas existências anteriores. Na esteira de Albert de Rochas seguiram vários experimentadores como Tartaruga, Lacoste, Bertrand, Marata, Bouvier e outros mais.

Alguns fatos narrados pelos sonâmbulos não puderam ser devidamente comprovados, o que não quer dizer que não fossem reais. Se procurarmos indagar da vida de pessoas que existiram em épocas remotas, é de crer que nada encontremos. E isto deverá acontecer, principalmente na França, onde as guerras têm feito tantos estragos e a Revolução Francesa timbrou em arruinar tudo. Cidades inteiras, com palácios, monumentos e arquivos eram destruídos à picareta, a martelo e a fogo.

Temos o exemplo mais recente. Um amigo nosso, o erudito Dr. Canuto Abreu, foi à França, para completar as suas notas, ou ratificá-las, em vista de importante obra em elaboração. Já não encontrou nada. A invasão apagara tudo.

Não terminaremos sem lembrar as hipóteses com que se procura rebater a doutrina da reencarnação e anular as deduções extraídas dessas célebres experiências. É que se trata – dizem - do plasma germinal eterno, de sugestões e auto-sugestões; as regressões não seriam mais que lembranças hereditárias, provenientes de longínquos antepassados. Nada mais difícil do que a demonstração de proposições negativas. Como os doutos não nos apresentam provas daquelas asserções, poderíamos ficar de braços cruzados, à espera das demonstrações. Elas não virão, com certeza. Vamos portanto mostrar, já que seria inútil esperar por eles e elas, como são insuficientes as suas suposições.

Provou-se que nem o experimentador nem os experimentados tinham idéias espíritas. Muito pelo contrário, diziam-se católicos os pacientes, e o que sabiam era o que o catecismo católico afirmava ou os pais lhes ensinavam. Mas, em vez de se transportarem as almas, nas comunicações regressivas, a um céu, ao paraíso ou ao purgatório, o de que falavam era da vida do Espaço, dos sofrimentos da erraticidade, da luz ou da falta de luz, conforme as suas faltas, do processo da encarnação, de como entravam no pequenino corpo, das lutas e agonias que precediam essa entrada, tudo como se fossem discípulos fidelíssimos de Allan Kardec. Dizia a um experimentador “que uma constante se reproduz nas manifestações, as expiações, nas vidas seguintes, das faltas cometidas na vida precedente”.

(14) Albert de Rochas - *Les Vies Successives*.

Quanto à sugestão ou auto-sugestão, não sabemos como se processaria, quando os indivíduos narravam os fatos que só mais tarde, à custa de longas pesquisas iam ser descobertos. E para invocar as lembranças ancestrais, mormente aquelas que vinham de muito longe, era preciso crer que os mesmos ancestrais estivessem profundamente enfronhados nas idéias espíritas, e pensassem em remotas eras como nós hoje, como se fossem eles, os codificadores das novas doutrinas, e no-las viessem agora impingir, através do plasma germinal, enfileirando os ensinamentos contidos no “Livro dos Espíritos” e trazendo-nos as leis de causa e efeito, as provas na terra e no espaço, a maneira de tomar novo corpo, as visões do Espírito, a sua maior ou menor claridade, o arrependimento, as angústias, as alegrias...

Devia haver uma antevisão do que é o espiritismo nas células germinais de nossos avoengos.



Procuramos aqui cumprir um dever que a nossa consciência impunha e que provavelmente trouxemos do berço, em virtude de compromissos tomados. Seria o de mostrar que voltamos ao teatro de nossas iniquidades para expiar as faltas cometidas, e que só subiremos à eterna Luz, quando tivermos deixado diluídas nas lágrimas todas as impurezas de nossas vidas transatas.

EM RESPOSTA

Vamos aproveitar o ensejo e abrir um parênteses para responder, em sucintos capítulos, à crítica que ofereceram ao nosso livro *Reencarnação*, ilustrados Professores e doutos no assunto. Deixaremos, entretanto, de lado as maravalhas e questões de pequena monta, além daquelas de cunho pessoal. Sucede, ainda, que algumas críticas não nos vieram às mãos. Limitar-nos-emos, pois, às questões gerais e edificantes.

O REGRESSO À VIDA

São de um professor estes tópicos:

Diz o Sr. Carlos Imbassahy: - Há espíritos que pronunciam a sua volta e dão nos corpos sinais comprobatórios. Isto o Sr. Imbassahy diz mas não prova... Por que não cita fatos de fácil verificação, em vez de dizer que os anais do Espiritismo registram inúmeros?

Fala-nos, depois, nos espíritos mentirosos, nos perversos, no subconsciente, na maldade dos homens; e isto significa – afirma - que um espírito reencarnacionista pregará a reencarnação.

Expliquemo-nos. O livro é iniciado por uma conferência e aí expusemos o assunto em suas linhas gerais. Seria impossível escorchar nos limites de uma palestra o acervo de fatos que constituem hoje imensa biblioteca. Além disso, supúnhamos falar para pessoas mais ou menos conhecedoras do assunto e a quem deviam ser familiares as grandes obras de Psiquismo, mormente tratando-se de um caso em debate.

Quando nos referimos, portanto, aos inúmeros fatos registrados pelos Anais, fizemo-lo na convicção de que esses Anais não seriam estranhos aos competentes, ou àqueles que se propõem ventilar e esclarecer a matéria.

É balda de nossos adversários, quer se encontre no campo religioso, quer no materialista, falarem nos espíritos mentirosos, nos espíritos enganadores, para fazerem crer que é impossível conhecer-se o que quer que seja, em matéria transcendental. Mas esta escapatória, que se desculparia num sectarista ou num desconhecedor da questão, não se poderá admitir, sem certa estranheza, naqueles que a estudam.

Se alguém se lembrasse de afirmar que nos é impossível qualquer conhecimento em que se faça mister o testemunho, a observação, a indagação, porque os homens falseiam, deturpam e mentem; se se disser que não poderemos possuir qualquer informe, porque o espírito de malícia e da mentira faz parte dos predicados humanos, tal asseveração entraria para o rol das alegações risíveis.

Ora, nos meios forenses bastam duas testemunhas concordantes para a prova do fato, e isto se admite em jurisprudência pela dificuldade de poderem mentir duas pessoas, quando se ajustam os seus depoimentos, mormente se habilmente interrogadas. Aquela dificuldade subirá de ponto com a multiplicidade dos testemunhos. Se dez pessoas que não se conhecem, e que passaram pelo mesmo lugar, disserem que viram ali um sujeito caído, será preciso uma forte dose de incredulidade para admitir que eles estejam enganando. Mas, sem vez de dez, forem cem, duzentos, mil, aí a dúvida já se aproxima do absurdo.

É o que se dá em matéria espírita. Os testemunhos já vêm do passado. Sabem os antropologistas, ou, pelo menos, os modernos e desbravadores, no que toca às religiões primitivas e às dos povos selvagens, que as idéias provêm do fato, daquilo que esses selvagens viram, observaram, testemunharam. Eles crêem em espíritos porque viam, porque vêm Espíritos. Ora, nesses povos antigos existe arraigada a crença da Reencarnação.

Surge a fenomenologia moderna e os Espíritos nos transmitem os mesmos princípios. Não são vozes isoladas, mas ensino generalizado. Milhares de vozes sopram de todas as partes. Além disso, as indagações têm sido de tal ordem que, para julgar mentirosos os informantes, teríamos de admitir que, além da mentira, possuiriam eles no mais alto grau, a astúcia, a habilidade, a perspicácia, a inteligência. Ora, isso não se encontra na Terra, onde o mentiroso cai logo em contradição, e seria impossível encontrar no Espaço essa falange de seres falsos, ao mesmo tempo dotados de surpreendente talento. E, para o inteligente que saísse vitorioso dos testes que se lhe apresentassem, encontraríamos dezenas de estúpidos que logo se deixariam apanhar.

Os Espíritos, já o deveria saber até o Sr. de La Palisse, são criaturas mortas, ou que deixaram o corpo carnal. Como se poderia prever que essas criaturas, indo para o Espaço, logo se adunassem numa formidável turma de falsificadores, e onde quer que se manifestem, nos venham impingir o carapetão das vidas sucessivas? E até aqueles que em vida foram honestos, para logo se transformariam em mentirosos, mal botassem os pés nos umbrais da Eternidade?

Por um fenômeno muito conhecido em Espiritismo, classificado como de identificação, temos certeza do espírito com quem falamos. São por vezes o de pessoas respeitáveis e que nunca passaram por mentazes. Não sabemos se há necessidade de provar o fenômeno.

O fato é que essas pessoas que se identificam por todas as maneiras possíveis; vêem-nas os videntes; ouvem-nas os audientes; respondem correta, exatamente, aos mais cerrados interrogatórios; o que dizem só poderia ser dito pelo ser que se afirma presente. Num fato, porém, único, haviam de mentir, na reencarnação.

E isto se dá em quase todas as regiões. Na própria Inglaterra, onde o vulgo não crê na Palingenesia, onde as criaturas morrem na persuasão de que não voltarão mais a este triste planeta, são inúmeras as manifestações contrárias à opinião geral.

O grande psiquista e filósofo Ernesto Bozzano, em interessante trabalho, como veremos, demonstrou que as principais mensagens de origem inglesa, célebres pelo seu conteúdo ou pelos médiuns que as receberam, são clara ou veladamente reencarnacionistas.

O mesmo argumento expendido acima para os casos gerais de identificação, ter-se-á que invocar no caso particular da codificação de Allan Kardec. Quem conhece espiritismo sabe que Kardec foi um missionário, isto é, o escolhido para apresentar o verdadeiro ensino dos espíritos. Temos a prova disso na permanência desses ensinamentos. Eles ainda estão de pé, apesar do tempo decorrido, apesar de forte campanha contra eles desencadeada, e mais que tudo, apesar do trabalho insano dos antagonistas em lhes provar a falsidade e o erro. E o tempo e as campanhas, em vez de apagá-los, confirmam-nos. Verifica-se a exatidão de tudo o que vieram dizer ao mestre os prepostos da Nova Revelação.

Num ponto, porém, havia ainda todos de falhar, sem qualquer exceção, segundo a opinião adversa: na afirmação de que voltaremos à Terra, de acordo com o princípio da evolução universal, para o fim de nosso progresso e de nossa felicidade.

Haveríamos ainda de perguntar por que seriam reencarnacionistas esses espíritos, quando ainda não se falava, em França, ou mesmo em todo o Ocidente, na doutrina das existências múltiplas.

Temos, pois, que acreditar nesse fenômeno assombroso: - Espíritos de toda a parte dizem-nos coisas edificantes; apresentam-nos fatos comprováveis e comprovados; relatam-nos casos fora de toda a dúvida; identificam-se por todos os meios; convencem-nos da verdade por todas as provas a seu alcance; os enviados para a grandiosa tarefa de Kardec trazem os ensinamentos magistrais que devem encaminhar a humanidade para os destinos da fraternidade e do bem. Há um lance, porém, em que haviam de mentir, segundo a extraordinária doutrina dos oponentes, e mentir grosseira, deslavada, reiteradamente - na referência à reencarnação!

Temos, ainda, as provas cumulativas, e por isso não nos referimos aos diversos fenômenos comprobatórios, como o dos sinais futuros, ou das semelhanças entre o antigo ser e o reencarnado; o das lembranças infantis, o das simpatias e antipatias; o das crianças-prodígios, o do *já visto, já sentido, já ouvido*; o das cenas vivas, palpitantes, em que o ser é transportado a uma fase da vida passada e a reconhece, e sabe que já a viveu; o da sensação de que o indivíduo já esteve em outro corpo; o dos sonhos em que aparecem, ou em fragmentos ou por inteiro, a vida anterior; os prenúncios da reencarnação; a transfiguração, onde se vê, diante da figura atual, a figura do passado, e se notam as semelhanças entre o antigo e o novo corpo; as revelações, por onde se verifica a identidade de caracteres, hábitos, pendores, gostos, inclinações, idéias, entre os dois seres, o ser presente e o ser passado; o da dupla personalidade; o da regressão da memória, que culminou nas célebres experiências do professor Albert de Rochas.

É esta série impressionante de documentos, é este entrosamento de demonstrações, esta seqüência de fatos, são estas provas acumuladas, de diversos gêneros, todas conducentes à mesma finalidade, todas levando à mesma conclusão, que chamamos a prova crucial, conhecida em direito como a *prova robusta*.

Convém lembrarmos este interessante trecho que nos apresentam, a título de argumentos:

O Espírito de um reencarnacionista pregará a reencarnação, o de um cristão, porém, pregará o arrependimento e a regeneração conforme os ensinamentos evangélicos.

Em primeiro lugar se vai fazendo crer que há uma distinção entre cristãos e reencarnacionistas, novidade esta que não pode deixar de ser anotada. Depois, valeria indagar qual o Espírito superior que não prega a regeneração e o arrependimento. Aqueles que trouxeram as edições que formaram o *Livro dos Espíritos* cansaram-se de nos aconselhar o arrependimento e a regeneração, temas que não são apanágio dos espíritos cristãos, senão de todos aqueles, quaisquer que fossem ou sejam as religiões professadas em vida, que se conseguiu elevar aos altos planos da Espiritualidade.

A EVOLUÇÃO TAL COMO É

Dizíamos que cada geração que surge é sempre mais adiantada que a precedente. E um professor indaga: - *Adiantada em quê?*- e se punha a mostrar que as matanças continuam; e disserta longamente sobre a escravidão econômica, o desrespeito à propriedade e a liberdade, e muitas outras coisas demonstrativas de não adiantamento.

Em vista disso, parecerá que a humanidade de hoje é a mesma dos trogloditas; dir-se-ia que ainda vivemos nas cavernas e nos troncos das árvores, a esconder-nos das feras e dos nossos semelhantes, servindo-nos da pedra como instrumento; sem utilidades, além das que se encontram *in natura*, compreendendo um único direito, o do mais forte, e o restrito objetivo de alimentar-nos, defender-nos e reproduzir-nos.

A interrogação - *adiantada em quê* - faria supor que ainda estamos na idade pré-histórica “na qual o homem se exprimia por meio de sons, rumores e monossílabos”.

E para não deixar de citar um autor muito caro aos nossos antagonistas, leiamos Saint-Yves, quando se refere ao homem primitivo:

"Imperfeito quanto possível, selvagem, nu, quase mudo, antropófago, quase animal, não tinha nessa Terra terrível outros aliados visíveis senão ele mesmo, os cães gigantes e os elefantes colossais". (15)

Deve haver um abismo entre esse bruto, que era o homem primitivo, e homem de hoje, criador da Arte, da Indústria, da Literatura, da Filosofia, da Ciência, das obras pias, das associações de caridade, dos empreendimentos altruísticos. É preciso nos lembrarmos das missões Rockefeller, dos sacrifícios da Cruz Vermelha, dos trabalhos do Exército da Salvação, da obra, enfim, quase anônima, onde milhares de criaturas, inspiradas no Bem, erguem asilos, organizam creches, fundam hospitais.

Dir-se-ia ignorar que, depois do hirsuto animal que foi o nosso remoto avoengo, surgiram a Arte que encanta, as Letras que nos deleitam, a Ciência que nos ensina.

E houve o buril de Fídias, e de Praxíteles, o pincel de Rafael e Miguel Ângelo; a tragédia com Ésquilo e Shakespeare, a erudição com Castelar, a lucidez com Spinoza, a sátira com Cervantes, a crítica com Voltaire, a graça com Eça de Queirós.

E ainda o estro com Schiller e Victor Hugo; a epopéia com Homero e Vergílio, a comédia como Aristófanes e Molière, a sinfonia com Haydn e Mozart, o classicismo com Bach, a melodia com Bellini, com Verdi, com Puccini; a ópera com Wagner; o poema sinfônico com Richard Strauss; a genialidade nos sons, na harmonia, na orquestração com o prodigioso Beethoven.

Na pintura, de Polignote até hoje, brilharam astros de primeira grandeza, como Leonardo da Vinci, Tintoreto, Murilo, Velásquez, Van Dick, Rubens, Rembrandt...

O progresso tem-nos apresentado, é verdade, uma série de apóstolos e mártires, desde os antigos desbravadores, na terra e nos mares, até os filósofos idealistas, que recebem hoje nos motejos e zombarias a paga dos seus esforços em prol da Humanidade, como ontem recebia no suplício, no potro, no garrote e na fogueira a ousadia de buscar a reforma do mundo moral ou procurar Deus nas visões do Infinito.

(15) Saint-Yves d'Alveydre – *Mission des Juifs*, Paris, Dorbon, I, pág. 19.

Anaxágoras foi perseguido porque teve a temeridade de achar que o sol era maior que o Peloponeso. Campanella esteve encarcerado por falar no movimento da terra, Kepler por se meter em Astronomia, os dois Bacons, embora em épocas diferentes, por suas idéias avançadas; o jesuíta Fabre, por achar que as escrituras deviam ser interpretadas no sentido figurado, e isto por não incompatibilizá-las com a Ciência. Outros, como Galileu, tiveram que retratar-se. Copérnico escondia os seus descobrimentos.

Iríamos longe na enumeração. Inúmeras criaturas foram lançadas à chama, em vista de procurarem trazer a luz aos seus contemporâneos. Assim João Huss, Giordano Bruno, Ceco Dáscoli. Pedro d'Albano, mais feliz foi queimado apenas em efígie, e Antônio Dominici já era cadáver quando o incineraram.

Plínio vai a Stábia salvar as vítimas do terremoto e é absorvido pelo Vesúvio. Outros são vítimas da ignorância e da maldade dos próprios semelhantes. Harvey, que descobriu a circulação do sangue, viu-se coberto de ironias e injúrias. Galvani, um precursor dos mais interessantes descobrimentos da física moderna, foi cognominado o mestre de dança das rãs; ele dizia que era atacado por duas grandes classes - a dos sábios e a dos ignorantes. Jouffroy, porque quis aplicar o vapor à navegação, ficou sendo chamado *Jouffroy la Pompe*; e grandes gargalhadas provocou a sua inaudita pretensão de querer conciliar o fogo com a água.

Moncel quase é estrangulado quando levou o fonógrafo à Academia de Ciências. Mayer, fundador da Termodinâmica, por tal forma se viu maltratado, injuriado, ridicularizado, que se atirou por uma janela. Ohm Não chegou a suicidar-se, mas passou por louco.

Outros viveram em constante luta com a adversidade e não desanimaram. Bernardo Palissy, o criador da cerâmica, queima os seus móveis e vende o último utensílio para continuar os seus inventos; acusado de huguenote é preso e remetido à Bastilha, onde falece; Blasco de Garey, que foi o primeiro a ensaiar a máquina com caldeira, paralisa as suas atividades por falta de recursos; Denis Papin, que inventou a máquina a vapor de pistão, viu em Mundem destruído o seu invento, isto é, o seu batel de rodas, pelos barqueiros alemães; Roberto Fulton dedica-se de corpo e alma aos inventos náuticos, e sente de perto a ruína quando lhe afundam o barco no Sena; não capitulou, e mais tarde, o Clermont, navio a vapor, sulca as águas de Nova York.

A ascensão tem sido lenta, enredada de escolhos, cheia de empecos, mas segura.

Ambroise Paré, o precursor da cirurgia, aboliu os processos bárbaros do azeite fervendo e do ferro em brasa; Guttemberg descobre a imprensa, Niepce, a fotografia; Daguerre, a fixação da imagem; Franklin, o pára-raios; Arkright, a máquina de fiação; Watt, a máquina a vapor; Stephenson, a locomotiva. Pestallozzi instaura novos processos no terreno da Pedagogia; Hahnemann revoluciona a Medicina com o *similia similibus curantur*; Zamenhoff abre à comunhão dos povos, com o Esperanto, o mais fácil processo para transmissão da linguagem. O abade L'Epée e Luís Braille ensinam, respectivamente, aos surdos-mudos e aos cegos, a comunicação com o mundo exterior; os sinais daquele e o alfabeto deste mostram que o homem procura amparar o homem nas desgraças proporcionadas pelo destino.

Bartolomeu de Gusmão descobre o Aeróstato e Santos Dumont, a sua dirigibilidade. Francis Galton é o criador da Eugenia. Graham Bell inventa o telefone, Édison o fonógrafo, a lâmpada incandescente, o megafone, o bonde elétrico, aparelhos vários de laboratório. O casal Curie nos deu as maravilhas do rádio, Marconi o telégrafo sem fio, Hertz as ondas que têm o seu nome; Clerk Maxwell e Eduardo Branly abrem caminho para a radiotelegrafia.

Não ponhamos de lado, de Ptolomeu a Flammarion, a plêiade luminosa dos que sondam o espaço: Ticho-Brahe, Huyghens, os Cassini, Newton, Halley, Lagrange, Herschell, Laplace, Arago, Leverrier...

Impossível esquecer o impulso que teve a Filosofia com Platão, a Matemática com Cauchy, a Química com Berthelot, a Botânica com Jussieu, a Zoologia com Linneu, a Física com Bernouille, e especialmente a eletricidade com Volt, Watt, Ohm, Kirchoff; a Economia Política com Batista Say, a Mecânica com Laplace e Torricelli, a Biologia com Mendel, a Fisiologia com Richet e Pavlov.

A esses se juntam os luminares dos descobrimentos médicos, os grandes benfeitores da sanidade física: Hansen descobre o bacilo da lepra; Koch, o bacilo da tuberculose, Pasteur, os microrganismos e a vacina da raiva; Jenner, a da varíola; Carrol, Agramante e Reed, os vetores da febre amarela; Grassi e Masson, o papel que representam as anofelinas na transmissão do impaludismo; Yersin, o da pulga na calamidade da peste; Richet a anafilaxia, Fleming a penicilina.

É de causar vertigens o pego entre a medicina antiga e a de nossos dias. Cada ano fornece maiores e mais maravilhosos descobrimentos.

Não resiste a malária aos processos profiláticos; os vírus perdem o seu poder; o veneno do micróbio diftérico transforma-se num toxóide e este passa a ser um defensor da vida; a escarlatina, a pneumonia, o tifo já não causam terror; a tuberculose entra a recuar ante as armas modernas de combate, assim como o raquitismo diante das vitaminas, os pneumococos e outras Cocáceas diante das sulfas.

E agora, os grandes valores morais, Lau Tseu, Confúcio, Buda, Sócrates, Jesus, o Cristo, e o cortejo dos vultos do Cristianismo, onde se inscrevem Francisco de Assis, Antonio de Pádua, Vicente de Paulo, Francisco de Paula...

Como duidar-se da Evolução?

Certo, ainda estamos longe de possuir uma estância de felicidade, de sabedoria, de bondade, de honradez. Certo, os homens ainda são ruins. Campeia a maldade.

Di-lo bem o professor – as matanças continuam. Mas a natureza progride lentamente. A noção do Bem vai-se infiltrando nas almas com as dores e com o tempo. Já dizia Merimée – “O que é considerado crime em um estado de civilização avançada, não passa de um rasgo de audácia em uma sociedade rudimentar, e talvez uma ação louvável em época de barbárie”. E Cabanes: - “Cada século, quase se poderia dizer – terá sua moral, e certos fatos que provocariam, talvez, um simples sorriso a nossos ancestrais, nos fazem cobrir o rosto em acesso de indignação virtuosa”.

Antigamente...

Tito sentia-se confrangido, ao morrer do dia, e o julgava perdido, quando não tinha feito um bem, quando via não ter produzido uma obra útil. E destruiu Jerusalém.

Um rei bárbaro da Gália foi beneficiado por Deus, para quem apelara, e consegue em Tolbiac espetacular vitória sobre os Alamanes. Converte-se ao Cristianismo e faz-se batizar com o nome de Clóvis. Já no fim da vida, quando estava mais perto do Criador e devia estar mais inclinado à bondade e à justiça, opera uma colossal matança.

Marat, o mais feroz, o mais trágico dos Revolucionários, tinha o Evangelho constantemente sobre a mesa, refere Lamartine. *L’Evangile était toujours ouvert sur sa table*. A Revolução – dizia ele àqueles que com isso se espantavam (*à ceux qui s’en étonnaient*) está inteiramente no Evangelho. Jesus Cristo – repetia, inclinando-se respeitosamente diante deste nome – Jesus Cristo é o nosso Mestre, é o Mestre de todos. (16)

E saía a cometer os mais hediondos crimes contra adversários inermes, crimes que ainda hoje espantam pela ferocidade.

(16) A. de Lamartine – *Histoire des Girondins*, II, 407.

O lema da fraternidade e da liberdade foram afogados no sangue do Terror, época assim chamada pelas atrocidades cometidas, época tenebrosa da Revolução Francesa. Os ideais de Justiça e de Igualdade, que, de quando em quando, voltam ao mundo, lhe dão certo impulso, embora a fraqueza dos homens determinem, por vezes, a falência deles e até da missão de que foram incumbidos.

Podem-se ver por aí as tentativas do Espírito no bom caminho; são os revérberos que por vezes o iluminam; é a semente que mais tarde irá desabrochar no sazonado fruto, de onde saem os mártires, e que com o martírio se redimem, e com a luz que espargem iluminam os seus coevos.

Sem dúvida, inolvidáveis pioneiros pereceram na miséria, no cárcere, na forca, nas chamas. Das tochas de Nero às de Torquemada a diferença é pequena. Na Pátria de nossos avós, Luís de Camões morreu à míngua; o primoroso poeta Antonio José da Silva passou da masmorra à cremação; Maximiano Torres acabou os seus dias no ergástulo, e a mesma sorte tiveram Garção e o inesquecível Bocage.

Nobel, que descobriu a dinamite, morre de desgosto por ver como lhe haviam desviado e desvirtuado o objetivo. A orgia sanguinária de Marat, Danton e Robespierre afogou, lanceou, guilhotinou, metralhou, indistintamente, sábios e medíocres, reis e vassalos, adversários e inocentes. Não escapou a fina flor da inteligência, das artes e do saber. Não foi poupado Rouget de Lisle, o autor da Marselhesa, André Chenier, o vate da Liberdade, Lavoisier, um dos criadores da Química moderna.

É o mundo das provas, de que fala Allan Kardec; é o presídio e o hospital que tanto fizeram rir um acatado biologista. Mas evolução não é perfeição. Evolução é o caminhar constante para frente. E estamos nos primeiros degraus.

Pelletan disse - *le monde marche*. E o mundo marcha, através das guerras, do morticínio, porém marcha. Entre o grunhido dos nossos primitivos pais e a eloquência de Demóstenes; entre um selvagem analfabeto, até Aristóteles, o Pai da Sabedoria, até Einstein, o maior concepcionista do mundo; entre o antropófago e Ghandi, vai um pego que mal podemos medir.

Necessariamente, não se encontra entre os coevos da pedra lascada o estilo de Alexandre Herculano.

Aos séculos de lutas, opróbrio e obscurantismo se podem opor o período de paz de Marco Aurélio, o século de Péricles, a Renascença, os tempos de Wilson.

Comparemos os divertimentos de hoje com os dos tempos dos Césares. O próprio jogo do boxe, infinitamente menos divertido, se levarmos em conta o diminuto número de mortos, em relação aos do coliseu, é um embate voluntário. Vai ao ringue quem quer e quando quer, e se o cidadão morre por gosto, lá diz o ditado, que acaba por seu regalo.

Uma partida de futebol com suas assuadas e vaias, cascudo e bofetões, e mesmo algumas garrafadas, ou uma surra no juiz, ou um sujeito atirado de uma arquibancada, faz mofina figura diante das imponentes matanças do circo romano.

Os gladiadores contavam-se por centenas; eram lançados na arena aos pares; na luta, um caía ferido, mutilado, estropiado, nadando em sangue, vencido; quando podia, levantava um dedo a pedir clemência; o povo raramente a concedia; o comum era bradar com gritos ferozes: *occide*, mata! O Imperador aprovava, virando para baixo o polegar, e então o vencido terminava ali a sua triste, dolorosa, terrível jornada, enquanto o vencedor, coberto de palmas, lhe enterrava o ferro no corpo. Depois, um indivíduo vestido de Caronte, o barqueiro do Inferno, lançava-lhe formidável pancada na cabeça, não fosse estar a fingir de morto.

Havia o combate das feras umas contra as outras e o combate entre feras e criaturas humanas; e enfim, o mais atraente dos espetáculos, que era o de lançarem homens e mulheres inermes aos animais famintos.

Quando o povo se amotinava bradando *panem et circenses*, logo o imperador tratava de multiplicar as festas do circo, que eram tanto mais prolongadas quanto maior era o clamor; e tanto mais simpáticas, quanto maior era o morticínio.

O grande Trajano festejou uma de suas vitórias com jogos que duraram mais de quatro meses consecutivos; foram sacrificados dez mil animais e um número igual de gladiadores.

Como aquilo já se estivesse tornando monótono, havia os combates de olhos fechados, as lutas em grupos, a luta entre indivíduos armados e outros desarmados, as refregas de antemão preparadas para que não escapasse ninguém. Os que sabiam que iam morrer, saudavam o imperador com a célebre frase: - *Ave, Cesar, morituri te salutant*.

Representavam-se, por fim, cenas mitológicas, em que alguns eram queimados, outros crucificados, outros despedaçados por animais bravios, outros a quem arrancavam as entranhas. Tudo pura Mitologia.

Até que Honório suspendesse a inefável diversão, o sangue que ali jorrou deixou evidente o que era a perversidade e a estupidez da época.

Tais cenas hoje provocariam protestos gerais. As simples touradas, que diante daquilo são menos que “café pequeno”, vêm adunar-se contra si os intelectuais, os religiosos, a elite social; contra elas se levanta a campanha humanitária e bovinitária de milhares de seres.

Positivamente o mundo marcha.



Na doutrina de Brama se mandava, pela boca de Crisna, que fôssemos como o sândalo que perfuma o machado que o corta. Confúcio mandava que não fizéssemos aos outros o que não queríamos que fizessem conosco. O Cristo pregava amor de Deus e o amor do próximo.

No templo de Delfos se achavam inscritas estas palavras divinas - *liberdade, lei e paz*.

Foram os lampejos precursores. É esperar o correr dos tempos que esses princípios que vieram até nós como hinos de esperança, se converterão numa imponente sinfonia, e da sublime orquestração surgirá época da Solidariedade, da Fraternidade, da Felicidade.

É isto a Evolução.

UM POUCO DE PSICOLOGIA

Analisemos umas tantas teses apresentadas contra a Reencarnação para mostrar como são elas insustentáveis:

É um absurdo chamar o homem centelha divina, como se Deus criasse centelhas ignorantes, que pecam e degeneram, e ainda as punisse: seria um Deus criador de desgraças.

O autor é um escritor bíblico e propagandista evangélico.

Nunca se disse em espiritismo que centelhas degeneram, divinas ou não, tratando do ser, porque o Espírito não retrograda. Mas que há desgraças toda a gente está vendo. Se não foi Deus quem as criou, só poderia ser o diabo. Ao *Pai da Mentira* têm atribuído muitas maravilhas, porém nunca se lhe deu o poder genesíaco.

Entretanto, ao ardoroso cristão passou despercebido o ensino evangélico:

Tudo foi feito por ele; e nada do que tem sido feito foi feito sem ele. (17)

Temos ainda os seguintes lances:

O papel dos padres, pastores e líderes espíritas devia ser esclarecer o entendimento dos homens, levando-os à compreensão das realidades da vida, mostrando-lhes os erros que praticam.

Não se tem feito outra coisa até hoje; não tem sido outra a missão dos Mensageiros do Alto. O próprio autor sabe de sua inutilidade, quando indaga:

Quem quererá nos dias que correm sacrificar a felicidade e a tranquilidade por amor à verdade e à humanidade?

Ainda há quem se sacrifique, *rari nantes in gurgite vasto*. Mas para que o homem compreenda os seus erros é preciso achar-se em certa altura mental. O livre arbítrio só se processa em elevado estado da evolução humana. Antes desse período, as falas do nosso amigo não encontrarão na abóboda craniana sulco por onde penetrar. Será inútil ir ao alto dos telhados.

A tais idéias revida o nosso crítico:

Se as virtudes se explicam pela lixívia do tempo, o esforço no sentido da regeneração é uma tolice. Dizer ao homem que ele está dispensado do esforço porque pouco a pouco as reencarnações o levarão à perfeição é pregar uma doutrina satânica e perniciosa.

Ninguém diz a seu semelhante que ele está dispensado de fazer esforços. O que se declara é que é necessário tempo para que ele possa compreender o esforço que se lhe pede no sentido de sua regeneração.

Enquanto ele estiver submetido ao domínio de uma inferioridade patente, enquanto for o juguete das emoções, das paixões, das necessidades, do egoísmo, dos impulsos, das idéias arraigadas, dos costumes, dos instintos, não aceitará os conselhos para o Bem, nem os entenderá. O que se diz então, é que ele não poderá apreender umas tantas emoções por deficiência mental, por incapacidade espiritual, por obstinação habitual. Não tem vivacidade intelectual para compreender os problemas de ordem ética.

O Mestre deve ter repetido inúmeras vezes. - “Não lanceis pérolas aos porcos”. Para que os porcos apreciem, porém, as pérolas, é que se faz mister a lixívia de que falamos.

Se o amigo se puser a desfiar diante de um leopardo o rosário de virtudes que ele deve praticar, o mais certo é que a fera o ouça desatento e continue calmamente almoçar os outros seres da floresta, se antes não o almoçar a ele. Quando, com o correr dos tempos, ela passar de leopardo a macaco e de macaco ao homem da caverna, e daí a índio, e de índio a rústico e de rústico a membro de uma sociedade regeneradora, é que irá apreciar detidamente as lições, até então inúteis, do nosso preclaro antagonista. É isto o que queríamos dizer com aquela lixívia. Como se vê, não seriam improfícuos os tais esforços. Tudo, porém, em sua oportunidade e a seu tempo, e estes são as reencarnações que os fornecem.

Asseguram-nos ainda:

Para que um homem se regenere moralmente basta que mude de mentalidade. Para isto não há necessidade de reencarnação.

E mais adiante:

O homem nada mais deve fazer durante sua existência que humanizar-se. Para isto será preciso reencarnar?...

E aqui temos uns casos de extraordinária simplicidade – “Mudar de mentalidade e humanizar-se”.

Dir-se-ia que para mudar de mentalidade não teremos maior esforço que o de mudar de gravata, e o humanizar-nos é um pequeno passo que dá quem quer.

Os antropologistas, os etnologistas, os psicólogos, os naturalistas, todos aqueles que estudam a alma, hão de ficar assombrados ao verem o pouco que custará a senda do progresso moral.

Mas a verdade é muito outra. Com algum estudo, notar-se-á que o homem é em regra o produto dos seus sentimentos, e estes, frutos do seu atraso espiritual; tais sentimentos não se formam nem se extinguem a bel-prazer; nascem com o indivíduo, com ele crescem e morreriam com ele se ele fosse mortal.

Exemplifiquemos. Vê-se um cidadão que, contra sua vontade, tem pena dos que sofrem. E como esta pena já é um sofrimento, ele seria, pelo menos, um indiferente, se isto estivesse em seu poder. Não o conseguirá, porém, ainda que o queira. É incapaz, por índole, de fazer o mal. Às vezes, levado pelo pundonor, pela sociedade, pelo receio de passar por tímido, quer tirar uma desforra, ofender, maltratar; mas, à vista da vítima, os seus sentimentos falam mais alto que as convenções. E ele desiste da vindita.

Outros são dedicados, tratam bem a todos, pedem desculpa de qualquer incômodo que dão, ou qualquer falta em que incorrem; são incapazes de matar uma galinha, de dar um pontapé num cachorro, e isto, muitas vezes, ao contrário do que praticam os pais, uns grosseiros. Revoltam-se, mesmo, com o gênio que possuem, por lhes parecer que estão tomados de pieguice, que não são homens, que se acham desfibrados. É que o sentimento lá está no íntimo, a desfazer-lhes a superioridade, vã superioridade, que eles supõem

imposta pelo sexo, e a neutralizar os conselhos e as opiniões dos coevos e até dos progenitores, que lhes reprocham a fraqueza.

Tivemos um amigo, alto funcionário da Fazenda, de nome Luís..., para o qual, ser homem seria não aturar insultos, não dar quartel, não possuir “*esse sentimentalismo doentio dos incapazes*”, dizia ele.

Sucedeu que emprestara a um companheiro cem cruzeiros, quando esses cem cruzeiros se chamavam e valiam cem mil-réis. Como necessitasse dessa importância e a mandasse cobrar, o outro enviou, em vez do dinheiro, uns desaforos.

O Luís vestiu o casaco, pôs um chapéu e saiu dizendo-nos:

- Vou quebrar a cara daquele patife.

Forte, atlético, e irado como estava, vimos que o outro iria ficar em maus lençóis. E o acompanhamos. À porta da casa do sujeito, mandou que parássemos e entrou desabridamente. Pusemo-nos à espera do ruído das taponas, para intervir. Nada. Silêncio absoluto, até que o Luís voltou.

- Então – perguntamos – o homem passou a *gaita*?...

- Passou coisa nenhuma! Ainda deixei lá mais cem. Contou uma história de desemprego, doenças... Quis zangar-me... Acabei com pena. E os cem ficaram.

Vale, a propósito, ler uma página a respeito de Martinho de Campos, o afamado parlamentar da Monarquia.

- Sou escravocrata da gema – dizia ele – isso é cá do meu feitio.

E mantinha o propósito, exagerando os seus pendores escravagistas. Quem o ouvisse falar assim, imaginava estar em frente de um bárbaro, dum desalmado. Engano; no fundo, Martinho de Campos seria uma alma simples e boa, comunicativa e afável. Por trás daquela carranca pitoresca e feia, que os seus contemporâneos nos descrevem com traços impiedosos, escondia-se um temperamento doce, e não raro, sentimental.

Fazendeiro no município de Cebolas, deixava a sua propriedade andar à matroca; os escravos vadiavam como queriam e ele a ninguém castigava por isso. Conta-se que, de uma feita, surpreendeu um negro furtando café no terreiro da fazenda. Se o roubo fosse descoberto, o escravo estaria perdido. Então, que fez ele? Deu as rédeas ao cavalo e partiu atrás do infiel. Ao alcançá-lo, em vez de uma reprimenda ou de uma chicotada, limitou-se a aconselhá-lo:

- Olha, filho, mete-te aí pelo cafezal e foge para onde tens de ir... O feitor anda aí por perto; e eu não te poderia livrar do *bacalhau*... (18)

A forma e o exterior nem sempre dão idéia do que vai no íntimo da criatura. Muitas vezes, vemos indivíduos melífluos, maneirosos, delicados; retratos de mesuras e lábias, dir-se-ia que estão sempre prontos à benignidade; possuem, entretanto, um caráter áspero, arrogante para com os fracos, cheio de doblez para com os fortes; são vingativos, propensos ao mal, que praticam o mais disfarçada, o mais hipocritamente que podem, o mais velhacamente que lhes permite o gênio astucioso. Outros, ao contrário, destoucados nos modos, rústicos nas expressões, violentos nas estrofes, são voltado ao bem, e não perdem ensejo de o fazer, embora fingindo que o não fazem.

Vem a propósito o que nos conta Camilo Chaves, em interessante obra, a respeito do Padre José Gomes, bom sacerdote, conhecido benfeitor, embora um tanto colérico e malcriado.

(18) Osvaldo Orico – *Estadistas do Império*.

- Certa vez – conta o escritor – dirigiu-se à Igreja para encomendar um defunto em avançado estado de decomposição. No fim da cerimônia, ele já segurava o nariz, a ponto de a asfixia fazê-lo explodir: - Vai, desgraçado, vai feder nos quintos dos infernos.

Mas isto era apenas estouvamento, porque no seu coração sentia justamente o contrário e era como se dissesse: - Vai, filhinho, vai para a mansão do Senhor. (19)



A inversa também é verdadeira. O indivíduo é indiferente à dor alheia ou é mau, por sentimento. Aquilo está com ele, está nele. Há até os que se comprazem na desgraça dos outros. Deixam de fazer o bem, praticam o mal, porque têm a alma insensível. Mas essa insensibilidade não foram eles que a fizeram. Independe deles; vieram ao Mundo assim. Teremos que buscá-la além do berço.

"*Basta mudar a mentalidade*". Como, porém, a mudariam? Não se trata de uma peça de roupa que vestimos ou despimos conforme as circunstâncias. O que seria preciso era mudar, primeiro, o sentimento, porque é pelo sentimento que o homem age. Mas como se muda os sentimentos?

Dizíamos a um amigo médico, cético: - Você precisa ter fé. - Ao que ele nos respondia: - Bem sei, e a fé é um consolo. Mas onde se compra?

E como não sabíamos onde se comprava, passávamos adiante. Pois o sentimento é como a fé, não está à venda.

É preciso, de fato, que o indivíduo se regenere. Mas, para tal, a viagem é longa.



Voltando à moral, iremos ver que, estando no raso como seres inferiores, ela se vai elevando à proporção que eles progridem em civilização. No estado agreste, bravio, as noções estarão de acordo com aquele estado.

É impossível convencer o selvagem que ele deve poupar o inimigo e muito menos tratá-lo fraternalmente.

A sua mentalidade é irreformável desde que nele se enraizou a crença de que o inimigo nasceu para ser vencido e morto, assim como nos broncos senhores de engenho e donos de fazenda havia a de que o negro nasceu para chicote. Neles não existia a menor noção de benignidade.

Impossível seria a Gengis-Khan perceber o que fosse a piedade para as nações que invadia e para os povos que ele avassalava.

A catequese nos faz lembrar aquele episódio relatado por um jesuíta: depois de longo discurso, ele perguntou ao catecúmeno o que era o bem e o que era o mal. E o selvagem respondeu: *o bem é comer o inimigo e o mal é ser comido por ele.*

Quem estuda os povos atrasados verifica que os mesmos se tornam inacessíveis a qualquer esclarecimento. Tratando dos hotentotes, diz Bertillon, eles são de tal forma preguiçosos, que nem a fome os torna ativos. Resolvem tudo pela brutalidade, pela lei do mais forte. Os filhos tomam ao pai o pátrio poder, lutando-o e derrotando-o. Não têm a menor consciência do que seja erro, falta, pecado ou remorso, e não entenderiam nada de virtude, se lhes falassem nela.

Os boximanes ainda são piores. Quando um leão ronda a cabana, os pais entregam-lhes os filhos para apaziguá-los. Se morre uma lactante, os filhos são enterrados com ela, porque nenhuma outra mãe se incumbiria da nutrição deles. (20)

Entre os cafres a vingança é sinal de valor e dignidade. O perdão é desprezível. (21) Os naturalistas verificaram entre os Diggers traços de extrema inferioridade; habitam em cavernas, são repelentes, de inaudita selvageria e pouco diferem do orangotango. A sujeira que os cobre é incrível.

O padre Cobalcchine, tratando dos bororos, refere, entre outros costumes, uma prática dos pais, por ocasião do nascimento do filho:

O pai, dois dias depois do nascimento do filho, procura o *ixira*, bastãozinho pontudo, ordinariamente uma lasca longitudinal da nervura da folha de palmeira, com cerca de meio metro. Torna-o agudo e flexível numa extremidade. Introdu-lo na boca pelo canal respiratório até o pulmão e comprime-o para ferir-se. Provoca uma abundante hemorragia pulmonar com o fim de fortificar-se, emitindo o sangue que o filho teria deixado nele.

Depois desta superstição, bárbara e estúpida, vejamos como prosseguem os progenitores em relação à criança:

Reina entre os índios o infanticídio. Quando em época próxima a um parto um dos dois esposos tem mau sonho, ficam com a obrigação, moral, perante a tribo, de matar a criança apenas nascida...

Outras causas autorizam a morte do recém-nascido:

1. A doença dos progenitores nos últimos meses da gravidez;
2. A desilusão da expectativa: os pais desejam filho e nasce uma filha ou vice-versa;
3. Um parto duplo ou múltiplo; só um dos nascituros é criado; algumas mulheres desnaturadas, parece-nos sejam poucas, mandam matar os filhos para evitar o incômodo de criá-los. (22)

E trata-se de uma tribo já um tanto adiantada.

Kraft observa que os Dokos, na Abissínia, não sabem fazer fogo, nem cultivar o solo; vivem de sementes e raízes que arrancam com as mãos, ou de ratos e serpentes, quando conseguem apanhá-los. Abrigam-se sob as árvores, ignoram o pudor; ao termo da amamentação, as mães abandonam os filhos. (23)

(20) Alphonse Bertillon - *Les Races Sauvages*, pág. 65.

(21) Viana de Lima – *L’homme suivant le transformisme*.

(22) PP. Antonio Colbaccine e César Albisetti – *Os Bororos Orientais*, São Paulo, 1942, págs. 45-46.

(23) Gabriel Dellane – *L’Evolution Animique*, pág. 63.

Os Tarungares são excessivamente selvagens. Vivem nus, não têm a menor noção de moral, e, além de antropófagos, chegam a desenterrar os cadáveres para comê-los.

Os Weddas, de Ceilão, possuem a figura bestial, repelente. Parecem-se com os macacos e vivem com os macacos. Agasalham-se cobrindo-se com folhas.

O explorador Baker diz dos Kytches e dos Latoukas que eles não se diferenciam dos brutos: são macacos verdadeiros.

La Gironnière ficou impressionado em Luçon com o caráter simiesco dos Aetas e Darwin espantou-se quando avistou os Fuegianos. (24)

Indagaríamos, agora, como seria possível, no curto prazo da existência terrena, modificar a mentalidade e os hábitos dessa gente, quando é com dificuldade que se mete na cabeça de um civilizado que ele não se deve vangloriar, insultar, jactar-se de sua superioridade, cobiçar, invejar, desdenhar os mais fracos e menos protegidos da fortuna; quando é problemático convencê-lo de que deve tratar paternalmente os subordinados e fraternalmente os semelhantes; de que não deve mentir, caluniar, roubar, matar.

Vá dizer-se a um “valente” que não lhe compete revidar um insulto à bala; vá convencer-se a um estulto que ele não tem o direito de matar a mulher que gostou de outro; que é uma estupidez lavar a honra com sangue; que não deve espancar os filhos, nem a esposa, seres confiados à sua guarda e proteção, assim como não deve maltratar os animais; que não pode enganar o próximo, espoliar o incauto ou lesar o Estado.

Estude-se o caráter do homem, desde o mais baixo nível social até mesmo às altas esferas da civilização, e vamos notar o predomínio do egoísmo, o exagero das paixões, os frutos da intolerância, a falta quase absoluta do raciocínio, o império da maldade.

E quanto mais baixa for a condição étnica, mas acentuadas serão essas falhas.

É inexequível a mudança da mentalidade nos estreitos limites de uma encarnação. Temos, como os rios, de vir correndo através do leito arenoso, numa viagem acidentada e trabalhosa, já na precipitação das corredeiras, no embate das pedras, na fricção com o cascalho, já nas quedas das cachoeiras, no fragor dos saltos, no conflito das pororocas.

Assim é a alma no curso das existências. A reencarnação não age por efeito mecânico, mas por efeito do atrito. É na aspereza da estrada, os conflitos com o semelhante, na agrestia da natureza, nas inclemências do orbe, no sofrimento e no conhecimento, na queda e no soerguimento, que as existências sucessivas proporcionam, que ela conseguirá chegar à vida intelectual e moral, como a corrente chegará ao vasto estuário ou ao oceano, depois de sua vertiginosa carreira pelos caminhos árduos, ingratos, sinuosos e abissais talhados na sua passagem.

(24) Gabriel Dellane – *L'Evolution Animique*, pág. 63.

LIÇÕES

OS SALTOS DA NATUREZA

Diz um Mestre na análise do livro “Reencarnação”:

Não tenho pressa. O livro será devidamente escalpelado e eviscerado, e dele restará por fim, apenas, o alimento das traças.

Minacíssimo intróito.

E assim começa a evisceração:

Misturando Ciência com Religião diz-nos o Sr. Carlos Imbassahy a pág. 20 do seu livro: *Natura non facit saltus*.

Hoje dizemos o contrário. Desde 1900 De Vriès expôs suas observações sobre as mutações que as espécies apresentam dando origem a novas. Vê o meu ilustre contraditor como foi infeliz na escolha do seu argumento, uma velharia que a Ciência pôs de lado. Temos aconselhado o Sr. Carlos Imbassahy a não falar sobre aquilo que sabe apenas por ouvir dizer. Se tivesse seguido nosso conselho, não passaria por este dissabor.

Agradecido pelo conselho, mas não escolhemos a frase como argumento.

Aplicamo-la. Sobre as mutações bruscas poderíamos reportar-nos a Geley, que declarava:

Vimos transformistas esforçarem-se por diminuir a importância dos fatos novos, e *adversários ingênuos* a aceitarem com entusiasmo. (25)

E ainda:

Dantec e os naturalistas são de certo modo lógicos, pretendendo restringir o domínio das mutações. (26)

E mais adiante nos declara que “*Os supostos saltos* são apenas manifestações intermitentes da atividade, uma espécie de repouso aparente...” (27)

Esse mesmo Geley que nos dizia serem os fatores clássicos incapazes de explicar as transformações bruscas, elucida:

Se é verdade *que a natureza não dá saltos* e, não é menos certo que, na natureza, toda a manifestação de atividade parece intermitente; é precedida e seguida de um repouso aparente, durante o qual se prepara, de maneira obscura, uma renovação de atividade. (28)

(25) Gustave Geley – *De l’Inconscient au Conscient*, 1920, pág. 24.

(26-27-28) Gustave Geley - *De l’Inconscient au Conscient* 1920, pág. 25, 295.

Poderíamos lembrar Dantec, o qual assegura que as mutações não alteram os caracteres secundários (29); ou na *Luta Universal*:

Persisto na idéia de que as mutações repentinas observadas por De Vriès podem ser devidas à introdução, a transformação ou ao desaparecimento de um comensal que ainda não foi isolado em laboratório. (30)

Richet hesita:

Y a-t-il des mutations brusques, comme l'ont pensé De Vriès et certains botanistes?... On ne saurait le dire.

(Haverá mutações bruscas, como acreditaram De Vriès e certos botânicos? Não poderíamos dizê-lo). (31)

E no *Ensaio de Psicologia* geral indaga:

Onde já se vira na natureza essas transições bruscas? (32)

O moderno Pierantoni tem dúvidas de que a teoria De Vriès se aplique aos animais (embora nos fale nos insetos); acha que na matéria há “teorias encontradas”, e pensa que “*no es possible proclamar la bancarrota de la teoria de Darwin*”. (33)

O próprio Darwin já previra as objeções de De Vriès e é ainda Pierantoni quem diz:

A variação brusca que De Vriès considera como causa única da evolução, não foi descoberta por ele; ao lado das variações flutuantes colocara o próprio Darwin as descontínuas que se designava com o nome de anomalias. (34)

O Dr. Dobshausky é peremptório. Afirma “que as pretensas experiências de De Vriès, quanto à mutação das espécies foram totalmente refutadas”. E o autor prolonga-se em demonstrações. (35)

Indaga-se, ainda, se as mutações constituem uma regra ou uma exceção. Não queremos, porém, indagar nada, e muito menos desejaríamos, numa contenda com um ilustre biólogo, em tal terreno, fazer o papel dos russos, na guerra de 14 e, a quem Hindemburgo atraiu para os lagos Masurianos e os atolou, ou o da presa desprevenida, a quem o jacaré arrasta para as águas de sua lagoa.

Contentamo-nos, apenas, em arranjar alguma companhia entre os “infelizes”, que, se não escolheram uma velharia, pelo menos a difundiram.

Era só para mostrar que, lendo aquela gente, poderíamos ter ido *na onda*.

Mas, não é bem isso que nos interessa, recebemos de boa mente, ao digno mestre, o De Vriès, as mutações bruscas e os louros da vitória, antes que surja com uma nova carga.

(29) Dantec - *La Crise du Transformisme*. F. Alcan. - Apud Geley.

(30) Dantec - *La lute Universelle*. Na tradução Port. pág. 198.

(31) Charles Richet - *Apologie de la Biologie*, 1929, págs. 14.

(32) Charles Richet - *Essai de Psychologie Générale*, 1919, pág. 4.

(33) U. Pierantoni - *Compendio de Biologia*, capítulo “As mutações”.

(34) U. Pierantoni - Obra citada.

(35) Theodoro Dobshausky - *Genetics and the origin of species*, pág. 40.

O caso é que, nem de leve, opinamos no assunto do transformismo ou dos elos intermediários, a que está ligada a frase e o De Vriès, senão que a aplicaríamos somente (segundo nos parece), aos princípios gerais da evolução, que não recua e se faz paulatinamente, ou ao progresso da alma, *que não dá saltos*.

Dizia um provérbio grego que “não era lícito a todos irem a Corinto”, e isso porque os prazeres em Corinto custavam muito caro. Os latinos traduziram o provérbio pela seguinte expressão: *non licet omnibus adire Corinthum*.

Assim, quando se quer falar na dificuldade de ir a algum lugar, cita-se o prolóquio, sem perguntar porque não era lícito ir a Corinto.

Poderíamos lembrar-nos dos obstáculos em viajar para alguma vila do interior e aproveitarmos o latim. Mas aí de nós, se alguém descobre que na dita vila, em vez da carestia de Corinto, havia as delícias da barateza do Rio; éramos logo fisgados pela gola, embora jurássemos que nunca nos preocupamos com os divertimentos de Corinto, mas que lançávamos, apenas, mão da frase feita para ajustá-la aos embaraços que as nossas lamacentas estradas de rodagem e perigosas estradas de ferro opõem à ida ao tal lugarejo.

Assim como o *natura non facit saltus*.

O fato é que a frase, que parece anterior a Leibnitz, tem sido aproveitada por escritores vários, em diferentes oportunidades, alguns descuidosos da sua aplicação original. Dellane, o escritor contemporâneo, nos diz:

Diariamente as descobertas estabelecem esta profunda verdade que Aristóteles exprimiu - a natureza não dá saltos. (36)

E Zaccaro:

A vida, em seu começo, oferece-nos uma base interessantíssima para nos mostrar que a natureza não dá saltos. (37)

E Ortiz, catedrático de Cuba, num livro recentemente publicado:

Este evolucionismo de los Espiritus es tan fatal como el de los biólogos. Los Espiritistas podran decir analogamente: *espiritus no facit saltus*. (38)

Num prefácio do Dr. Maxwell à magistral obra de Ernesto Bozzano:

Encontramos aqui, ainda, a manifestação do que parece uma das grandes leis da natureza, a da continuidade. *Natura non facit saltus*. (39)

(36) Gabriel Dellane – *L'Évolution Animique*, 1938, pág. 172.

(37) Antonio Zaccaro - *A Presciência da Natureza*, 1948, pág. 43.

(38) Fernando Ortiz - *La Filosofía Penal de los Espiritistas*, Buenos Aires, pág. 18.

(39) Ernesto Bozzano - *Les Phénomènes de Hantise*, Préface. Tradução de C. de Vesme, Paris, 1929, pág. X.

Gabriel Dellane, que replicava a René Sudre, a respeito da doutrina reencarnacionista, e escreve:

"O senhor Sudre não teme empregar argumentos contraditórios para sustentar sua tese, porque, a propósito das crianças-prodígios lembra-nos a lei da continuidade "*que la nature ne faite pas de saut*", e mais tarde, para explicar o gênio, apela para as mutações que significa, ao mesmo tempo, a negação da continuidade, e, por consequência, da hereditariedade".

Temos, pois, Sudre, empregando *Natura non facit saltus*, do mesmo passo que nega a hereditariedade. (40)

O Dr. J. Maxwell emprega várias vezes a frase inquinada de velharia. (41)

E M. Sage:

Mais si par hypothèse, cet autre monde existait, il faudrait s'attendre à ce qu'il eût pas un abîme entre ce monde-là et le nôtre. La nature ne fait pas de saltus.

(Se, por hipótese, existisse esse outro mundo, era de esperar que não houvesse um abismo entre ele e o nosso. A natureza não dá saltos). (42)

Como se vê, cada um dos autores, que empregam a malsinada frase, esquece-se de indagar se ela está em dia com os modernos conhecimentos científicos.

O doutor Sérgio Vale:

Não há saltos no mundo físico nem no mundo espiritual. Do começo ao fim a transição é lenta. Não há provas rudes, há provas necessárias. (43)

Devia ter sido a nossa aplicação: a lentidão evolutiva.

(40) Gabriel Dellane - *Revue Métapsychique*, 1924, pág. 480.

(41) Ernesto Bozzano - *Les Phénomènes de Hantise*. Tradução em francês de C. de Vesme, Paris, 1929, pág. IX e outras.

(42) M. Sage - *Madame Piper*, 1902, pág. 40.

(43) Sérgio Vale – *Iniciação Espírita*, 1953, II.

INSTINTO

Já vimos que é de assustar a maneira porque muitos dos críticos entram na liça: prometem escalar, eviscerar...

Estamos vendo uma tal martelada, como ainda não experimentara a bigorna de Pittsburgh, que pesa 180 toneladas. Para esfriar levou nada menos de três meses. Necessariamente, esfriaremos em menos tempo.

Vejamos um golpe. Em matéria de instinto, ensina-nos o seguinte os antagonistas:

A mente está sujeita a duas influências aparentemente antagônicas: a dos instintos e a da consciência. Os instintos são forças cegas da natureza, a consciência é manifestação espiritual. No Éden, além do casal humano, fazia-se ouvir duas vozes, a de Deus e a da serpente.

O casal do Éden e uma serpente a tagarelar em colóquio com o Criador devem alterar os conhecimentos que possuímos a respeito do homem primitivo, bruto, animalizado, vivendo em árvores e cavernas, sem já falar do antropopiteco.

Continuemos com as lições ministradas:

Todos os que forem egotistas, sensuais, astutos, dissimulados e sem escrúpulos, os que agirem imaginativamente, impulsiva e emocionalmente, vivem no plano da instintividade e têm uma mentalidade desta natureza.

Mas o que sabemos é que há no ser inteligência, ou instinto, ou ambas as coisas. O instinto, nos seres atrasados, supre as faculdades intelectuais. Era o recurso da natureza para impedir fôssemos vítimas de nossa fraqueza mental. Tem grande semelhança com ato reflexo com o qual, por vezes, se confunde. Dizia Richet:

Finalidade, fatalidade, espontaneidade, encadeamento de movimentos sucessivos, que são a consequência necessária do movimento primitivo e por consequência da iniciação, tais são com efeito os caracteres do instinto.

E ainda:

Quando a consciência é advertida e, conseqüentemente, a inteligência, a escolha, a vontade, o capricho intervêm, não há mais instinto.

Pensamos, pois, que com Richet estamos em boa companhia, achando que não vivem no plano da instintividade, egotistas, astutos, dissimulados...

Desfiam-nos ainda um rosário de falhas e crimes, provenientes da “mente instintiva”, “mente que impede a reencarnação”.

O que dizem os que se têm dedicado à Criminologia é que o ato belicoso se reveste, por vezes, de uma trama, de uma urdidura, de precauções e preparos, de umas combinações de tal ordem, que denunciam uma esperteza e inteligência invulgares. Como lançar isto nos atos instintivos?

De acordo com as noções expostas pelos não-reencarnacionistas, teríamos os grandes velhacos da Política e da Diplomacia como indivíduos dominados pela ação instintiva. Maquiavel, Richelieu, Fouché, Talleyrand, o Príncipe de Metternich, Bismarck, o

doutor Goebels e quanto velhaco há e ouve por aí, foram indivíduos que não passaram do plano da instintividade, o que não é possível admitir.

Vale notar, ainda, a seguinte crítica:

Basta compreender que os instintos se manifestam pelos desejos e saber que desejo e vontade são coisas diferentes... Para logicamente concluir que à vontade cabe impedir que os maus desejos se concretizem e que é a fraqueza da vontade diante da força dos desejos que leva o homem ao pecado... Espiritualidade e animalidade são estados que se excluem.

O Sr. Carlos Imbassahy se admira de terem os homens dupla natureza. Kardec, Dellane e outros encarnacionistas admitem a existência da natureza animal e da natureza espiritual...

Como se excluem se há coexistência?...

A vontade só impede que os maus desejos se concretizem quando o indivíduo já se acha em grau superior espiritual. Nos estados inferiores não há aquela vontade; nem sempre espiritualidade e animalidade são estados que se excluem. O indivíduo pode estar adiantado em determinados pontos e atrasado em outros. Na ópera *Rigoletto*, extraída do trabalho de Victor Hugo, *Le Roi s'amuse*, um facínora declarava que não poderia deixar de matar o Duque de Mântua porque já havia empenhado a sua palavra e não iria desonrar-se. Hugo foi muito fiel na pintura do personagem. A evolução não se faz, uniformemente, superpondo-se as camadas de espiritualidade como camadas geológicas. Pode haver, portanto, no indivíduo espiritualidade e animalidade, bons sentimentos num sentido e maus em outros, tendência para umas tantas falhas e progresso em determinados erros.

Não nos lembramos daquela nossa admiração diante da dupla natureza. O que se diz é que não há naturezas duplas, mas estados evolutivos, e esses estados vão da mais baixa animalidade, dos seres brutalizados, imbecilizados, tarados, saídos de pouco dos reinos inferiores, até os grandes espíritos, embora raros, que se encontram nas páginas da História, como verdadeiros modelos de bondade, virtude, humildade e altruísmo.



Podíamos dizer como Milnes-Edward, que os instintos são disposições mentais que fazem com que alguns animais executem atos sem os haver aprendido e os levem a termo sem serem guiados pela inteligência. Ou como Fabre, que reconhece a existência de um elemento hereditário nos instintos, quando os considera como impulsos mentais que, sem inteligência e sem a previsão do resultado, determina, combina e regulam ações, como se existisse tal previsão; ou Ribot, que o instinto é uma soma de costumes hereditários; ou Hartmann, que é um impulso que se dirige a determinado fim; ou Claparède, que é o ato realizado uniformemente sem aprendizagem; ou, finalmente, como Pierantoni: - atos que todos os indivíduos da espécie executam do mesmo modo, em virtude de uma necessidade hereditária e inata.

Mas, estaríamos ainda muito longe de explicar ou compreender o instinto, sem a noção do passado, sem os atos aprendidos e repetidos em vidas anteriores, até que, em vez de se tornarem mecânicos, como uma necessidade para a manutenção da vida, passam a inteligentes, e ficam dependentes da vontade e do arbítrio do indivíduo.

Para mostrar o efeito do passado, vale mencionar uma consideração de Wells:

Há homens de grande inteligência que não conseguem distinguir o *God Save the King* do *Pop Goes the Weasel* e há outros que, passando das mais simples operações aritméticas, não logram assimilar mais coisa alguma de matemática.

Outra diferença importante é a que existe entre as habilidades cerebrais e manuais, intelectuais e motoras. Toda a gente sabe que certas crianças, estúpidas para aprender nos livros, dão excelentes carpinteiros ou revelam conhecimentos incríveis acerca dos brinquedos mecânicos e do interior dos carros motores, enquanto outros acham que, sendo os primeiros da classe, têm as mãos desastradas e se desinteressam de qualquer trabalho. (44)

Como se vê, o autor acha que, segundo os testes, as crianças inteligentes são retardadas em suas habilidades motoras, enquanto as outras estão abaixo da média no que toca à inteligência.

Entretanto, o que se dá é o seguinte, que passou, é bem de ver, despercebido ao cientista: os excelentes carpinteiros e os que revelam conhecimentos acerca de mecânica trazem do passado esses conhecimentos. E muitas vezes os intelectuais, por falta de exercícios manuais, e sua prática, no correr da existência, deixam os dotes anteriores adormecidos, e daí parecerem esqueléticos ou desastrados quando se entregam a tais misteres.

Não há nada de surpreendente nem de espantoso no caso. Um pouco de conhecimento, no que toca às vidas passadas, explicaria o que aos autores parecem desconcertantes.

Em suma, é necessário deixar claro que nas primeiras fases da vida predominam o instinto, como uma proteção providente da natureza; noutras, ele é o reflexo ainda da vida nos estágios inferiores, e o ser os conserva por atraso; noutras, supre as nossas deficiências e serve para a manutenção e perpetuidade da espécie. Com o progresso, vai cedendo lugar à inteligência. Costumam, inteligência e instinto, atuar no mesmo indivíduo, conforme o equilíbrio entre o seu atraso e o seu adiantamento. Por fim, nos altos graus da espiritualidade, a inteligência reina soberana, e de par com o caráter, é o farol para a conduta.

Tudo porém são fases, gradações e nunca diversidade de seres.

(44) H. G. Wells. J. Husley, G.P. Wells – *A Ciência da vida. A nossa vida mental*. VIII.

CORPO E ESPÍRITO

Reprocham-nos acharmos que o homem é formado de corpo e espírito.

Convém acentuar, quanto ao corpo e espírito, ou seja, o célebre binômio, que a nossa ignorância, no caso, deve ser o reflexo da ignorância universal, porque o que se conhece no indivíduo são as duas partes essenciais, o corpo perecível, e o espírito, substância imaterial. O próprio perispírito é parte do Espírito, ou da Alma.

Tomemos um exemplo em Ernesto Bozzano, que não faz mais do que repetir o que dizem filósofos, psicólogos, espíritas, religiosos e espiritualistas, vários.

La Mort doit consister dans la séparation définitive entre l'organisme somatique d'un côté, et l'esprit pourvu de son enveloppe fluïdique, de l'autre. (A morte deve consistir na separação definitiva entre o organismo somático de um lado, e o espírito provido de seu invólucro fluídico do outro). (45)

Com Léon Denis, o que se conhece é o organismo físico e a alma, ou o soma e o espírito:

A dissolução das formas materiais prova que a alma é separada do organismo por meio do qual comunicava com o meio físico. (46)

E para que não se pense que o perispírito é um terceiro elemento distinto, ouçamo-lhe a definição:

Constitui o princípio intermediário entre a matéria e o espírito, o meio de união entre alma e corpo, a condição necessária para as relações entre o moral e o físico. (47)

E depois de examinar vários autores e várias escolas, vamos a um materialista. É Binet, que chegou a escrever um tratado sobre a alma e o corpo, como as partes distintivas do ser. Depois de nos descrever a matéria, que constitui o corpo, diz-nos o que é o Espírito; este se traduz no fenômeno psicológico: - “as sensações, as percepções, as idéias, as lembranças, o raciocínio, as emoções, os desejos, as imaginações, os atos de atenção e a vontade.” (48)

Leibnitz descobriu o sistema das mônadas, segundo o qual existe uma harmonia preestabelecida entre a alma e o corpo. E declara:

Creio, com a maioria dos antigos, que todas as almas estão unidas a um corpo. (49)

(45) Ernesto Bozzano – *A propos de l'introduction à la Metapsychique humaine*, Paris, 1926, pág. 243.

(46) Leon Denis – *Le Problème de l'être, de la destinée et de la douleur*, Paris, Ed. Durville, pág. 63.

(47) Gustave Geley – *Essai de Revue Générale*, Paris, 1925, pág. 14.

(48) A. Binet – *L'Ame et le corps*, Paris, 1905, pág. 54.

(49) Leibnitz – *Nouvelles recherches sur la raison humaine* – Trad.

Censuram-nos por dividirmos a fenomenologia psíquica em espírita e anímica. Esse fato, entretanto, não impede que toda ela se enquadre no Espiritismo. Para Ernesto Bozzano, os fatos provenientes da alma dos vivos servem de ponto de partida para compreendermos e demonstrarmos a ação dos mortos, por maneira que não podem estar dissociados. Eles se entrosam de tal jeito, que formam um todo coeso, único.

Dizia ele:

As comunicações medianímicas entre vivos constituem a fundamental base fenomênica das pesquisas metapsíquicas, uma vez que somente por meio de tais comunicações se chega a penetrar na gênese da fenomenologia supranormal. (50)

E em outra obra:

Muitas manifestações metapsíquicas ordinariamente anímicas podem ser, em realidade, espíriticas, como ordinariamente manifestações espíriticas podem ser anímicas. Animismo e Espiritismo representam o duplo aspecto pelo qual se manifesta a mesma fenomenologia. (51)

E Dellane:

Impõe-se a convicção de que o espírito ou a alma existem realmente. (52).



Em suma, a noção de corpo e espírito, o chamado binômio que forma o ser humano encarnado, é a que consta dos ensinamentos de religiosos de várias espécies, de espiritualistas e materialistas, de espíritas e céticos. É um velho conhecimento demonstrado pelos fatos, pois o que notamos, no ser, é a parte material, o organismo, que se desfaz, que perece; e uma parte imaterial, que conhecemos por suas manifestações, que impressiona os nossos sentidos por seus efeitos, manifestações que se observaram em todas as épocas, que vemos nas experiências de todas as nações, que se encontram entre civilizados e selvagens. Estamos diante da evidência.

Essa parte imaterial é a alma ou o espírito, e se nos apresenta com os característicos que tinha em vida, com os mesmos predicados morais e intelectuais, sem que se lhes note essa divisão de almas, conforme alguns credos e escolas ocultistas estabelecem.

Esse ser, essa entidade espiritual é a que reencarna. Coisa simplíssima, clara, comprovada.

(50) Ernesto Bozzano – *Animismo ou Espiritismo*, Trad. De Guillon Ribeiro, 1940.

(51) Ernesto Bozzano – *A propos de l'introduction à la Métapsychique humaine*, Paris, 1926, pág. 52.

(52) Gabriel Delanne – *Le Spiritisme devant la Science*, 1923, pág. 81.

CONFUSÃO DE TERMOS, ERROS GRÁFICOS

Outras lições afloram à pena de nossos opositores:

Confusões de alma-instinto com a consciência moral que é o espírito de humanidade, de mente com a mentalidade, de psiquismo com Espiritismo são erros de palmatória. E diz mais o Sr. Carlos Imbassahy: O ser que nos aparece morto é tal como aquele que conhecemos vivo. Acha que os espíritos são mortos, isto deve interessar aos que levam a sério o Espiritismo.

Antes do mais parece-nos que tratamos da *mente* como espírito, e *mentalidade* como as faculdades do mesmo. Mas, se confusão houvera, teríamos em nosso abono a cumplicidade dos léxicos e tratadistas.

E passemos assunto de maior monta.



Quando falamos em *morto* empregamos o termo usual, aquele com que se designa os que deixaram este mundo. Seria uma questão de dicionário.

Vê-se da nossa frase o que queríamos salientar: - “O ser que nos aparece morto é o que conhecemos vivo”.

A palavra morto não envolve um princípio doutrinário; quer apenas dizer que o indivíduo já não vive na terra. Não fora assim e não poderíamos usar expressões como as de que os mortos falam, os mortos vivem, os mortos aparecem, os mortos se manifestam, os mortos voltam...

Os livros de Bozzano (53) intitulados “*Fenômenos psíquicos no momento da morte*”, ou a “*Crise da Morte*” ou “*Os fenômenos de telecinesia em relação com acontecimentos de mortes*”, seriam verdadeiras heresias e estariam em contradição flagrante com a tese que o grande filósofo defendeu durante tantos anos de muito labor. E assim o *Après la Mort*, de Léon Denis; o *Avant la Mort*, o *Autour de la Mort* e o *Après la Mort* de Flammarion; o *Thirty years among the Dead* (Trinta anos entre os mortos) de Karl Wickland; o *Man's Survival after Death* (A Sobrevivência do homem após a morte), de Tweedale, e muitos outros.

(53) O jornal espírita O PORVIR, que se publicou em São Paulo, trouxe no seu número 3, de 1952, um estudo de Teixeira de Paula a respeito dos títulos de algumas obras de Bozzano, o qual transcrevemos abaixo por estarmos de acordo com o seu conteúdo:

“*Fenômenos psíquicos no momento da morte*” é o nome que na edição francesa de algumas obras de Bozzano se deu à reunião das seguintes monografias dele:

I – *Dei fenomeni dei Telecinesia in rapporto con eventi di morte*;

II – *Musica transcendente*;

III – *Delle apparizioni di defunti al letto di morte*.

Bozzano não escreveu, propriamente, nem um livro com este título: *Fenômenos psíquicos no momento da morte*.

A edição que nós conhecemos em português com tal denominação é a tradução que Carlos Imbassahy fez da edição francesa.

A “*Crise da morte*”, que todo o mundo conhece em língua portuguesa, é um resumo lacunoso da obra do grande mestre italiano, cujo título completo é: *La crise della morte nelle descrizioni dei defunti comunicanti*.”

Em todas essas obras se fala continuamente na morte e nos mortos, sem que os seus autores achem que os espíritos são mortos, na acepção que lhes dá opositor.

Morto, defunto, falecido são vocábulos sinônimos, que vemos repetidos a cada passo. Pois Bozzano, traduzindo Hyslop, escrevia:

... Se ottenero prove d'identificazione spiritica implicanti la presenza sul posto del defunto Gifford.

(Obtiveram-se provas de identificação espírita que implicavam a presença, no lugar, do defunto Gifford). (54)

E mais:

Non pare possibile contestare Il fatto dell'intervento spirituale dell'artista defunto. (Não parece possível contestar o fato da intervenção do artista defunto). (55)

Notam-nos ainda os seguintes erros:

O ser encarnado é formado de corpo e espírito. Aqui espírito está descrito com um e minúsculo. Mais adiante diz: o verdadeiro ser é portanto o Espírito (agora é com o E maiúsculo). Esses espíritos (novamente com e minúsculo).

Teríamos, pois, empregado espírito, ora com um e pequeno, ora com e grande. Mas esses ee maiúsculos e minúsculos são empregados conforme a determinação. Quando nos referimos a espíritos, em sentido indeterminado, (pode-se dizer abstrato), empregamos E maiúsculo; se tratamos de determinado espírito, do espírito, parte componente do todo, isto é, da pessoa, ou de um espírito que se designa, aí ele vem com um e minúsculo. Foi essa a nossa orientação; fora daí será orientação do linotipista.

O E maiúsculo é para dar especial relevo. Seria como se escrevêssemos sobre o Amor, o Medo, a Ira... Já se não daria o mesmo se nos referíssemos ao amor do próximo, ao medo do pecado, à ira contra a reencarnação...

E isto pode ser encontrado nas *Instruções do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

(54) Ernesto Bozzano – *Dei Fenomeni di Ossessione*, Roma, 1926. Página 5.

(55) Ernesto Bozzano- Idem, idem, pág. 25.

INTELIGÊNCIA E MEMÓRIA: INDIFERENÇA DO CRIADOR

Denúncia grave é a de que não sabemos distinguir a inteligência da memória:

Nos seus pulos intelectuais o Sr. Carlos Imbassahy passou do hospital planetário para o nirvana e deste para gênios e cretinos. Aí, porém, confunde inteligência com memória:

Esta facilidade na apreensão é que constitui inteligência!

Puro engano, ser inteligente não é aprender as noções, é vivê-las conscientemente. A inteligência é um atributo que permite relacionar as causas com seus efeitos e os atos às suas conseqüências.

Ora, referimo-nos à inteligência como o resultado de longo aprendizado. O indivíduo que, em existências pretéritas, se aprimorou em tais ou quais ofícios, em tais ou quais estudos, acumula o saber no espírito; na vida terrena, esse material acumulado vem à consciência e temo-lo mostrando aptidões que outros não conseguem. Pela prática do passado, ele compreende, aprende e percebe facilmente. Chamamos a isso inteligência.

Vejamos um exemplo. Um tal, que desde a infância acompanhou o pai, piloto, em suas viagens; o filho do carpinteiro que, desde cedo, freqüenta uma oficina, conservam conhecimentos que o neófito não possui.

Transporte-se o exemplo às vidas sucessivas, e compreenderemos que as demonstrações da inteligência não são mais do que a nossa bagagem, que vai aos poucos saindo dos porões da alma.

Pode-se dizer que a inteligência é a memória acumulada, como se diz que o capital é o trabalho acumulado. Mas, assim como não se confundirá, por isso, o trabalho com capital, também não se irá deixar de distinguir a memória da inteligência.

Chega o contraditor à nossa interrogação: - Por que a infinita diversidade na sorte dos indivíduos? –

E responde:

São os efeitos dos fatores pré-natais, a influência do meio, as dificuldades sociais, os desajustamentos; o sentido das reações.

A descendência dos alcoólicos é degenerada por que as células sexuais deste acham-se desvitalizadas pela intoxicação alcoólica. Pergunta o Sr. Carlos Imbassahy as causas das desigualdades humanas. A resposta é simples: a exploração do homem. O mistifório é da reencarnação, do hospital planetário.

Indagando o porquê da variedade na sorte humana; da razão do conforto de uns e do sofrimento de outros; da miséria física e social, ao lado da saúde e da riqueza, procurávamos um motivo transcendente, nunca o motivo material, que este toda a gente conhece e vê.

Buscávamos saber, precisamente, porque este nascera filho de um hígido e aquele de pais com as células sexuais desvitalizadas; porque uns surgiram em bons meios e outros em meios detestáveis; porque viriam uns entre os exploradores e outros entre os explorados. E replicam-nos com a nossa própria interrogação: - É porque há os desajustados, o meio, as células...

Com as objeções mostrávamos que, fora da reencarnação, as explicações não passavam de um mistifório, haja vista que a causa de tais desconformidades estaria na vida

pregressa. Os “acazos” orgânicos e sociais tinham origem remota. A culpa estaria no próprio indivíduo. Ilude-se portanto, a matéria, dando-nos como resposta aquilo que se quer saber.

O que perguntávamos, pois, era a razão porque faria o Senhor nascerem os indivíduos vítimas de desajustes, das células, das explorações, dos meios... E replica-se: - é por causa dos meios, das explorações, das células, dos desajustes...

Além disso, apresentamos várias desgraças humanas onde não entravam aqueles fatores.

Fiquemos por aqui.

OS TABUS RELIGIOSOS

EXTREMISMOS RELIGIOSOS

De quando em quando, as criaturas recebem fragmentos da revelação divina, por intermédio de Mensageiros Superiores, e estes fragmentos formam, em regra, o conteúdo das religiões. Em breve, muitos dos seus princípios se confundem de tal jeito com os erros, as mistificações, as falsas concepções humanas, que não se lhes descobre o veio originário.

É isso que procuramos esclarecer em parte.

Digamos, de começo, que não nos move qualquer desejo de atacar ou menosprezar os sentimentos religiosos de nossos semelhantes; não possuímos a menor animosidade contra as religiões e muito menos contra àquela que foi de nossos pais. Apenas não nos colocamos no ponto de vista dos que seguem, em geral, uma doutrina religiosa, e que se mantêm na intransigência sectária, na aceitação incondicional de princípios, quaisquer que eles sejam, na repulsa imediata a qualquer idéia, desde que ela possa ou pareça ir de encontro aos dogmas e pontos de fé estabelecidos.

Pior ainda que o emperrar, mesmo no absurdo, é a perseguição às crenças alheias, quando não aos próprios crentes. É a maldição, o labéu do herege, energúmeno ou condenado aos que não lhes seguem a trilha. Estas é que são as faltas lamentáveis que não podemos deixar de verberar, não só por infringirem elas os princípios cardeais da fraternidade, como por se tornarem um obstáculo ao progresso espiritual, tão necessário à evolução da criatura.

M. Sage lembra o seguinte caso:

Em suas primeiras sessões, George Pelham, Espírito, pediu para ver o pai. O velho Pelham foi avisado imediatamente e não fez como aquela dama italiana, cuja história lia eu recentemente na excelente *Revue des Études Psychiques* de Cesar de Vesme.

A filha dessa senhora, morta havia pouco, pretendia manifestar-se por um médium e pedia chamassem sua mãe. Esta, quando lhe comunicaram o pedido, em vez de acorrer ao chamamento da filha, foi solicitar permissão do seu confessor. Imagine-se o que respondeu o santo homem: - Estas manifestações provêm do demônio; uma mulher piedosa e submetida à Igreja não se vai entreter com tão perigoso personagem. A grande dama, então, fez saber que ela não podia ir.

Esse ponto de vista do confessor, como a de tantos quantos por aí que existem, é mais ou menos justificável, porque se trata de um ato de defesa. Não pode, porém, ser este o interesse dos espíritos emancipados, que coloca acima dos estreitos limites impostos pela religiosidade sectária, a pesquisa da verdade.

O mesmo autor nos diz, a propósito das excomunhões lançadas pelos religiosos de vários matizes:

Stainton Moses não sabia nada de Espiritismo. Se dele tivesse ouvido falar vagamente, apressar-se-ia sem dúvida a abater essa nova superstição que arrebataria as ovelhas de seu rebanho. Porque há que notar o seguinte: todos os ministros de todas as religiões que separam a nossa pobre humanidade, esmagam com o nome de superstição grosseira tudo o que não participa do seu próprio corpo doutrinário; cada um deles se crê iluminado pelo sol da verdade, enquanto todos os que não professam suas opiniões erram nas trevas da mentira.

Não são as religiões que pecam, mas os extremismos religiosos; o mal nem sempre está na fé, mas na intolerância, na acrimônia, na imposição da fé, com prejuízo do esclarecimento das consciências.

Mantemos essa atitude franca de pesquisa, o direito de opinar, o dever de crítica, a liberdade de refletir, mesmo entre os nossos irmãos em crença. Nem sempre temos sido felizes, que essa nossa independência nos tem custado, além de objurgatórias e censuras, até represálias.

Bem sabemos quanto é precário o entendimento humano, quanto é arraigado o espírito de seita, como é fraco o espírito filosófico, como é persistente a tendência para se firmarem os seres em determinados princípios onde não há firmeza nenhuma. A lógica não é material encontradiço e por isto não está barateada no mercado das inteligências. Tanto que o indivíduo se afasta do currículo das idéias, das proposições de grupo, das convenções, ou de doutrinas pessoais sem qualquer alicerce, é logo mal visto e posto à margem como rês contaminada.

Convém notar, enfim, que nem sempre uma controvérsia ou uma opinião fora dos paradigmas convencionais é isenta de perigos. Há indivíduos que não podem ser contrariados. Qualquer dúvida, por mais justificada que esteja, em referência a qualquer de suas afirmativas, ou se irrita e pode produzir uma rajada de impropérios, senão coisa pior. Eles passam do argumento verbal ao argumento braçal, o que não é nada interessante.

Não é nesta liça que nos empenhamos. É de esperar que o caminho esteja franco para uma explicação cortês, haja vista que a única arma que possuímos é a da razão e o único escopo a que miramos é o esclarecimento do assunto em foco.

A BÍBLIA

SÍMBOLOS E CHAVES

Rebatendo nosso livro sobre Reencarnação, os defensores da Bíblia apresentam os seguintes postulados:

1. As religiões têm os seus símbolos para esconder do vulgo coisas que ele não deve saber por não poder empregá-las legitimamente.
2. É preciso conhecer a cabala hebraica.
3. Não é justo que alguém repudie um livro porque não o entende.

Reforçam as suas razões declarando que há segredos que não podem ser confiados a indivíduos indignos de conhecê-los como há inventos que não devem ser revelados.

De maneira que na Bíblia se contam episódios terrificantes; as desonestidades e as imoralidades ali pululam; pois é isto o que convém ler; as crueldades e os absurdos ali descritos foram melhor processo de que lançou mão a Divindade para ocultar os segredos que não podem ser revelados.

Quanto ao argumento cabalístico, lamentamos não vejamos os paladinos do livro sagrado que não é a Cabala que temos à vista, senão a Bíblia; o de que dissentimos é da Bíblia, que esta é que está em nossas mãos.

Ensina a bíblia que Deus mandou matar, que Moisés matou, que Deus se arrependeu de ter feito este mundo, que se irou, que foi preciso que o acalmassem. E se dizemos que isso não está certo, jogam-nos ao rosto a Cabala.

Diante, portanto, de uma Cabala que raríssimos conhecem e de que a Bíblia nunca veio acompanhada, temos que aceitar como faróis todos os textos, embora o que esteja à tona sejam os mais perigosos abrolhos. A verdade que está no pélago. A problemática luz que nos deve guiar, essa não se vê.



Vamos ao entendimento.

Lemos no Deuteronômio, 20:16, por exemplo:

Das cidades que o Senhor teu Deus te dá em herança nem uma coisa que tem fôlego deixarás com vida.

Em 21: 20-21: Este nosso filho é comilão e bebedor. Então, todos o apedrejarão até que morra.

Será que isto não se entende?

Postos os óculos tornamos a ler e vimos que se ordenava não deixarem os de fôlego vivo e que se recomendavam apedrejamento do filho até que morresse, pelo fato de ser comilão e bebedor. Um monstruoso filicídio.

Parece que toda a gente entenderá isso.

Mas o que está claro não é aquilo, senão uma certa explicação que deve andar em esconderijos incertos.

Dão-nos ainda esta sentença, a de que ninguém pode interpretar um escrito cifrado sem conhecer a cifra.

Lá isso é difícil. Mas há sempre uns peritos que conseguem o prodígio. Esses peritos, entretanto, no que toca às Escrituras, não andam à mão tente. Assim, aconselha-se a toda a gente que leia a Bíblia; distribuem-se Bíblias aos milhões; é o livro mais editado, mais espalhado no mundo; entretanto, para entendê-lo é preciso ter ao lado um autêntico decifrador.

O caso, porém, é que ninguém nos apresenta a Bíblia como um livro cifrado e muito menos com a respectiva cifra. Dão-no-lo e dizem: *Leiam isto*.

Sempre se teve a Escritura com um livro divino. O Espírito Santo deixou naquelas páginas o pensamento de Deus. Quando nos querem esmagar, trazem-nos a palavra de Deus nos escritos da Sagrada Escritura. Ora, não consta que o Espírito Santo fosse charadista. E quando vamos replicar, mostrando que o que nos impingem como a palavra divina não resiste à crítica, surgem-nos com o “enigmas”. Para nos atacarem serve o que está ali; para se defenderem é o que não está ali que serve. Fulminam-nos com os textos da lei: então não é cifra. Mostramos o erro dos textos: aí é cifra.

O que também não é possível compreender é que Deus nos enviasse suas ordenanças em forma de quebra-cabeças. Mas então aquilo era para não se entender?... Em suma, o que ali se acha não se deve ler; o que se deve ler não se acha ali. Só sabe ler quem possui predicados de adivinhador.

Enfim, a Bíblia é um código de sabedoria, mas o Código está cifrado. A sabedoria tem que nos centrar na cabeça por intermédio do sexto sentido ou por processos divinitórios. O mesmo será que estabelecer o código de um país; é inútil, porém, procurar ali as leis porque ele se deve guiar. O povo, se não for forte na decifração de logógrafos há de fazer a mais miserável figura do que se refere às normas de sua conduta.

O estudo da Bíblia, pelo visto, é o mais penoso trabalho que se apresenta à inteligência humana. Não basta lê-la e traduzi-la através dos mais complicados, errados e lacunosos textos antigos, através do hebraico, do grego, latim, do esperanto, dos idiomas universais. Isso pouco é. Isso nada é. Os textos devem ser entendidos à luz de outros textos, apanhados a dedo; devem ser buscados em obras que não se sabe onde anda; devem ser adivinhados no labirinto e no laboratório das cifras.

Dizem que só um sábio pode conhecer todo o complicado e extenso alfabeto chinês. Calcule-se que poço de sabedoria não deverá ser aquele que *sabe ler* a Bíblia, com suas combinações e arranjos, com sua significação textual, sua exegese, sua tradução, interpretação e decifração, desde os mais remotos originais até as mais ocultas obras elucidativas; desde a fonte egípcia ou hebréia até o claviculário charadístico.

FONTE E SÍNTESE DO SABER

Dizia Jules Mary – *On ne nie pas l'évidence ou nier ainsi c'est avouer qu'on craint quelque chose.*

Não se nega a evidência ou negá-la desta forma é temer alguma coisa.

A frase se aplica maravilhosamente ao caso bíblico. Se não, ouçamos esta:

A Bíblia encerra toda a Ciência, toda a Filosofia e toda a Religião das antigas civilizações; a Ciência do Egito, da Índia, da Etiópia; a Filosofia ensinada nas escolas dos Profetas; a Religião do Deus único. Para lê-la é preciso conhecer a cabala hebraica.

Dissemos que os defensores do livro sagrado, nos lances inaceitáveis ou indefensáveis, apelam para a Cabala, e que um Mestre, não nos apontando a chave nem demonstrando seu acerto, mas dando a versão que lhe parece, parodiava Luís XIV quando dizia - *o Estado sou eu*. Neste caso a chave era ele. Agora, a sua réplica:

Vejam os homens de bem a sinceridade, a lisura do Sr. Carlos Imbassahy. Cego pela paixão partidária, não vacila em mentir, ferindo ainda por cima com seu sarcasmo a vítima de sua mentira.

Vejamos um exemplo do que seja a interpretação pessoal e a justificação do “a chave sou eu”. Ensinava o Professor:

Quando a Gênese diz que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, se refere apenas à criação espiritual. Aquele homem é apenas o Espírito Humano, a Consciência moral.

Como é que sabe isto? Onde se encontra na bíblia essa definição de homem?

O que se entende por “Homem”, é o ser informado de corpo e espírito, e, segundo os léxicos, “O animal racional, bípede e mamífero”.

O que diz, portanto, o exegeta, sem que possua como o Sumo Pontífice o privilégio da inspiração trazida pelo Espírito Santo, sem que lhe caiba modificar os dicionários ou acrescentar na Bíblia, não passa de opinião pessoal. E assim temos porque dizíamos que a *chave era ele*.

Mais adiante declara que somos ignorantes em interpretação bíblica, como se essa interpretação tivesse alguma solidez, como se não andasse ela ao sabor das doutrinas, das hipóteses ou do fanatismo de cada crente.

E mais:

Moisés eliminou do templo as figuras simbólicas... Mas não poderia deixar de empregar linguagem simbólica; procurou então na significação dos números e na semântica das letras hebraicas uma linguagem capaz de guardar sem alterações os segredos da Ciência, os problemas da Filosofia, os mistérios da Religião. Somente quem conhece a chave usada por Moisés pode conhecer a Bíblia.

E acha que não poderia ser mais claro.

Já vimos como andou acertado o Criador dificultando o conhecimento de sua moral e da sua Ciência. Sabemos agora que só o entende quem for capaz de abarcar toda a Ciência, toda Religião, toda a Filosofia das antigas civilizações, através dos seus símbolos.

Parecia que em qualquer disciplina, mormente quando dirigida ao povo, a linguagem deve estar ao alcance de todos. Pois Moisés fabricava a sua e a tornava impenetrável. Para se lhe ir ao âmago fez-se mister achar-se um dia uma pessoa com a Ciência do Egito, da Índia, da Etiópia, a Filosofia das antigas civilizações...

Moisés para guardar os segredos da Ciência lançou os maiores erros sobre Astronomia, Geografia, Geologia, História... Para conservar em custódia os arcanos da Filosofia dá-nos um Deus colérico, vingativo, antropomorfo, inconsciente do que faz, imprevidente, impulsivo, vaidoso... Para ocultar os mistérios da religião apresenta-se, sob as ordens de Deus, a arrasar cidades, trucidar prisioneiros, saquear, incendiar, distribui donzelas pela soldadesca...

Querer maior clareza, está-se a ver é mentir pela gorja, como nós, que diferimos, ainda por cima, para maior vilania, a vítima de nossas mentiras.

Quanto às chaves com que se poderia abrir a caixa dos segredos, ou explicar os dislates que apresentamos, não apareceu nada. Sabe-se, apenas, que aqueles dislates traduzem os velhos conhecimentos da Ciência, Filosofia e Religião; que são chaves, símbolos.. .

Nada mais fácil que justificar um absurdo. Mas porque a moral, a verdade, o certo, o curial se haveriam de traduzir por incógnitas, este é um mistério maior do que aqueles que os símbolos e as chaves vieram encobrir.

Mas, afinal, qual é a tradução? Que é o que dizem as chaves?

Ora, a nossa argumentação, opondo-nos aos textos bíblicos, é que eles não podiam servir de base e muito menos de prova, enquanto estavam cheios de erros palmares, de flagrantes tolices, de moral duvidosa e inequívocas heresias. Quando nos afirmam que só se morre uma vez, por que Paulo o disse, ou que Deus já escolheu os que quer salvar e perder, porque isto se encontra no Novo testamento; quando nos falam nas proibições de Moisés, porque constam do Deuteronômio; quando acham que os médiuns devam ser lapidados porque o Levítico prescreve a lapidação; quando justificam a vingança, porque Deus mandava vingar; quando se extermina o adversário, invocando-se o extermínio bíblico; quando se pratica um dislate escudado em textos, não é com a chave que argumentam, é com os próprios textos. Força é mostrar que eles não estão certos. Foi o que procuramos fazer.

Além disso, qual o processo de se conhecer a chave? Haverá na cabala uma chave para cada versículo como existe nos dicionários uma significação para cada vocábulo? Quando se diz, em vários lances, que Deus se arrependeu, qual a chave disso? Por que se declara em *Números* que Deus ordenou e Moisés executou incríveis matanças? Isto em vez dos ensinamentos de amor ao próximo que deviam consistir da Religião do Deus único encerradas nas antigas civilizações? Que nos dirão os símbolos a respeito das filhas que se foram deitar no leito paterno? Como se traduzem as imoralidades, na Ciência da Índia?

De sorte que nos apresentam ensinamentos que afirmam ser a última palavra, e palavra indiscutível, por provirem das escrituras, que são eles inspirados, e quando vamos provar que não pode haver inspiração divina na série de atos abomináveis que ali se relatam, sob o olhar clemente do Senhor, ou sua tácita ou mesmo expressa cumplicidade, surgem com os conhecimentos antigos, a escola dos profetas, a religião de Deus... Logo, tudo certo!

Se um qualquer não entende que aquilo seja representação legítima da verdade científica etiópica; ou quem reflita, sob a linguagem escabrosa, toda a Filosofia das mais

antigas escolas; ou que represente a Religião do Deus único, está mentindo. Como porém se acharão vertidos na linguagem das mais veneráveis civilizações, os homicídios, a pilhagem, os incêndios, as imoralidades bíblicas; qual a chave para os incestos, para a perversidade, para a hediondez que lá se descrevem, isto é o que não aparece. Qual o símbolo que se encerra nas heresias e absurdos que se diz terem saídos dos lábios divinos, não conhecemos.

Também não se nos diz por que a Verdade que se encontrava nas vetustas tradições, ou a ciência das remotas civilizações, na Índia, no Egito ou na Etiópia, ao serem trasladadas para a Bíblia, hajam, fatalmente, de converter-se em cenas, atos e princípios de arrepiar os cabelos de um justo e colorir as faces de uma pessoa honesta. E ainda porque, em vez de noções que nos encaminham para o bem, haveria o Criador de transformar em charada os ensinamentos de nossos antecessores, e, para encobrir o mistério, apresentar como exemplo de suas ordenações os mais sacrílegos e reprováveis feitos.

Enfim, para amostra da providência e acerto do Criador, quando velou a Ciência, a Filosofia e a Religião dos antigos, servimo-nos de um trecho de Will Durant, e compreenderemos melhor a razão do véu e a felicidade dos símbolos que encobrem aquelas faces do velho saber humano:

Aparentemente os judeus, depois da conquista, tomaram um dos deuses de Canaã-lahu, e o recriaram à sua própria imagem, severo, belicoso, rígido, com quase louváveis limitações. Porque esse deus não pretende ser onisciente: pede aos judeus para marcarem com sangue de cordeiro suas casas, a fim de que ele inadvertidamente não lhes destrua as crianças, confundindo-as com as crianças egípcias; não está livre de cometer erros, dos quais a criação do homem foi a pior; lamenta, já muito tarde, ter criado Adão, ou permitido Saul tornar-se rei. Mostra-se aqui e ali, insaciável, irascível, sanguessedento, caprichoso, petulante: “Eu serei bom para aqueles a quem quero ser bom e serei misericordioso para aqueles a quem quero mostrar misericórdia.” Aprova em Jacó o uso da mentira para enganar Labão; sua consciência é flexível. Fala demais e gosta de fazer longas prédicas; mas revela acanhamento; não permitirá que os homens o vejam de frente - só pelas costas. Nunca houve um deus mais completamente humano.

Os autores do Pentateuco, para os quais a religião era um instrumento de governo, transformaram esse Vulcano em Marte, e o enérgico Jeová se tornou predominantemente um imperialístico Deus dos Exércitos, a lutar com tanta ferocidade pelo seu povo quanto os deuses da Ilíada. “O senhor é homem de guerra”, diz Moisés; e Davi repete: “Ele instrui minhas mãos para a peleja”. Jeová promete “destruir todo o povo em cujas terras os judeus entrarem”, e pouco a pouco os hivitas, os canaanitas, e hititas; e declara ser seu, todo o território conquistado pelos israelitas. Nada de pacifismo; Jeová sabe que mesmo a Terra prometida só pode ser conquistada e conservada por meio da força; ele é um deus da guerra porque tem de ser; só depois de séculos de derrota militar, de sujeição política e de desenvolvimento moral é que os judeus o transformariam no bondoso e amável pai de Hillel e Cristo. Como soldado, Jeová se mostra vaidoso, regala-se com o néctar dos louvores e ansioso de exhibir suas habilidades, afoga os egípcios: “Eles saberão que sou o Senhor quando houver dominado o Faraó”. Para favorecer ao seu povo, comete ou ordena a perpetuação de brutalidades tão repugnantes para o nosso gosto como eram aceitáveis para a moralidade da época; Jeová chacina povos inteiros, com ingênuo prazer de um Gúliwer a lutar em prol de Liliput. Por que os judeus “fornicaram” com as filhas de Moab, ele ordena a Moisés: “Toma todas as cabeças do povo e executa-os na presença do Senhor, diante do sol”; temos aqui a mesma moralidade de Assurbanipal e Assur. Ele promete misericórdia para os que o amam e lhes seguem os mandamentos, mas

pune os filhos pelos pecados dos pais, dos avós e dos tataravós. Mostra-se tão feroz que pensou na destruição de todos os judeus quando os viu adorarem o Bezerro de ouro; Moisés teve de discutir com ele e chamá-lo à ordem. “Arrefece a tua feroz ira”, diz o homem a seu deus, e então “o Senhor arrependeu-se do mal que pretendia fazer ao povo”. Outra vez quando os judeus se rebelam contra Moisés, Jeová quer exterminá-los, mas Moisés apela para os seus bons sentimentos e acena com o que diria o povo se ouvisse tal coisa. Jeová exige de Abrão um cruel sacrifício humano. Como Moisés, Abrão ensina a Jeová princípios de moral e persuade-o a não destruir Sodoma e Gomorra se houvesse homens justos nas duas cidades; pouco a pouco vai ele civilizando o seu deus, e assim demonstra a maneira pela qual o desenvolvimento ético do homem leva a humanidade a uma periódica remodelação das divindades.” (56)

Estas linhas que aí ficam se dirigem aos que se escudam nas ressalvas apresentadas, despercebidos de que, em vez de uma saída honrosa, apesar dos tratos à bola que deram os ousados descobridores das escapatórias, não fizeram eles mais do que se exporem, na sua obra ingênua, aos risos da posteridade.

Dirigem-se, ainda, os nossos reparos aos que, na tribuna, pela imprensa, pelo rádio ou pelo livro, direta ou indiretamente, já graves, já irônicos, com delicadeza ou agrestia, atacaram nesta parte o nosso livro *Reencarnação*, e surgiram com as estafadas chaves que, pelo tempo e pela falta de uso conveniente, já devem estar bem enferrujadas.

Os admiradores incondicionais da Bíblia espantam-se, quando não se horrorizam, se lhes tocam no Santo Livro. Mas os erros, por mais sagrados que sejam, não resistem ao alvião dos séculos. Era preciso mostrar que toda aquela justificativa de chaves, símbolos, interpretações, inventos, mistérios, os quais não podiam ser ditos e compreendidos, não passam de um mistifório para encobrir aquilo que a razão e a moral repelem.

Era preciso investir o tabu.

(56) Will Durant – *História da Civilização*.

A RESSURREIÇÃO SEGUNDO A IGREJA

Falam ainda os textos na ressurreição, e os bons amigos bíblicos os têm muito a peito, como o tiro de misericórdia na malsinada doutrina palingenésica.

A ressurreição é o absurdo de ordem religiosa, filosófica e científica. Ela supõe a reunião neste planeta de todos os indivíduos que o habitaram, desde o seu começo, e o habitarão até último século, a fim de prestar contas de suas ações.

Se a estupidez humana ano surgir um invento que faça o mundo ir pelos ares, numa guerra pavorosa, esse fim do século deve ser a Eternidade.

Cumprido, desde logo, indagar onde ficariam mofando as criaturas até o dia desse tribunal a que elas deverão comparecer, ressuscitadas. E que papel estarão representando o Céu e o Inferno, se elas ainda não foram julgadas? Estarão vazios?... Será um logro pedir-se o Céu para uma alma ainda *sub judice*. E se já foram julgadas, o Juízo Final, na ressurreição, não passará de uma formalidade desnecessária na melhor hipótese, e na pior, de refinada burla. Seria uma espécie desses julgamentos na Terra, verdadeiras farsas, na sua generalidade, para iludir o povo, sabendo-se de antemão o que aguarda os réus.

Imaginemos agora todas as gerações, do começo da vida ao fim das eras, metidos em nosso pequeno orbe. Calculemos que já existem regiões superlotadas; reúna-se agora todas as pessoas, de todas as épocas; toda a gente que já nasceu e que ainda vai nascer, até o termo dos séculos, meta-se isto num orbe, e veja-se como será interessante a compressão de todos os povos neste mundículo, e teremos, muito longe, a idéia de sardinha enlatado, ou viagem em trem de subúrbio do Rio ou de São Paulo, nessa espremedura universal.

Há ainda a notar que os corpos e se desfazem, se transformam, passam a constituir outros corpos, muitos dos quais deverão existir ao tempo do Juízo Final. Como se irá reunir as suas moléculas para comporem organismos extintos, será um misterioso prodígio da mágica divina.

Estamos, portanto, diante de um fenômeno fantástico, filosoficamente incompreensível, geograficamente impossível, cientificamente inadmissível, a mais completa negação de um fato lógico.

Pois é tudo o que os eminentes teólogos opõem à doutrina das vidas sucessivas.

Fiquemos nestas alturas, que a ampulheta corre, e não queremos que o dia de Juízo ainda nos apanhe com a palavra, e a sentença final acabe condenando-nos pela falta de juízo em meter-nos nesse problema tão intrincado...

A RESSURREIÇÃO POR OUTRAS FACES

Há um fato comum em Psicologia, que é tomar o indivíduo como indiscutível aquilo que é uma idéia sua particular, que é um modo seu especial de ver. É o que se dá também na esfera religiosa, e os exegetas não podem fugir à regra. Assim nos dizem:

Há a considerar dois sentidos na palavra ressurreição: a que os cristãos e os profetas operaram pouco após a morte e a que se opera muito depois, quando o corpo não mais existe.

Donde porém se originaram aqueles dois sentidos? O que nos parece certo é que eles foram aventados para ajeitar os diversos casos de ressurreição.

É curial que a idéia surgisse do fenômeno. Vendo-se fantasmas com o corpo, e até com as vestes que possuíam, acreditou-se que eles se apresentassem assim para o Juízo. Daí o conceito bíblico da ressurreição.

É dessa opinião Lobo Vilela, quando esclarece:

A crença da ressurreição origina-se do fenômeno da aparição dos mortos. É fácil compreender que sendo o fenômeno da morte tão evidente, a aparição do fantasma de um defunto, com um corpo de aparência física idêntica à daquele que se decompunha, reproduzindo os seus traços fisionômicos característicos, seria de molde a estabelecer a crença na ressurreição. (57)

Lembra ainda o escritor que alguns selvagens, acreditando na ressurreição em estado físico, procurassem antecipá-lo comendo os parentes antes que eles envelhecessem, para que vivessem a vida póstuma com a frescura da mocidade.

Por isso o Capitão Wilkes não encontrou nas ilhas Fidji ninguém com mais de quarenta anos. (58)

A explicação, porém, que nos apresentam, não se pode referir a fatos futuros. Que garantia se nos dá de que, no fim dos séculos, irão todos ser julgados nos seus corpos astrais?

O que nos dizem as experiências é que o indivíduo já sofre no Espaço as conseqüências de uma vida mal vivida e tem as alegrias decorrentes de uma existência honesta. *Este é o fato*. É nesse fato que nos baseamos. Sobre ele há uma demonstração que só é desconhecida ou desdenhada pelos que descuidam do assunto. Esse dia de Juízo *em corpo astral* não só é improvável, como se acha em desacordo com tudo que se conhece a respeito de *manifestações espíritas*.

A divisão alvitada em ressurreitos a breve trecho ou a longo trecho foi oriunda da necessidade de explicar, de um lado, as ressurreições como as de Lázaro, do filho da viúva de Naim e do próprio Cristo; e do outro, obviar-se ao disparate da ressurreição dos corpos. Impossível aceitar a outra. Daí as duas espécies de ressurreição que nos são dadas como coisa definitiva e provada.

Como conseguiram os ressuscitados e mais os que saíram dos túmulos, juntamente com o Cristo, ficar incorruptos, sem que seus corpos se decompusessem, não nos explica um biologista. E se um biologista não nos explica isto, a nós não é dado explicar nem compreender, a menos que recorramos à hipótese ectoplásmica.

(57) Lobo Vilela – *O Problema do Destino*.

(58) Ludock – *Origines de la Civilisation*, pág. 373.

Finalmente, para mostrar-nos o valor das Escrituras, mormente fala em ressurreição, põem-nos diante dos olhos o texto de Mateus, 22: “Errais não conhecendo as Escrituras”.

Mas, conhecer as Escrituras é conhecer os erros, que lá estão. Custa a crer que o Cristo lamentasse que os saduceus não conhecessem isto, conforme o texto. É verdade que existe a Cabala; esta, porém, não existia. Os seus autores esqueceram-se de escrevê-la ao tempo do Cristo, para que se pudessem interpretar aquelas coisas hediondas em termos de bondade e de virtudes. Salvo se naquela época já se havia desenvolvido de tal ordem o poder divinitório, que se poderiam saber por antecipação os enigmas cabalísticos, enigmas que hoje não conhecemos, mesmo em plena era de tão importante livro.

Acentua um dos maiores cultores do Cristianismo em nossa terra:

A autoridade suprema é Cristo e não a lei mosaica. Oito vezes, no Sermão da Montanha, contrastou a nova lei que estava proclamando com a mosaica. Confundir as duas legislações é expor-se ao perigo de uma terrível confusão espiritual. Digamos as coisas bem claramente: a lei dos cristãos não é a mosaica. (59)

Note-se, ainda, o seguinte: Se em Mateus se prescrevem as Escrituras, em João não se fez mais que proscrevê-las.

Diz o Cristo:

O pai que me enviou deu testemunho de mim. Jamais lhe ouvistes a voz, jamais lhe vistes a face. Em 1:18: Ninguém jamais viu a Deus.

No Velho Testamento o Pai é visto e ouvido.

Elias sobe ao Céu num carro de fogo, contam as sábias escrituras. Entretanto, diz o Cristo:

Ninguém jamais subiu ao Céu, salvo aquele que desceu do Céu. João, III, 13.

Ainda mais, para o Cristo, Moisés era ladrão e salteador. Provavelmente para não nomeá-lo expressamente, generalizou:

Todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores. João, X, 8.

Mario Cavalcanti de Melo expôs longa série de exemplos, onde se vê que o Divino Mestre rejeitava as Escrituras, a começar pelo célebre – *Olho por olho, dente por dente*. (60)

É portanto inútil estar a repetir-nos que “o Cristo não fazia restrições ao que lá estava registrado” nas Escrituras.

Enfim, a ressurreição operada quando o corpo não mais existe seria regeneração, na opinião dos opositores, e estaria assim demonstrada a inópia dos que tomam os textos em questão com a significação de fases de progresso. E porque nos referíssemos à frase de Luís XIV, acoimam-nos de mentiroso. Cremos que outras não viessem confirmar a dita frase. Como saber-se qual o sentido escriturístico? Quem o disse? A quem Jesus veio explicá-lo?...

Infelizmente é perigoso jogar com os versículos; nossa interpretação pode trair-nos a cada passo. Vamos a João e veremos que há os que ressurgem para a vida eterna e os que ressurgem para a condenação. (Jo. 28:29).

(59) Miguel Rizo – *Cristianismo Positivo*, Rev. Fé e Vida, Dez. 1945, pág. 45.

(60) Mário Cavalcanti de Melo – *Da Bíblia aos Nossos Dias*, 1955.

OS LUMINARES DAS IGREJAS E DAS LETRAS

Nem todos estão com a Bíblia.

Valemo-nos das páginas magistrais de um grande escritor católico, o erudito Padre Leonel Franca:

Quais são os livros que fazem parte da coleção sagrada? Como se pode provar que foram eles escritos por inspiração e sob o ditado do Espírito Santo? Por meio da mesma Bíblia? Mas a Bíblia não o diz, pelo menos de todos os livros. Onde afirmam S. Mateus e S. Marcos que os seus Evangelhos são inspirados? E se o afirmassem, deveríamos, sem mais exame, prestar-lhes fé? De ver está que não. Se um livro é divino, só porque ele o assevera, a quantos livros não se deveria estender essa prerrogativa? Toda a literatura religiosa da Índia, da China, da Caldéia, da Pérsia e do Egito entraria, assim de roldão, na categoria das diversas escrituras. Os Vedas, o I-King, o Zenda-Avesta e o Corão se imporiam à docilidade da nossa fé com o mesmo direito que o Pentateuco ou os Evangelhos, Isaías ou S. Paulo. (61)

Parece-nos, não há dúvida, ingenuidade manifesta apresentar a Bíblia como processo de convicção, quando ela, já por si, necessita que lhe demonstrem a origem, a autenticidade, a autoridade, a realidade, a decifrabildade.

Já o citado autor falava das dificuldades com referência a esse livro, dificuldades lingüísticas, críticas, gramaticais, exegéticas... E esclarecia:

Não se sabe se a versão é certa, se não erraram os copistas, se não houve mutilação, interpolação, adulteração, se mãos profanas não a macularam. Não se sabe mais donde proveio, qual o sentido de determinado texto, o literal, o teológico. É preciso conhecer os tempos, os lugares, os usos, os costumes, o ambiente social, político, religioso dos vários povos...

Para o estudo bíblico deve o indivíduo aparelhar-se previamente de um verdadeiro arsenal de história, geografia, etnologia, lingüística, paleografia, arqueologia. Daí um sem-número de dificuldades... (62)

Com essas dúvidas todas, com essas dificuldades todas, como tirar conclusões categóricas, indubitáveis?...

E outro erudito escritor católico, o célebre teólogo Krogh Tonning, declarava:

A Bíblia não pode ser o princípio universal do conhecimento religioso. Sua natureza o impede, nenhum dos seus textos o prova, muitos se contradizem. Tão alto quanto remontemos, ela nunca o foi; tão longe quanto vamos, ela nunca o será. É preciso ter-se ao alcance de todos uma garantia segura de sua origem, de sua pureza, de sua autenticidade, da segurança de seu texto, no todo e em parte, da segurança de sua tradução, de retidão, finalmente, de sua interpretação. (63)

(61) Leonel Franca – *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, Rio, 3ª Ed. Pág. 242.

(62) Leonel Franca – *A Igreja*, pág. 248.

(63) Krogh Tonning – *Le Protestantisme Contemporain*, pág. 16 (Apud Franca).

Temos, portanto, padres católicos, teólogos, grandes conhecedores da doutrina, a duvidarem do pedestal em que estimado Frade, e outros não menos estimados, sem serem frades, e até irmãos doutrinários, firmam os seus pareceres.

Nenhuma doutrina há que mais assente na Bíblia do que o Protestantismo. Para os reformados a Bíblia é infalível, é a palavra divina, a verdadeira regra de fé. Entretanto, vemos protestantes cultos que já começam a sentir-se abalados e a duvidar daquela infalibilidade. Ouça-se um dos maiores tribunos e escritores presbiterianos, entre nós, o pastor Miguel Rizzo.

Principia ele declarando que teve a penosa incumbência de reconciliar dois cavalheiros, mas um deles, versado nas Escrituras, recusou a reconciliação, baseado justamente no ensino das mesmas, pois que o Salmo 69:24, diz:

Derrama sobre ele a tua indignação e prenda-o o ardor de tua ira; fique desolado o seu palácio e não haja quem habite nas suas tendas.

O Pastor achou que seria pior se o moço se lembrasse de apelar para o Salmo 59:

Consome-os na tua indignação, consome-os de modo a que não existam mais e dêem gemidos como cães rodeando a cidade.

Provavelmente tudo se resolveria pela melhor se o Pastor tivesse as chaves à mão.

Outro caso: Um estudioso levou ao ilustre Pregador um problema: O profeta Natan atribui a Deus um ato chocante:

Eu te ungi rei sobre Israel e te livre das mãos de Saul e te dei a casa de teu Senhor e as mulheres de teu Senhor...

E afirma:

Eis que suscitarei de tua casa o mal sobre ti e tomarei as tuas mulheres perante os teus olhos e as darei a teu próximo... (64)

Isto de andar Deus a distribuir as mulheres dos outros estarreceu o douto cultor da Bíblia, pouco entendido, necessariamente, do valor dos símbolos, e não soube descalçar a bota.

Se o digno Pastor se dignasse prestar atenção a outras páginas e a outros textos, não saberíamos onde chegaria o seu pasmo. De Moisés a Davi não há o que escolher. Aquele, por ocasião do arrasamento dos midianitas e por ordem de Deus, manda matar todos os homens e todos os reis, destruir bens e rebanhos, queimar a fogo cidades e acampamentos, e pôr as mulheres em cativeiro com seus pequenos. Mais tarde, nem estes nem aqueles escapam, e as donzelas são distribuídas pela soldadesca. (Números 31).

Davi destrona reis, toma coroas, a uns serra vivos, a outros faz passar pelo suplício das talhadeiras, degola, atira em fornos. (1. Sam. 12, 13, 29-31).

Comete ele crueldades de estarrecer. Consulta Deus e Deus lhe diz: - Quando ouvires o ruído de marcha nas copas das balsamarias sairás à peleja, pois Deus saiu diante de ti para ferir o exército dos filisteus.

E o exército foi ferido de Gibeon até Gezer. Depois daí, entra Davi a ferir a torto e a direito, a tomar, a espoliar, a escravizar. “Jeová dava a vitória a Davi para onde quer que ia”. (Crônicas, 18:13).

Tira a coroa de um rei e como estivesse ela cheia de pedras preciosas, pô-la na própria cabeça e depois apanha o povo de toda uma cidade e manda cortar a todos com serras, grades e machados. “E assim fez a *todas as cidades* dos filhos de Ammon, depois voltou a Jerusalém.” (C. 20:3).

Assa prisioneiros, esfola-os, associa-se a homens de má vida, saqueia a casa de Nabal, toma-lhe a mulher, e como achasse pouco, fica ainda com a de Betsabé; enche-se de amantes... Estando velho e não podendo aquecer-se, procuraram uma donzela formosa e a puseram dormindo em seu seio. (I, Reis, 1-5). E depois “morreu numa boa velhice, cheio de dias, de bens e de honras”. (C. I 29:28).

Josué prende trinta e um reis e lhes toma as cidades. O Criador, como qualquer desocupado, faz chover pedras de Beteron a Azeca. Não escapou ninguém. Jefete imola a filha e faz degolar quarenta e dois mil judeus. Por um levita apaixonam-se os gabaonitas, que o querem violar, e ele lhes entrega a mulher.

Aod faz um punhal, esconde-o nas vestes, pede a Eglon uma audiência secreta, e quando este se ergue respeitosa e amigavelmente para recebê-lo, chanta-lhe a faca.

Sansão apanha trezentas raposas, transforma-as em fachos vivos e lança o incêndio no plantio dos filisteus. O mais interessante é que, segundo informam os entendidos, as tais raposas viviam num lugar sem florestas, região inabitável, vulpinamente falando.

Samuel corta Agag em pedaços. (Sam. 15:32).

Porque Naboth não quis vender uma vinha a Ahab, Jezebel ordena: - Proclamai um jejum e dai a Naboth um lugar proeminente; ponde defronte dele dois homens que testemunhem contra ele, dizendo: Amaldiçoaste a Deus e ao rei.

Depois levai-o para fora e apedrejai-o até que morra. (I. Reis, 21).

Jeová manda a peste a Israel, envia um anjo para destruir Jerusalém, mas arrependeu-se a tempo. (C. 21:15).

Arrependeu-se também de ter constituído rei a Saul (I. Sam. 15:10), como já se havia arrependido de ter feito o homem na Terra e tanto que lhe pesou no coração. (Gênesis: 6:6). É justo, não há dúvida, o arrependimento, mas ao que parece, não fazia outra coisa, depois de ter criado toda esta tralha onde penamos, que não fosse arrepender-se.

Samuel censura Saul por não ter obedecido ao Senhor quando este lhe ordenava destruísse totalmente os Amalekitas e pelejassem até consumi-los. (Sam. I: 15:18).

Vê um pecado na adivinhação, como se houvesse culpa em adivinhar. (Id, 15:23).

Saul, por seu turno, manda matar sacerdotes, faz passar a fio de espada em Nod homens, mulheres, crianças, bois, jumentos, ovelhas. (I Sam. 22).

Amnou, filho de David, namora-se da irmã Famar, força-a, viola-a, e depois, enojado, repele-a. E lhe diz: - “Levanta-te, vai-te embora. E ela lhe responde – não, meu irmão, porque é esta injúria maior que a outra que me fizeste. Ele, porém, fê-la expulsar por um servo”. (II Sam. Cap. 13).

Em Números 31 relata-se a vitória sobre os Midianitas e as matanças que Moisés executa por ordem de Jeová, com o seu séquito de horrores.

Basta por aqui.

Como se vê dos relatos bíblicos, a bondade, o perdão, a moral, a justiça, o respeito à propriedade e à vida, não eram ali mercadorias de muito preço.

A messe é longa.

Agora, algumas outras opiniões:

Maurice Elliot publica em Londres, no *Psychic News*, uma espantosa série de artigos sobre os erros da Bíblia. Da Bíblia – diz ele – não temos mais do que cópias de cópias de cópias de cópias. (65)

Demos agora a palavra a Huberto Rohden:

Há entre os autores dos livros bíblicos diversos que conceberam a Deus, ia dizendo como inquilinos de jardim de infância ou escola elementar. Assim, por exemplo quando atribuem a Deus todas as emoções e paixões do homem; quando admitem que Deus seja amigo daquela pequena tribo de Israel e ao mesmo tempo inimigo mortal de todos os outros povos do mundo, os milhões de habitantes do Egito, da Babilônia, da Assíria, da Pérsia, da Grécia, do Império Romano, da Índia etc.; quando admitem que Deus tenha dado ordem a Israel para exterminar todos os habitantes de Jericó, homens, mulheres e crianças, para que o “povo eleito” pudesse tomar posse do país banhado de sangue inocente; quando estabelecem, por ordem de Deus, que toda a mulher adúltera (não os homens adúlteros) fosse apedrejada sem piedade; ou quando Deus responsável pela monstruosa e anticristianíssima lei de Talião, olho por olho, dente por dente, ou quando o salmista, em nome de Deus, clama por vingança contra os babilônios, prevendo gostosamente o dia em que algum mensageiro de Jeová agarre pelos pés as criancinhas inermes dos malditos opressores e lhes quebre a cabeça contra os rochedos, como se lê no Salmo 137.

Quem em face disto ainda exige que se aceite a Bíblia da capa a capa como infalível manual de religião e ética, deve ser verdadeiro analfabeto do *espírito*, embora seja talvez doutor da *letra* do livro sagrado. (66)

Que está dito admiravelmente, não há dúvida nenhuma.

Refere Voltaire, ainda em relação à Bíblia:

Uma multidão de escritores, indignada com tantas imposturas, ainda as combate. Demonstra-se que não há uma página que não tenha um erro, ou contra a Geografia, ou contra a Cronologia, ou contra a História, ou contra as leis da Natureza, ou contra o senso comum, ou contra a honra, o pudor, a probidade. (67)

Escreve Ciro de Moraes:

A Bíblia, em todos os seus livros, está cheia de relatos sem-vergonha, de crimes os mais hediondos, que não se encontram nos registros de nenhum outro povo da Terra.

O abjeto de Sodoma e Gomorra e da história da mulher do Levita (Juízes XIX), os incestos, a rapinagem, a matança de mulheres e crianças por ordem de Jeová, o banditismo, a lubricidade impudente, a opressão e a covardia, recompensadas com a auréola de glória, o fanatismo estéril e provocador, tudo isso que marcou a Palestina para sempre com o selo do infortúnio, ofende pela grosseria descarada, a sensibilidade de qualquer criatura. (68)

(65) Sulyac – *Revue Spirite*, 1938, pág. 287.

(66) Huberto Rohden – *Unitas*, n. 11, Nov. de 1951.

(67) Voltaire – *Obras*, 65.

(68) Ciro de Moraes Campos – *Civilização Cristã*, pág. 310.

De Moisés diz Jacolliot:

Moisés, copiando as tradições antigas... e a fim de conduzir um povo embrutecido por longa servidão, teve que recorrer a todos os sortilégios, a todas as mentiras pelas quais reinavam os sacerdotes de sua época, e fazer de Deus um grosseiro espantalho. (69)

E ainda:

Não sabemos, em verdade, como se ousa falar da sublime revelação de Moisés. Que pregou Moisés? O medo em vez do amor de Deus. A pena de Talião, olho por olho, dente por dente. O roubo e a pilhagem. A carnificina de todos os povos que não se deixavam dominar. (70)

Vimos que o Velho Testamento, quer na sua infantilidade, quer nas suas cruentas descrições, quer nos seus lapsos científicos, quer, principalmente, no seu fundo moral, deixa-nos com a convicção de que pelo fruto se conhece a árvore.

Religiosos, notados por sua honestidade e cultura, não se deixaram arrastar pela tradição ou pelo fanatismo, e expuseram o assunto com a lisura de quem põe a verdade acima das convenções.

Escritores outros se manifestaram com a franqueza e o desassombro dos que não se acham ligados às facções doutrinárias.

Compreende-se, agora, porque, na intenção de salvar a obra, os seus apaixonados propugnadores buscassem lançar mão de todos os recursos, a ver se a livrava do naufrágio onde a conduz a sua feição textual.

Veremos que as dificuldades aumentam, quando procuramos lançar a sonda em maiores profundidades.

(69) Luis Jacolliot – *Le Fils de Dieu*, pag. 144.

(70) Luis Jacolliot – *Le Fils de Dieu*, pag. 158.

AS FONTES, A AUTENTICIDADE, AS DIFICULDADES BÍBLICAS

As dificuldades, em matéria bíblica, sobem de ponto quanto às origens, à autenticidade, às alterações, à fidelidade de composição e recomposição dos textos, de tradução, e todas as demais já apontadas.

Sobre a autenticidade basta referir-nos à pena de Edouard Montet:

O texto primitivo do Antigo Testamento não nos foi conservado tal como fora escrito pelos autores bíblicos. Com efeito, os mais antigos manuscritos que possuímos não vão além do X século de nossa era. Isto equivale a dizer que numerosos erros de transcrição devem escorregar (*se glisser*) no trabalho dos copistas que nos transmitiram os livros do Antigo Testamento. (71)

Uns sábios rabinos, conhecidos com o nome de Massoretas, procuraram, segundo se afirma, apresentar um texto tão puro quanto possível, mas esse texto desapareceu.

As dúvidas já começam com a chamada versão dos *Setenta*. A história da Bíblia nunca foi definitivamente elucidada. Os textos eram traduzidos em rolos, ou fitas, divididas em páginas, tudo muito complicado. Só havia consoantes; nada de vogais, nem acentuação, nem sinais de pontuação, nem separação de palavras. Daí uma série de erros, muitas vezes graves.

Além de tudo, Moisés devia falar o egípcio e nessa língua é que estaria familiarizado. A lógica, portanto, mandaria supor que o Pentateuco fosse escrito naquele idioma.

É incerto o ponto de partida. A primeira edição foi constituída há vinte séculos, em condições – diz a História – que expunha os livros a variada espécie de acidentes. Passam-se dez séculos e forma-se o *textus receptus*, onde os próprios autores declaram que o texto antigo lhes veio às mãos cheio de alterações, convindo distinguir “o que está escrito e o que se deve ler”.

Os textos anteriores à revisão dos Massoretas desapareceram, como vimos. Houve necessidade de pôr em grego algo que merecesse confiança. É aí que entram os *Setenta*. Fez-se, então, a tradução em Alexandria, por setenta e dois emissários de Jerusalém, a pedido de Ptolomeu II.

Conforme o famoso historiador Flávio Josefo, Ptolomeu II querendo enriquecer, talvez, ainda mais, a célebre biblioteca de Alexandria, encarregou seu bibliotecário de procurar na colônia judaica do Egito os livros de suas leis. Sendo esses livros escritos em linguagem indecifrável, recorreu a Eleazar, o Sumo Sacerdote em Jerusalém, a quem pediu cópia das Escrituras e tradutores fiéis.

Um judeu, de nome Aristeu, prometeu arranjar as Escrituras mediante certas recompensas. Envia Ptolomeu, então, uma carta a Eleazar, solicitando seis anciãos de cada tribo, para virem traduzir no Egito os livros sagrados, e lubrifica o pedido com valiosos presentes. Eleazar lê a carta para o povo e mostra as magníficas dádivas enviadas por Ptolomeu. Escolhe os seis anciãos de cada tribo e os faz seguir com a Lei, tendo o cuidado de reclamar a sua restituição.

Chegam os anciãos, que perfaziam o número de setenta ou setenta e dois, e se retiram para uma ilha, onde ficam trabalhando também setenta e dois dias, coincidência feliz, que já dá um tom divino à empreitada.

(71) Edouard Montet – *Histoire de la Bible*, pág. 8.

Entregue a versão ao monarca, este mandou que seu bibliotecário a guardasse com extremo cuidado. Os intérpretes regressam com o bolso cheio de ouro. Até aí Flávio Josefo, na *Antiguidade dos Judeus*, L. XII, 2.

Eis as precárias fontes de uma obra que deveria iluminar-nos pelos séculos em fora. Perguntamos agora: Quem se fez fiador idôneo da sabedoria desses intérpretes? Como saberia Ptolomeu que a sapiência neles se fora aninhar?

Como seria possível, transcorrido tanto tempo, jurar pela fidelidade dos seis de cada tribo, quando sabemos o que pode fazer o dinheiro e dádivas, e eles ali não foram barateados?...

Para que a obra dos Setenta se impusesse, começaram a fazer-lhe os mais fantásticos elogios. Chegou-se a dizer que os setenta e dois doutores, em células isoladas, verdadeiros gabinetes indevassáveis, traduziram, separada e parcelamente, os livros sagrados; quando compareceram e mostraram o trabalho, via-se que a concordância era absoluta; os setenta e dois escritos pareciam cópia uns dos outros, tal a sua exatidão. Eles se ajustavam até nas vírgulas!...

Fenômeno convizinho do milagre. Não havia duvidar: O Espírito Santo andara ali. É nessa infalibilidade que se baseiam alguns teólogos e não teólogos para afirmarem a inexcusável excelência da versão.

Mas a verdade, ao que parece, é muito outra. Veja-se o grande Bertelot:

Non seulement l'influence de certains scrupules philosophiques, nés au contact de la civilisation grec que a posé les traducteurs a modifier main passage, mais les traces de la précipitation et d'une connaissance très imparfaite de la langue originale se font voir dans un trop grand nombre d'endroits. On signale des suppressions et surtout des additions.

(Como se vê, reprocharam-lhe a influência de escrúpulos filosóficos, nascidos ao contacto da civilização grega, a modificação de muitas passagens, os traços insofismáveis de precipitação, o conhecimento imperfeito da língua original, notado em grande número de lances. Declara-se, ainda, que certos livros são maltratados, que há supressões e adições desprovidas de qualquer autenticidade). (72)

J. C. Rodrigues, numa obra incontestavelmente insuspeita, esclarece, referindo-se à *Septuaginta*:

Por importante que tivesse sido esse trabalho, tem erros como todo trabalho humano, e até mais do que teria, se houvesse maior cuidado. Os autores deviam encontrar a maior dificuldade em exprimir os seus hebraísmos. (73)

As variadíssimas versões tornaram ainda mais difícil um juízo seguro sobre o livro infalível.

A versão grega dos Setenta foi, por sua vez, traduzida para o latim, constituindo a Vulgata, ou a Antiga Vulgata, a *Vetus Itala*. Da África partiu para Roma; sendo inúmeras as cópias, já ninguém sabia como seria o verdadeiro original. Essa versão foi emendada, retocada... Ela esteve em uso no Ocidente, desde os primeiros séculos do Cristianismo, até que o Papa Dâmaso confiou a S. Jerônimo, em 384, a tarefa de redigir uma tradução latina do Antigo e do Velho Testamento.

(72) *La Grande Encyclopédie* – Cap. Sobre a Bíblia, vol. 8, pág. 566.

(73) J. C. Rodrigues – *Estudo sobre o Velho Testamento*.

S. Jerônimo achava a tarefa ingrata, e, de fato, foi alvo de cerradas críticas. A obra de S. Jerônimo tornou-se, com efeito, ainda vivo o seu autor, diz Léon Denis, objeto de vivas críticas; polêmicas injuriosas foram trocadas entre ele e seus detratores. (74)

Cesar Cantu declara, referindo-se à obra: - A crítica atacou-lhe violentamente a tradução. Todavia a Igreja aceitou-a em lugar da antiga versão itálica, feita segundo os Setenta. (75)

Para maior esclarecimento, leia-se o que diz Joseph Angus, doutor em Teologia, numa edição revista por outro teólogo, Samuel Green:

As diversidades e imperfeições dos exemplares latinos levou S. Jerônimo a fazer a revisão do texto, como Orígenes tinha anteriormente feito a dos Setenta. Empregou para este fim os Hexapla, que serviram para que ele corrigisse cuidadosamente todo o Antigo Testamento, de que nos restam apenas algumas porções. Mas quando a revisão de S. Jerônimo estava completada, aconteceu que a versão dos Setenta principiou a cair em descrédito. Por este motivo tomou S. Jerônimo a empresa de uma tradução em latim, feita diretamente do hebreu. E no tempo de Gregório, o Grande, foi dignificada com o nome de Vulgata. O texto que foi composto em parte da antiga versão latina, e em parte da edição revista por S. Jerônimo, é também em parte uma nova tradução formada imediatamente do hebreu...

Cedo foi o texto corrompido e vários homens eruditos tomaram o encargo de revê-lo. (76)

O fato é que a Bíblia sofreu inúmeros retoques. Xisto V suprimiu mais de cinco mil erros. “Os textos sofreram alterações”, assegurava peremptoriamente Joseph Angus. (77). “Mãos criminosas passaram pela Vulgata” declarava um pastor, nosso patrício. (78)

Ensina J. C. Rodrigues:

Em 1528 e 1532, R. Stevens juntou valioso cabedal para uma edição crítica, e em 1540 publicou um novo texto, transunto de mais de vinte manuscritos de Jerônimo... A Igreja Católica resolveu pôr termo a essa barafunda... Reuniu-se o Concílio de Trento. O que resolveu ficou dúbio.

Em 1587, foi publicado pelo Vaticano o texto oficial da LXX, e logo depois Xisto V deu início à edição da Vulgata, para cuja revisão uma comissão presidida pelo Cardeal Garaffo reuniu muito trabalho.

O próprio Xisto V cortou a seu talante muitas emendas propostas pela comissão, e acrescentou outras, e tão profundas mudanças fez que o trabalho iria escandalizar a Igreja.

A edição apareceu em 1590, precedida da célebre constituição *Aeternus ille*, em que Xisto afirmava que esta era a edição para sempre. (79)

Mas Inocêncio IX pediu que fosse proibida essa edição, que devia ser eterna. Resolveu-se, então, por proposta de Bellarmino, reimprimir-se outra coisa, devidamente emendada, mas, “para salvar as aparências”, dar-se-ia à nova edição o nome de Xisto V,

(74) Léon Denis – *Cristianisme et Spiritisme*, 1923, pág. 35.

(75) Cesar Cantu – *História Universal*, 6º, pág. 170, Trad. Ennes.

(76) Samuel G. Green – *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, Trad. De J. S. Figueredo, Lisboa, págs. 32-34.

(77) Joseph Angus - *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, c. IV.

(78) Frederico Hansen – *O Papado e o Padre Franca*.

(79) J. C. Rodrigues – *Estudos sobre o Velho Testamento*, V. 1, caps. XI e XIII.

dizendo-se haver a edição anterior saído com muitos erros. A nova edição ficou sendo chamada a “edição clementina”, apesar da boa vontade em salvar as aparências.

Celso, no II século, censurava os cristãos por viverem retocando constantemente os Evangelhos e apagarem no dia seguinte o que tinham inserido na véspera.

Leblois diz ter visto na Biblioteca Nacional de Santa Genoveva, no Mosteiro de St. Gall, manuscritos em que o dogma da Santíssima Trindade foi acrescentando à margem. Mais tarde o intercalaram no texto. (80)

Sobre a Vulgata escreve ainda Léon Denis:

Ela foi modificada em diferentes épocas. O que parecia bom de 386 a 1586, o que fora aprovado em 1546 pelo Concílio de Trento, foi declarado insuficiente e errado por Xisto V em 1590. Fez-se nova revisão; a edição que daí resultou foi modificada por Clemente VIII. É esta a edição hoje em uso, pela qual se fizeram as traduções francesas dos livros canônicos, submetidas a tantas modificações através dos séculos. (81)

O Dr. Canuto Abreu, a maior competência no assunto, em todo o Continente, apesar de muito inclinado à inspiração bíblica, deixa-nos entrever as seguintes dificuldades, nas principais regras de hermenêutica:

Explicar o texto sagrado segundo as leis ordinárias da linguagem.

Considerar o contexto santo, visando ao encadeamento das idéias e das proposições do autor sagrado.

Comparar as passagens, paralelas por analogia ou por oposição, explicando umas por outras, e visando, quanto e se possível, à harmonia.

Ter em vista o autor, o objetivo da obra, o argumento fundamental, a ocasião, o tempo, o lugar e o método da composição.

Nas passagens obscuras ou difíceis, tanto nos textos originais como sobretudo nas versões, recorrer aos exegetas autorizados e respeitados por velha tradição de sabedoria. (*O Evangelho por Fora*, I, pág. 35).

Por aí se nota que trabalho representa um estudo do “livro sagrado”, e isto nos é dito por um dos seus cultores máximos.

E aí têm o firme pedestal em que os nossos antagonistas sustentam as suas razões e com as quais pretendem arrasar os nossos princípios. Só por isto fomos obrigados a esta digressão filosófica e histórica. Não duvidamos que naquelas páginas haja algo de prestável, sem já nos referirmos, o que é fora de dúvida, aos Quatro Evangelhos, que refletem os ensinamentos do Divino Mestre.

Era preciso, pois, para resistir ao aríete com que nos ameaçam e ainda por mostrar a alguns confrades o perigo a que se expõem, acostados a tão fraco arrimo, deixar evidente o pouco ou mesmo nenhum valor probante da obra que julgam imacula, levando-se a ousadia ao ponto de afirmar-se que nos foi transmitida por Deus de capa a capa.

Pelo nosso estudo pode-se ver a confiança que merece a santidade do trabalho, depois de haver passado por tantas mãos profanas e diante de certos tópicos que apresenta, e dos ensinamentos que ministra.

(80) Leblois – *La Bible et les initiateurs de l’humanité*, Strasburgo.

(81) Léon Denis – *Obra citada*.

REENCARNAÇÃO

A REENCARNAÇÃO VISTA POR UM FRADE

Aproveitamos para apresentar um apreciável resumo da Reencarnação feita pelo ilustrado frade e teólogo, Boaventura Kloppenburg, no seu folheto *Por que não admito a Reencarnação*. Esse *por que* veremos mais adiante. Vamos ao resumo, aliás bem feito:

A teoria da reencarnação é o ponto básico e fundamental do *espiritismo brasileiro* (kardecismo, umbandismo, quimbandismo etc.), do *teosofismo*, do *esoterismo* e de todas as mais formas e variedade sob que se apresenta o *ocultismo*. Negada a idéia da Reencarnação, caem por terra todos esses vários sistemas que estão sendo propagados entre o nosso bom povo brasileiro. Quero, por isso, neste folheto, expor resumidamente as razões por que não posso admitir de modo nenhum a teoria da Reencarnação e, conseqüentemente, porque não posso ser espírita, nem umbandista, nem teosofista, nem esoterista ou qualquer tipo de ocultista. Antes de dar as minhas razões, resumirei as afirmativas principais dos defensores da teoria da Reencarnação.

Os postulados fundamentais dos reencarnacionistas se resumem nos seguintes pontos :

- 1) A vida presente não é a única do homem sobre a terra: nem é a primeira, nem será a última: “Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir continuamente, esta é a lei”. Segundo a maioria dos reencarnacionistas, nós homens, antes de sermos o que somos, passamos pelo reino animal, vegetal e até mesmo pelo reino mineral e depois ainda teremos que passar por outras muitas estrelas, reencarnando sempre de novo, até alcançarmos a perfeição final, igual para todos.
- 2) A alma humana, portanto, é o resultado de uma longa evolução pessoal e não foi criada por Deus no momento em que ela se uniu com o corpo.
- 3) O corpo humano é apenas um “envoltório temporal” que “serve de alambique para a depuração dos espíritos”; esse novo corpo, depois da morte, desaparece e quando alma se reencarnar toma um novo corpo “especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo”; mas o estado normal da alma perfeita é fora do corpo e por isso, quando tivermos alcançado a perfeição, viveremos definitivamente sem corpo, donde concluem: “Não se pode admitir a ressurreição da carne”.
- 4) Sendo a vida presente apenas uma das nossas muitas encarnações, ela evidentemente deixa de ser decisiva: a hora da morte é somente o termo final de uma encarnação e não é verdade, dizem eles, que logo depois da morte deveremos comparecer perante o tribunal de Deus para prestarmos conta da vida passada e sermos, então, premiados com o céu ou castigados com o inferno.
- 5) Aliás, o inferno, no sentido do castigo eterno, é incompatível com a idéia da reencarnação e do progresso contínuo: portanto, dizem eles, o inferno não existe.
- 6) Todos os homens, mais dia, menos dia, hão de alcançar inevitavelmente a perfeição final; e este lento mas contínuo progresso da alma é fruto do seu trabalho e esforço: no fundo cada homem é o seu próprio salvador e redentor, pois a salvação não se obtém por graça nem pelo sangue derramado por Jesus no madeiro, mas é o resultado do esforço individual que cada um emprega.

São estas as teses básicas do sistema reencarnacionista.

Aqui temos a bem lançada síntese, a que acrescentaríamos ligeiros reparos: ali se diz que teremos que passar por inúmeras estrelas; o que se sabe é que havemos de transpor vários planos até alcançar a perfeição; que esses planos sejam sempre estrelas é asserção que ainda não se fez.

Dizendo-se que, segundo a doutrina, não devemos comparecer perante o tribunal de Deus, parece que as nossas contas não seriam prestadas, o que não é exato. Se os Espíritos não vêem Deus e não têm tribunais, nem por isso ficam inultos; não deixam eles de perceber as faltas cometidas nem de experimentar os efeitos da vida passada, quer nas alegrias pelo bem, quer nos sofrimentos pelo mal que fizeram. A vida do Espaço é um degrau na Evolução.

A refutação do virtuoso escritor é baseada apenas nas Escrituras; as leis da Igreja são colocadas acima das leis naturais e os textos acima dos fatos.

O ente, em regra, se inclina para tal ou qual teoria, por um pendor íntimo, por simpatia, por hábito, por hereditariedade, por sugestão, pelo meio em que vive. E ele segue e propaga a sua doutrina sem que as razões, as demonstrações e as provas em contrário lhe causem o menor abalo.

Gustavo Le Bon, que era fraco metapsiquista mas ótimo psicólogo, diz em *Psicologia das Multidões*:

Cumpre não acreditar que a justeza de uma idéia, pelo fato de estar demonstrada, possa produzir seus efeitos, mesmo nos espíritos cultivados. Disso nos convencemos ao ver como a melhor demonstração influi mediocrementemente na maioria dos homens. A cintilante evidência poderá ser reconhecida por um auditor instruído; mas logo será levado pela sua inconsciência às concepções primitivas. Se o tornardes a ver, ao cabo de poucos dias, ele vos apresentará os seus antigos argumentos, exatamente nos mesmos termos. Acha-se, com efeito, sob a influência de idéias anteriores, que se tornaram sentimentos; só essas idéias atuam nos móveis profundos dos nossos atos e dos nossos discursos.

Dolorosa verdade. Depois de longa peregrinação no campo doutrinário, chegamos a compreender o pouco valor do arrazoadado e a inutilidade das provas, diante de opiniões firmadas, de idéias arraigadas, de preconceitos religiosos, de noções a que o tempo emprestou raízes tenazes.

As mais belas doutrinas, a mais sólida argumentação estacam naquela muralha e não há por onde abrir caminho.

Do embate de convicções profundas, em vez de sair a orientação, a luz e a verdade, o que surge são os ressentimentos, os desaforos, os ódios, traduzidos muitas vezes em represálias, impropérios, injúrias, vinganças, atentados, e na série de crimes que mancham indelevelmente a história das religiões.

Os antagonistas religiosos fecharão os olhos diante das provas, quaisquer que sejam e por mais convincentes que pareçam, para amparar-se aos versículos bíblicos. Ao esteio da documentação oporão a versatilidade dos textos, onde a infidelidade das traduções, a mobilidade das opiniões, a variedade das interpretações e a dificuldade das decifrações oferecem o caráter de permanente instabilidade.

Não nos move uma opinião sectarista. Fiamo-nos dos ensinamentos da História e mesmo da opinião de vultos insuspeitíssimos. Ela corrobora o que vimos dizendo e justifica as nossas desconfianças.

AS OBJEÇÕES DE UM ERUDITO PADRE

Tratando-se neste trabalho de um estudo sobre Reencarnação, parece-nos que não é possível deixar de lado as considerações de um ilustre Ministro da Igreja, o Padre Álvaro Negromonte, que já tem em segunda edição um livro sob o título *O que é o Espiritismo*.

As nossas referências à sua obra não significam o desejo de combatê-la e muito menos ao seu autor, por quem nutrimos, sem favor nenhum, a mais franca admiração. Por isso mesmo que se trata de um grande escritor, estimado nas letras eclesiásticas e acatado nas letras profanas, é razão bastante para que sejam consideradas as suas observações. Que ele nos desculpe, portanto, os reparos, e veja neles somente o desejo de esclarecer o assunto.

Principia o preclaro reverendo por mostrar que “as afirmações espíritas são contrárias ao ensino católico, o qual é baseado na Sagrada Escritura.”

Matéria para dissertação especial. Deixemos, pois, a palavra de Deus, que não sabemos quem a ouviu, e a infalibilidade das “Santas Escrituras”, tão ao arrepio das falhas gravíssimas que lá se encontram, e atentemos nos argumentos. Diz o sacerdote, tratando da Filosofia:

- a) Se fosse anterior ao corpo, a alma devia ser uma substância completa. Sendo, como é, uma substância incompleta, que se une ao corpo, outra substância incompleta, para formar um todo, que é o homem, a alma não pode existir antes do corpo. Se ela e o corpo fossem substâncias completas, a união dos dois não daria uma pessoa, mas um agregado de substâncias independentes, justapostas e unidas apenas acidentalmente.

Que elas estão unidas acidentalmente não pode restar dúvida. Acidentalmente, provisoriamente, temporariamente.

Antes de chegarmos à letra *b*, veremos que já existe aqui uma série de equívocos, repetidos, aliás, por outros sacerdotes, que, melhor do que nós, deveriam saber o que é o Espírito, e, sobretudo, onde está a individualidade, onde reside o ser.

A afirmativa de que a Alma é substância incompleta, que o ser só pode ser formado de corpo e alma, e até que o corpo é outra entidade, é o *outro*, nota-se em várias passagens do Autor, erro em cuja esteira velejam impróvidos navegadores, descuidados, até, pela paixão sectária, dos ensinos de seus respectivos catecismos.

Assim, escreve o digno sacerdote:

Mas com a doutrina espírita, os castigos serão na outra encarnação. Se não sou eu que vou recebê-los, pouco farei para evitar o mal. Abrem-se, então, largos caminhos a toda espécie de satisfações ilícitas, de vícios e crimes...

Também não temos estímulos para o bem... Ora, é isto o que ensina a reencarnação: eu pratico as virtudes e a recompensa *vai para o outro*, em outra encarnação. Boa essa...

Quem vai então mortificar-se... Privar-se de satisfações e alegrias, deixar os agradáveis caminhos dos sentidos, escolher a penosa subida do Calvário, se, no fim, será para *outro* a recompensa? Ou, se afinal, tudo se conseguirá por meio de reencarnações indefinidas, sem trabalho?

Que outro? Não há outro. Quando o Padre for para o céu, o que, egoisticamente desejamos não seja tão cedo, haverá algum outro que fique em baixo da terra? O Padre é constituído pelo seu *eu* psíquico, *eu* formado pelo seu caráter, sua inteligência, sua memória, seu saber... O corpo desfaz-se. Destarte, se o Padre voltar ao nosso vale de lágrimas, *quod Deus avertat*, tomará outro corpo, igualmente mutável como o primeiro, transformável, dissolúvel, perecível. Não há outro padre. Será o antigo Álvaro, provavelmente com outro nome, seguramente com outro corpo, necessariamente com outras vestes. Mas o Espírito é esse mesmo que os seus amigos têm a felicidade de conhecer.

Pela doutrina palingenésica, o ser, em nova encarnação, ao aproximar-se do ventre materno, adquire um corpo, aquele com que vai nascer, tal como o indivíduo que ao levantar do leito pega outras roupas diferentes das que usara na véspera.

Para o nosso amigo, como para tantos que lhe tomaram os argumentos por empréstimo, o indivíduo são as roupas, como na reencarnação, pela mesma lógica ele seria o organismo somático. E teríamos, destarte, tantos indivíduos quantas fossem as vestes.

Diante das dúvidas da letra a cabe-nos, enfim, perguntar, que é o que vai para o Céu, para o Inferno ou para o Purgatório. Se é o Espírito, temos uma substância incompleta a encaminhar-se para essas estâncias. E como as substâncias incompletas não podem ser anteriores ao corpo, não se compreende como possam ser posteriores. Que é que irá então para aquelas moradas?

Achar que o indivíduo só forma o todo com o corpo, o mesmo é achar que o homem só forma o todo com a sua camisa, e pormo-nos a clamar que sem ela se tornou *outro*, que ao tomar outra camisa se meteu num outro, ou numa outra. Seria risível.

O papel do corpo em relação à camisa é idêntico ao do espírito em relação ao corpo; e as metamorfoses por que este passa, mesmo em vida, o fazem irreconhecível aos que o viram anteriormente. Entretanto, essas transformações físicas não o tornariam outra pessoa.

O ser é a individualidade imperecível, que é a alma. Ela progride, porém não se deteriora, nem aniquila, nem desaparece com o soma. Este é apenas o invólucro passageiro. E como ela dele prescinde após a morte, sem perda de qualquer de suas faculdades, e, ainda em vida, demonstra sua completa independência, é grave equívoco a afirmativa de que esta se trata de substância incompleta, como seria o de achar incompleto o móvel sem as capas com que as donas de casa costumam revesti-los contra a poeira. Pelo contrário, quem conhece um pouco de Metapsíquica, sabe que o corpo diminui, enfraquece, entorpece as manifestações espirituais, e que estas só adquirem sua plenitude quando livres do seu incômodo revestimento físico: maior visão, mais ampla memória, maior lucidez, liberdade nos movimentos, rapidez no transporte, tal é o que sabemos do espírito desencarnado, pelo menos os de certa elevação moral. A um estudioso das ciências psíquicas difícil será compreender a razão de chamar ao espírito livre, ao espírito em toda a sua liberdade intelectual e cinemática, de substância incompleta. É incompleta para os efeitos da Terra, como o é o indumento para os efeitos da sociedade.

Segundo, enfim, o que ensina em suas prédicas o próprio Reverendo, na alma é que residem os vícios e as virtudes, o mau ou o bom arbítrio. São aqueles, segundo a Igreja, que nos dirigem ao Inferno, enquanto estes nos levam ao Paraíso.

Nunca é demais repetir: a vontade, o discernimento, a inteligência, o caráter, a energia, os desejos, as inclinações, os pendores, a moral, acompanham o Espírito e são eles que o formam. Prová-lo-emos no capítulo competente. Este Espírito é que é a individualidade. Esta individualidade é que encarna, desencarna e reencarna.

O *outro* é a matéria inerte, decomponível, insustentável quando lhe foge o espírito, espécie de sapato velho que se joga fora.

Ouçã S. Rvma. e seus colegas, e tantos quantos o acompanham nessa história do *outro*, um testemunho insuspeito. Era o Padre Antônio Vieira quem dizia:

Quereis saber o que é uma alma? Olhai para um corpo sem ela. Se o corpo era de um sábio, onde estão a Ciência, a Filosofia, a Matemática? Foram com a alma por que eram suas.

O ser espiritual é que é a sede de tudo o que somos, o que fomos e o que seremos; é a entidade ativa, volitiva, pensante, raciocinante, responsável e imortal. Retire-se a alma e o corpo morre. Fira-se o corpo, maltratem-no, destruam-no e a alma subsistirá sempre. Pois será que estejamos a ensinar o Padre-Nosso ao vigário e mesmo a outros que não são vigários e que tinham o dever de conhecê-lo?...

Ainda mesmo que pudéssemos manter essa esdrúxula idéia de que o corpo é essencial à alma em todas as instâncias e estâncias, formando com ela um todo indissolúvel, quando a Religião proclama a dissociação de ambos, pelo menos até o dia do Juízo, e a Ciência o demonstra, como iremos ver, ainda assim podemos dizer que outro corpo, ou pelo menos o seu *fac-símile* ou corpo astral, que os Espíritos se mostram, se deixam ver, que se nos apresentam, que provam a sua existência. Quando vemos fantasmas, almas errantes, almas de Outro Mundo, notamo-las como se encontravam em vida, com um corpo perfeitamente idêntico ao de sua vestidura carnal. Eles se acham diante de nós em corpo e alma. Já vê o amigo ou os amigos que nem esse implemento falta ao Espírito para a unidade espiritual, que imprime ao outro muitas de suas características.

Em síntese: A alma só depende do corpo ao âmbito da vida terrena; o corpo é apenas uma vestidura inconstante, mudável. Nesta vida, já a alma demonstra a sua independência e esta se firma inteira, absoluta após o desencarne. Logo, substância completa, para usar a expressão do nosso caro antagonista. A ser aceitável o argumento, deveríamos aplicá-lo em várias outras circunstâncias e cairíamos no disparate: uma calça, um paletó não poderiam subsistir antes do corpo que os tivesse de usar. Não saberíamos ainda porque a alma não poderia anteceder ao corpo e poderá sobreviver a ele, isto para os que não aceitam seja a alma formada com o corpo e que, entretanto, apresentam o mesmo argumento.

Como se vê, o acerto filosófico das razões expendidas é absolutamente inapreensível.

Lembraria, finalmente, que nos Evangelhos se diz que a carne nada vale. Se nada vale, como seria imprescindível ao Espírito? Voltem os amigos ao capítulo VI de João, vers. 64:

O Espírito é que vivifica, a carne de nada vale.

Agora, a letra b:

- b) Se as almas existissem antes dos corpos, exerciam ou não a inteligência e a vontade? Se não exerciam, sua existência era inútil e portanto contrária à existência de Deus. Se exerciam, tinham conhecimento dessa existência. Mas não há conhecimento dessa existência anterior. É que as almas não existiram antes dos corpos. Logo a Filosofia desmente as fantasias do Espiritismo.

A Filosofia não desmente nada.

Não havia razão para a dúvida ou para a alternativa apresentada, desde que se sabe, em Espiritismo, que as almas, antes, durante ou depois dos corpos, exercem a inteligência ou a vontade. Já se veria alguém, desde que não se trate de um dementado, deixar de exercer a vontade? Sempre se afirmou que somos seres que voltaremos a encarnar, logo exercendo a inteligência e a vontade, já antes de outros corpos. E antes de tomarem novos corpos, continuam exercendo vontade e inteligência, como o demonstra a variada gama da fenomenologia supranormal.

Eliminada a primeira ponta, vamos à segunda.

Se folhearmos os livros de Allan Kardec, veremos o caso devidamente explicado. O que competiria, pois, ao digno escritor sacro e àqueles que o seguem, dentro ou fora da Igreja, seria desfazer os argumentos do Codificador e não repisarem indefinidamente as mesmas afirmativas, como se nada se tivesse escrito até hoje sobre o caso. As lições de Allan Kardec são por demais conhecidas e nos limitamos, portanto, a remeter o leitor ao respectivo texto. (82)

Já em nossa obra mostramos que o esquecimento não é completo como parece; por vezes, a alma abre rasgões no nevoeiro que a envolve e desvela o passado.

Vemos ainda o seguinte:

Não temos consciência do que fomos, porque a memória fica apagada, obnubilada no seu novo entrajamento. Há milhares de fatos porém, que provam a revivescência dessa memória. Os anais do Psiquismo dele estão refertos. Já os mostramos no início e vê-lo-emos ainda.

Pelo argumento expendido, o ser não deveria existir antes do tóxico que ingeriu, ou da moléstia que adquiriu, ou do abalo que sofreu, ou da pancada que tomou, ou da crise por que passou, quando esses acidentes lhe perturbam a razão, diminuem a memória ou mesmo a extinguem.

Em inúmeros casos, tidos em Psiquiatria como de dupla personalidade, personalidades alternantes ou não importa o rótulo, o indivíduo esquece por tempo indeterminado a personalidade anterior, ou a sua personalidade; não se lembra de mais nada; olvida por tal forma o passado, que é necessário aprender tudo de novo. Não se desconhece que existe o que se chama a amnésia, e que não se lhe marcam limites à duração. Ninguém, em bom juízo, poderá ter esses indivíduos amnésicos por inexistentes. E as suas culpas, por mais terríveis que fossem, ficariam apagadas com o esquecimento?... E se das suas faltas ou erros, surgissem graves conseqüências, como se justificariam elas diante da filosofia do digno opositor?...

Só nos restaria, pois, demonstrar que o castigo, a sanção ou os efeitos, dependem da falta e não da memória, e que um criminoso desmemoriado não deixaria, mesmo no Catecismo do Autor, de prestar as devidas contas dos seus pecados.

É muito contra a vontade que empregamos o vocábulo *castigo*, e o fazemos porque não se percebe falta sem a respectiva punição. Mas o sofrimento é antes uma necessidade no progresso, espécie da terapêutica da alma. Essa terapêutica prescinde das faculdades mnemônicas.

Não sabemos bem porque será assim; o caso é que o sofrimento é evidente. Como quer que seja, compreende-se que, com memória ou sem memória, a sua aplicação tem uma finalidade – a evolução do ser. O que dificilmente entra na cabeça de alguém, fora de certos círculos, já se vê, é a dor ministrada arbitrariamente, conforme as simpatias do Criador ou a cara da criatura, como não se compreende a benfeitoria do Inferno para o futuro do pecador.

(82) Allan Kardec – *Livro dos Espíritos*, Cap. VII, Esquecimento do passado, nr. 392 e seguintes.



Eis-nos agora diante de matéria já muito ventilada e debatida, parecendo os nossos contraditores não só inteiramente alheios ao debate, como despercebidos de que as armas que lançam às doutrinas alheias reverterem contra as próprias.

Ouçamos o Padre conterrâneo:

Se os males que padecemos são punição de pecados de existências anteriores, quem me fizer qualquer mal está apenas me aplicando merecido castigo. E neste caso não tem culpa alguma, e sim merecimento. Que bela consequência da reencarnação!

Quem procurasse aliviar os sofrimentos do próximo estaria impedindo a expiação dos crimes cometidos nas outras encarnações, entervando o progresso... Logicamente, a caridade espírita é contraproducente.

É mais ou menos do mesmo teor a opinião de eminente professor:

Se as provações para os adeptos de tal palingenesia são manifestações da justiça divina, todas as práticas de caridade devem ser absurdas, porque se opõem à vontade divina...

... Todo o socorro prestado a uma criatura que sofre é contraproducente. Tirar um homem do sofrimento deve ser para os Srs. Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo a maior das maldades, porque será privá-lo dos recursos de que dispõe para aperfeiçoar-se e resgatar as faltas...

Em nossa filosofia o dever do rico é amparar o pobre, o do forte é proteger o fraco...

Dir-se-ia, sendo aquilo a filosofia deles, que a nossa consiste no dever de o rico desamparar o pobre e o do forte desproteger o fraco.

Mas, perguntaríamos ao ilustre Padre católico e ao ilustre Professor cristão, se, amparando o pobre e protegendo o fraco, não estariam eles igualmente, praticando um mal, por se oporem à *vontade divina*, haja vista que os males oriundos da fraqueza ou da pobreza provêm daquela vontade?

É dos Evangelhos, que ambos seguem e reverenciam, que não cai uma folha, que não cai um cabelo, que não cai uma asa, que não seja por vontade de Deus. Aí está como os preclaros opositores voltam contra si os argumentos com que pretendem embatucar-nos.

Mas aquelas escachantes coartadas contra a reencarnação já haviam sido explicadas por nós. Há mais de vinte anos, eram lançadas por um colega do Padre Álvaro e nós já lhes respondíamos. Dizia o Padre:

Então quando um homem mau persegue o seu semelhante é sempre instrumento da justiça divina... Pois bem, caríssimos espíritas, segue-se que se matarmos, se roubarmos, se torturamos o próximo, não fazemos nada de mal. É apenas porque ele o mereceu. Hum!

E nós replicávamos:

Que o próximo o mereceu, não resta dúvida; quanto a que não fizéssemos nada de mal – hum!... dizemos nós agora.

Se matarmos, se roubarmos, se torturamos, infringimos a Lei. Não é possível inferir-se que não fazemos nada de mal. O morto, o roubado, o torturado sofrem as provas que lhes cabem, e como ninguém nos mandou matar, roubar ou torturar, ou se mandasse não o deveríamos fazer, ficamos por nossa vez em dívida. Porque, com aquelas iniquidades, não temos em mira limpar o próximo dos seus pecados, senão satisfazer as nossas baixas inclinações. Os que sofrem saldaram os débitos; os que fizeram sofrer enchem-se de culpas.

Aquele que está submetido à prova, experimentá-la-á de qualquer maneira e experimentá-la-ia, mesmo que não existisse o mau para servir de instrumento: o que teria de ser assassinado, morreria de desastre; em vez de roubado, o que por tal aborrecimento devesse passar, perderia os seus haveres; as torturas infringi-las-ia o destino, a natureza com suas agrestias. Não havia escapar. Como porém existem os assassinos, os ladrões, os perversos, vão eles servindo de meio de reparação, de instrumento de progresso e suas iniquidades revertem em benefício da harmonia universal.

E terminávamos com palavras de Rui Barbosa. Transcrevemos grande parte de um seu discurso, em que falava dos seus inimigos:

E ainda quando aos olhos do mundo, como aos do nosso juízo descaminhado tenham logrado a nossa desgraça, bem pode ser que, aos olhos da Filosofia, aos da crença e aos da verdade suprema não hajam contribuído senão para a nossa felicidade.

O grande jurista já entrevia os caminhos por onde se processava a Justiça do Alto.

A REENCARNAÇÃO NA INGLATERRA

Resta-nos tratar da divergência do ensino dos Espíritos quanto à reencarnação. Diz-nos S. Rvma.:

Os anglo-saxões, em geral, não a aceitam. É o que se dá nos Estados Unidos e na Inglaterra. Mesmo outros espíritas renegam o absurdo...

O mais interessante é que quem ensina a esses espíritas que não se dá a reencarnação *são os mesmos espíritos* que ensinam aos outros que ela é uma necessidade. É mais uma das numerosas contradições dos tais espíritos.

Os Espíritos que ensinam que não se dá a reencarnação *não são os mesmos* que ensinam que ela é uma necessidade.

Os que dizem ou disseram que o sol era menor que o Peloponeso não são os mesmos que ensinam que ele é um pouco mais de um milhão e trezentas mil vezes maior que a Terra.

Os que nos afirmam que a alma e o corpo formam uma unidade ou uma substância, ou que a individualidade é o corpo, ou que no corpo residem as faculdades da alma, esses não são os mesmos que escarpelam o corpo e ali só encontram os elementos anatômicos, ou que sondam a alma e nada vêem dos órgãos materiais.

Os que dizem que não há reencarnação não passam de Espíritos desconhecedores do caso. Estão fartos de saber os que entendem um pouco do assunto que os Espíritos que povoam o Espaço são os mesmos que povoaram a Terra, o que quer dizer que não podiam estar mais adiantados, nem se poderiam esclarecer de salto; conseqüentemente, haveriam de manter as mesmas idéias com que se foram deste mundo, e tal é o caso entre ingleses e norte-americanos. De maneira que, quando eles supõem que não há reencarnação, não fazem mais do que transmitir as idéias que possuíam. Eles não dizem o que sabem, porque pouco sabem, ou não sabem nada. Refletem, apenas, o que lhes parece.

Se, em vez de tirarmos as nossas deduções de acordo com os nossos sentimentos, mais ou menos apaixonados, fôssemos buscá-los no estudo dos fatos, veríamos que os grandes médiuns da Inglaterra e as grandes obras desse país, ou se calam diante do problema, para não perturbarem os ouvintes, ou se manifestam francamente pela Palingenesia.

Quando nos queremos inteirar de qualquer verdade científica, não as vamos procurar entre os incultos ou os que deram provas dessa incultura, mas entre os que são tidos como conhecedores daquilo que estamos pesquisando.

Os que, portanto, dão provas de conhecimento, critério e caráter, os que ditam obras notáveis, os que manifestam em suas mensagens profundo saber, estes são os Espíritos dignos de fé e nestes é que nos procuramos estribar; suas obras é que merecem acolhida, e é com elas que vamos demonstrar o desacerto dos que vêm nas discordâncias dos Espíritos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos a negação da doutrina das vidas sucessivas.

Daremos, apenas, alguns exemplos, que os limites deste capítulo não comportariam uma investigação mais prolongada.

Principiemos por nos reportarmos ao interessante estudo de Ernesto Bozzano, como todos os que saíram de sua extraordinária pena, digna do maior apreço.

Ernesto Bozzano, que possuía um arquivo formado à custa de muito trabalho, muita paciência e muito tempo, achava-se perfeitamente apto a tratar do assunto e a documentá-lo como o fez. Revendo a sua extensa coleção de fatos, episódios, relatos, mensagens e

livros, chega à conclusão de que a suposta divergência não tem elemento sério que a comprove.

As principais comunicações medianímicas recebidas na Inglaterra, os mais importantes livros contendo mensagens do Além, ou evitam o assunto, por não ferir susceptibilidades, ou são francamente reencarnacionistas. As negações, em regra, partem de fontes duvidosas ou são provenientes das idéias do médium.

Ernesto Bozzano principia por afirmar que existe entre os anglo-americanos uma invencível *aversão de raça*, e há médiuns que chegam a revoltar-se quando recebem mensagens, ainda que tímidas, a favor da reencarnação.

A análise comparada – elucida o filósofo, - aplicada a grande número de mensagens, concernentes à reencarnação, mostra-nos que as personalidades comunicantes estão de acordo neste ponto: - que nos primeiros graus da existência espiritual o Espírito nada sabe acerca de seus destinos futuros; que nesses graus assiste-se à desapareição de almas que chegaram à maturidade espiritual, e cuja sorte se ignora, tal como acontece na Terra com a morte. Não se poderia dizer, portanto, se elas passam através de planos espirituais ou se realizam as fases da reencarnação. Dessa ignorância de certos Espíritos surgem as explicações de acordo com suas convicções particulares.

O mesmo já não acontece com os Espíritos superiores, que deixaram dessa superioridade indeléveis traços em obras afamadas. Assim, por exemplo, os “Ensinos Espiritualistas” (*Spirit Teachings*) do Reverendo William Stainton Moses; a preciosa obra de William Stead, “Cartas de Júlia” (*Letters from Julia*); o severo e profundo volume de Sarah Underwood, “Escrita automática ou dos Espíritos” (*Automatic, or Spirit Writing*) e uma série de comunicações muito elevadas da médium, oposta aliás, à hipótese reencarnacionista, que tinha o título de “Cartas do Outro Mundo” (*Letters from the Other World*).

Nota-se, diz ainda Ernesto Bozzano, que as personalidades medianímicas respondem, às vezes, de maneira evasiva às questões sobre a reencarnação; acontece, entretanto que, na espontaneidade das comunicações, entram incidentemente no assunto e, quase sem perceberem, *exprimem-se no sentido afirmativo*.

Imperator assim diz:

Falávamos do destino da alma e dizíamos que ela, desencaminhada, sendo indestrutível por natureza, deveria reencarnar. Após o naufrágio de uma prova, força é uma oportunidade de progredir. (*Spirit Teach*, póstumos).

A personalidade de Lord Carlington dizia pela mediunidade de Russell Davis:

Há segredos espirituais que não se podem divulgar nem compreender através da vida encarnada... O Espírito reencarna-se em existências inumeráveis, desde as origens do tempo, elevando-se sempre, sem nunca voltar atrás. Cada encarnação lhe serve para evoluir, consertar, preparar a forma adotada, e assim por diante. (*Light*, 1906).

Júlia ensina pela mediunidade de William Stead:

É necessário que a alma passe através das formas da vida física; é uma parte do processo por meio do qual atinge sua finalidade evolutiva; pode ter encarnado precedentemente; esta lei é absoluta, mas infinitamente variada. (*Letters*, 161)

William Stead envia a Bozzano várias mensagens recebidas por aquela entidade espiritual. Numa delas diz a entidade a Stead:

O segmento encarnado de vossa personalidade já experimentou múltiplas encarnações.

Sarah Underwood, apresentando as extraordinárias comunicações que recebera, fá-las preceder de uma explicação:

Sucede muitas vezes que a inteligência que guia a minha mão exprime juízos e afirma coisas absolutamente contrárias à minha convicção. Antes dessas experiências, eu perdera a fé na sobrevivência da alma, e por conseqüência não acreditava em comunicações espíritas, até o dia em que fui obrigada a mudar de opinião em vista do que a minha mão escrevia. Obtinha, por vezes, mensagens com idéias que revoltavam os meus sentimentos. Assim, por exemplo, aquelas em que se afirmava a teoria da reencarnação...

Bozzano finaliza a sua probante exposição com as seguintes considerações:

O que expus basta para mostrar que as inteligências de ordem elevada que se comunicam por médiuns anglo-americanos não contradizem a doutrina da reencarnação enunciada pelos médiuns celto-latinos, senão que a confirmam, com a diferença de que se mostram muito mais reservados nesse ponto; e isso necessariamente por causa da aversão experimentada pelos anglo-americanos por essa doutrina. A verificação desse fato reveste importância decisiva e basta para abalar qualquer acusação sobre as contradições reencarnacionistas. Ela constitui, com efeito, a condição necessária e única para provar as minhas afirmações. A maior parte das outras pretendidas contradições devem, indubitavelmente, ser atribuídas a interferências subconscientes, à imperfeição do instrumento medianímico, combinada com a inexperiência dos que o empregam, e à circunstância de que não há nada que impeça os Espíritos de responderem conforme suas impressões pessoais ou mesmo conforme as opiniões alheias, a fim de não contrariarem os experimentadores em assuntos julgados prematuros para a humanidade.

Ernesto Bozzano respondia ao Professor Morselli, em monografia que temos vertida para o português pela pena hábil de Guillon Ribeiro. Voltado a essas considerações pela *Révue Spirite*, diz-nos o escritor italiano:

Tal era a parte essencial de minha resposta ao Professor Morselli, no que toca à reencarnação. Essa resposta teve como resultado inverter o papel dos adversários, isto é, depois de acusar injustamente os espíritas de conservar o mais absoluto mutismo sobre as contradições reencarnacionistas, foi o meu contraditor que achou de ser calar para sempre. (*C'est mon contradicteur qui a dû se taire à jamais*). (83)

Poderíamos ir muito longe se nos propuséssemos a apresentar aqui a infinidade de mensagens de origem inglesa, que tratam da reencarnação. Mas é vasto o assunto a encarar e limitadas as páginas a escrever. Lembraremos, entretanto, um livro escrito pela senhora Dawson Scott.

83) Ernesto Bozzano – *A propos de révélations transcendentes*, *Revue Spirite*, abril a julho de 1927.

Pergunta ela ao defunto marido: - “Lembra-se de já ter vivido outras vezes na Terra?”

Responde ele: - “Há muita coisa que ignoro. Notarei, entretanto, que sempre experimentei um sentimento de afinidade pelo meio oriental. Nada pode existir sem uma causa que a explique...”

Um dos espíritos comunicantes, Henry Lawry, declarava:

- À medida que os Espíritos progridem, despojam-se de seus preconceitos inibitórios, mas embora tenhamos chegado a um grau notável de evolução, apenas demos um passo no caminho assinalado por nossa longa viagem.

E como lhe perguntassem que longa viagem era essa, declarou “que tinha a sensação de já haver vivido outras vezes”. E acrescentou: - “É talvez uma verdade o que aqui nos dizem – que já vivemos em alguma parte...” (84)



Convém não deixemos esquecido o trabalho medianímico de origem inglesa, provavelmente um dos mais importantes, senão o mais importante de quantos têm sido ditados na Grã-Bretanha. Foi ele recebido pela incomparável médium Rosemary, por quem se apresentava o Espírito com o nome de Lady Nona; esse Espírito surpreendeu os egiptólogos da Grã-Bretanha com as suas revelações sobre o Antigo Egito.

Lady Nona se dizia antiga esposa do faraó Amenhotep III, e não só falava aquele antiquíssimo idioma, como fez várias retificações, deu extraordinárias explicações, esclareceu a pronúncia, revelou a decifração de inscrições e frases que o tempo tornara ilegíveis e descreveu usos e costumes daquela recuada época.

Pois Lady Nona afirmou a verdade das vidas sucessivas. Frederico Hood, um dos sábios orientistas a cujas experiências e observações a médium esteve submetida, indagou como era a vida no mundo dos Espíritos. Respondeu ela que alguns ficam em recreio, repouso ou estudo; outros em desenvolvimento; outros experimentam uma existência igual à da Terra. Há Espíritos que levam muito tempo a recuperar-se; outros viajarão para instruir-se, *até o momento da próxima encarnação*.

É impossível a qualquer espírito – afirma – passar, de salto, de um estado inferior ao mais elevado. Todos os que vêm daí devem repousar durante certo tempo, até que o corpo etéreo fique ajustado à nova esfera. O germe de vossa velha idéia do Purgatório é justa, posto que a palavra seja inexata em sua aplicação.

Quando um Espírito fica muito tempo afastado da Terra, ele sente necessidade de voltar. Todos devem passar pelo estágio físico, depois de um estágio próximo ao vosso plano; é aí que o corpo etéreo se fortifica. Depois da encarnação, ele se vai destacando à medida que o ser alcança estados mais elevados.

O sábio perguntou: - Que é que sucede no momento da reencarnação?

Há um momento, no curso do progresso espiritual, em que o Espírito não pode ir mais longe. Ele esbarra em um obstáculo que só pode ser afastado por uma experiência terrestre. Volta, então, sobre seus passos para reencarnar. (85)

(84) Mrs. Dawson Scott – *From Four who are Dead*. (Mensagens de Quatro Mortos), pág. 138.

(85) *Light* – Londres, 14 de fevereiro de 1935.

O Espírito prolonga-se em instrutiva dissertação, que é a confirmação do que já nos têm dito outras entidades e, sobretudo, o que ensinam os Espíritos na obra de Allan Kardec. O que aí fica, porém, já basta para o que desejamos demonstrar.

Uma revista científica alemã, em um estudo sob a assinatura do General Peter, informa, ainda a respeito de Lady Nona, que esse Espírito dizia lembrar-se perfeitamente de três vidas anteriores, havendo fornecido um material probatório, raramente ultrapassado.

Diante das provas, o General Peter e o Dr. Wood, ambos até então refratários à doutrina das vidas sucessivas, acabaram aceitando, para certas almas, a volta ao nosso globo. (86)

Em “*Mensagens do Invisível*”, obra medianímica também de grande repercussão nas Ilhas Britânicas, encontram-se trechos de grande valor para a tese reencarnacionista. O que damos abaixo serve de exemplo:

Coisa singular! Conquanto à minha chegada no mundo espiritual, tudo o que nele existe me haja parecido tão maravilhoso, experimentei logo a sensação de me encontrar outra vez num meio que não era novo para mim. Exprimi esta impressão aos meus companheiros espirituais e eles, então, me informaram que eu recuperaria gradualmente a lembrança de acontecimentos pessoais que se estendem muito para além de minha última existência terrestre, abrangendo recordações de um tempo em que habitei o mundo espiritual, que é a nossa verdadeira morada. Começo, com efeito, a lembrar-me...

Não desejo entrar em longa dissertação sobre este tema, mas, bom é que diga o que daí resulta para mim a tal respeito. É que meus filhos, assim como outros Espíritos com os quais tenho tido ensejo de falar deste assunto, me informaram que se lembravam claramente de todas as existências que viveram na Terra. Eu mesma principio a recordar-me das fases de existências encarnadas, anteriores à de onde vim ultimamente... (87)

Quando ainda não estávamos enfronhado nos estudos psíquicos, tivemos a desdita de perder, na flor da idade, um distinto amigo e colega, Adolfo do Amaral Ornelas, poeta primoroso e uma das grandes esperanças de sua geração.

João Carneiro da Fontoura, médium sem o saber e sem o querer, também escritor de pulso e autor de várias obras, recebeu espontaneamente, uma bela mensagem de Ornelas, onde este dizia achar-se numa espécie de região encantada, tendo passado por estradas que perlustrara outrora, antes de sua encarnação, espécie de paraíso perdido, provavelmente por suas falhas terrenas. Ei-lo que enfim voltava à sua morada espiritual. Não o chorassem, antes o louvassem por sua libertação.

Este breve trecho, como que *intermezzo* em nossa demonstração, aqui o intercalamos, simplesmente, por mostrar que, em certos pontos, muito se assemelham as comunicações do Além, apesar de extraídas por pessoas que não se conhecem, que nada conhecem da doutrina, e que se acham em pontos afastados na Terra.

Conta a *Revue Spirite* que Joseph S. Edgar, em Nova York, pela voz direta, teve a sorte de conhecer seis de suas vidas, que teria vivido no Egito, em Roma, na Arábia... (88)

Vejamos agora um exemplo de recordações do passado:

(86) *Zeitschrift fuer Seelenleben*, Berlim, 1935, págs. 129-140.

(87) *Messages from the Unseen* – Apud E. Bozzano, *A Crise da Morte*, Trad. Guillon Ribeiro, 2a ed. Pág. 109.

(88) *Révue Spirite*, 1929, pág. 316.

Narra uma senhora: Eu e meu marido levávamos nossa filha à herdade, que não revíamos desde que ela nasceu. Imagine-se o nosso espanto quando, trazendo-a ali pela primeira vez, ela nos diz: - Vamos atravessar o bosque e chegar ao riacho. – Partimos. Ela indicou o caminho sem a menor hesitação, distinguiu uma velha árvore, sentou-se ao pé do tronco e declarou: - É aqui que eu gostava de divertir-me antigamente. O caso se passa na Inglaterra. (89)

Por ser caso vulgar, de sabor histórico, e porque foi muito divulgado e comentado na imprensa inglesa, transcrevamos este interessante e curioso incidente:

Durante a projeção do filme “A Rosa dos Tudors”, num cinema de Liverpool, produziu-se um fato que provocou uma grande estupefação no público inglês e nos jornais ingleses.

Estava-se na cena de execução de Lady Jane Grey, em 1554. A rainha ajoelhava-se diante do cepo, e o carrasco, comovido, inclina-se diante da jovem e lhe pede: - Quer perdoar-me? – Ela responde: - De boa vontade.

Então, das primeiras filas da sala, ouve-se um grande grito: - Não! É completamente falso! Eu o sei, eu estava lá!...

Uma jovem tinha-se dirigido, pálida como se estivesse morta, para a tela, e desmaiou. Os empregados do cinema transportaram-na, desfalecida, para o vestiário, em meio à indescritível agitação dos espectadores, que deixavam suas cadeiras. Levaram-na para casa; quando se reanimou disse que se lembrava perfeitamente de ter vivido ao tempo dos Tudors. Um poder mágico a levava ao cinema e, diante do filme, viera-lhe à consciência que fora dama na corte de Lady Jane Grey. Ela recordava-se da execução, a qual, em muitos pontos, diferia inteiramente da versão adotada pelo filme.

Lady não estava assim resolvida e calma, quando subiu ao cadafalso; tinha, pelo contrário, chorado e se comportado como uma histérica. Um jovem ajoelhou-se diante dela e lhe chamou pelo nome. O povo não se conservou calmo, como na fita, mas, ao contrário, havia um indescritível *tohu-bahu*; os espectadores de trás da multidão tentaram saltar por cima dos que estavam na frente. Nos primeiros degraus do cadafalso, Jane chorava. Em seguida cortaram-lhe os cabelos, junto ao pescoço, o que o filme não representava. (90)

O caso suscitou na Grã-Bretanha, especialmente nos meios psíquicos, o maior interesse. Quanto à moça, trata-se de uma irlandesa, cuja família, através dos séculos, passa por ter o dom da segunda vista.

Como se lê, na terra onde se diz são os espíritos contrários à reencarnação, uma jovem, em plena sessão pública, declara ter estado presente à execução da infortunada Jane Grey. É fácil a um estudioso de questões psíquicas perceber a razão do fluxo mnemônico. A cena era trágica, era comovente. A intensidade dramática produziu o abalo psíquico e o episódio, que devia existir como uma ferida mal sarada na alma da sensitiva, aflorou naquele instante, desprendido das profundas camadas do subconsciente para a periferia do ser.

As grandes ranhuras produzidas no Espírito por um acontecimento de certa intensidade, podem provocar essas recordações espontâneas, verdadeiras erupções do nosso íntimo, as quais costumam povoar também os nossos sonhos, aparecer em nossas visões, surgir em nossa mente, sem que, dados os nossos fracos conhecimentos, os possamos traduzir.

(89) *Light*, Londres, 1937, pág. 567.

(90) *Zeitschrift fuer metapsychische Forschung*, 1936, págs. 181. – *Revue Spirite*, 1936, pág. 505.

Registremos, agora, a opinião de acatados escritores e renomeados sábios:
 Conan Doyle, o afamado novelista inglês, e em matéria de Espiritismo, um dos seus maiores e melhores defensores na Inglaterra, nos diz na “História do Espiritualismo”:

On the whole it seems to the author that balance of evidence shows reincarnation is a fact, but not necessarily a universal one.

A tradição é a seguinte:

Em suma, parece ao Autor que o balanço das provas mostra que a reencarnação é um fato, embora não um fato indispensavelmente geral. (91)

Como se vê, o grande estudioso e meticoloso observador, como o demonstra em todos os seus trabalhos, verificou que a evidência estava ao lado da reencarnação.

Fez mais ainda: chegou a mostrar os erros graves contidos nas objeções de alguns reencarnacionistas. Assim é que para G. Howitt a reencarnação não parecia um fato, porque milhões de Espíritos, ao entrarem no Outro Mundo, encontram seus parentes. E Conan Doyle replica: - Ele se esquece que a reencarnação não é imediata: - *“Mr. Howitt, however, in his vehemence, forgets that there may be a time limit before the next incarnation takes place”*.

Poderia, ainda, lembrar ao opositor que não é verdade o que ele afirma; estamos fartos de lidar com Espíritos que nunca encontraram parente nenhum. Esse encontro depende também da prova ou do merecimento do ser recém-desencarnado. Salvo se esse extraordinário acontecimento de toparem logo os mortos com toda a sua parentela é privilégio britânico.

Sir William Barrett chama a reencarnação de princípio divino da alma e declara:

Os fenômenos transcendentais que acabamos de estudar, longe de excluí-lo, pressupõem o princípio divino da alma.

E acrescenta:

Muitos crêem, com o erudito e devoto Henry More, com outros platônicos e eminentes pensadores modernos, como o Dr. J. Ellis Mc Taggart, que a sobrevivência implica a existência pré-natal. Nesse caso, como diz Massey, toda a concepção da imortalidade se transforma, se encaramos a consciência como limitação temporária de um *eu* maior, em uma espécie de fruto de muitas estações da vida terrena.

Esclarece as dúvidas existentes, dizendo:

Opõem à idéia da reencarnação, o esquecimento total de nossas existências passadas, mas isto pode ser que não passe de um eclipse temporário.

A reencarnação está na ordem do dia – assegura ainda – e justifica a intromissão da matéria no seu livro:

Toda a questão do Espiritismo está de tal forma ligada à da escatologia, destino e natureza do homem, que nos aventuramos a encarar o assunto. (92)

(91) Arthur Conan Doyle – *The History of Spiritualism*, 1926, II, pág. 179.

(92) *In the Theshold of the Unseen* – Na trad. Francesa – *Au seuil de l'invisible*, 1923, págs. 212-217.

Deve ser lembrado um livro publicado na Grã-Bretanha sobre “Reencarnação” pelo conhecido escritor Ralph Shirley. Ele nos apresenta extenso rol de autores reencarnacionistas, dentro e fora do país, e entre estes Goethe, Huxley, Lessing, Herder, Carl du Prel, Nietzsche, Schopenhauer, Dr. John Mc. Taggart, Geley e outros.

Por seu turno, George Dottin, em “As Literaturas Célticas”, mostra a importância da reencarnação na história da literatura britânica e relata circunstanciadamente vários casos que demonstram essa doutrina.

Para terminar, reportemo-nos a vivo debate sobre a reencarnação, realizado em Londres, em Grottriam Hall. Assim o descreve a *Light*:

Realizou-se ontem interessante debate sobre as vidas sucessivas. Os controversistas (*the debaters*) eram o Capitão E. J. Langford, a favor, e James Leigh contra.

Posto que nenhum voto fosse tomado, ficou patente que a maioria da audiência era a favor da reencarnação. Presidiu à sessão o Sr. St. Clair Stobart, e havia uma grande assistência. (*Although no vote was taken was obvious that the majority of the audience favoured the acceptance of reincarnation*). (93)

Pode-se ver ainda que não existe animosidade, nem irreconciliabilidade, nem questão fechada por parte dos não reencarnacionistas, falando de modo geral. É exemplo o que nos conta a *Revue Spirite*:

Supunha-se que entre as questões que poderiam provocar objeções no recente Congresso Espírita Internacional, a reencarnação se encontraria em primeira linha. Se os espíritas franceses e os de raça latina são unânimes em reconhecer o princípio, os amigos anglo-saxões pareciam um tanto divididos, e esperavam-se as discussões nesse ponto. Ora, não houve nada disso, e as conclusões foram fáceis de estabelecer.

Não obstante, os nossos contraditores continuam a pretender que falta unidade ao ensino dos Espíritos. (94)

Depois do que aqui apontamos, já apresentando as mensagens dos maiores e mais afamados médiuns da Grã-Bretanha, já trazendo cenas empolgantes e verdadeiramente dramáticas, já transcrevendo a opinião de acatados vultos britânicos, já lembrando o resultado de memoráveis debates, vemos que os espíritas estão no direito de duvidar das supostas divergências anglo-saxônicas, e de afirmar que, por parte dos Espíritos que sabem o que dizem, não há divergência nenhuma.

Os nossos antagonistas têm apenas por si a plebe do Espaço, ou as mensagens saídas diretamente da cabeça do indivíduo, que seriam tão dignas de fé como as das reuniões de pessoas desconhecidas do mediunismo, onde o que vem do Alto é pueril e contraditório, ou aquelas em que a manifestação é visível e insofismavelmente anímica, isto é, provém do próprio ser encarnado, embora esteja ele de boa-fé.

Não há dúvida que é difícil discriminar as más das boas mensagens, como ajuizar com segurança, quando não há prática, conhecimento ou critério, como também é difícil emitir opinião sobre tão complexa matéria, quando, em vez da elevação pelo estudo, o que existe é somente a paixão por espírito sectário.

Isto, porém, não exclui o que há de bom, o que há de sério, o que há de probante e provado.

(93) *Light*, 13 de fevereiro de 1936.

(94) *Revue Spirite*, fevereiro de 1926, pág. 49.

OS TABUS CIENTÍFICOS

ENDOCRINOLOGIA

Em o nosso trabalho anterior, agora sujeito a acerada crítica, tratamos das glândulas de secreção interna, visto como eram elas trazidas à baila para demonstrar que o ser moral não era fruto das peregrinações em vidas múltiplas, mas das aludidas secreções.

Limitávamo-nos a estranhar o fato e expusemos várias razões. Lembramos que não é de hoje que os homens de Ciência procuram mostrar que o Espírito depende do corpo, de maneira absoluta. Ao mesmo tempo, porém, vemo-los apresentar causas diferentes para as mesmas modalidades e sintomas, donde se percebe que não se acham tão seguros como parece.

Lembramos que, provindo os nossos erros e falhas espirituais de fatores orgânicos, eliminados esses fatores, iria a humanidade entrar numa vida angélica, e não víamos, até então, nada que se parecesse com isso.

Mostramos, com a transcrição de vários textos, que os criminalistas, os psicólogos, os filósofos, e vários homens de saber afirmavam existir na alma as raízes do delito; que havia quase sempre no homem uma tendência criminosa, e que necessariamente, seria essa tendência que era alimentada, explorada ou posta a nu pela ação glandular.

Rui Barbosa, que além de jurista, tinha qualidades de psicólogo e até de vidente, afirmava: “Há na alma humana detritos perpetuamente renováveis, que não se extinguem nunca, e que irrompem, por vezes, como as lavas de um vulcão”.

As glândulas fariam o efeito das convulsões telúricas. As falhas, portanto, seriam do Espírito; e, tal como as lavas no interior das crateras, que surgem por efeito do abalo sísmico, elas se manifestariam por efeito da perturbação orgânica.

Fizemos ver, ainda, quanto seria difícil tirar ilações precisas num caso que principiamos, agora, a estudar, e que está sujeito a controvérsias por parte dos próprios cientistas, bem como os erros a que a pressa na conclusão pode dar lugar.

Max Schlopp e Berman notaram a frequência de hipertireoídeos entre os delinquentes, e Nidoni viu hiperpituitáricos entre os ladrões.

O que conviria saber é se aqueles delinquentes e estes ladrões seriam anteriormente indivíduos de elevada moral e passaram a ladrões e delinquentes depois de se tornarem hipertireoídeos e hiperpituitáricos.

A não ser assim, não haveria modificação nenhuma de caráter, senão uma coincidência. E esta indagação é necessária em todos os demais casos para a comprovação da tese apresentada.

Ora, havendo no mundo milhões de indivíduos delituosos, não seria estranhável, nem era motivo para as ilações dos Mestres, o caso observado pelos doutos endocrinologistas, e isto porque deve haver centenas de hipertireoídeos e hiperpituitáricos que não sejam delinquentes, e milhares de delinquentes que não sejam hipertireoídeos e hiperpituitáricos. E destarte não se pode invocar o desequilíbrio como causa moral.

Chegamos, ainda, a declarar: - Aceitamos as proposições científicas. E mostramos, em longo arrazoado, que elas em nada destruiriam a hipótese reencarnacionista.

Há indivíduos aparentemente bons. Eles no-lo parecem, e assim se nos antolham, até que uma circunstância qualquer lhes revela o caráter.

Quem visse o Marquês de Pombal tomando as humanitárias providências que o celebrizaram por ocasião do terremoto de Lisboa, não previria que, com tão estúpida atrocidade, mandasse supliciar os Távoras e o Padre Malagrida.

Sylla, tão afamado na história romana, era um indivíduo calmo, delicado; nada se conhecia dele que o desabonasse como homem de bons instintos e de bom coração. Sobe

ao governo absoluto. Começa-se, então, a saber quem era o homem: praticou uma série de crueldades; ensangüentou Roma. E quando o clamor das vítimas, certa vez, chegou até o Senado, e os Senadores, espantados, perguntavam o que era aquilo, respondia tranqüilo, o abominável tirano: - Não se incomodem; está-se fazendo a justiça que eu ordenei.

As glândulas poderiam, em alguns, produzir os efeitos que o Poder desperta em certas almas.



Afastar todo o nosso raciocínio, como fazem certos críticos, para afirmar-se que negamos peremptoriamente a ação das secreções; que não queremos admitir que haja relações entre o caráter e as situações endocrinológicas, não nos parece próprio de uma controvérsia entre homens dignos e onde a sinceridade deve ser posta fora de dúvida.

Além disso, só nos referíamos ao caráter moral; à moralidade, à honestidade; à bondade do indivíduo. Só estas nos interessam, porque provado que tais atributos são consequência de ações físicas, lá se vai por vasa-barris tudo o que um de nossos principais críticos vem pregando como ardoroso cristão que é, e como enfaticamente se intitula.

Perguntar-lhe-íamos, então, onde estariam a justiça daquele Inferno de sua Escritura; porque Deus iria mandar uns para a direita e outros para a esquerda, quando a responsabilidade dos deslizes de uns e das virtudes de outros deve correr unicamente por conta das glândulas.

Por que uma separação formal e ignominiosa entre bodes e ovelhas, quando os bodes mais não são que indivíduos glandulares e as ovelhas indivíduos não glandulares?

Se vós me amais, guardai os meus preceitos; dizia o Cristo. (João 14:23)

Mas como seria possível amá-lo e guardar os preceitos diante da força imperiosa das glândulas?

Em Mateus, 16,27; Lucas, 3:14 e vários outros textos:

Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.

Pois não sabia o Cristo que o pobre iníquo não passava de uma vítima das secreções?

Por mim vos juro – diz o Senhor – que não quero a morte do ímpio, mas sim que ele se converta, que deixe o mau caminho e viva.

Mas como pode ele viver sob a ação das glândulas? E qual seria a culpa de Judas, quando o mísero não passava de um simples traidor endócrino?

Necessariamente, a doutrina cristã de muitos Mestres não se casa com a doutrina científica que eles expõem, perfilham e entusiasticamente proclamam.

Iríamos longe se fôramos a citar a infinidade de textos onde o homem é responsabilizado pelas suas más ações. Vê-se que tudo é letra morta. A salvação pelas obras, conforme Tiago, ou pela fé, conforme os crentes, ou pela graça, conforme Paulo, ou pelo amor, conforme o Cristo, deve ser substituída, cientificamente; e se falará agora, na salvação pelas glândulas.

Como se vê, propusemo-nos gratuitamente a defender as idéias dos ilustres cristãos preopinantes, e estamos agora sofrendo as consequências desse gesto.



Por maneira que nada temos que ver com as alterações no temperamento, no sistema nervoso, nas erupções, “em que os velhos revivem as loucuras da mocidade”.

São manifestações orgânicas, ou explosões de sentimentos, tendências e instintos mais ou menos sopitados pela atividade diuturna, pelas preocupações, pelas conveniências, pela sociedade.



Seria interessante perlustrarmos o seguinte trecho:

Uma menina é aparentemente normal e brinca femininamente com suas bonecas e suas companheiras; ao chegar à puberdade, porém, se viriliza. Adquire formas angulosas, voz masculina, atitudes másculas, crescendo-lhe os pêlos como no homem...

...Às mulheres barbadas vieram destruir os argumentos do Sr. Carlos Imbassahy.

Desejariamos saber que é que têm as barbas com a moral da pessoa; por que a mulher barbada viria destruir os argumentos supramencionados e mais os que não se mencionaram?

Aliás, é comum às pessoas de muito saber ajuizarem mal das que pouco sabem e estenderem demasiadamente os limites da ignorância delas.

Assim é que douto endocrinologista nos apresenta como o mais profundo desconhecedor da matéria, já no título dos seus artigos, já nos motejos, já nas referências à nossa inópia, já no espanto que nos iria causar a inopinada e estupefaciente revelação das mulheres barbadas. E, finalmente, nas suas asserções categóricas:

O Sr. Carlos Imbassahy quer pontificar sobre assunto que finge conhecer mas que realmente ignora por completo. Não quer admitir que haja relação entre o caráter e as situações endocrinológicas.

Estaria tudo muito certo, se não fossem dois erros capitais: o de que “fingimos conhecer” e o de “não querermos admitir...” Ora, nós, porque somos leigo no assunto, citamos. E entre outros, citamos talvez o maior dos entendidos, que é Pende, citação de que se lembra um Professor, quando exclama:

Não sei como o Sr. Carlos Imbassahy deixou escapar a opinião de Pende.

Logo, não fingimos nada.

E regozija-se, porque Pende está de acordo com seus pontos de vista.

Citamos Pende porque, ventilando um assunto, muito ao contrário do que se afirma, teríamos que apresentá-lo e estudá-lo por todas as suas faces; seria improbidade deixar de lado a feição moderna por que é encarado o problema.

Mas estas citações desmentem o juízo que expende o Mestre, no que toca ao nosso desconhecimento sobre o pé em que se acha a questão.

Além disso, muito antes do extraordinário descobrimento que agora nos apresenta, em matéria de sexo, já Allan Kardec ventilara o assunto:

- Têm sexo os Espíritos: - Não como o entendeis, porque os sexos dependem da organização. (*Livro dos Espíritos*, 200).

Nota – Os Espíritos encarnam como homens ou mulheres, porque não têm sexo. Haja vista que cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais, e com isso, ensejo de ganharem experiência”. (Kardec, id. Id.)

Logo, já estava prevista a questão de sexo. As glândulas viriam adrede e previamente preparadas para os devidos efeitos. Isso não é negar a ação das glândulas, é explicá-las.

Os caracteres masculinos revelados nas mulheres ou os femininos nos homens, são resultados de diferentes sexos em encarnações passadas. Os Espíritos, segundo o ensino, tomam, ora corpo de homem, ora de mulher. Que os atributos revivam de um no outro, por uma influência qualquer, e nela pode achar-se a glandular, não tem isso a menor importância para a tese ventilada.

Veja-se ainda este valioso trecho:

O saudoso Arídio Martins produziu um proveitoso trabalho sobre Endocrinologia e Crime. W. Bernardinelli mostrou a relação íntima existente entre as situações endocrinológicas e os chamados pecados mortais. São homens que viveram estudado estas coisas.

Mas, outros homens que também viveram estudando estas coisas, ou não concordam com os colegas, ou lhes acham exageradas as conclusões.

Tínhamos, em uma pasta, várias revistas onde se tratava desse assunto. Por felicidade do leitor, perderam-se as revistas, a pasta inclusive.

Um médico amigo nos telefonou dizendo: “Tenho aqui um livreco que trata disso”. Quando fomos ver o livreco, ele havia desaparecido. Quem quiser decifre o mistério.

Felizmente esse material não nos vai fazer falta, como veremos. Há muito que notar a respeito. Vejamos por exemplo o que diz um acatado professor da Universidade de Coimbra:

É a parte fisiológica, o temperamento, que mais determina o caráter, mas não se admite influência decisiva e tirânica, isto é, não se cai no erro frenologista.

As incertezas e dúvidas não param aí:

No ramo biológico das ciências experimentais, a incerteza e a variabilidade das noções são maiores do que nas ciências da matéria inanimada.

E finalmente:

Atenda-se que só com grandes números poderemos tirar alguma conclusão, que o conceito de delinquência varia muito, e, por outro lado, que só um número restrito de delinquentes é tido como tal, porque grande parte escapa às malhas da justiça. (95)

Vê-se, portanto, que em matéria criminal a Ciência não se acha tão segura, haja vista que não há influências decisivas; no ramo biológico enxameiam a incerteza e a variabilidade; e, para concluir, é preciso grande número de dados, o que não se pode obter pelo restrito número dos que são submetidos a exame.

(95) Luis Duarte Santos – *Biotipologia Humana*, 1941, págs. 122, 140, 180.

Parece-nos insuspeito o Autor.

Não percamos, por mais tempo, as nossas considerações, haja vista que temos do nosso lado o próprio contraditor. Vejamos:

Se o homem fosse somente a alma animal, o caráter seria, apenas, uma questão de seringa. Tal porém não sucede.

A vontade é uma força que, usada inteligentemente, pode modificar o temperamento. As secreções dependem de influências nervosas e psíquicas que a mentalidade e as auto-sugestões podem modificar.

Educando a mentalidade, o sentimento e vontade, o homem consegue as forças necessárias para vencer as taras do seu caráter e as fatalidades de suas condições endocrinológicas.

Teríamos cá as nossas dúvidas sobre a influência da mentalidade, dada a força que se atribui à ação endocrinológica. Que poder de vontade poderia ter o imbecil, vítima da glândula tiróide?

Em todo o caso, fala o Mestre, e fala, sobretudo, de cadeira, pelo menos da cadeira de Biologia.

Chegou às nossas conclusões. Se o indivíduo, pela sua mentalidade, pela sua vontade, pela sua razão, pode fugir ao império da ação estranha, física, fisiológica ou mórbida, dá-se com a secreção glandular o mesmo que com o vinho, que com as condições climáticas, que com a hipnotização, onde o indivíduo repele o que lhe é contrário aos ditames do caráter. E temo-lo portanto, ainda como senhor inatingível em sua moral, capaz de repelir a fatalidade das condições endocrinológicas, como repeliria as insinuações de um perverso, as sugestões de um malfeitor, os conselhos desonestos, as situações físicas e morais da vida, tudo, enfim, que leva o homem ao mal, seja o exemplo, o contubérnio, os arrastamentos, a necessidade, as convenções sociais.

As secreções glandulares seriam, apenas, uma causa predisponente.

E é o que queríamos demonstrar.



Há umas ponderações mais sérias, que desenvolveremos e provaremos em capítulo especial. Trata-se da autonomia do Espírito e de sua ação sem o corpo, conseqüentemente sem as glândulas. Contra as doutrinas que notam nos predicados da alma efeitos orgânicos, ergueram-se para desmenti-las os fatos da Ciência Psíquica. Esta Ciência, baseada nos fenômenos, mostra-nos que o Espírito, quando separado do corpo, quando estão aniquilados todos os órgãos e funções, quando já não existem secreções e glândulas, apresenta-se com o mesmo caráter que tinha em vida.

Sublata causa, tollitur effectus. Assim, deveria desaparecer o efeito com o desaparecimento da causa. E não é isso o que se vê. A ser verdadeira a tese dos nossos antagonistas, o ser espiritual deveria tornar à condição angélica, talvez à pré-adâmica, ou à situação divina que lhe emprestam, a do *espírito que não peca, ou que peca* por efeito das glândulas, da hereditariedade, do meio, das condições sociais...

O espírito do morto, quanto à sua moral, é idêntico ao do vivo. Ele se apresenta com os mesmos caracteres morais e intelectuais, com as mesmas paixões, com as mesmas idéias e os mesmos ideais, os mesmos erros, as mesmas virtudes e os mesmos vícios, os mesmos hábitos, a mesma cólera ou a mesma tranqüilidade, a mesma bondade ou a mesma perversidade, com o mesmo afeto ou desafeto, honesto ou desonesto, perfeito ou imperfeito, hipócrita ou sincero, como ao tempo em que pisava o solo planetário, salvo os

casos de uma evolução rápida. Nem os tiques, as tinetas, os preconceitos, as esquisitices, as manias e idiossincrasias, as simpatias e antipatias se somem, nessa passagem, por vezes, trágica, da vida para a morte. É o ser psíquico integral que se nos entremostra, quando logramos abrir as portas que dão para os outros planos da existência.

No livro da Sra. Dawson Scott há, entre outras, uma comunicação do seu defunto marido, em que ele diz:

Quando chegamos ao meio espiritual, ficamos algum tempo dominados pelos preconceitos, inibições sensoriais adquiridas... (96)

Por seu turno esclarece Raimundo, o filho falecido de Sir Oliver Lodge:

Ao chegarem aqui os Espíritos são influenciados pelas tendências que os dominavam na Terra. (97)

É de Carl Wickland os seguintes ensinamentos:

Os hábitos, os desejos e as inclinações se acham arraigados no Espírito e acompanham o indivíduo depois que ele se liberta do corpo físico, até que os possa eliminar pela vontade.

Os espíritos de muitos criminosos, assassinos, que executaram vinganças ou procuram executá-la, permanecem na esfera terrestre e se esforçam por continuar em suas antigas atividades...

(Habits, desires and inclinations are rooted in the mind and remain with the individual after he is freed from his physical body). (98)

Numa sessão com a senhora Piper, um Espírito, o de Hannah Wild, declarou que ela devia retirar-se porque era hora do “ofício” e não queria faltar a ele. A Sra. Blodgett, presente, viu nisso mais um traço do caráter da falecida irmã. Era dia de festa e a Senhorita Hannah Wild jamais faltaria nesse dia ao ofício cristão.

Esse incidente é bizarro – diz Sage – mas encontram-se muitos análogos nas sessões da Sra. Piper.

Em outra sessão, o pai do Prof. Hyslop pede o chapéu. Era esse um inveterado costume do velho.

Se perguntarem ao comunicante o que ele faz, muitas vezes fica surpreso e pretende que continua em suas ocupações habituais... (99)

Disse Conan Doyle:

Achamo-nos em comunicação aparente com os mortos e eles parecem ser exatamente o que eram antes da separação. (100)

Os espíritos guias disseram a Staiton Moses que as almas partem deste mundo com os seus desejos e seus apetites. (101)

Como se explicará tudo, se já não existe a ação das glândulas, as dirigentes de nossas ações?

(96) Dawson Scott – *From four who are dead* – (Mensagens de quatro mortos), pág. 156.

(97) Oliver Lodge – *Raymond*, pág. 197.

(98) Carl A. Wickland – *Thirty years among the Dead*, California, pág. 121.

(99) M. Sage – *Madame Piper*, 1902, pág. 87.

(100) Apud Barrett – *Au Seuil*, pág. 188.

(101) Staiton Moses – *Spiritualist Teachings*.

Ainda que supuséssemos se houvessem fixado na alma as ranhuras que as ações orgânicas ou ambientais produzissem, ainda assim, estaríamos diante de um grande problema filosófico, que são as sanções. Nesses outros planos, o indivíduo responde pelo mal que praticou. É o que notamos no sofrimento que ele não pode esconder e com os quais se apresenta pedindo clemência, perdão e preces. É de tempos imemoriais que “as almas penadas”, como lhes chama o vulgo, suplicam o auxílio dos vivos para as suas dores e imploram que peçam a Deus por elas. Não se trata de lendas nem de princípios forjados em misteriosas e impenetráveis oficinas; não se trata de dogmas, nos quais devemos depositar uma fé incondicional. Estamos em pleno domínio do fato. É a História, são os anais de todos os povos, é a observação colhida em toda a parte, são, enfim, as experiências dos tempos modernos que nos impõem uma convicção.

Essas dores, sendo o indivíduo uma vítima apenas do mal endócrino, na Terra não passaria de uma garabulha jurídica; no Além seria uma divina iniquidade.

Iremos esmiuçar tudo isso.



Encarado o problema por vários prismas, verifica-se que não é tão sólida a posição dos endocrinologistas neste particular:

1. O assunto, mesmo pelo lado científico atual, não está fechado. As dúvidas, as vacilações e ainda as negações não faltam ao debate.
2. Não se sabe, nem disso ainda se cogitou, se as secreções têm o poder de *transformar* o caráter, isto é, de fazer que uma pessoa absolutamente bondosa passe a perversa; que um indivíduo reconhecidamente honesto se torne reconhecidamente desonesto.
3. Demonstrada a ação glandular sobre a moral, resta saber se não havia já no indivíduo os germes da falta ou do crime que a ação veio desenvolver e desencadear, e nesse caso a glândula seria apenas o elemento deflagrador.
4. Finalmente, encarado o problema pelo seu lado psicológico, filosófico, metapsíquico ou religioso, não se poderiam compreender as ações repressivas, o sofrimento do malfeitor, quer ele vá para o Inferno, conforme as seitas cristãs ortodoxas, quer o encaremos nos planos espirituais, de acordo com o fenômeno psíquico, pelo qual o morto nos descreve a sua situação no Espaço.

HERANÇA PSÍQUICA

CORPO E ESPÍRITO

Pedimos ao leitor, a quem desgostar as tiradas fastientas, que pulem este capítulo.

Entre os tabus científicos poderemos apontar a herança psíquica. Dizem vários mestres que herdamos os sentimentos, a inteligência, os caracteres morais e até os conhecimentos paternos. À falta de comprovantes seguros, e quanto tal não se verifica, apelam para a memória ancestral. São os cabedais acumulados nas gerações pretéritas que formam o homem civilizado de hoje.

Quando não é possível afirmar que os nossos caracteres psíquicos vêm dos pais, dada a imensa variedade entre pais e filhos, recorre-se à ancestralidade, convencido o recorrente da dificuldade que há em se negar que tal ou qual avoengo deixasse de possuir o caráter que desponta no rebento atual.

De Marie inclui na composição do homem o eu inconsciente ancestral.

Dizem-nos que Herming fundamentou a teoria da memória como função geral e fundamental da substância viva.

E ilustrado biologista patricio assegura que “a memória ancestral que a Consciência reconhece existir, a própria Psicologia admite na concepção do eu”.

Ora, não só não se mostra de forma iniludível a transmissão hereditária das funções psíquicas, como iremos demonstrar, nós, diante dos fatos paranormais, que elas não fazem parte da matéria, senão simplesmente do Espírito, e como tal não se poderiam transmitir, hereditariamente, como certos materialistas supõem e preconizam.

Tudo aquilo que não é claramente demonstrado não passa de um axioma. E se temos que tomar esse axioma como verdade demonstrada, sem lhe tocar, estamos diante de um tabu.

Podemos afirmar, com absoluta segurança, que dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio produzem água; sabemos, sem sombra de dúvida, qual a fórmula do ácido sulfúrico; poderemos verificar que o selênio, o tório, o rádio produzem radiações.

Com uma simples máquina de Atwood convencer-nos-emos que “os espaços percorridos por um corpo que cai são proporcionais aos quadrados dos espaços empregados para percorrê-los.”

Com outro aparelho poderemos demonstrar o princípio de Pascal, de que os líquidos transmitem integralmente e em todos os sentidos as pressões que suportam.

A segurança dos cálculos astronômicos fica patente com a regularidade e exatidão com que os fenômenos se realizam.

É a isto que se pode dar o nome de Ciência.

Mas afirmar que tal indivíduo herdou as elevadas qualidades intelectuais dos pais, ou não sabemos quais outras, quando os pais são uns indivíduos brancos; que os avós ainda eram mais brancos que os pais; e escapar-se dessa dificuldade com a hipótese de que a inteligência *deveria porvir* de um longínquo antepassado, necessariamente de remota tribo africana, tendo ainda esse antepassado *devido herdar* as altas qualidades intelectuais não se sabe de quem; e ficar depois de tudo isso a chasquear da ignorância alheia, é que não é muito para louvar nem admirar.

Mário Cavalcanti, no *Reencarnação*, trouxe vários exemplos de onde se poderia ver uma série de casos, em que seria impossível descobrir ou mesmo invocar a ancestralidade.

Numa reportagem de “O Globo”, lemos o seguinte trecho, de parte de um especialista:

A INDIAZINHA DO PARAGUAI

- E Rostand prossegue:

Um indivíduo humano não possui, ao nascer, qualquer vestígio do seu passado ancestral. É uma página em branco. De nenhuma maneira é favorecido ou prejudicado pelo modo de atividade dos avós. É um homem, mais nada. Um ser humano pode atingir a um nível superior de civilização, mesmo que os seus antepassados sejam pouco civilizados. A prova disso no-la fornece a observação do eminente psicólogo Henry Pieron na sua bela conferência “Do Animal ao Homem”.

A tribo “guaiaquil”, do Paraguai, caracteriza-se pela sua atrasada fase de civilização – civilização chamada “do mel”, porquanto os membros da tribo contam, como principal recurso alimentício, com o mel das abelhas selvagens, que vão procurar no oco das árvores. Um dia, porém, exploradores encontraram, numa taba abandonada pelos guaiquis, uma menina que, a julgar pelo aspecto, não tinha mais de dois anos. Foi recolhida pelo etnógrafo Vellard, que a entregou à sua própria mãe. Tendo sido assim educada num ambiente civilizado, a “pequena selvagem” é agora uma mulher absolutamente moderna, que fala várias línguas e realizou estudos muito adiantados de etnologia. Colabora com o pai adotivo, com quem veio a casar-se.

Aí temos um fato capital que demonstra perfeitamente que um ser humano não precisa ser sustentado por um passado hereditário. *O Globo, 10-3-1954.*

Trata-se, a nosso ver, de casos excepcionais, mas suficientes para desmentirem a tese de transmissão hereditária dos caracteres morais.

Como se vê a dúvida não parte só de meia dúzia de pacóvios.

Declarar-se que “a aceitação da herança física implica na aceitação da herança moral” é julgar pelas aparências, e nunca as aparências tiveram vigor científico.

Vejamos se os laços entre matéria e espírito justificariam a hipótese da hereditariedade psíquica ou, em outros termos, se o espírito decorre da matéria; se a Ciência tem como certa a indissolubilidade das relações psicofísicas; se, enfim, há alguma prova de que se originam da matéria as aquisições mentais, por maneira a se tornarem transmissíveis hereditariamente.

Ouçamos os Mestres.

Diz-nos Richet:

A sede anatômica das funções psíquicas não pode ainda ser determinada da maneira satisfatória. Apesar dos esforços dos fisiologistas não se chegou a qualquer resultado positivo.

Tratando, ainda, dessas funções declara que:

A Anatomia não pode dar mais que pobres noções fisiológicas a respeito. E a Psicologia é das ciências a que menos pode esperar esclarecimentos no que toca às pesquisas dos anatomistas.

Seria interessante saber – pergunta ainda – em que elementos do sistema nervoso está situada a atividade psíquica. Admite-se como dogma inabalável (*on admet comme un dogme inébranlable*) que a célula nervosa é o elemento ativo do sistema nervoso... Mas este axioma, universalmente admitido, teria necessidade de ser demonstrado. Pode-se alegar verossimilhança, analogias, presunções, mas a prova direta não foi feita e só as provas diretas podem trazer a certeza. (103)

É precisamente isto que afirmamos: não é possível que sejamos arrastados à convicção científica, com inferências, presunções, analogias, verossimilhanças, tal como se dá na matéria em análise.

Como disse o grande fisiologista, nada têm que esperar os psicólogos das pesquisas dos anatomistas, quanto ao Psiquismo. Por este lado impossível filiá-lo à matéria.

Desta forma se manifesta o notável naturalista, psicólogo e pesquisador Karl Grüber:

Os conhecimentos parapsicológicos demonstram que a concepção presentemente oficial de uma alma pura e simplesmente função cerebral é falsa. (104)

Golge sentia não poder arranjar uma ponte sobre o abismo que separa a matéria dos fenômenos mentais.

Sobre o pensamento nada sabemos. E se, pelo lado anatômico, nada se pode afirmar no que toca às faculdades mentais, o mesmo acontece quanto ao fisiológico.

Ouçamos Osty:

Esperar que cheguemos a conhecer a psicofisiologia da Metagonomia, numa época em que ignoramos a fisiologia do pensamento normal, parece uma utopia promissora de tempo perdido. (105)

Hans Driesch, da Universidade de Leipzig, referindo-se às relações entre a matéria e as faculdades do Espírito, ensina:

Nunca saberemos como a matéria pode dar nascimento ao pensamento, isto é, como a matéria pode pensar. O que pensa é a alma ou espírito. A matéria é apenas um instrumento do cérebro. São duas entidades absolutamente diversas.

E assegura:

As leis superiores da vida se ligam à matéria, porém não dependem dela. (106)

É muito conhecida a opinião incontestada de Bergson, a de “que a atividade mental do homem ultrapassa a sua atividade cerebral: *L’activité mentale de l’homme déborde son activité cérébrale*”. (107)

Vale ainda citar os seguintes períodos do acatado autor:

No trabalho do pensamento em geral, como na operação da memória, o cérebro aparece simplesmente como encarregado de imprimir ao corpo os movimentos e as atitudes que representam o que o espírito pensa ou o que as circunstâncias o convidam a pensar.

(103) Charles Richet – *Essai de Psychologie Générale*, 1919, págs. 32-34.

(104) Karl Grüber – *Parapsychologische Erkeentnisse*, Munich, 1925.

(105) Dr. Eugène Osty – *Psico-Physiologie expérimental. Revue Métapsychique*. 1925, pág. 165.

(106) Hans Driesch - *Revue Métapsychique*, 1928, pág. 390

(107) Henri Bergson – *L’Énergie Spirituelle*, 52.e édition, 1949, pág. 27.

E mais adiante:

Os fenômenos cerebrais são, com efeito, para a vida mental, o que os gestos do diretor da orquestra são para a sinfonia; eles desenharam as articulações motoras e mais nada. Não se encontra no interior do córtex cerebral nenhuma das operações superiores do espírito. (108)

O Professor Flournoy, de Genebra, não tem absolutamente qualquer dúvida sobre o binômio corpo e espírito, e a completa separação entre ambos.

Assim é que assegura:

O corpo e o espírito, a consciência e o movimento molecular cerebral, o fato psíquico e o fato físico, sendo simultâneos, são, entretanto, heterogêneos, díspares, irredutíveis, obstinadamente dois.

E acrescenta:

Isto é evidente por si mesmo, é axiomático. Todo o acontecimento físico, químico, fisiológico, não consiste, em última instância, para a Ciência, senão no deslocamento mais ou menos rápido de certo número de elementos materiais, em uma alteração em suas distâncias mútuas ou seus modos de agrupamento. Ora, que há de comum, pergunto, que analogia se pode perceber entre essa aproximação ou esse afastamento de massas materiais no espaço, e o fato de haver um sentimento de alegria, a lembrança de um amigo ausente, a percepção de um bico de gás, um desejo, uma vontade qualquer?

Tudo o que podemos dizer, para ligar esses dois acontecimentos tão absolutamente dessemelhantes, é que eles se realizam ao mesmo tempo... É impossível conceber qualquer conexão real, qualquer relação interna entre essas duas coisas diferentes. (109)

É de uma clareza solar – aliás como sempre – o insigne astrônomo Flammarion, quando exclama:

Não é a matéria, não é um agregado de moléculas que pode pensar. É tão infantil admitir que um cérebro sente e pensa como atribuir às pilhas geradoras de eletricidade do telégrafo a gênese das idéias exprimidas no telegrama. (110)

E o interessante é que, quanto mais a Ciência avança, mais complicados se tornam os problemas mentais, menos se conhece a consciência e a memória, e mais se firma a autonomia espiritual.

Quanto mais estudarmos a separação entre espírito e corpo, melhor compreenderemos as doutrinas espiritualistas modernas e mais aptos estaremos a dar de ombros com a mofa dos que se julgavam especados no que aprenderam na Academia.

Perlustremos os moderníssimos trabalhos de J. B. Rhine, diretor do Laboratório de Parapsicologia da Universidade americana de Duke, muitos dos quais descritos no seu livro – *A Extensão do Espírito*:

(108) Henri Bergson – *Obr. Cit.* Pág. 75.

(109) Teodoro Flournoy – *Metaphysique et Psychologie*, Genebra, 1890, pág. 17.

(110) Camille Flammarion – *La Mort et son Mystère*, pág. 73.

Ninguém presume saber como a consciência se produz, e não temos à mão uma teoria sequer a respeito.

A Ciência verificou as relações entre corpo e alma, entre a conduta e o cérebro; que certas funções mentais estão ligadas a zonas específicas do cérebro, mas, por mais estranho que pareça, ninguém, até hoje, já pretendeu mostrar que a mente seja física.

Tratando da vidência, declara:

O segundo passo que demos a fim de desafiar os conceitos estritamente materialistas da ciência ortodoxa, foi submeter à experimentação a realidade de outra manifestação psíquica, a vidência.

Na quarta fase das experiências procurou averiguar se os poderes da mente estavam condicionados ao tempo. E, então, diz ele:

Chegamos ao que, se realmente existe, se pode considerar o mais estranho dos poderes humanos, o da profecia.

As suas experiências, que se contam por milhares de testes, e com as quais registrou as forças do Espírito, a sua personalidade independente, a sua projeção fora do corpo, levaram-no a concluir:

O nosso problema fundamental, ou seja, a natureza do homem, implica a existência da alma como sistema não-físico.

Existe algo de extrafísico ou de espiritual na personalidade humana. A hipótese da existência da alma ficou demonstrada.

Em suma, declara o grande experimentador contemporâneo:

As nossas pesquisas oferecem um forte indício a favor da sobrevivência. Mesmo que nunca se houvesse formulado qualquer concepção da sobrevivência, bastariam as pesquisas da ESP para que esta surgisse em nosso espírito. (111)

A demonstração científica da sobrevivência, baseada em avultadíssimo número de experiências e proclamada por um dos mais notáveis pesquisadores que se conhecem, vem achar o caminho para a tese a que nos propomos.

Vejamos se a Biologia nos instrui melhor e nos explica a dependência absoluta do Espírito à ação da matéria.

Hans Driesch, que escreveu especialmente sobre o assunto, informa-nos:

Apesar do parecer de alguns sábios no Congresso de Metapsíquica Internacional, em 1927, a opinião predominante manifestou-se pela afirmação de que o ser e a vida psíquica são independentes do mecanismo físico-químico e da matéria. (112)

(111) J. B. Rhine – *The Reach of the Mind*, Nova York, 1947.

(112) Hans Driesch – *Biologia e Metapsíquica*.

O professor Santoliquido, notável médico e higienista italiano, proclamava, em memorável conferência:

A esfera da Biologia não ultrapassa o estudo da função vegetativa do corpo humano.

A Psicologia é o estudo das sensações, das idéias, dos diferentes processos mentais, porém nenhum psicólogo autorizado e profundo ousará dizer que, com o enorme auxílio dos laboratórios e dos clínicos, pôde penetrar além da superfície da fenomenologia do pensamento. (113)

E Osty, completando as idéias do seu ilustre colega:

Parece que os biólogos estão muito longe de se entenderem sobre o processo da vida mental. Tenhamos, apenas, como certo, que não se sabe quase nada do jogo orgânico pelo qual essa vida mental se conhece, e absolutamente nada sobre a natureza do pensamento. (114)

Para o célebre biólogo Loeb, o papel das células nervosas é muito diferente do que lhe confere o estudo clássico. A explicação histológica dos processos mentais é tão ilusória como seria acreditarmos conhecer o que se passa numa rede elétrica ao simples aspecto exterior.

Para ele as células nervosas não teriam outro fim que o de nutrir as fibras. Falar de centros nervosos, de coordenação, de associação, lhe parece ridículo.

O Professor Leonídio Ribeiro analisa “o eterno problema das relações da alma com o corpo”, que denomina a *encarnação do espírito*, e nos informa que voltou a ser discutido no *Simposium* de Londres por mestres de diversas disciplinas. Entre alguns pareceres, apresenta-nos os seguintes:

Sir Charles Sherrington, com sua excepcional autoridade de mestre da Fisiologia moderna, começou por afirmar as dificuldades de se alinharem, entre as coisas materiais, as idéias, os sentimentos e as recordações. Adrian, professor de Fisiologia da Universidade de Cambridge e Prêmio Nobel, igualmente perguntou: - Que acontece quando pensamos? – Idêntica indagação foi feita por seu colega Le-Gros Clark, mestre de Anatomia da Universidade de Oxford: - Teríamos já descoberto uma luz que ilumine o estudo da estrutura do cérebro e permita conhecer o processo íntimo do pensamento? – Russel Brain, outro notável mestre de Fisiologia, da Inglaterra, declarou que todos os estímulos, quer visuais, sonoros ou táteis, penetram no cérebro sob formas elétricas, e concluiu: A Fisiologia está procurando explicar a natureza das relações que unem o cérebro ao espírito, mas não espereis de mim uma explicação de como isso se realiza.

Winter Penfiel, professor de Cirurgia Nervosa da Universidade de Montreal, exclamou: - Que sabemos desse cérebro que se acredita ser a morada da alma?

Refere ainda o Professor a opinião de vários filósofos, que tomaram parte no aludido *Simposium*, como Lord Samuel, para quem ainda não se tinha descoberto a base física do espírito; Ayer, que considera uma ilusão pretender localizar no cérebro a sede do espírito; Gilbert Ryle, que opina do mesmo modo.

(113) Dr. Rocco Santoliquido – Conferência em Gênova, 5 de maio de 1928.

(114) Eugène Osty – *Révue Métapsychique*, 1920, pág. 102.

Depois de citar várias obras e autores que tratam do mesmo assunto reporta-se a Sherrington, que, em seu livro *Man on his Nature*, salienta os embaraços encontrados no estudo das funções cerebrais, acrescentando que “a Fisiologia não conseguiu penetrar na intimidade do mecanismo do cérebro, em suas relações com o pensamento, dificultando, assim, a explicação de certos sintomas das doenças mentais. Não existe qualquer ciclo de energia capaz de nos permitir ultrapassar o abismo que separa o psíquico do fisiológico.”

E, finalmente, Lhermitte: - “O problema das relações das atividades cerebrais e psíquicas é insolúvel.” (115)

Tudo nos está a demonstrar a pujança espiritual.

Um autor, nada espírita, confessa que, durante o sono, o espírito permanece em franca atividade e assim consegue resolver certos problemas não solucionados em estado de vigília, a encontrar objetos perdidos, a compor versos e trechos musicais. Voltaire concebeu em sonho um canto da *Henriade* e Bach ouviu durante o sono a execução integral de sonatas que não tinha terminado. Isto prova que a atividade intelectual – declara – pode, em certos casos, adquirir durante o sono mais sutileza e vigor, e realizar o de que ela era incapaz em estado de vigília. Somos, pois, autorizado a admitir que o espírito poderia, em certas condições, comunicar durante o sono por meio do sonho, com pessoas afastadas. (116)

Esse escritor, aliás fortemente impregnado de “explicações naturais”, nota o fenômeno do desprendimento e estabelece uma das bases para a demonstração da integridade espiritual.

É bem de ver que estamos, por enquanto, preparando o terreno para a demonstração que temos em vista, a de que a Ciência não pode explicar a hereditariedade psíquica e muito menos prová-la. O primeiro degrau é este que estamos franqueando, e que consiste em mostrar que nada se conhece dos processos mentais; que é falsa a afirmativa de que a vida psíquica está indissoluvelmente ligada à vida física; queremos mostrar, antes do mais, que o espírito não participa da matéria, a que está sujeito apenas temporariamente, mas da qual é independente; que essa independência é manifesta, mesmo na vida orgânica.

E se nada se conhece daqueles processos, se o “ser e a vida psíquica independem da matéria”, se a Ciência não explica a vida do Espírito, se dele pouco ou mesmo nada sabe, como assegurar-se que aquilo que muito longe está de ser matéria pode transmitir-se materialmente?

Iremos, agora, estudar a memória e veremos, do mesmo passo, que se trata de outro fenômeno desnorteante e misterioso.

Não se sabe, pois, quase nada da vida do Espírito; nada se percebe sobre a memória, nem como se registram os fatos, nem como se conservam, apesar da destruição constante das células, das alterações freqüentes do organismo, através das incessantes transformações que experimenta, mediante a assimilação e a desassimilação.

E o caso é tanto mais sugestivo quanto se tem notado que alterações anatômicas do cérebro, tantas vezes verificadas na autópsia, não implicaram a supressão de suas manifestações.

Pois bem, apesar da ignorância que mantemos a respeito da memória, logo se declara, com sugestionante ênfase, que a Ciência provou que as aquisições do passado é que formam o homem atual, pensante, raciocinante, inteligente.

(115) Leonídio Ribeiro – *Encarnação do Espírito* – O Jornal, Rio, 12-2-52.

(116) Th. Poodt – *Les Phénomènes Mystérieux du Psychisme*, 1926, pág. 267.

Quando afirmamos que o nosso conhecimento, muitas vezes rápido, espontâneo, miraculoso provém do que o Espírito aprendeu no passado, logo nos falam na memória transmitida através dos genes.

Iremos analisar a ousadia dessa afirmação, não obstante estarmos ainda tão às escuras em torno da memória e da sua persistência.

Veremos que essa função faz parte do Espírito, e ele está sob as contingências da matéria, como o prisioneiro sob as ordens do carcereiro ou sob a influência do cárcere.

A memória ancestral não poderia explicar o estado atual de nossa consciência.

Estudaremos os diversos aspectos da vida do Espírito, a fim de provar que ele tem a sua órbita própria, que é diferente do corpo, nos termos da proposição de Flournoy; enfim, ficará patente, diante dos fatos, a sua homogeneidade, a sua individualidade, a sua independência, a sua imortalidade, a sua sobrevivência.

Esses predicados o desligam da matéria e tornam impossível fazer-nos acreditar que as suas funções se transmitam hereditariamente pelo corpo, tanto mais quanto as vemos se exercerem fora do corpo, à distância do corpo, apesar das deficiências do corpo e sem o corpo.

A superioridade com que os Mestres nos falam da hereditariedade psíquica, metendo à bulha os pobres mortais que teimam em não os reconhecer como a última palavra da Sabedoria e da Verdade, neste ponto, faz-nos lembrar um tópico de Osty, o afamado neurologista francês.

Dizia ele:

Se a nobre missão de ensinar aumenta a precisão e a segurança dos conhecimentos, no Professor ela se torna nocivamente contra ele. Pela repetição, concepções instáveis tomam, cada vez que são reditas, um pouco mais de aderência. Em pouco se tornam idéias familiares, hábitos mentais quase irredutíveis. Uma só lei rege o espírito do Professor, o do impostor, que à força de contar fatos imaginários, chega à convicção de que os realizou. (117)

É uma impostora inconsciente, é bem de ver.

Em suma, teremos a tarefa, mormente quando se trata de convencer cristãos, de mostrar que o que vem da carne e do espírito é espírito, conforme se lê no capítulo III de João.

(117) E. Osty – *Psico-Physiologie Expérimental*, 1925, pág. 165.

A RÉPLICA DE UM PROFESSOR

Vejamos, sumariamente, as objeções que um digno Professor apresenta ao nosso capítulo sobre hereditariedade psíquica.

Dizíamos que “em Espiritismo não se desconhece que uma pessoa apresenta os caracteres morais dos pais”.

Revida o Professor:

Ora, falei em herança psíquica e não em herança moral. O psíquico não vai além do intelecto, não alcança, por conseguinte o plano moral. Portanto, a primeira confusão criada pelo Sr. Carlos Imbassahy é não distinguir o caráter temperamento, que é produto da herança, do caráter formação moral que, *em grande parte*, resulta da influência do meio.

Não sabemos em que o nosso postulado terá que ver com o que falara o Professor. O certo é que a nossa confusão deverá estender-se a tantos quantos se ocupam das coisas da alma, e para os quais deverá ser difícil entender aquela distinção entre o “psíquico” e o “plano moral”.

“Psíquico” é o que entende com a alma; o “plano moral” só pode estar na alma, porque, até hoje, ainda não se conheceu o “plano moral” do corpo. Não sabemos como se irá perceber esse “psíquico” que não passa do intelecto e mais a sua divergência com o “caráter formação moral”, que não entra no psiquismo.

O que se sabe é que o ser humano é formado de duas partes: o corpo físico e o espírito. No primeiro está a matéria, a vida vegetativa, os órgãos, que não sobrevivem, que se extinguem e desfazem com a morte; no segundo, todos os predicados mentais, todas as funções espirituais – vontade, desejos, inteligência, índole, caráter, memória, afeições, raciocínio. Nada disso se encontra nos escalpelos. E todos aqueles predicados se vêem na manifestação do Espírito, encarnado ou desencarnado.

Isto não é invenção nossa. Não há pessoa, dedicada ao estudo da matéria, que desconheça as funções do Espírito ou que as possa confundir com as do corpo.

Aquelas funções acompanham o ser espiritual; quando este ser incorpora ou nasce, pode eleger, para a incorporação, uma família que tenha as mesmas qualidades, ou ser por elas atraído: e o que se chama a “afinidade”, e daí a nossa declaração sobre as atrações por simpatia, afinidade ou eleição.

O que se entende por “psique” é a alma, essa parte incorpórea que sobrevive, ou que, pelo menos, não é tida como parte inseparável do soma; que nessa alma só haja o plano do intelecto e não o plano moral, é uma novidade em Psicologia; e, confusa como nós, por não entender aquele axioma, deve estar mais da metade do gênero humano.

Além de tudo, quando a alma se nos mostra, ainda mesmo desligada do organismo físico, é com a moral que sempre teve. Onde surgiria esse plano moral em antagonismo com a alma?

O Espírito sempre se apresentou como ele foi.

Todas as faculdades ditas do Espírito, todas as suas aptidões mentais, tudo o que diz respeito à inteligência e à moral, se apresenta no morto com as mesmas características que ele tinha em vida.

Isto o vê toda a gente. Sabe-o toda a gente dada à prática e à teoria dos estudos psíquicos e metapsíquicos.

Declara Regnaut:

A morte não transforma o indivíduo, não lhe dá o conhecimento universal. Conserva, após o trespasse, a mentalidade, a individualidade adquirida no curso das existências. Da mesma forma que há alguns homens justos, caritativos, maus ou perversos, há no Além bons e maus Espíritos; há também mistificadores. (118)

Já nos valem de outras citas a respeito.

Declara ainda o Professor: “A formação moral resulta *em grande parte* do meio”. E a *pequena parte* que resta, resulta de quê? Onde a mete S. S.^a? Se é da herança, lá se vai a lição do Mestre, que “não falou em herança moral”.

Depois de verificar que “fugimos do terreno psíquico e estabelecemos um jogo de disparates para fazer crer que estamos com a razão” firma o seguinte, sem esclarecer, preliminarmente, onde estaria o jogo e a fuga:

1. A Ciência tem meios para provar os caracteres psíquicos.
2. Os animais trazem os instintos da espécie.
3. Há a existência de taras psíquicas que se transmitem.
4. A herança das situações endocrinológicas, coisa rigorosamente demonstrada, implica na dos estados psíquicos.
5. Os estados psíquicos chamados masculinidade e feminilidade resultam dos sexos, que é produto da herança, com dominância.
6. Se não houvesse herança psíquica a natureza não podia aperfeiçoar os instintos.

Vejamos:

1. Se a Ciência possui meios para provar a herança dos caracteres psíquicos, não nos dizem quais são eles.

Entretanto, não sabemos como há, entre notáveis homens de Ciência, quem ponha em dúvida a existência daquela transmissibilidade. Custa a crer que um fato *tão provado* não chegasse aos ouvidos daqueles Mestres. Se não fora o mutismo em que se tranca o Professor, quando se trata de documentar, pedíamos que lhes levasse as suas luzes.

2. O instinto é trazido pelo espírito do animal que encarna. Quando uma galinha se espanta com uma pele de tigre, animal que nunca vira; quando uma égua é tomada de pânico com o cheiro da fera, cheiro que descobriu no feno; quando o terror se apodera do animal manso, diante do animal feroz, sem que nunca o tivesse conhecido, isto só se pode explicar pela lembrança espiritual; são as cenas do passado que a presença ou os indícios do animal feroz despertam. O que não se compreenderia é essa memória ancestral das éguas e das galinhas, quando é impossível explicá-la mesmo no homem; quando se prova, no homem, que a dita memória é função do Espírito, como veremos.

3. Muitos doutos não estão lá também de acordo com essa transmissão de taras. Basta ouvir o que nos diz o *Globo* numa de suas entrevistas sobre palpitantes problemas científicos.

(118) Henri Regnaut – *Les Vivants et les Morts*, págs. 137, 185.

Proclamava ainda, ilustrado biologista, que os filhos herdavam as tendências dos pais. Um alcoólatra terá descendentes que se entregam ao vício da embriaguez. Parece que nem isto está certo, pelo menos na opinião de um especialista na matéria, o Dr. Jean Rostand, conforme a citada entrevista publicada pelo *Globo*:

JEAN ROSTAND – “Abordamos aí uma das questões importantes da Biologia, uma dessas que mais interessam – poder-se-ia dizer, mesmo, emocionam – o homem da rua. Porquanto a opinião comum é notoriamente em favor da transmissão dos caracteres adquiridos, transmissão que lhe parece demonstrada pela observação e a experiência diárias. Cita-se o caso de europeus que teriam vivido na África ou na Ásia e que em seguida teriam gerado filhos com os caracteres da raça africana ou asiática... Há casos de famílias em que certas qualidades profissionais parecem acentuar-se de uma geração para outra. Chega-se até a invocar a redução do tamanho das mãos nas famílias de intelectuais etc. E ainda, por motivos sentimentais, deseja-se que a experiência dos pais aproveite de alguma maneira à descendência. E a palavra experiência vai aqui aplicada no seu mais amplo sentido. Quer-se que um homem que tenha exercitado seus músculos para os esportes ou a ginástica legue aos filhos, se não os seus músculos mais desenvolvidos, ao menos certas predisposições ao exercício muscular; que um homem que tenha exercido a memória, o senso, a atenção, legue aos filhos disposições correspondentes. Ora, o biólogo sabe que não se pode apresentar qualquer argumento positivo em apoio de semelhante presunção. Até hoje, todas as experiências tentadas para demonstrar “a hereditariedade do adquirido” deram resultados perfeitamente negativos”.

PAULO BODIN – “A despeito de tudo isso, não depende a descendência de um indivíduo da vida que leva no ambiente em que a sorte o colocou? Não é evidente que as doenças, a idade e a fadiga do pai ou da mãe repercutem na saúde dos descendentes? Assim, não são os filhos de alcoólatras profundamente atingidos nas funções orgânicas?”

JEAN ROSTAND – “A questão da influência do alcoolismo sobre a progênie é muito complexa e está longe de ter sido elucidada. Não está absolutamente provado que os descendentes de pais alcoólicos sejam atingidos de lesões orgânicas. A este respeito foi realizada uma série extensa de experiências em camundongos, cobaias, galinhas, e só puderam ser tiradas conclusões incertas. Naturalmente, se a mãe estiver intoxicada pelo álcool, este pode, como qualquer veneno, agir diretamente sobre a criança e prejudicá-la; não é esse, entretanto, um fenômeno de hereditariedade”. (119)

Ora, o alcoolismo é uma tara. E aqui temos o Prof. Rostand contradizendo os biologistas.

Essa questão das taras acha-se explicada no *Livro dos Espíritos*. Veja-se, por exemplo:

Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a punição?
São expiações decorrentes dos abusos que fizeram de certas faculdades. (120)

Assim, certas taras não seriam mais que o castigo infligido ao Espírito.
O caso, pois, não nos deixa boquiabertos.

(119) *O Globo*, 10-3-54.

(120) Allan Kardec – *Livro dos Espíritos*, nr. 372.

4. A questão endocrinológica é tratada em outro capítulo.

5. Toda a gente sabe que há mulheres viragos e homens efeminados; moças varonis e rapazes tímidos. O mau gênio, a maldade, a velhacaria, a hipocrisia, a virtude ou o vício, couberam, em partilha, a essas duas metades do gênero humano.

O que há de diferença entre os sexos, é formado ou imposto pelas leis, pelos usos e costumes, pelo hábito, pelas convenções sociais, pelas condições de família, pela debilidade física. Toma-se, então, como feminilidade o que não passa de constrangimento, coerção, imposição, fraqueza ou medo. Mas por pouco que se afrouxem os laços coercitivos, vemos as mulheres fazendo o mesmo que os homens, procedendo, sentindo e pensando igualmente.

Fala-se muito na natureza feminina, mais caritativa, mais bondosa. Isto é encantador na pena dos poetas.

Victor Hugo dizia:

*Il est de restituer à l'humanité cette moitié trop long temps éclipsée par l'autre.
L'homme a plus de génie, la femme a plus d'amour.*

(Devemos restituir à humanidade essa metade há tanto tempo eclipsada pela outra. O homem tem mais gênio, a mulher tem mais amor).

Mas o certo estava com Madame de Stael, quando declarava a Napoleão I: “O gênio não tem sexo”.

Os historiadores da Revolução Francesa nos dizem que nos atos de ferocidade, nas invenções de crueldade, nas cenas de lubricidade, elas ultrapassavam os seus parceiros do outro sexo.

Se há mulheres que são mulheres e há homens que são homens há outros que não o são.

A célebre Semíramis declarava:

A natureza concedeu-me um corpo de mulher; minhas ações fizeram-me ombrear com os mais valentes homens.

Dessa princesa dizia Palmella:

Abrir pela grandeza de seu gênio uma estrada de flores, sentar-se num dos maiores tronos da Terra, assinalar o seu reinado pelas conquistas de um Alexandre, formá-lo com a energia de um César e administrá-lo com a sagacidade de um Pércles, eis a heroína. (121)

Como se vê, uma natureza máscula; até aquela “estrada de flores” dir-se-ia palmilhada pelo mais fero guerreiro, se a colocarmos nas Índias, que ela invadiu.

Ainda mesmo no deixar os braços do esposo Menones, para cair nos do rei Nino, não se distanciou de uns tantos varões, como Napoleão, que abandonou Josefina, ou de Henrique VIII, que mandou decapitar Ana e Catarina para se casar com outras.

Aspásia possuía o “segredo da política, a magia da eloquência, o encanto da palavra.”

(121) José Palmela – *A Aristocracia do Gênio e da Beleza Feminil na Antiguidade*, Coimbra.

Claramente explicável pela Doutrina Espírita é o tipo perfeitamente feminino e o tipo perfeitamente masculino. O Espírito não tem sexo, mas encarnando sucessivamente num mesmo sexo, toma-lhe o caráter que os hábitos lhe deixaram no correr dos séculos. São os sulcos do tempo.

Os casos de virilismo, com ou sem glândulas, seriam uma irrupção violenta da natureza; era o sexo anterior a manifestar-se, não obstante as formas presentes. As glândulas de que fala o Biologista não representariam mais do que efeitos, consequências da sexualidade pregressa.

O corpo, com seus órgãos e funções, sua atividade ou anomalias, seria previamente preparado para a vida do Espírito, conforme as provas por que terá que passar ou as obras que terá a realizar. As glândulas estariam adrede preparadas para determinada finalidade.

Pode ser que promanem daí os estados de masculinidade e feminilidade; mas eles estarão longe de formar uma regra.

Aliás, a própria natureza nos demonstra que a princípio não havia sexo. Nota-se isto pelo caráter hermafrodita com que o ser se apresenta nas primeiras fases embrionárias.

Com o tempo é que surgiram os sexos. É, pelo menos, o que nos assegura o Dr. Bouvyer:

Foi o hermafroditismo que, seguindo a diferenciação gradual que se observa no mundo vivente, chegou, após longos processos biológicos, à produção do sexo.

O hermafroditismo, sob o ponto de vista do Espiritismo, quando não é prova, não passa da incerteza ou confusão, em virtude da influência do sexo anterior, do sexo da vida precedente.

E ainda aqui, os tais estados em nada desmentiriam a palingenesia.

Donde se vê que todos aqueles princípios, não só não nos atrapalham, como são perfeitamente claros e explicáveis dentro do Ensino dos Espíritos.

O autor declara que:

6. “A herança psíquica aperfeiçoa os instintos”. Este aperfeiçoamento, é o que afirmamos, dá-se no terreno espiritual, sob a ação das vidas sucessivas.

Acha ainda que, nessa questão de transmissão, devíamos falar sempre nos pais, porque, “*na nossa teoria*”, a afinidade se realiza sempre entre os pais e o Espírito.

Sem querer, Allan Kardec desengana o escritor.

Assim nos diz ele:

Um povo é uma grande família formada pela reunião de Espíritos simpáticos. Na tendência que apresentam os membros dessa família para se unirem é que está a origem da semelhança e que constitui o caráter de cada povo.

Essa reunião se faz através dos tempos. São Espíritos que se atraem de várias gerações. Vem de longe.

E mais:

A sucessão das existências corporais estabelece entre os Espíritos ligações que remontam às existências anteriores. (122)

Essas “existências anteriores”, a reunião de Espíritos simpáticos dependentes do caráter do povo, não limita aos pais a afinidade.

Acontece, ainda, que um antepassado reencarna. Se não evoluiu muito, traz o que levou. Vendo um descendente com os tiques, pendores, falhas ou idéias do ascendente, logo a Ciência, pela boca ou pela pena do nosso amigo, e de outros, proclama, vitoriosa, a força da ancestralidade.

Entretanto, o Espiritismo vê apenas aquilo que o escritor diz que não vemos: o neto com as qualidades do avô. O neto reencarnação do avô.

Como se vê não há só afinidade de pais; há mais alguma coisa.

Finalmente, acha irrespondível a seguinte pergunta:

E quando o filho não se assemelha aos pais, o que motivou a atração?

Esta interrogação escachante, seguida de vários comentários, tem por fim mostrar a inópia do ensino espírita e a da nossa conseqüente alegação, a de que a hereditariedade psíquica era explicada pela atração afim, isto é, que os pais atraíam filhos de pendores e caracteres semelhantes.

Allan Kardec, sem ser por mal, nem por ser adivinho, já tinha, de antemão, preparado a resposta:

P. Pode o Espírito escolher o corpo...?

R. Não é raro que um mau Espírito peça lhe sejam dados bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda.

P. Como pode o Espírito desejar nascer entre gente de má vida?

R. Forçoso é que seja posto num meio onde possa sofrer a prova que pediu...
(123)

Aí têm a resposta à pergunta que pareceu de embatucar. Quando os filhos não se assemelham aos pais é que não houve atração, houve escolha; é que escolheram pais com qualidades diferentes das suas, porque isto lhes era necessário ao aperfeiçoamento.

A afinidade não é regra absoluta; há também a herança seletiva.

Declara ainda o Mestre, que “a Ciência não fala em atração de Espíritos: ela não tem nada que ver com os sonhos dos visionários”.

Bem sabemos. Também houve tempo em que ela não tinha nada que ver com os visionários da rotação da Terra, da circulação do sangue, da termodinâmica, da navegação a vapor, dos aerólitos, da composição química dos astros, da higiene puerperal, da vacina, do pára-raios, do magnetismo, do hipnotismo...

O mundo tem sido sempre assim: de um lado uns visionários como esses, e do outro, os não-visionários a balisarem a estrada do progresso, como diria Flammarion.

Em o nosso livro citamos vários autores que descreiam ou duvidavam da herança psíquica.

Falamos em Venticinque que diz:

A herança psíquica parece desprovida de base real.

O nosso crítico não escabucha muito a opinião, mas o “parecer” lhe provoca motejos:

Parece apenas... mas para os náufragos como o Sr. Carlos Imbassahy qualquer tábua serve.

(122) Allan Kardec – *Livro dos Espíritos*, nr. 204, 215.

(123) Allan Kardec – *Livro dos Espíritos*, 209, 260, 335.

Não viu o digno lente que aquele “parece” era um golpe na infalibilidade da herança. Se, para um cientista, a coisa “parece”, é que não está tão sólida como se afigura aos bem acomodados e repoltreados navegadores. O mesmo com Castellani e Gotschalk por nós citados.

Ora, nunca um cientista diria que a água “parece” conter hidrogênio e oxigênio, ou melhor ainda, que parece não os conter.

Aos que negavam peremptoriamente a transmissão psíquica, teve o Professor essa réplica:

Estão no caso do Sr. Carlos Imbassahy, não podem ser levados a sério.

Inútil, pois, estar aqui a multiplicar o parecer de sábios e entendidos. O Mestre os liquida com uma penada: “Não podem ser levados a sério”. A seriedade não consiste no valor do homem ou no vulto de suas experiências, mas no fato de estar ou não de acordo com ele, mestre.

Sobre Bergson e Pende: são “nomes conhecidos de fazer efeito”, mas “falam sobre herança moral e não psíquica.”

Ora Bergson fala em “aquisições morais e intelectuais”. O “intelectuais” esqueceu ao Professor. E Pende fala em uma porção de coisas. Como, na retorta do Professor, aquilo tudo ficou reduzido a *herança moral*, não sabemos.

É provável que essa herança moral estivesse no subconsciente deles, depois que lhes foi explicada a distinção entre herança moral e psíquica, conforme consta da artinha biológica do digno catedrático. Mas, com certeza, os preconceitos reagiram contra a peregrina diferença, deu-se o recalque, e a frase posta na pena daqueles “nomes conhecidos” como frase única, não lhes chegou ao limiar da consciência, ou da folha dos seus respectivos livros.

Odin e Watson não crêem na herança mental e salientam o valor da educação. Acha o Professor que “eles descobriram a pólvora quando falam no valor da educação”.

E a herança mental em que não crêem? Foram citados por isso. A Ciência proclama a hereditariedade mental. Tem-na o Professor como indubitável. Há dois que não crêem, entretanto. Pois descobriram a pólvora, rebate o crítico. E só. E foi com esse processo liquidatório que desapareceram todos os Autores e Mestres que apresentamos para mostrar que a sua hereditariedade psíquica não tinha os pilares com que ele a supunha escorada.

Apesar das cajadas desferidas nos cientistas que citamos, justamente desconfiado de que o golpe não fosse mortal, resolveu S. S.^a apresentar um argumento que melhor pudesse assegurar a causa. E assim nos diz:

Os homens da Ciência sabem que os caracteres individuais resultam da interação de três grupos de fatores, os pré-natais, entre os quais está a herança, o meio e o esforço próprio.

Há entre eles divergências quanto à preponderância deste ou daquele fator mas ninguém nega a hereditariedade, nem a influência do meio, nem o valor da reação individual.

O período não está dos mais claros, desde que se coloca entre os fatores pré-natais o meio e o esforço próprio. Que o meio e o esforço possam contribuir para a modificação do caráter, é o que esperam os espíritas com toda a sua atividade e ardor propagandistas. Muito havia que dizer sobre esses fatores, porém eles não vêm ao caso.

O de que se cuida é da hereditariedade psíquica, e isto porque o Professor a antepunha à reencarnação: os nossos conhecimentos do passado, as nossas aquisições

mentais viriam por essa hereditariedade – ensina ele – e não pelo que o Espírito aprendeu e experimentou em épocas pretéritas.

E para arrasar-nos, tomou como broquel a sua formidável Biologia. Estava invulnerável, assim, dentro da herança.

Mostramos, então, que alguns cientistas a negavam e outros não tinham muita convicção. Não pode ser princípio inderrocável aquele em que uns acham e outros não acham. Nos fatos patentes, nas provas irrecusáveis, não há vacilações.

Ninguém duvida da queda dos corpos. As opiniões não divergem sobre a temperatura das regiões polares. O fato incontestável suprime o direito de opinar. Não pode ser matéria absolutamente assentada, em Ciência, aquela em que os melhores mestres no assunto não têm idéias firmadas e incontestáveis.

Não é verdade, ainda, que ninguém negasse a hereditariedade psíquica. Lá estão as nossas citas. O próprio autor se desdiz quando declara:

Riant nega de uma vez toda a hereditariedade. Está no caso do Sr. Carlos Imbassahy.

Se Riant nega, como é que “ninguém nega”?

Há outros que também negam de uma vez. O Mestre não quis dizer; respeitemos-lhe a preferência pelo Riant.

Para remate, o seguinte tópico:

Por isto procuramos tornar o meio propício, pregando a regeneração, que o Sr. Carlos Imbassahy dificulta com a sua hipótese de reencarnação.

Se com a reencarnação se diz que o indivíduo vai sofrer as conseqüências dos seus atos; que ele pagará, fatal, inexoravelmente todas as suas dívidas; que ele só alcançará a felicidade pela reabilitação, pela sua correção, pela sua regeneração, enfim, não se poderia perceber porque estejamos dificultando o árduo trabalho regeneratório dos que andam em busca de tornar o meio propício.

E agora voltemos à nossa demonstração.

A TRANSMISSÃO PELA MEMÓRIA

Buscávamos fazer ver, em livro recentemente publicado, que a hereditariedade psíquica era posta em dúvida, ainda mesmo por grandes luminares da Ciência. E, assim, procurávamos demonstrar que os nossos antagonistas não se podiam firmar ainda mesmo no pedestal acadêmico.

Quando, buscando rebater o problema da reencarnação, surgiam com a “memória ancestral”, achavam-se numa embaladora ilusão, a de que essa memória era um princípio científico inabalável, e nele escudados, riam desassombradamente das nossas pretensões.

Ora, as aquisições do passado não nos poderiam vir através da memória.

Para chegarmos a estas conclusões, seria preciso provar, antes do mais, que a memória é função do cérebro ou de qualquer parte do corpo.

Se, inegavelmente, ela sofre das deficiências cerebrais, se a célula nervosa deve ser banhada pelo sangue oxigenado, e, cessada a irrigação, cessa a vida psíquica, não é menos certo que é um tanto relativo esse paralelismo psicofísico, o que aliás facilmente se explica. O que não se explica, diante da Fisiologia, são as suas falhas, que transtornam por completo os postulados científicos já assentes.

O paralelismo psicofisiológico cai por toda a parte: para a Metapsíquica não existem as limitações sensoriais. A visão se efetua através dos corpos opacos e sem o socorro dos olhos. Tal médium nos conta uma cena que se passa nesse instante a centenas de léguas; tal outro parece ler em nosso pensamento; tal outro vê um fato futuro e o descreve como se dele fora testemunha. (124)

A causa de tais fatos, a explicação de tais fenômenos, já dizia Driesch, vai ser justificada na doutrina espírita. (125)

Para Bergson, o cérebro armazena hábitos motores e não lembranças. (126)

Onde se encontram elas, pois, para serem transmitidas?

E a memória que será?

Ouçamos um fisiologista:

Eis um dos fenômenos mais extraordinários de toda a Natureza. Cinquenta anos depois que uma imagem visual, motora, auditiva, atingiu minúscula célula nervosa, a qual, a cada segundo, está em vias de transformação, a lembrança da imagem não desapareceu. Se não nos espantamos com essa maravilha, é que o hábito impede o espanto. (127)

(124) *Revue Métapsychique*, 1924, pág. 40.

(125) Hans Driesch – *El hombre y el Universo*, Trad. Esp. de Cansinos Assens, Madrid, I, 128.

(126) Henri Bergson – *L'Energie Spirituelle*, Paris, 1949, pág. 27.

(127) Charles Richet – *Apologie de la Biologie*, 1929, pág. 61.

E em outra obra:

No ponto de vista estritamente fisiológico, o fenômeno da memória, posto que habitual, aproxima-se do sobrenatural. Como uma palavra que ouvi há cinquenta anos, uma paisagem que vi há cinquenta anos, uma figura que se me apresentou há cinquenta anos pode, palavra, paisagem, figura, ficar indelével em minha consciência ou minha inconsciência? Como os abalos do protoplasma nervoso (*lés ébranlements du protoplasma nerveux*) consecutivos à formação dessa imagem, podem persistir durante cinquenta anos, com sua complexidade prodigiosa, quando a cada instante, nas mesmas células, talvez outros abalos se produzem, enquanto os materiais dessas células se transformam milhares de vezes na caixa cerebral?

Que traço deixaram? E onde? Onde se acham essas irritações? Que são? Onde as células? Ao fim de alguns dias *não resta absolutamente nada* dos elementos químicos e anatômicos que constituíam nosso cérebro. E então, ao fim de cinquenta anos?... Deixemos isto que é um grande mistério. (128)

Pois é neste grande mistério que se fundam os doutos patrícios para mostrar ou demonstrar a hereditariedade psíquica, ou seja, a transmissão pela memória ancestral. E isto, quando nem sabemos o que é a memória atual.

Pois aquilo que a Fisiologia não sabe dizer, vai dizê-lo a Metapsíquica. Veremos que a memória está no Espírito e só o Espírito pode trazê-la consigo.

O que se verifica com a submissão do Espírito à matéria e, conseqüentemente, com as deficiências cerebrais, é o mesmo que se nota no indivíduo submetido às estreitezas de uma cela.

Ele só pode bracejar francamente, em plena liberdade.

Resultado, portanto, da clausura.

Fora daí, tudo nos indica que a memória, em vez de fazer parte da matéria, é um predicado do Espírito. As transformações celulares não atingem nem o Espírito nem a memória, como não atingiriam um detento os consertos e modificações do seu cubículo, os quais apenas lhe restringiriam as manifestações. Se dissermos, porém, que o preso é parte do calabouço, como os tijolos, o cimento e o madeirame que o compõem, toda a gente entrará a mofar.

Abram-se, porém, as portas do presídio, e o prisioneiro voltará à plenitude de suas funções. É o que se dá com o Espírito, o qual, mal se afrouxam os liames que o prendem, cria verdadeiras asas, enquanto a memória se vai desanuviando à proporção que ele for evoluindo.

A nossa proposição não é simples fantasia, digressão literária, ou arranjo explicativo. Ela tem a base dos fatos.

Assim é que nos diz o Dr. Gabriel Delanne:

Permitam-me que eu faça notar que a memória é um fenômeno incompreensível, e se quisermos situá-la no cérebro, o qual se renova integralmente grande número de vezes, durante toda a duração da existência, não haveria nenhum elemento estável ao qual essa memória fosse ligada.

Por outro lado, assim como lembra M. R. Hamilton, verificou-se durante a guerra, que abscessos consideráveis do cérebro não tinham aniquilado as faculdades mentais daqueles por eles atingidos. (129)

(128) Charles Richet – *L'Avenir et la Prémonition*, Paris, Ed. Montaigne, pág. 19.

(129) Gabriel Delanne – *Revue Metapsychique*, 1924, págs. 429-433.

Enfim, ele afirma que a hereditariedade física é a lei: a intelectual não existe. Crê, com Allan Kardec, na afinidade eletiva.

Casos há em que é profunda a anemia cerebral, em que nada se poderia esperar do cérebro, e, entretanto, é prodigiosa a sua atividade e ativíssima a sua memória.

Verifica-o Osty, quando ensina:

Se há um momento das moléstias agudas em que é assinalada a Metagnomia, não é o da agonia, quando o organismo está de tal forma abalado em seu equilíbrio vital, que sua desordem se torna incompatível com a continuação da vida?

Essa crise catastrófica do corpo determina, por vezes, o aniquilamento da função do pensamento (coma) e, no entanto, muitíssimas vezes, pouco modifica a consciência, que se conserva lúcida, no desarranjo acelerado das funções. O agonizante percebe o racionalmente imperceptível; revela a realidade inacessível ao meio intelectual dos que o rodeiam. (130)

Deve ter algum peso a opinião desse psiquista, que, pelo vulto dos seus trabalhos, pela imparcialidade de suas observações e pelo longo tempo de suas experiências, fora convidado por Jean Meyer para Presidente do Instituto Metapsíquico Internacional.

Que é que notou o sábio? A integridade das funções psíquicas e, conseqüentemente, da memória, apesar da completa perturbação orgânica.



Um psiquiatra, Reymond Meunier, ensina o seguinte:

Acontece, muitas vezes, que loucos, antes de morrer de caquexia, recobram completamente a razão por alguns instantes ou alguns dias, e acusam mesmo um estado de extrema acuidade mental, em geral desconhecida dos médicos. Parece que o corpo, prestes a tornar à terra avara que o reclama, deixa o espírito libertar-se.

Entre outros casos, relata o de um afásico, internado em Villejuif, havia uns sete anos, em estado de pronunciada demência. Uma semana antes de morrer, põe-se a falar e manteve razoável palestra com o Autor. Na autópsia encontraram-se várias lesões no cérebro. Onde, conclui Meunier, depois de examinar as teorias científicas: O Espírito está bem acima e fora de tudo isso. (131)

Já nos dizia Geley que certos casos demonstram que a privação de grandes porções do cérebro, em regiões que se acreditavam essenciais, não são seguidas de graves perturbações psíquicas ou restrição da personalidade.

Esse autor apresenta, entre outros, o caso publicado por Guépin, em que um jovem sofrera a ablação de parte considerável do hemisfério cerebral, conservando-se, não obstante, perfeitamente íntegro. (132)

O Professor Roesemuller indica várias autoridades que verificaram a persistência das faculdades psíquicas, apesar de graves lesões cerebrais, e entre elas os cirurgiões Hyrth, Hufeland e Ennemoser, que notaram a existência de perdas sensíveis da matéria cerebral, sem que o paciente visse reduzida a sua capacidade de pensar. (133)

(130) Dr. E. Osty – *Psico-Physiologie Expérimental* – Rev. Mét., 1925, pág. 165.

(131) Raymond Meunier – *Les Tourmentés*, 1924, pág. 122.

(132) Gustave Geley – *De l'Inconscient au Conscient*, Paris, 1920, págs. 81 e seg.

(133) Roesemuller – *Die ubersinnliche Welt*, 1923, n. 10, pág. 23.

Schmick e Benecke citam o caso de um arquiteto, normal até o último instante, mas em cujo cérebro a autópsia encontrou grandes vazios.

Schleich observa vinte pessoas com os cérebros gravemente lesados, sem alteração da personalidade psíquica.

Benecke refere o caso de seu amigo, o Professor Surya, que faleceu inteiramente lúcido, tendo-se-lhe verificado, entretanto, na autópsia, que o cérebro estava em tal estado de decomposição, que isso já devia durar havia muito tempo. (134)

Hallopeau traz à Sociedade de Cirurgia, em França, a descrição de uma operação realizada numa jovem, em que grande porção da matéria cerebral estava reduzida a matéria líquida. Ficou inteiramente curada. (135)

O Dr. Iturricha comunicou que um jovem morrera em pleno uso de suas faculdades mentais, tendo a massa encefálica destacada do bulbo; estava nas condições de um homem decapitado. (136)

Saint Marcq refere-se à operação num oficial, em cujo cérebro se encontrara um montão de pus. Cumpria, entretanto, perfeitamente, suas obrigações profissionais. (137)

Edmond Perrier leva à Academia de Ciências de Paris a observação sobre um indivíduo que falecera com seus sentidos normais. Na autópsia viu-se que o cérebro se apresentava sob a forma de delgada casca, onde o pus espirrava. (138)

Ennemoser declara peremptoriamente que a razão, a vontade, a consciência se conservam intactas, em vários casos, apesar da extinção da matéria cerebral. (139)

Von Kern apresenta o caso de um homem, cujo cérebro estava em parte dissolvido, sem que se lhe notasse o mínimo sinal de alteração mental.

O mesmo verifica o Dr. Huschland: a sua doente tinha o cérebro semelhante a uma caixa cheia d'água, nenhum traço de massa encefálica. (140)

O Dr. Olivecrona assegurava, em Budapeste, que ele e seus colaboradores operaram importantes massas do cérebro sem que notassem alterações nas faculdades psíquicas do paciente. (141)

No seu artigo sobre *“Encarnação do espírito”* diz o Professor Leonídio Ribeiro:

Os dados atuais da Fisiologia nervosa não permitem penetrar nos segredos indecifráveis dos fenômenos íntimos da consciência. E a prova disso é que a destruição ou o isolamento completo de parte do cérebro não implica o desaparecimento ou perturbação dos fenômenos da consciência. É o que ocorre, por exemplo, nos casos de traumatismo do cérebro ou em certas doenças mentais...

Os casos de tumores, cujas lesões chegaram a destruir completamente a região hipotalâmica, sem que os pacientes apresentem distúrbios graves da consciência, é outra prova em contrário disso. E o mestre francês Lhormitto afirma que seria uma quimera querer procurar a sede das faculdades intelectuais ou morais.

(134) *Walnes Leben* – 1933, págs. 54-56.

(135) *Annales de Ciências Psíquicas*, 1914.

(136) Faure da Rosa – *Estudos Psíquicos*, Lisboa, julho de 1949.

(137) Le Clément de Saint Marcq – *Révue Scientifique et Morale*. 1907, pág. 275.

(138) Prof. Edmond Perrier – *Annales des Sciences Psychiques*, 1914, pág. 29.

(139) Dr. Ennemoser – *Zeitschrift fuer Metapsychische Forschung*, Out. 1939.

(140) Dr. Huschland – *Journal de Médecine Pratique*. Out. 1928.

(141) *Ricerca Psíquica* – Milão, 1938, pág. 108.

Já se praticam corretamente as extirpações totais dos lobos frontais, as chamadas lobectomias, em casos de tumores que se estendem até a outras regiões do encéfalo, sem que a personalidade do indivíduo venha a ser seriamente atingida. (142)

Cumpra aqui, mencionar, a propósito, os chamados casos de “visão panorâmica”.

Os Espíritos contavam que, ao botar os pés nos umbrais da Outra Vida, se lhes desenrolava, diante da retina espiritual, toda a existência passada, sentindo eles, no momento, remorso ou satisfação, se os atos que corriam diante da tela eram bons ou maus.

Relatos de Espíritos, é de crer não merecessem muita confiança, mas Ernesto Bozzano teve o cuidado de publicar uma de suas mais interessantes monografias, em que apresenta vários episódios, não já referidos pelos mortos, mas pelos vivos. Estes, na iminência da morte, quando desacordados, no momento preciso em que põem o pé no primeiro degrau do Além, sentem o mesmo fenômeno. A vida percorrida ressuscita dos refulhos do ser, e eles a vêem, em segundos, por inteira, como se conseguissem gravá-la, à proporção que as cenas se iam desenrolando no teatro, por vezes dramático, de suas existências.

Ernesto Bozzano principia o seu trabalho, com a seguinte explicação:

As escolas ocultistas ensinam que, durante a crise da separação do espírito e do organismo somático, e, algumas vezes, quando o filamento fluídico que une o corpo ao espírito já está rompido, passam, diante da visão espiritual do agonizante, como em visão panorâmica, Isto é, em sucessão rápida e quase instantânea, todos os episódios da vida terrestre do moribundo. Eles desfilam em ordem regular, por forma que o indivíduo vê o que foi durante toda a sua existência.

Todos os acontecimentos passados emergem integralmente diante da vista espiritual do moribundo e são gravados em traços indelévels no “corpo astral”, e aí constitui o grande livro do “deve e haver”, que ele terá de saldar em nova existência.

Convém declarar – acrescenta Ernesto Bozzano – que a afirmação de uma vista panorâmica, abrangendo todos os aspectos da vida na ocasião da morte, longe de ser uma opinião estritamente teórica e de ordem fantástica, tem o caráter de um fato cientificamente reconhecido, apoiado em grande número de observações incontestáveis. Esta asserção tem sido aceita, sem reservas, ainda mesmo pelos representantes da psicologia oficial. (143)

O psiquista italiano cita vários professores, e entre eles Ribot, que ensinava em *Moléstias da Memória*:

Nas muitas descrições de afogados, salvos de morte iminente, concordam em que, no momento da asfixia, pareceu-lhes ver toda a sua vida, em seus menores incidentes. (144)

Daremos, em resumo, e a título de exemplo, o caso citado por de Morgan (*From Matter to Spirit*). É ele narrado pelo Almirante inglês Beaufort.

la o Almirante para seu navio, em Portsmouth, quando a embarcação virou.

(142) Leonídio Ribeiro – *Encarnação do Espírito*, 12 de fevereiro de 1952.

(143) Ernesto Bozzano – *Revue Spirite*, 1922.

(144) Th. Ribot – *Maladies de la Mémoire*. pág. 140.

Lutou com as águas até que perdeu as forças. Deu-se a asfixia e foi, então, invadido por uma impressão de absoluta calma, em contraste com o tumulto de impressões por que acabava de passar.

Sem sombra de pesar, renunciou a toda esperança de socorro, e não sentia mais qualquer sofrimento físico. Mas, se seus sentidos estavam inertes, a atividade do espírito tinha centuplicado.

Começou a pensar no incidente, na emoção de bordo, na dor que o pai iria experimentar. E por fim, escreve o Almirante:

Em suma, os incidentes de minha vida reanimaram-se em ordem retrógrada, com uma representação viva, perfeita, em todos os seus pormenores. Em pouco, toda a visão de minha existência iluminou-se diante de mim e cada quadro parecia vir acompanhado da concepção do bem ou do mal que ele continha...

É-me impossível avaliar o tempo, no desencadear das idéias, mas desde que a asfixia começou até que fui salvo, não decorreram dois minutos.

É evidente que o corpo foi retirado d'água como se o naufrago estivesse sem vida. Foi no instante da asfixia, quando já principiava a participar do outro plano da vida, naquele estado que chamamos síncope, ou perda dos sentidos, que o cérebro desenvolveu uma atividade fantástica.

O fenômeno não mostra, apenas, a autonomia do espírito em relação ao soma, mas também a verdade do que nos referem os desencarnados.

Os pensamentos do Almirante Beaufort, logo no começo do desprendimento espiritual, assemelham-se aos dos mortos, assim que se vêem desligados do corpo físico: A memoração do incidente, o que dele se iria dizer, as vistas voltadas para as pessoas caras, e, por fim, sucedendo às dores e aflições desse últimos instantes, a calma, a alegria de ver cessados os sofrimentos, o repouso físico e mental.

Tal é a situação dos que não levam dívidas em sua bagagem.

Há que notar a preservação da memória, e mais do que isso, a sua intensidade, a sua pasmosa atividade, quando havia cessado toda a atividade física, quando tudo estaria indicando, conforme os dados biológicos, que a memória deveria desaparecer, uma vez que é ela o resultado da atividade das células.

Convém nos reportemos aos casos semelhantes narrados pelos defuntos e por eles perceberemos como não será acolhida pelos verdadeiros psiquistas, a noção de que a memória é função do corpo e por isso transmissível hereditariamente.

Ouçamos ainda o eminente filósofo italiano:

Lembro, diz o Prof. Bozzano, que o assunto dos fatos que entram nesta categoria não apresentam certo valor científico, dada a impossibilidade de *controlar* diretamente as afirmações das personalidades mediúnicas. Entretanto, semelhantes afirmações parecem-nos dignas de ser mencionadas, como complemento ao estudo do tema proposto. E isso, sobretudo, porque, em todos os episódios que vão ser relatados, verifica-se a circunstância de fazerem as personalidades comunicantes menção espontânea da visão panorâmica, pelas quais passaram na crise da morte, sem nunca falarem por solicitação dos experimentados. Como as sessões, onde estas indicações foram fornecidas, realizaram-se em tempos e lugares diferentes e, por vezes, em presença de indivíduos que ignoravam a existência de fenômenos desse gênero, esse concurso de circunstâncias reveste de certo valor as comunicações assim feitas.

Em apoio dessa consideração, pode-se dizer que se se tratasse de personalidades subscientes, essas personalidades não poderiam ter descrito exatamente e ainda menos de modo concordante, um fenômeno real, de que os médiuns e a assistência ignoravam a existência.

Admito que a fertilidade inventiva das personalidades sonambúlicas não tenha limites; não se pode crer, entretanto – diga-se em homenagem ao bom senso e ao cálculo das probabilidades – que grande número de personalidades sonambúlicas, em momentos diferentes, em continentes diferentes, e diante de pessoas que ignoram a existência de determinada categoria de fenômenos, tenham todas podido inventar a mesma história fantástica, em que os pormenores concordam admiravelmente, e sobretudo concordam com uma classe de manifestações autênticas.

Mais um exemplo dessa nova categoria e leiamos ainda Ernesto Bozzano:

O episódio que se segue é devido à mediunidade de um eminente pioneiro do movimento espírita: o Juiz Edmonds, de Nova York. Ele havia perdido um de seus mais caros amigos, o Juiz Perkham, da Corte de Apelação de Nova York, que se tinha afogado tragicamente com sua esposa, devido ao abaloamento entre dois vapores.

Em uma experiência pessoal de escrita automática, manifestou-se o amigo defunto, forneceu boas provas de sua identidade e narrou a visão de sua morte como as condições da sua existência espiritual presente. Destaco aqui, da longa comunicação, a passagem que tem relação com o fato especial. O espírito comunicante declara:

Tivesse eu que escolher o modo pelo qual deveria separar-me de meu invólucro corporal e certamente não teria adotado o que me conduzia ao trespasse. A falar verdade, isso agora não me importa muito, desde que me achei desde logo transportado a uma ambiência tão bela e tão extraordinariamente variada...

No instante da morte revi integralmente toda minha existência. Cada ação, cada cena, cada incidente dessa vida me passou diante dos olhos, tão vivamente expressos, que pareciam erguer-se em meu cérebro como se tivessem sido iluminados de luz viva. Nenhum dos meus amigos foi esquecido.

Quando eu mergulhava nas ondas, apertando minha mulher entre os braços, apareceu-me meu pai e minha mãe; o primeiro tirou-me d'água com uma facilidade, que só agora chego a descobrir. (Juiz Edmonds – Letters and Tracts on Spiritualism, pág. 303). (145)

Era a primeira vez que o Juiz Edmonds ouvia falar de visão panorâmica e quando sua mão traçou a dita comunicação, ele estava só. É, portanto, evidente, que com a hipótese das personalidades subscientes não se chegaria a explicar semelhante alusão espontânea a um fenômeno real ignorado do médium. Assim se confirma o que já se disse, que os fenômenos desse gênero só se podem explicar pela aceitação de sua origem espírita



Ernesto Bozzano deixou patente, na série de fatos semelhantes que apresenta, e na argumentação que despende, que as narrativas só poderiam provir dos falecidos.

Valeria a pena indagar dos ilustres biólogos, que tão energicamente proclamam a hereditariedade das lembranças, como é que estas estariam nos Espíritos desacompanhadas das respectivas células.

(145) Ernesto Bozzano – *Mémoire Synthétique*.

A MANIFESTAÇÃO DOS VIVOS

NO TERRENO DAS PROVAS

Passemos ao terreno das provas, a fim de mostrar a independência espiritual, e comecemos pelos fenômenos anímicos, ou seja, a manifestação dos vivos como os primeiros passos para a demonstração.

Por enquanto é o vivo quem fala.

Como pondera J. Freire “o corpo anímico, também chamado duplo, porque representa a configuração do corpo físico, quando projetado fora desse corpo físico, transporta com ele não só um princípio vital, mas também a inteligência, ficando o corpo físico desprovido de suas faculdades psíquicas”. (146)

Esta grande verdade que iremos ilustrar, desmente por completo a noção de que “os caracteres dos filhos resultam da combinação dos caracteres ancestrais existentes nos pais”.

Expliquemos que a nossa tese se aplica aos caracteres morais, neles incluída a memória. Mostraremos que os predicados psíquicos residem no Espírito, ficando o corpo privado daqueles predicados quando o Espírito dele se afasta, o que também destrói as demais doutrinas que assentam as perturbações morais nas perturbações orgânicas.

Para a demonstração de que a memória e as demais faculdades se conservam no corpo espiritual e são independentes da matéria, existe um prodigioso documentário, de que iremos apresentar alguns exemplos, dentro dos estreitos limites impostos pelo espaço. Trata-se de provas firmadas na observação, algumas hauridas na experiência, “provas em que se fundará a religião futura e a ciência futura, em vez de revelações estranhas à razão, raciocínios estranhos à lógica e fatos estranhos à Ciência”.

Principiaremos pelos fenômenos anímicos, ou os provenientes do ser vivo, como o primeiro passo na demonstração de que o espírito é não só independente do corpo físico como é nele que residem as faculdades intelectuais, morais e mnemônicas.

O seguinte caso é narrado no *Journal of the Society for Psychical Research*, e reproduzido no *Phantasms of the Living*, por um cônego que pediu não fosse o seu nome publicado. Eis o relato:

Há perto de vinte anos, em 1869, encarregaram-me de uma paróquia a Oeste de Yorkshire. Em agosto desse ano fui chamado ao leito de morte de uma de minhas amigas.

Assentei-me, e logo a minha amiga levantou-se dizendo: “Ei-lo aqui! Mas acabo de chegar de B (minha paróquia). Que grandes embelezamentos introduziu o Senhor em sua Igreja!”. Pôs-se, então, a enumerar as transformações que eu tinha realizado na semana precedente e de que não falei a ninguém fora de minha paróquia.

Fiquei surpreendido por ouvi-la referir-se a coisas que nunca vira. Dois ou três dias depois, a pessoa morreu, e eu esqueci tudo. Nada contei a ninguém. Mas, cerca de um mês, após a sua morte, ia sair para o meu passeio habitual à tarde, quando uma velha empregada me disse que queria falar-me de algo que a havia atormentado muito, mas que silenciara até então, com receio de que se rissem dela. E me contou que estava no coro da Igreja, ocupada em preparar uma lâmpada, quando, com grande espanto, viu uma senhora ajoelhada. Esta, ao fim de alguns instantes, levantou-se e retirou-se pela sacristia.

(146) Antônio J. Freire – *Revista de Espiritismo*, Lisboa, 1931, pág. 226.

Devo salientar que a minha empregada me assegurou que as portas da Igreja estavam todas fechadas à chave. Lembrei-me do que me dissera a minha amiga em seu leito mortuário e pedi à informante uma descrição da pessoa que tinha visto. Ela me fez um relato perfeito, completo, descrevendo, até, uma curiosa jaqueta, cheia de bolsos, que a minha amiga usava quando ia visitar os pobres. Perguntei-lhe se se lembrava da hora; ela respondeu que eram três horas. Fora o momento preciso em que eu chegava ao quarto de minha amiga.

Dei-lhe em seguida vários retratos que conservava numa gaveta fechada à chave, em meu gabinete, e lhe disse que procurasse ver se reconhecia a pessoa da Igreja. Ela examinou cuidadosamente as fotografias, até que chegou à da pessoa morta. Examinou-a detidamente, viu as outras, e voltou à primeira. E disse: - É esta.

Perguntei: - Por que não a reconheceu imediatamente? - Porque - respondeu, a dama que vi na Igreja era mais magra e tinha a fisionomia mais abatida que a da fotografia; suas maçãs de rosto eram mais salientes, mas estou certa de que não me engano. E descreveu-a tal como era antes de sua morte, e não como estava na fotografia, tirada quando se achava com saúde. Minha criada era a última pessoa do mundo capaz de imaginar tal aparição, e nunca vira a minha amiga, nem dela nunca eu lhe falara. (147)

No caso em apreço, enquanto o corpo doente jazia no leito mortuário, o espírito da enferma, arrastado pelo hábito, e pode-se dizer, desparafusado pela doença, ia à nave, observava o que lá se achava, reparava nos melhoramentos ali introduzidos, e voltava a envergar as vestes materiais, sem que lhe fugissem da memória os fatos que presenciara. Isto é o que valeria a pena fosse explicado pelos honrados biólogos, a quem causa tanto pesar a nossa ignorância a respeito dos princípios já assentes oficialmente sobre o assunto.

O presente relato conduz-nos aos fenômenos de bilocação, a que ele pertence. Exemplos que tais podem ser colhidos a granel nos Anais do Psiquismo.

Continuemos a demonstração.

O seguinte caso é relatado pelo Professor F. E. Leaning, que o publicou no *British Journal of Psychical Research*, 1928, pág. 26.

Instalei-me numa pensão chamada Sheridan Inn, e fiquei todo o dia no quarto, à espera que o meu amigo Edwin me viesse buscar para a assinatura de um ato legal.

Depois de haver comido, estendi-me na cama e comecei a ler. Fui, então, invadido por uma vaga de sono a que não pude resistir. Isto muito me contrariou, porque desejava ler o *Jornal de Amiel*, que me interessava bastante. Tudo foi inútil, porém, porque dormi bruscamente. Tive logo a impressão de haver deixado o meu corpo e voltei-me, percebendo-o, enroscado, em posição incômoda, e espantei-me de que se pudesse dormir em tal postura.

Tive a idéia de sair, e fui para o corredor, passando pela porta, evidentemente pela força do hábito, haja vista que poderia ter muito bem atravessado a parede, desde que não abri a porta, mas passei através da madeira. Não mexia com os pés, pois que, para ir a qualquer lugar, bastava desejá-lo. Isso não impedia que me visse com as pernas, o braço e o corpo, e que me sentisse muito melhor que de ordinário. Não havia ninguém no corredor, à exceção de um preto que encerava o assoalho. Afrontei-o, porém ele não pareceu ver-me. Compreendi que me devia ter tornado invisível, o que aumentou consideravelmente a minha curiosidade. Diverti-me em passar diante dele, atrás dele, em torno dele, roçando nele, porém ele nem sequer lançou um olhar.

(147) Marillier – *Hallucinations telepathiques*.

A situação me divertia. Tive, porém, a idéia de que poderiam vir-me procurar e que acordassem o corpo de seu sono, enquanto eu me achava fora, e que daí poderiam resultar complicações pouco agradáveis. Voltei logo através da madeira da porta e quando cheguei perto da cama, o corpo me “chupou” imperiosamente, apanhando-me pelos pés.

Foi feliz a idéia que tive, porque logo bateram à porta e a Sra. Canfield, dona da pensão, entrou e me pediu licença para apanhar o roupão. O hotel estava cheio e ela me tinha cedido o seu quarto.

Quando ela saiu, notei um fenômeno inquietante: não conseguia ver normalmente. Ensaiei retomar a leitura de Amiel, e não distinguia as palavras. Via a sombra dos móveis e dos tapetes, mas não percebia mais o meu rosto no espelho. O fenômeno perturbador persistiu até que me assentei à mesa e pedi o cardápio. Finalmente, a vida voltou à normalidade.

O professor Leahing observa que esta última parte lhe sugere a idéia de que a fusão da segunda personalidade com o corpo físico ficou imperfeita e tal eventualidade está conforme com outras narradas em *Occult Review*. (148)

Tais fenômenos nos preparam para melhor compreender o que se passa na crise final da morte. E as provas que os vivos nos trazem, com essas experiências, confirmam o que nos dizem, mostram e provam os defuntos.

No caso presente, é digno de relevo o fato comum, nesse gênero de provas, da convicção em que se acha o paciente de que tem o espírito fora do corpo, convicção robustecida por inúmeros fatos, como o de locomover-se, de ver o corpo, de notá-lo adormecido e em determinada posição, de ir para onde quer, de atravessar paredes, *de ver o que se passa fora do aposento, apesar das paredes e das portas fechadas*, e, ponto capital que convém assinalar, pela sua importância na tese que defendemos, o *de conservar a memória de tudo o que se passou*.

Daí somos forçados a inferir, ou que as células cerebrais, ou células não importa de onde, acompanharam o Espírito na sua viagem, como as malas acompanham o viajor, para que ele vá metendo ali o que encontra, - o que parece impossível, ou, pelo menos, é incompreensível, - ou chegaremos ao que queríamos demonstrar, que é no Espírito que se registram os fatos, idéias e imagens que formam o conjunto de nossas lembranças, e que no acompanham de vida em vida, acrescidas sempre de material novo, lembranças que irrompem por vezes do vasto lençol em que jazem, para provarem o nosso longo passado espiritual.

Como os casos se multiplicam e os temos às centenas, não deverá restar dúvidas de que existe a extracorporeidade com os vários elementos demonstrativos que acabamos de expor, e as conseqüências que acabamos de tirar.

O seguinte episódio da Guerra de 14 foi trazido pelo protagonista a Sir Oliver Lodge, que o publicou integralmente nos *Proceedings*.

O autor descreve a sua longa e dolorosa marcha, debaixo de chuva fria, ou sob a neve, por estradas lamacentas e escorregadias, até que chegou às trincheiras, transformadas numa gamela de estrume líquido, mal cobertas do fogo inimigo, estando ele e seus companheiros extenuados, enregelados, molhados, famintos. Passamos ligeiramente pela confrangedora e extensa descrição, para chegar ao episódio:

(148) Ernesto Bozzano – *Les Phénomènes de Bilocation*, trad. De Gabriel Gobron, Paris, 1937, pág. 80.

Muitas horas transcorreram naquela horrenda situação, quando, de súbito, tudo mudou para mim. Tornei-me consciente, certissimamente consciente de achar-me fora do corpo. Comprovei que o meu *eu* real, consciente, o Espírito, se havia totalmente libertado do organismo corpóreo e, de fora deste, eu contemplava aquele mísero corpo vestido de cinza-verde, que era o meu, mas olhava-o com absoluta indiferença, pois que embora estivesse convencido de que o corpo me pertencia, já não havia laços que me prendessem ao seu martírio, e o considerava como se fosse de outrem. O meu espírito não sentia coisa alguma.

Enquanto estive naquela condição, o fato me parecia natural; só quando entrei novamente no corpo é que me convenci de que passara pela mais maravilhosa experiência de minha vida. Nada, jamais, poderá abalar a minha convicção de que naquela noite de inferno o meu espírito se separou temporariamente do meu corpo. (149)

Do extrato se nota que o Espírito se liberta e vê o corpo adormecido; já não sente as agruras, a ansiedade e as angústias que o oprimiam, e voltando a si, de tudo se recorda.

Há ainda outros fatos mais interessantes e seremos forçados a dá-los em síntese, depois de uma escolha feita ao acaso.

Este é relatado pelo famoso neurologista Dr. Eugenio Osty, na *Revue Métaphysique*, sob o título *La Vision de Soi*.

O informante é L. H. Hysman que, por duas vezes, viu diante de si o próprio corpo inanimado.

Da primeira vez achava-se na cadeira de um dentista. Sob a ação do clorofórmio sentiu-se de repente flutuando no ar e a contemplar, espantado, o dentista e o cloroformizador nos seus trabalhos. Tornou a si e à cadeira, tendo conservado, nítida, a impressão de tudo que sucedera.

De outra feita, em Londres, teve uma síncope. Viu-se, ainda, no espaço, donde contemplava, tomado de pavor, o corpo inanimado, de olhos fechado. Pensando que estava morto, perpassaram-lhe pelas idéias as cenas que se iam desenrolar quando o vissem já sem vida. Preocupava-o o estado de seus negócios... E ele afirma: - *É absolutamente certo que nada perdi da minha memória e da minha consciência. Certainement je n'avais perdu ni la mémoire ni la conscience de moi-même.*

Transcorridas duas horas, forçaram a porta do quarto, chamaram um médico e ele recuperou os sentidos, com a lembrança de tudo que se passara. *Não perdera a memória nem a consciência.* (150)

E quem tiver paciência que fique à espera do esforço que irão empregar os doutos para explicar isto e mais a manutenção da memória, com o corpo ausente.

Outra comunicação é de Charles Quartier, cronista da *Revue Métapsychique*, psiquista conhecido e intransigente adversário de teses espíritas.

Refere ele que, enfraquecido pela chamada gripe espanhola, debilitado, subalimentado pelo estado de guerra, desmaiara repentinamente. Certa vez, estava num sofá, enquanto sua mãe conversava num vestibulo com visitantes. De repente, viu-se caído do canapé, com a cabeça para baixo e os pés ao alto, inteiramente desacordado.

(149) Oliver Lodge – *Journal of the Society of Psychological Research*, 1929, pág. 126.

(150) Dr. E. Osty – *Revue Métapsychique*, 1930, pág. 190.

Invadiu-o um sentimento de bem-estar, de leveza, uma inverossímil euforia, e depois o terror, por se achar diante de um fato normalmente impossível, ver-se como num espelho, e mais, o de ter ficado com a cabeça para baixo, o que poderia ser perigoso. Depois, pareceu-lhe estar no vestibulo, ansioso por atrair a atenção de sua mãe, quando esta, que, se diria, lhe estava percebendo a ânsia, declarou de repente: - *Esperem, vou ver meu filho que me chama.*

Quando acordou, viu-se ele no canapé, com a progenitora ao lado, prodigalizando-lhe os cuidados que se requerem em tais ocasiões.

O fenômeno é documentado com o depoimento de várias testemunhas. (151)

Quartier, adverso ao Espiritismo, procura umas hipóteses explicativas, que estão longe de se adaptar ao caso e muito mais longe de abrangerem outros da mesma espécie. Mas declara: - *Uma coisa é certa, é que eu me vi a mim mesmo.*

As doutrinas pessoais de Quartier o tornam, por isso, menos suspeito na narrativa. E para nós, o que é mais certo é ter ele conservado a memória do que acontecera, embora estivesse em síncope, vendo-se fora do corpo, apreciando o que se passava além do aposento; seguramente, os fisiologistas e biologistas não nos poderão ensinar como se teria, nesse caso, conservado a memória integral.

Caso bem interessante é ainda o de haver conseguido impressionar, “telepatizar” a progenitora, ou seja, transmitir-lhe o seu pensamento, o seu pedido de socorro.

Iremos encontrar um fato idêntico.

Giuseppe Costa, na sua obra *Além da Vida*, descreve um caso semelhante, e tantos têm sido eles, que já merecem especiais monografias, e nomes especiais, como autoscopia, visão de si próprio, autovisão...

O autor dá ao seu caso o título de *Un misterioso avvenimento*, acontecimento de fato misterioso para quem não conhece o fenômeno espírita ou anímico do desprendimento da alma.

Principia por mencionar fatos particulares que precederam o fenômeno e as condições em que se achava *quando lhe aconteceu o mais misterioso dos acontecimentos de sua existência. “É oportuno che io accenni alle particolari condizioni in cui me trovavo quando mi accade il piu misterioso degli avvenimenti della mia esistenza...”*

O acontecimento se verificou em uma noite abafada do cáldo mês de junho. “*Era una notte afosa di un torrido giugno...*”

Preparava-se para exames e, exausto, atirou-se na cama, antes desmaiado que adormecido, sem apagar a lâmpada de querosene. Provavelmente, por um movimento brusco, fez que a lâmpada caísse; esta desprendia uma densa fumaça, que enchia o quarto de um gás pesado, irrespirável. Seu corpo seria encontrado exânime na manhã seguinte, se não sobreviesse o fenômeno.

Foi quando teve a sensação de achar-se com o seu *eu pensante* no meio do quarto, completamente separado do corpo, que jazia na cama. Via-o e aos demais objetos, bem como as paredes, com os seus pormenores, os seus contornos, embora o quarto estivesse caliginoso. Não tinha de força de gravidade. Se dissesse que se sentia leve, livre, etéreo, não exprimia bem o que experimentava, e, de mesmo passo, tinha inexprimível angústia, vendo o soma na situação em que se achava.

Quis apanhar a lâmpada, abrir a janela, porém não o conseguia com os órgãos espirituais. Pensou, então, na progenitora, que estava em outro aposento. Viu que ela descia apressadamente da cama, corria à janela, abria-a, para depois sair do quarto, andar pelo corredor, entrar no seu, e aproximar-se-lhe do corpo inerte, tateando-o na escuridão.

(151) Dr. E. Osty – *Revue Métapsychique*, 1930, pág. 191.

A esse contato, o seu *eu espiritual* entrou novamente na sua sede. Achou-se desperto, com a garganta seca, as têmporas martelando, o coração como a querer escapar-lhe.

O autor até então nada sabia de Espiritismo nem de fenômenos supranormais. Mas – declarou – jamais tive a sensação de existir de modo tão real, como no momento em que me senti separado da vestidura carnal. *“Mai ebbi così la sensazioni di esistere in realtà come nel momento in cui m’ero sentito separato dal mio corpo”*.

Sua mãe, interrogada, confirmou que primeiro abrira a janela do seu quarto, haja vista que se sentia sufocada, antes de correr em auxílio do filho.

Dal Costa, depois de estudar várias hipóteses, declara que só lhe restava a dedução lógica de que seu *eu pensante* houvera agido fora do corpo. (152)

Mais um exemplo. Sem sentidos, inerte, prostrado numa cama, em começo de asfixia, e tão sem ação física ou mental, que não pôde tomar qualquer providência, o seu espírito, entretanto, vê, sente, raciocina e torna à vida material com a lembrança do que vira, do que sentira, do que raciocinara. Era, portanto, no Espírito e não na matéria que jaziam as recordações. Era no Espírito que estava a memória.

Outro caso, não menos elucidativo, é referido por Paul Gibier, médico e psiquista francês, naturalista do Museu de História Natural, oficial da Academia, além de outros títulos.

Aqui o apresentamos sob a responsabilidade do grande cientista. Declara o percipiente:

...Estendi-me numa espreguiçadeira. No momento em que me virava de costas, senti que andavam à roda os objetos próximos; experimentei como que um atordoamento, um vácuo; depois, achei-me transportado ao meio do quarto. Surpreendido com este deslocamento, do qual não tinha consciência, olhei em torno de mim e meu espanto aumentou muito mais.

A princípio, dei comigo estendido no sofá, suavemente, sem rigidez, apenas tendo a mão esquerda acima de mim... A primeira idéia que tive foi a de que havia adormecido e sonhava. Entretanto, reconhecia que nunca sentira coisa semelhante e que, de maneira tão intensa, representasse a realidade. Tinha a impressão do real. Compreendendo que não se tratava de um sonho, o segundo pensamento que me acudiu à imaginação foi o de que estava morto. Lembrei-me, ao mesmo tempo, de ouvir dizer que há Espíritos e pensei que me tinha tornado um Espírito. Lembro-me, perfeitamente, de ter sido assaltado, então, por uma espécie de ansiedade; minha vida me apareceu como numa fórmula...

Aproximei-me de mim, ou antes, do meu corpo, ou do que eu acreditava já fosse meu cadáver. Chamou a minha atenção um espetáculo que não compreendi logo: vi-me respirando, percebi o interior do peito, e meu coração batia lentamente, porém com regularidade; meu sangue, vermelho cor de fogo, corria nas artérias. Compreendi, nesse momento, que devia ter tido uma síncope, de um gênero particular, e receei não me lembrar de nada quando voltasse a mim.

Sentido-me um tanto tranqüilo, lancei os olhos em torno, perguntando quanto tempo iria durar aquilo; depois, não mais me ocupei com o corpo, o *outro eu*, que continuava repousando em sua cadeira; vi a lâmpada, alumando silenciosamente, e refleti que ela estava muito perto da cama e poderia lançar fogo ao cortinado; segurei o botão, a chave da torcida, para apagá-la, e nova surpresa me tomou. Sentia perfeitamente o botão com a sua roseta, percebia, por assim dizer, cada uma de suas moléculas, porém, por mais que desse voltas com os meus dedos, só estes executavam os movimentos, sem conseguir mover o botão.

Coloquei-me, depois, diante do espelho, em face da chaminé, mas, em lugar de ver a minha imagem, reparei que a vista parecia estender-se sem estorvo, e apareceu-me, primeiro, a parede, e depois a parte posterior dos móveis e dos quadros que estavam na casa vizinha, e em seguida o seu interior. Notei a falta de luz nesses aposentos, que a minha vista lobrigava, e vi perfeitamente um raio de luz que partia de meu epigástrio e iluminava os objetos.

Veio-me a idéia de penetrar na casa do vizinho, casa que aliás não conhecia; ele estava ausente em Paris. Apenas pensara em visitar o primeiro compartimento, e logo me vi transportado a ele. Como? Nada sei, mas me parece que varei a parede tão facilmente como com a vista. E me encontrei em casa do vizinho, pela primeira vez na vida. Examinei os quartos, gravei-lhes o aspecto na memória, dirigi-me a uma biblioteca, onde observei com cuidado muitos títulos das obras colocados numa prateleira, à altura de meus olhos.

Para mudar de lugar, bastava-me querer, e sem esforço, achava-me no ponto para o qual queria ir. Sei que andei por longe, para Itália, creio, sem saber como empreguei o tempo. Foi como se andasse de uma para outra parte, carregado para onde me dirigia o pensamento...

O que, concluindo, posso acrescentar, é que acordei às cinco da manhã, na minha espreguiçadeira, rígido, frio, tendo ainda entre os dedos a ponta do charuto. A lâmpada apagara-se. Atirei-me à cama; quando despertei era dia claro.

Por meio de inocente estratégia, nesse dia mesmo, induzi o porteiro do meu vizinho a examinar a casa, para ver se estava tudo em ordem. Subi com ele e pude rever os móveis, os quadros notados por mim na noite precedente, os títulos dos livros em que tão atentamente havia reparado.

Evitei falar disso a quem quer que fosse, haja vista que não desejava passar por maluco ou alucinado...

Terminando a narrativa, o seu autor pergunta a Gibier: - Que pensa disto, doutor?...
(153)

A apresentação do fenômeno, com as mesmas modalidades, as mesmas fases, por médiuns diversos, em ocasiões diversas e em diversos lugares, deixa patente a sua realidade.

A maneira por que se desenvolve, mostra, ainda que se trate de uma separação temporária do Espírito, que se desata das faixas que o prendem estreitamente ao corpo, continuando, entretanto, com as mesmas faculdades. A sua independência é manifesta, e ele vê, observa, reflete, calcula, prevê, induz, deduz e conserva a plenitude da memória; no caso presente, lembra-se de tudo o que se passou e pode comprovar as suas visões. O corpo jaz inanimado, inconsciente; é nestas condições que maior se lhe torna a atividade espiritual, como acontece em certos casos de coma, de que já nos falava e de que dava testemunha o pranteado neurologista Dr. Eugênio Osty.

Na impossibilidade de compreendermos a transmissão de idéias pelos processos de que nos fala a ciência de Müller, força é concluir que a memória reside no Espírito e não nos órgãos materiais.

Tratando desses casos, salienta Bozzano:

Psicologicamente falando, merece profundamente meditado o fato de o indivíduo sentir que existe pessoalmente, na plenitude de suas faculdades cientes e conscientes, fora do corpo e defronte do corpo. Trata-se de um sentimento dificilmente redutível a fórmulas elucidativas, deduzidas da psicologia universitária. (154)

(153) Paul Gibier – *Physiologie Transcendentale. Analyse des Choses* – Durville, Paris, pág. 120.

(154) Ernesto Bozzano – *Animismo e Espiritismo*, Trad. De Guillon Ribeiro, pág. 140.

Há casos de desprendimento do Espírito que passam despercebidos ao ser desprendido, mas que nem por isso deixam de ser vistos e testemunhados. É exemplo o que ora apresentamos, precedido de ligeira apreciação de Ernesto Bozzano.

Dizia ele que os fenômenos anímicos, ou sejam, os fenômenos psíquicos entre vivos, robusteciam a tese espírita. Realmente, a existência do fato psíquico entre as pessoas vem provar a sua realidade, e, conseqüentemente, a sua possibilidade, quando se trata do morto, além de nos mostrar a existência do espírito independente da matéria.

Vem a talho de foice um trabalho publicado por Delanne, lembrado por Picone Chiodo.

Wolfgang Goethe passeava, numa tarde de verão, com seu amigo K, em Weimar, quando, de repente, estacou, como diante de uma aparição que lhe falasse, enquanto o seu amigo K. não percebia nada.

Goethe disse imediatamente: - Deus meu, se não estivesse convencido de que o meu amigo Frederico está neste momento em Francforte, juraria que era ele! Em seguida, desatou em risada franca: - Mas é bem ele, o meu Frederico. Tu aqui, em Weimar? Mas por Deus, meu caro, como te vejo vestido! Com as minhas roupas de quarto, com o meu barrete de noite, com os meus chinelos, aqui na estrada real?

K. não via absolutamente nada do que dizia Goethe e espantou-se, crendo que o poeta fora tomado de loucura súbita. Mas Goethe, preocupado, unicamente, com a sua visão, estendeu os braços e continuou: "... Frederico, por onde passaste? O' Senhor! Meu caro K. não observaste por onde ele veio?"

K., estupefato, não respondia coisa alguma.

O poeta, então, olhando para todos os lados, declarou: - Sim, compreendo, é uma visão... Entretanto, qual pode ser a significação de tudo isso? Teria o meu amigo morrido, subitamente? Seria o seu espírito?

Pouco depois, Goethe entrou em casa e encontrou Frederico; acreditando que lhe tivesse reaparecido a visão, os cabelos se eriçaram, e exclamou: - Para trás, fantasma!

- É esta, meu caro – lhe disse Frederico – a saudação que fazes a teu sincero amigo?

- Ah! – respondeu Goethe – rindo e corando ao mesmo tempo, - desta vez não é um espírito, é um corpo de carne e osso.

E os dois amigos se abraçaram efusivamente.

Frederico chegara à habitação de Goethe ensopado pela chuva, e pusera as roupas do poeta. Depois, adormecera numa cadeira de braços e sonhara que havia encontrado Goethe, e este o interpelara com essas palavras: - Tu aqui em Weimar, com as minhas roupas de quarto, o meu barrete de quarto e os chinelos, na estrada real?... (155)

Cumprе acrescentar que muitas dessas descrições são feitas pelos próprios pacientes, literatos ou cientistas, que os exaram nos seus livros, com a responsabilidade de seus nomes e dos seus títulos, sem ocultarem que o fenômeno se passou com eles próprios, e sem se acanharem de os reproduzirem minuciosamente.

Outras vezes, o fato é trazido ao cientista por pessoa íntima e da máxima confiança do experimentador.

Andemos um pouco mais, como quem continua a folhear um livro, estendamos a investigação, e vamos assinalar, não já o desprendimento ou a aparição do espírito do vivo mas a do falecido, que se apresenta, logo ao se fecharem sobre ele as portas deste mundo.

É uma seqüência que vem pôr-nos diante dos olhos, com lógica irresistível, a imortalidade do ser. Principalmente por demonstrar a universalidade do fenômeno.

(155) Picone Chiodo – *L'Immortalité dell'Anima*, pág. 60.

A MANIFESTAÇÃO DOS MORTOS

UNIVERSALIDADE DA MANIFESTAÇÃO

Iremos tratar, agora, da manifestação do Espírito sobrevivente, quando o corpo já não tem a centelha que o anima, ou seja, iremos demonstrar a existência do espírito do morto.

Provou-se, preliminarmente, que o ser espiritual, ou a alma, poderia, em determinadas circunstâncias, mostrar a sua independência em relação ao organismo. E, sobretudo, ficou patente que no ser espiritual é que demoram as faculdades mentais.

Assim, já no vivo se prova que a individualidade reside no Espírito; nele está a sede de todas as faculdades por onde se revelam a memória, a inteligência e a moral.

Mais evidente, mais clara se tornará a demonstração com as provas da sobrevivência e suas manifestações, pois que aí se acha o Espírito completamente desligado da matéria. E enquanto esta jaz inteiramente morta, completamente desfeita, a personalidade continua a apresentar-se com todas as características de vida, sem que se lhe note, a não ser nos casos de perturbação devido ao grande trauma por que acaba de passar, ou as faltas que acaba de cometer, qualquer divergência no que se refere à sua mentalidade.

Ela evidencia a sua presença por todos os meios possíveis; as suas faculdades mantêm-se integrais, salvo bem entendido os motivos devidos à prova ou ao choque.

A manifestação do defunto, além do que já vimos expendendo, torna irremessivelmente falida a tese de que se acham no corpo as faculdades do Espírito, ou de que são elas feitura de órgãos e funções, ou que se divide em parcelas o ser espiritual.

De tempos imemoriais costumam os homens ver os seus antepassados e se comunicar com eles. Essa comunicação ostensiva se verifica no tempo e no espaço; em todas as épocas e em todas as regiões se conhecem e se relatam tais fenômenos. Essa universalidade é já uma prova segura da realidade de tais fatos; impossível essa concordância no fato psíquico, por parte de povos diversos, distantes, e em várias idades.

Dizia Lombroso:

Il fatto che in tutti i tempi i popoli è sempre state viva la credenza in un qualche cosa d'invisibile che sopravvive allá morte del corpo e che sotto l'influsso di speciali condizioni può manifestarsi ai nostre sensi, ci rende proclivi ad accettare l'ipotesi spiritica.

(O fato de que, em todos os tempos e povos, é sempre viva a crença em algo de invisível que sobrevive à morte do corpo, e que, sob o influxo de condições especiais, pode manifestar-se aos nossos sentidos, leva-nos a aceitar a hipótese espírita). (156)

Ernesto Bozzano, em importante monografia, citava inúmeros autores, contestes em afirmar que os fenômenos psíquicos supranormais, hoje submetidos a severo estudo, já se observavam de remotas eras, nos antigos povos. Destarte escrevia:

Basta consultar as obras dos mais eminentes antropologistas e sociólogos para verificar que todos esses autores reconhecem, de comum acordo, que a crença na sobrevivência do Espírito humano é universal. (157)

(156) Cesare Lombroso – *Ricerchi sui Fenomeni Ipnotici e Spiritirici*, Torino, 1909, pág. 273.

(157) Ernesto Bozzano – *Delle Manifestazioni tra i Popoli Selvaggi*, Roma, 1926, pág. 5.

Grant Allan declarava que a crença universal primitiva de todas as religiões baseava-se na sobrevivência dos trespassados. (158)

E Brinton, indo mais longe, afirmava que as mais rudimentares religiões, sem altares, nem templos, nem ritos, crêem em Espíritos que se comunicam com os homens. (159)

Essa crença provinha, precisamente, do fenômeno observado.

Indagava o historiador Cesar de Vesme, diante das pesquisas etnográficas, a razão por que as doutrinas religiosas se desnaturavam entre os selvagens, ficando apenas de pé a crença em Espírito, em fantasmas, na sobrevivência da alma.

E assegurava em resposta:

Ela se impôs, *bon gré, mal gré*, independente de seus desejos, pela observação dos fatos. (160)

Lapponi, o conhecido escritor italiano, em longa e erudita incursão histórica, demonstra-nos aquilo que já haviam observado os maiores estudiosos do movimento espiritualista, a crença geral nos Espíritos e suas manifestações, em virtude da realidade do fato.

Diz ele:

Da tempi remotissimi si è creduto e si crede a reali rapporti tra gli uomini ancora viventi e i defunti, non che tra quelli e altri essere immateriali di ordine superiore. E a giustificazione di cotesta credenza in tutti i secoli si sono sempre addotti ab immemorabili racconti di fati meravigliosi.

(Desde tempos remotíssimos se tem acreditado e se acredita nas relações reais entre os homens ainda vivos e os defuntos, bem como entre aqueles e outros seres imateriais de ordem superior. E a justificação de tais crenças, em todos os séculos, está ligada a narrativas imemoriais de fatos maravilhosos).

Mas tais fatos maravilhosos não poderiam persistir através das idades, e em todas as raças, se não fossem alimentados, constantemente, pela reiteração do fenômeno.

Lapponi principia por evocar a série de casos bíblicos, já bastante conhecidos entre nós.

Na Índia sempre existiu e ainda hoje existe a prática da evocação dos mortos.

Toda a força da casta "sacerdotal" – diz o citado médico e professor de Antropologia Aplicada em Roma – dependia e depende de uma espécie de influência que os defuntos e a divindade exerciam naqueles que dela faziam parte. Entre os egípcios, o comércio com os Espíritos entrava na prática dos Iniciados e no culto de Íris e Osíris.

A sua demonstração não deixa dúvida de que toda a antiguidade era povoada de Espíritos. (161)

Na Grécia eram constantes as evocações.

Um dos exemplos mais antigos é o de Pausânias, general lacedemônio em Platéia, condenado a morrer de fome no templo de Minerva, 477 A-C, e cujo espírito lá se manifestava em gritos.

(158) Grant Allen – *The Evolution of the Idea of God*, Pág. 42.

(159) Brinton – *Religions of Primitive Peoples*, pág. 50.

(160) Cesar de Vesme – *Histoire du Spiritualisme Experimental*, pág. 9-11.

(161) Dott. Giuseppe Lapponi – *Ipnotismo e Spiritismo*, Roma, 1906.

Em uma obra ainda hoje lida pelos eruditos, conta Plínio, o Moço, o caso que se tornou quase clássico, do espectro de Atenas, em virtude do qual o filósofo Atenodoro adquiriu uma casa a baixo preço.

Na primeira noite, lendo e escrevendo como de costume, ouviu um como arrastar de correntes no assoalho. Ergueu os olhos e viu um velho triste, carregado de ferros, que se aproximou e lhe fez sinal para que o acompanhasse, conduzindo-o a um ponto do corredor e aí desaparecendo. O filósofo levou o fato aos juízes, escavações se fizeram e acabaram encontrando um esqueleto acorrentado. Deram-lhe honrosa sepultura e cessaram os fenômenos... (162)

Desde os tempos mais remotos – diz Flammarion, citando esses casos, tais descrições têm chegado aos nossos dias, sem solução de continuidade. (163)

Reportando-se aos fenômenos psíquicos, “geralmente chamados místicos”, observa William James:

A filosofia nada quer com eles. A Psicologia ortodoxa lhes vira as costas. A Medicina os expulsa; ou, quando muito, se está em veia de anedotas, citam-se alguns casos como efeitos da imaginação. Entrementes, os fenômenos aí estão, vastamente espalhados em toda a extensão da História. Abra-a à página que quizerdes e achareis muitas coisas narradas sob os nomes de adivinhação, inspiração, possessão demoníaca, aparições, transe, estudos, curas miraculosas, malefícios, feitiçarias. Supõe-se que a mediunidade é originária de Rochester, U.S.A., e que o magnetismo animal data de Mesmer; mas, perlustrei um dia o avesso das páginas da história oficial, consultai as memórias, os documentos legais, as legendas, e os livros de anedotas populares, e vereis que não existe época em que esses fatos não deixem de ter sido tão abundantemente relatados como em nossos dias. (164)

Homero refere-se, na *Odisséia*, a Ulisses, que interrogava por intermédio de Circe, o espírito do tebano Tirésia. (165)

Todo o povo grego fazia evocações e não só o povo, senão os próprios sábios.

Periandro consulta a defunta esposa a quem mandara degolar (166) e Pausânias, o espírito de uma jovem a quem também fizera morrer. (167)

Provavelmente pretendiam ver aplacados os remorsos com o perdão das vítimas.

Também os magistrados se comunicavam com os mortos. Vários historiadores e beletristas referem-se a essas comunicações, e entre eles, Aristóteles, Flávio, Lucano, Filóstrato.

Afirmava Cícero que seu amigo Ápio conversava freqüentemente com os trespassados. (168)

Narra ainda Plínio, o Antigo, que Tibério mandou matar Druso porque este o interrompera numa sessão espírita. Tibério provavelmente já não devia estar bem humorado com que os Espíritos lhe diziam, na sua liberdade e impunidade de Espíritos.

(162) Plínio, o Moço – *Cartas* LVII, carta 27.

(163) Camille Flammarion – *Maisons hantées* – Paris, Trad. De M. Quintão, pág. 128.

(164) William James – *Études et Reflexions d'un Psychiste*. Trad. De E. Durandeaud, Paris, 1924, pág. 100.

(165) Homero – *Odisséia*, cX.

(166) Heródoto – V, 92.

(167) Plutarco – *Vida de Cimone*.

(168) Cícero – *De Devinazione*.

E o gramático Ápio costumava interrogar Homero. (169)

Augusto, diz-nos Suetônio, fez queimar dois mil livros de evocação e encantamentos.

Erato, mágico da Tessália, fazia aparecerem os Espíritos: “Che richiamava l’ombra ai corpi sui”.

E Dante alude ao poder da magia.

Eram comuns as práticas espíritas entre os druidas, nas Gálias, e demais países ao Norte. Tertuliano conhecia várias dessas práticas. (170)

Já contava Maspero que no antigo Egito, A-C., um viúvo caiu gravemente enfermo por atuação da falecida esposa, que lhe conservava grande rancor. (171)

Osterreich, tratando da possessão entre os povos primitivos, esclarece:

Pode-se dizer que sua extensão é ilimitada. Não há nenhum ponto do globo onde tais fenômenos não se tenham produzido...

No que concerne à grande extensão da possessão involuntária da era cristã, já dei uma série de testemunhos que demonstram a semelhança de seus estados através dos séculos, e justificam a análise que fiz, baseando-me em documentos que pertencem a épocas muito diferentes.

Às peças que forneci, acrescentarei provas novas pra mostrar que a possessão se produz fora e além da civilização cristã, em condições essencialmente idênticas. (172)

Precioso depoimento pela sua insuspeição.

O que ele chama de possessão é a incorporação de bons ou maus Espíritos.

Nos países católicos, quaisquer que fossem as manifestações, como ainda hoje acontece, eram elas atribuídas invariavelmente ao demônio. Ainda mesmo os evidentes sintomas mórbidos não escapavam à influência demoníaca. Quer os assistentes, quer os investigadores, quer os próprios médiuns, por sugestão, davam o nome de demônio às entidades comunicantes. Não importava que essa entidade desmentisse a honra que lhe conferiam, ou provasse, pelos meios a seu alcance, que não era o suposto ser maléfico; não importava, ainda, a ineficácia dos processos clássicos postos em prática para afugentá-la, como os exorcismos, as ameaças, as benzeduras, indo-se até a meios extremos como o do *argumentum baculinum*. Enfim, não havia processo que deixassem de lançar mão para espantar o abusado, teimoso e persistente obsessão infernal.

No caso da Abadessa Teresa, por exemplo, o demônio se dava o nome de Peregrino e como Peregrino era tido e havido.

Peregrina novidade em se tratando de demônios.

Uma das manifestações do mediunismo está na chamada feitiçaria. Nos ominosos tempos da Idade Média, e mesmo depois, ignorando a fenomenologia metapsíquica, levados pelo fanatismo, que via em tudo o dedo de Satanás, os religiosos da época faziam torturar e queimar todos os que apresentavam, por menor que fosse, o sintoma de faculdades anormais.

Essas faculdades, desconhecidas, desvirtuadas, caluniadas traziam para os seus portadores o título de feiticeiros e lhes acarretavam as dolorosas e sangrentas consequências que a História registra.

(169) Tusculane, I, 16, 37.

(170) Tertuliane – *Apologetic*, XII, XXII.

(171) Maspero – *Études Egyptologiques*.

(172) T. R. Osterreich – *Les Possédés*, Trad. De René Sudre, Paris, 1927, pág. 167.

Merece aqui apontado um trecho, a propósito, do Professor Joaquim Pimenta:

Como Jeová, o Diabo tem também o seu sacerdócio, cujos membros, os feiticeiros, tanto dão que fazer à Igreja. Por intermédio deles, o príncipe do mundo comunica à cristandade o seu misterioso poder infernal...

Desde o século IV procura em vão a Igreja reprimir a feitiçaria: um Concílio proíbe que os padres e os clérigos sejam encantadores, matemáticos, astrólogos, façam amuletos, sob pena de serem expulsos da Igreja. No século VI, quatro Concílios anatematizam os feiticeiros e adivinhos; neste mesmo século instituem-se contra eles violentas medidas repressivas, mas sem resultado. Sob Carlos Magno, a feitiçaria figura na legislação penal como um crime que é necessário extirpar pelos processos mais enérgicos; ela, porém, continua pelos séculos afora a estender o reino de Satã; vulgariza-se de tal forma, que entra a integrar-se às sutis divagações teológicas, às questões de lógica judiciária e ao incipiente empirismo dos conhecimentos médicos. A gente obscura como a de alta posição, ninguém contesta a influência ocultista e sobrenatural do feiticeiro. Os reis e os papas sentem o seu magnetismo, ora benfazejo, ora vingativo, a penetrar-lhes a epiderme, a infiltrar-se-lhes na veia. (173)

O professor Pimenta, a cujas luzes, aliás, prestamos as nossas homenagens, provavelmente desconhecedor do fenômeno metapsíquico, encara-o como simples efeito da superstição eclesiástica. O certo, porém, é que o feiticeiro, salvo as raras exceções de um estado patológico, e as mais raras ainda, de uma perigosa velhacaria, era um sensitivo, sob a influência de Espíritos, em geral, inferiores, muitas vezes obsessores, que, aproveitando-se da crassa ignorância da época, senão de sua perversidade, exerciam essa influência provavelmente para vingar-se dos infelizes obsessos, talvez antigos adversários ou inimigos.

Os ditos obsessores adunavam-se por vezes, em legião, aquela de que já falavam os Evangelhos, e temos, então, entre outros, os célebres casos de demonopatia dos claustros, as infestações, as epidemias epileptiformes, as alucinações coletivas...



Cremos que obra absolutamente insuspeita de laivos espiritistas é a do Professor da Universidade de Tubingue, T. K. Oesterreich, obra aliás, traduzida para o francês por outro cidadão menos suspeito ainda, o Sr. René Sudre.

Não obstante o esforço do Autor por descobrir uma causa qualquer, dentro dos quadros científicos, que lhe permitisse a apresentação de uma teoria, não pôde eximir-se às seguintes considerações:

Percorrendo a série de casos de possessão que acabamos de citar, o primeiro e mais empolgante de seus caracteres é que o organismo do paciente parece invadido por uma personalidade nova. O organismo é governado por alma estranha. Tal fato fez que se designassem esses estados, desde os tempos em que nos foi dado conhecê-los, até a época presente, sob o nome de *possessão*. É como se outra alma houvesse penetrado no corpo e aí persistisse, em lugar ou ao lado do indivíduo normal. (174)

(173) Prof. Joaquim Pimenta – *A Questão Social e o Catolicismo*, Rio de Janeiro, 1921, pág. 135.

(174) F. R. Oesterreich – *Obra cit.*

“Essa possessão, diz o escritor, manifesta-se de três modos”. E para cada um deles apresenta grande cópia de casos, devidamente documentados.

Em primeiro lugar o possesso (le possédé) toma fisionomia nova. Alteram-se-lhes os traços do rosto.

Às vezes a possessão se mostra sob forma intermitente e igualmente com transformação da expressão pessoal. Metamorfoseiam-se as pessoas e os rostos com inaudita rapidez, tal como na “epidemia de Loudum”.

Servem de exemplo, também, as experiências de Flournoy, com Helena Smith, que mostra uma série de personalidades diferentes.

O segundo dos caracteres demonstrativos da mudança de personalidade é a alteração da voz. A entonação corresponde ao caráter da nova individualidade manifestada. Digno de nota é o caso registrado por Janet:

Era um espetáculo extraordinário para nós, que estávamos presentes, ver esse mau espírito exprimir-se pela boca dessa pobre mulher, e ouvir, ora o som de uma voz máscula, ora o de uma voz feminina, porém tão distintas, que não se poderia acreditar fosse só essa mulher que falasse. (175)

O caráter mais importante, observa o Autor, é o terceiro, da invasão do organismo por uma individualidade estranha. A voz nova não fala conforme o espírito da individualidade normal, porém segundo o espírito da intromissora. Seu “eu”, é o da última e o seu conteúdo oposto ao caráter do indivíduo normal.

Baader, referindo-se a um desses casos, narra:

...Nessa má crise ela falava de si própria na terceira pessoa e lançava injúrias e motejos sobre si com o mesmo furor com que os lançava aos assistentes.

Aos que não têm idéias preconcebidas, tal observação corresponde ao que se observa nos médiuns modernos.



Na Idade Média os fenômenos dessa ordem passavam por demoníacos.

Dominado o Ocidente pelo Catolicismo, inexistente qualquer critério ou independência por parte dos observadores, estavam todos mais ou menos imbuídos da crença de que só o demônio poderia intervir em tais manifestações; chamavam, invariavelmente, de Satã, o Espírito que aparecesse. Os próprios escritores não fugiam à norma que a Igreja, a fé, a ignorância ou o medo lhes impunham. Assim é que vemos nos relatos, batizadas com o nome de demônio, as entidades comunicantes, quaisquer que fossem.

Alguns mais honestos nas narrativas não puderam esconder que essas entidades se diziam espíritos de defuntos, embora desconfiados, por vezes, de que havia por ali alguma velhacaria do Mafarrico.

Enxameiam pois, assim nos velhos como nos novos documentos, os episódios em que o comunicante se diz Espírito, e consegue prová-lo, apesar da forte e sugestiva opinião dominante e da oposição que lhe faziam. Vamos vê-lo nas próprias páginas do escritor alemão que nos referimos:

(175) Pierre Janet – *Nevroses et idées fixes*, Paris, 1889, I, pág. 334.

Em uma época mais recente, particularmente no século XVIII, e ainda no XIX, onde a crença no diabo diminui, são, sobretudo, as almas dos defuntos que penetram nos vivos. Encontram-se, entretanto, desses casos entre os antigos. Justino fala de homens, “dos quais tomava posse a alma de um morto, que eram lançados ao chão, e que toda a gente dizia possuídos do demônio.”

No que se refere às almas dos trespassados, a idéia de que elas podem penetrar no homem é tanto mais fácil de admitir, entre os primitivos, quanto eles concebem, muitas vezes, que a alma degradada dos criminosos vive errante. Em geral, é por essa razão que as almas ruins causam possessão, mas há também possessões boas.

Kerner mostra, com suas próprias experiências, que, em muitas dessas narrativas, é constante darem-se os demônios como espíritos de defuntos infelizes, assim como quase sempre os bons demônios que se manifestam no agatomagnetismo (guias) se dão como espíritos felizes de defuntos. (176)

Como se vê, muitos anos antes de Allan Kardec, já a “doutrina espírita” se antecipara na manifestação dos mortos. Não é isolado o caso da Sra. Kaufmann, narrado por Justinus Kerner.

Ponhamos outros exemplos:

Num caso observado por Eschenmayer, o espírito possessor, manifestado por uma jovem, dirigia-se especialmente a um Senhor Durret, e quando não o podia atacar, por estar a médium segura, cuspiam-lhe em cima.

O autor conclui:

Ela (a sensitiva) via ou ouvia tudo. Não perdia a consciência, mas, apesar dos seus esforços, não podia resistir ao demônio, quando este lhe tomava o corpo. Perguntamos-lhe se as lágrimas vertidas pelo demônio eram sentidas por ela. Ela o negava resolutamente. (177)

Um demônio a chorar é de enternecer.

No caso das possessões da filha de Orlach, observa Gerber:

O espírito possessor, que sabe que ela está bem viva, pretende que ela não está lá; que é ele quem está; e derrama-se em injúrias e calúnias contra a moça, a quem só chama – a porca. (178)

É de crer que observadores, assistentes e narradores não compreendem o dislate do possessor, quando, sabendo a moça viva, diz que ela não está lá, que quem está é ele, quando o caso se explica com simplicidade: o espírito da jovem afasta-se e ele lhe tomava o lugar. É de crer, ainda, que fosse um seu antigo inimigo.

Sempre com a mira posta no demônio, conta Egenhard:

Era um espetáculo extraordinário, para nós presentes, ver esse mau espírito exprimir-se pela boca dessa pobre mulher; imaginava-se ouvir duas pessoas disputarem vivamente e se injuriarem. Com efeito, havia ali duas pessoas, duas vontades diferentes; de um lado, o demônio, que queria dominar e destruir o corpo de que estava de posse, de outro, a mulher, que desejava ver-se livre do inimigo que a obsidiava. (179)

(176) T. R. Oesterreich – *Les Possédés*, Trad. De R. Sudre, Paris, 1927, pág. 41.

(177) Eschenmayer – *Konflikt*, pág. 4.

(178) Kerner – *Nachricht*, pág. 31.

(179) A. Maury – *La Magie et l'Astrologie*, 3ª edição, Paris, 1864, pág. 327.

Às vezes, aparecem uns espíritos farsantes, a julgar por um relato do Sr. Gennep. Aqui é um defunto que se apresenta e pede dramaticamente:

“Não orem pelos condenados; a prece é um suplício para o inferno... é um redobrar de penas... Falo como alma condenada que sou...”

E o condenado falou durante uma hora com eloquência sombria, espantosa, triste, e com tal rapidez que era impossível escrever o que dizia. Depois continuou:

Não siga meu exemplo... Se depois de cinco milhões de milhões de séculos eu tivesse um minuto de repouso... Mas é sempre a eternidade...

- Teus pais também estão condenados?

- Meus pais felizmente estão aqui; porque eu os posso fazer sofrer.

Muda-se a cena: é um demônio que substitui o condenado e o ameaça de duplicar os seus sofrimentos, por ter desvelado os mistérios do inferno. (180)

Necessariamente, os pios assistentes, e entre eles o piíssimo relator, saíram dali a derramar bátegas de suor frio, enquanto o pavor lhes tolheria os movimentos. E os mistificadores a dispararem em boas gargalhadas, se é que não sentiam o inferno na alma.

Dannholz refere vários casos de incorporação na África Oriental. Os espíritos enganadores transmitem uma doença *mpepo*, que parece uma espécie de possessão. Muitos doentes falam com voz estranha, as mulheres em tom de baixo profundo e línguas desconhecidas, entre elas o inglês.

A pedido, o Espírito conta, por vezes, a história de sua vida, vangloria-se de ações más, profere palavras das mais obscenas... (181)



Parece, diz Junod, que os viajantes da Ba-Ronga eram tomados pelos espíritos zulus.

Pede-se ao Espírito dizer o nome; ele profere um nome zulu, o de um antigo chefe morto...

Uma antiga possessa dizia chamar-se – Pitlekeza; ora Pitlekeza era uma espécie de bardo zulu, que percorreu a região de Delajoa, quando essa pessoa ainda era jovem.

Ela estava persuadida que a alma desse indivíduo viera incorporar-se a ela...

Descrevendo uma cerimônia, diz o Autor:

“Depois que o Espírito declina o nome, começam então a interrogá-lo”. (182)

O escritor Burckhardt informa que:

Os pagãos, os judeus e os cristãos estavam igualmente muito convencidos de que os espíritos dos mortos podiam ser conjurados. Não se trata, declara ele, como na feitiçaria dos últimos séculos, de uma crença fortemente inculcada no espírito dos homens, mas de cem declarações convincentes e provenientes de vários escritores, todos honestos e em sua maioria, ponderados e morais. (183)

Leo Africanus acredita na incorporação de Espíritos, e, pelo menos, nos conta que no Norte da África costumavam pedir aos seres manifestados que dissessem como se chamavam. (184)

(180) Gennep – *Archives di Psychologie*, X, 1911, pág. 92.

(181) J. Dannholz – *Im Banne des Geisterglaubens*, Leipzig, 1916, pág. 23.

(182) Junod – *Les Ba-Ronga*, págs. 440-443.

(183) J. Burckhardt – *Die Zeit Konstantins, des Groszen*, 2ª Ed., Leipzig, 1880, pág. 215.

(184) Leo Africanus – *Delle Navigazioni*, Veneza, 1613.

Curtis, num estudo sobre o Oriente próximo, refere, entre vários casos, um de possessão na Síria, e cita o seguinte, relatado por Baldensperger, passado na Palestina:

Nossa vizinha foi tomada por uma forma vestida de branco... Muda de assombro, correu à casa, mas só por sinais deu a conhecer que lhe tinha sucedido algo de extraordinário. Foi procurar no próximo “sakmet” um xequê que trouxe seus livros santos, livros mágicos e que, para começar, aplicou-lhe violenta chicotada. Depois de acender o fogo, que devia durar todo o tempo, pôs-se a interrogar:

- Quem és tu?

O espírito respondeu pela boca da mulher:

- Sou judeu.

- Como vieste aqui?

- Fui morto neste lugar.

- Onde és?

- De *Nablous*.

- Quando foste morto?

- Há doze anos.

- Sai do corpo dessa mulher.

- Não.

- Pois bem, vou-te queimar.

Depois de minhas palavras, o Espírito, numa horrível convulsão, saiu pelo dedo do pé. Extenuada, a mulher desmaiou e depois recuperou a palavra. (185)



O Dr. Mason, um bom cristão, refere o caso de um profeta convertido ao Cristianismo, que recebia Espíritos.

Conta, ainda, que certo indivíduo possuía um Espírito confidente a quem pedia conselho e com quem se entretinha. Depois de ler o Evangelho, prometeu converter-se e não querer saber mais de Espíritos. Foi batizado, seguiu o seu caso com interesse – diz Mason – e durante vários meses conservou ele uma vida cristã irreprochável.

Mas, como não há bem que sempre dure, continuou a entender-se com o Espírito; a voz, refere o transviado homem, dizia-lhe coisas agradáveis e comoventes, de quebrar o coração. Ela ensinava: - Amai-vos uns aos outros, agi honestamente, agi com justiça...

Mandaram-lhe um enviado a toda pressa, a fim de salvá-lo, o que parece foi conseguido, “porque conservou todos os caracteres de um firme cristão”. (186)

Tratando do Japão, confessa Oesterreich que “a crença nos Espíritos tem uma extensão extraordinária. Essa crença e a literatura que produz é tão grande, que a pesquisa deve antes queixar-se da abundância do material que de sua penúria. Um autor japonês nota “que a dificuldade de encontrar o que dizer, num artigo sobre os Espíritos, reside na vastidão da matéria.” (187)

Oesterreich descrevendo a possessão em Ceilão reporta-se a Sarasin:

Em cada comunidade há um homem chamado Kapourale que tem o poder de evocar Espíritos; na cerimônia de sacrifício é ele quem convida o Yakon do defunto a vir e a aceitar o sacrifício. O Yaka fala pela boca do xamã, em linguagem de inflexões rudes e explica que prestará serviços...

(185) Curtiss – *Ursmistische Religion im Volksleben des heutigen Oriente*, Leipzig, 1903, pág. 162.

(186) A. Lang – *The making of religion*, 2ª ed., Londres, 1900, pág. 130.

(187) Oesterreich – Veja-se, ainda, *Encyclopedia of Religions and Ethics*, v. 15, pág. 608.

O mesmo autor ainda diz que, além do xamã, um ou muitos parentes do morto podem ser tomados ou possuídos por ele.

Seligman, conforme ainda Oesterreich, ensina que entre os Vedas, os Espíritos dos mortos são chamados Nae Yacon, e faz ampla descrição de suas manifestações.

O afamado entomologista Trobenius, que estudou de perto os povos africanos, afirma-nos que é ponto importante as relações desses povos com as almas dos falecidos. Eles não só crêem nos espíritos, como estes se incorporam nos médiuns e falam por sua boca. A manifestação pode ser voluntária, por meio de evocação, ou involuntária, sendo tomado o paciente pelo Espírito, sem o chamar, e muitas vezes quando menos o deseja. (188)

Na Tripolitânia são comuns as manifestações dos mortos, que se revezam, por vezes, no mesmo paciente. (189)

Ouçamos, ainda, Oesterreich, que nunca é demais citar, pelo seu longo trabalho sobre as possessões:

Muito mais do que sobre as religiões africanas, estamos informados da religiosidade do arquipélago hindu. A religião dos povos que o habitam é puramente espírita. A seus olhos, o mundo é povoado de Espíritos que são capazes de penetrar imediatamente nos homens. Essa fé não ocupa um segundo plano da consciência, ela a domina. A possessão, segundo a qual o vivo entra em comércio com o mundo dos defuntos, nada tem de raro, é manifestação corrente. A crença em deuses particulares é muito inferior à crença dos Espíritos. (190)

E Mariner:

O Espírito possessor não é um presumível demônio, habitante da esfera humana, senão sempre o espírito de um morto, que, por vezes, pode chegar ao mais alto grau, no mundo do Além. O possuído imita de modo tão empolgante os gestos do defunto, que os parentes caem em pranto. (191)

O autor documenta o seu asserto com várias citações.

No Pacífico, principalmente na ilha de Tonga, os sensitivos dizem-se inspirados pelos seres desencarnados.

Codrington observa que em certas regiões da Melanésia, na Oceania, os Espíritos e às vezes os médiuns têm a denominação de Nopitou. Os Espíritos comunicantes tomam a voz humana; o sensitivo, que o autor chama de feiticeiro, fica inconsciente.

Os nativos preparam-se para determinada empresa; consulta-se o Espírito. Um deles é tomado, espirra, treme, lança olhares terríveis, têm contorções, convulsões... Nisso, uma voz, que não é a do médium, faz-se ouvir: o Espírito aprova ou desaprova a empresa. Retirado o Espírito, o paciente sente-se esgotado. Há também manifestações de espíritos calmos, parentes dos presentes, que se identificam, que cantam, que têm boas palavras... Todo o relato é interessante. Valia a pena ler a obra toda. (192) É com pesar que nos limitamos a este trecho.

(188) Leo Trobenius – *Und Afrika sprach*, Berlim, 1912.

(189) Tremearne – *The Ban of the Bori e Hansa superstitions*.

(190) T. K. Oesterreich – *Les Possédés*. Paris, 1927, págs 329, 330.

(191) J. Mariner – *An Account...*, pág. 108.

(192) Codrington – *The Melanesians*, Oxford, 1891.

Clerk, autor holandês, no seu trabalho sobre a Nova Guiné, dá-nos o seguinte relato:

Coloca-se a imagem do defunto, a quem se deseja pedir um conselho, no joelho ou nas costas do médium, a fim de que a sua alma incorpore. No momento do transe, o médium começa a tremer. Estimulada pelos assistentes, a alma entra a falar pela boca do médium, receita ou anuncia como evitar as desgraças. Quando o médium volta a si, nada sabe do que disse. Chama-se a isso *kor kavar*, isto é, evocação da alma, e *kavar ivos*, a alma fala... (193)

O missionário Keyszer atribui muitos dos fenômenos que observou na Nova Guiné, à ação misteriosa dos Espíritos. (194)

Reportamo-nos, ainda, a Oesterreich, na descrição de fenômenos no Norte da Ásia:

Temos diante de nós um estado de possessão?

O caso é estranho, mas é preciso dar uma resposta negativa. O xamamismo dessas populações não é um estado de possessão; não consiste, pelo menos, geralmente, nesse estado. Trata-se antes e simplesmente de fenômenos de vidência. Os xamãs do Norte da Ásia e semelhantemente os do Norte da Rússia Européia, não obtêm estados análogos à possessão, mas visões. Eles supõem, no pretendido êxtase, ver e ouvir Espíritos. O comércio com o mundo dos Espíritos, nesses povos, não se dá, como entre os Bataks, pela invasão das pessoas eleitas pelos Espíritos, que tomam de empréstimo suas bocas para falar, mas por estados de transe, por onde os xamãs vêem Espíritos e dão as suas comunicações. (195)

O mesmo Autor nos diz “que a China é, entre os países civilizados, o país clássico da crença nos Espíritos. Da grande obra em seis volumes de M. Groot sobre a religião chinesa, exatamente a metade é consagrada à crença nos Espíritos e nos “revenants”.

Howard Taylor informa que na planície de Chan-si encontram-se médiuns em cada aldeia.

Descrevendo o transe, escreve ele:

Ouve-se dizer – Shen-lai-liao, chegou o Espírito. O sensitivo fala com outra voz e diz o que se deve fazer.

Um caso interessante na manifestação é a incapacidade aparente dos médiuns de se oporem ao domínio terrível da potência a que estão submetidos. A influência chega sem que o peçam ou desejem, e quaisquer que sejam os esforços para resistir-lhes. (196)

Segue-se, conforme a descrição de Radlof, o desenrolar da cerimônia e da fenomenologia.

Aqui, há o fenômeno do desprendimento do vivo, que, destarte, se põe, com mais facilidade, em comunicação com os falecidos.

Tal fato, que se afasta dos casos estudados por esse autor, que são os de incorporação, que ele denomina possessão, o surpreende, parecendo-lhe coisa estranha.

(193) F. S. A. de Clerk – *De West en Noord Kust van Nederlandsch hi en-guinea*, Amsterdam, 1893, pág. 131.

(194) R. Heuhansz – *Deutsch Neu Guinea*, Berlim, 1911-3º.

(195) Oesterreich – *Les Possédés*, págs. 435.

(196) H. Taylor – *Ein chinesisches Gelehrter*, Gutergloh, 1904.

Tchoubinof refere-se a casos semelhantes:

O sentimento da realidade abandona inteiramente o feiticeiro, desde que fumando ou aspirando o fumo do tabaco, ou encarando fixamente o *foyer*, chega a um estado vizinho da embriaguez. Começa a entrar em relação com as potências invisíveis e cai por vezes em um acesso de transe. Nesse estado, o chama vê e ouve os Espíritos e entra em contato com eles. (197)

Paremos por aqui. Poderíamos prolongar-nos em várias citações de obras várias. E entre elas valer-nos do copioso e prestante material fornecido por Oesterreich, de quem aliás nos servimos, se não receássemos transformar o capítulo, pela sua aridez e uniformidade, num possante suporífero.

Entre algumas narrativas iguais, no fundo, transparece, por vezes, as idéias pessoais do sensitivo, quando não são estropiadas pelos ignorantes. Às vezes, os fatos são um tanto transfigurados pelas opiniões sectaristas ou pela insciência do narrador. Será difícil que um católico ou um protestante, ou um medieval, falem em Espíritos; o Espírito, à força de malho, tomará a forma e a contextura que eles quiserem dar. Um materialista impingir-nos-á um subconsciente, de qualquer maneira, por mais clara, por mais evidente que a manifestação se mostre extrínseca ao paciente.

Mas, do estudo global da fenomenologia, através dos diversos povos e das diversas idades, o que se vê, como observaram os doutos citados no começo do capítulo, é a característica iniludível da comunicação de um espírito; há as mesmas modalidades, com as variantes, apenas, relativas ao atraso do paciente ou da raça em que a personalidade se manifesta.

O que será impossível acreditar, depois desse testemunho universal, é que se possa tomar como uma fantasia essa uniformidade na manifestação, já nos seus processos físicos, já na sua feição espiritual, de sorte que, nos mais diversos povos na Terra, nas mais longínquas idades, nas mais variadas civilizações, sem que haja entre uns e outros o mais remoto intercâmbio de idéias, o indivíduo seja passível de fenômenos estranhos, diga-se tomado de Espíritos, e se perceba, através dos mesmos fenômenos, uma entidade semelhante ao Espírito de um falecido, entidade que, por vezes se identifica, de forma a não deixar a menor dúvida.

Para arrasar a hipótese espírita, fora do antigo argumento da fogueira, o que hoje nos fornecem é um complicado e indemonstrável emaranhado de hipóteses, onde só existe de sério a gravidade com que no-las apresentam.

Creemos, enfim, ter provado a nossa tese, a de que seria impossível essa fenomenologia uniforme, essa crença mundial na manifestação do morto, essa semelhança, por toda parte, entre os fatos supranormais, sem importar a proveniência, ou o espaço, ou o tempo, ou o meio, se se tratasse de uma irrealidade, de uma superstição, de uma farsa.

Temos, pois, o fenômeno de fontes absolutamente insuspeitas, porque fora de toda e qualquer sugestão.

E aqui damos o segundo passo para a prova da sobrevivência, com as suas necessárias conseqüências, a preservação da memória e dos predicados mentais, não obstante o desaparecimento do corpo. E daí a conclusão que ainda uma vez se impõe, a de que não é no corpo que residem as formações do Espírito.



Aparece o moderno Espiritismo, surgem as irmãs Fox, o caso de Hydesville, as mesas girantes, Allan Kardec, os cientistas, as experiências do Velho e do Novo Mundo. E ainda é o Espírito que se apresenta; a entidade produtora do fenômeno declara-se um falecido; as manifestações modernas têm o cunho, o ritmo, as feições das manifestações antigas; ora o Espírito vem porque o médium o consentiu ou aceitou; ora o toma desprevenidamente; ora o toma à força; ora o perturba, persegue e obsidia. A fenomenologia é sempre a mesma.

Será possível um inacreditável esforço de boa vontade, ou da má, para supor que as Fox, que Allan Kardec, que os observadores, que os experimentadores, que todos os médiuns e cientistas estivessem com os olhos postos em todo o passado, para reproduzi-lo; que conhecessem tudo aquilo que vamos hoje, com extraordinário labor, extraindo do pó dos arquivos; que lhes povoassem os cérebros as velhas manifestações; que se tomassem todos de um verdadeiro delírio, em contraste com vastíssimos conhecimentos, e nos viessem impingir a idéia falsa da volta do defunto e isso, sobrecarregada ela, de um arsenal filosófico, sem já falar na sugestão coletiva dos laboratórios, das experiências, onde os experimentadores e os próprios aparelhos se cumplicariam no embuste. Um embuste inacreditável, porque dispendioso, e onde o embusteiro sacrificava tudo, desde o tempo até o renome.

Os negadores, os formadores de doutrinas incompreensíveis, os adeptos do absurdo não percebem como lhes será difícil sustentar as suas negações ou as suas afirmações esdrúxulas diante do peso astronômico das provas.

ENTRE OS CIVILIZADOS

Entremos, agora, nos tempos modernos e em plena civilização cristã.
O seguinte caso é relatado pela Sra. Wheatcroft, e publicado por Dale Owen:

No mês de setembro de 1875, o Cap. G. W., do 6º Regimento dos Dragões da Guarda, partiu para as Índias, a fim de reunir-se a seu Regimento. Sua mulher permaneceu na Inglaterra; ela morava em Cambridge. Pela madrugada de 15 de novembro sonhou que vira o marido; ele tinha o ar ansioso e doente. Ela acordou; fazia um luar magnífico, e ao abrir os olhos, viu de novo o esposo, em pé, ao lado da cama. Apareceu-lhe uniformizado, com as mãos no peito, os cabelos em desordem, o rosto pálido. Olhava-a fixamente com seus grandes olhos negros, e grande excitação. A boca estava contraída de modo particular, como sucedia quando estava agitado.

Ela o viu distintamente, e lembra-se de lhe ter notado o branco da camisa entre as mãos, sem estar manchado de sangue. Seu corpo parecia cair para a frente, com ar de sofrimento. Fazia esforço para falar; não se lhe ouviu, porém, o som da voz. A aparição durou um minuto e sumiu-se...

Em dezembro, um telegrama publicado em Londres dizia que o Capitão fora morto diante de Lucknow a 15 de novembro.

Mais tarde se verificou que a morte fora a 14 de novembro tendo ele aparecido a outra pessoa. (198)

Na narrativa que se segue e que abreviamos, o narrador, Capitão Russel Colt, vê o irmão falecido com características inconfundíveis:

Eu tinha um irmão, que me era muito caro, Olivier: Lugar-Tenente do 7º de Fuzileiros Reais, encontrava-se nessa época diante de Sebastopol.

Um dia, escreveu-me em momento de desânimo e abatimento, e eu lhe respondi, dando-lhe coragem e dizendo-lhe que se algo lhe sucedesse, que ele me fizesse saber, aparecendo-me em meu quarto.

Depois de comungar, foi para as trincheiras e não voltou mais. Algumas horas mais tarde começou o assalto de Redan. Ele foi ferido por uma bala na fronte direita. Caiu entre os soldados e o encontraram de joelhos, trinta e seis horas mais tarde. Isto se deu a 8 de setembro de 1855.

Nessa noite, acordei de repente. Vi, diante da janela, perto da cama, meu irmão, ajoelhado, rodeado de uma espécie de nevoeiro fosforescente. Quis falar e não pude. Eu pensava que isso não poderia deixar de ser uma ilusão, mas quando levantei os olhos, ele ainda estava lá, fixando em mim um olhar cheio de afeto, de súplica, de tristeza.

Não pude dizer nada; não havia lua; chovia fortemente; voltei-me e vi ainda o pobre Olivier. Cheguei à porta do quarto; a aparição voltou a cabeça lentamente para mim, e me lançou ainda um olhar cheio de ternura e amor. Notei-lhe na fronte direita uma ferida donde escorria um filete de sangue. O rosto estava pálido, de cera, mas transparente.

Quando falei a meu pai da aparição, ele me ordenou que não repetisse semelhante tolice, e sobretudo nada dissesse à minha mãe.

No dia seguinte soube que Redan tinha sido tomada de assalto.

Quinze dias mais tarde, Milne entrou em meu quarto e eu lhe disse: - Sei que me vem comunicar a triste nova que espero. Ele respondeu: - Sim.

(198) Dale Owen – *Footfalls on the Boundary of another world*, págs. 299-3-3.

O Coronel e os que viram o cadáver disseram que o aspecto era aquele que eu tinha descrito. A ferida mortal era bem onde eu a tinha visto.

Alguns meses mais tarde, mandaram para Inveresk um livrinho de preces, com a carta que eu lhe escrevera. Tinha sido encontrado no bolso interno de sua túnica. (199)

É muito conhecido o caso do Dr. Catalgirone, publicado em vários trabalhos e que por isso resumiremos. Vale anotado, apesar de sua divulgação, pela importância de que se reveste.

Catalgirone era positivista, materialista, cético. Certa vez o seu amigo e médico, Dr. Benjamim Sirchia, lhe disse que, se morresse, viria trazer-lhe a prova da sobrevivência. E o outro rindo: - Pois venha quebrar aqui qualquer coisa; por exemplo, este candelabro suspenso.

Separaram-se, sem que ele tivesse mais notícias do amigo. Certa tarde, estava na sala com a irmã, quando ouviu várias pancadas no abajur do aparelho suspenso, bem como sobre a sineta de porcelana móvel. Como continuassem as pancadas, levantou para examinar tudo, sem nada descobrir.

Os ruídos se repetiam nos dias subseqüentes, até que uma pancada fortíssima fez partir em duas a sineta, que ficou suspensa nos grampos do contrapeso metálico. Enfim, depois de uma semana, às oito da manhã, na sala onde não estava ninguém, ouviu-se um grande estrondo; correm todos: na mesa, como colocada por mão humana, achava-se metade da sineta móvel, enquanto a outra metade se conservava suspensa. O autor achou que era impossível que ela caísse normalmente, tais os empecilhos que se lhe opunham, e que menciona.

Dois dias depois, ao encontrar-se com o Dr. Rusci, disse-lhe este: - Você sabe que o pobre Benjamim Sirchia morreu?...

Catalgirone compreendeu que o finado amigo viera cumprir a promessa. (200)

Avancemos um pouco mais.

Frank Podmore, aliás pouco simpático à tese espírita, narra o seguinte, que vem demonstrar como os seres continuam com seus velhos hábitos, mesmo após a crise da morte; é o próprio autor que refere.

Em 1880, sucedi a meu predecessor como bibliotecário, sem nunca o ter conhecido nem visto qualquer retrato seu. Trabalhava sozinho na biblioteca, uma tarde, quando me lembrei que iria perder o trem, se não me apressasse. Levantei-me, apanhei os livros com uma das mãos e a lâmpada com a outra e saí por um corredor. Percebi um homem na extremidade, e me veio a idéia de que um ladrão acabara de entrar. Tornei imediatamente para o aposento de que tinha saído, deixei os livros, apanhei um revólver, segurei a lâmpada e voltei; não encontrei ninguém. Gritei repetidas vezes, intimando ao intruso que se apresentasse, esperando que algum policial ouvisse os meus gritos, quando notei que o indivíduo tinha o ar de quem inspecionava as estantes de livros. Via-lhe a cabeça, pálida e calva, e as órbitas profundas. Caminhei para junto dele: era um velho de espáduas altas, que se balançava, enquanto olhava para os livros, com as costas voltadas para mim. Com o andar arrastado, afastou-se da biblioteca e se dirigiu para a porta de um pequeno lavatório que dava para a biblioteca e que não tinha outra saída.

(199) Gurney, Myers e Podmore – *Phantasms of the Living* – Marrillier – *Hallucinations Télépathiques*, 1899, pág. 202.

(200) V. Charpignon – *Physiologie, médecine et métaphysique du Magnetisme*, Orleans, 1841, pág. 317.

Segui o homem e, com grande surpresa, não encontrei ninguém. Confesso que comecei a experimentar pela vez primeira o que se poderia chamar uma sensação de espanto sobrenatural. Deixei a biblioteca e percebi que tinha perdido o trem.

Contei essa história no dia seguinte a um clérigo (a clergyman) da região, que disse logo: - Mas é o velho bibliotecário! Mostraram-me depois uma fotografia de meu antecessor: a semelhança era flagrante. O defunto perdera os cabelos, as sobrancelhas, os cílios, numa explosão, acho eu. Tinha altas espáduas e caminhava gingando. (201)

Para mostrar a grande cópia de exemplos, devidamente documentados, basta lembrar alguns constantes da trilogia de Flammarion, *A Morte e seu Mistérios*.

Um fantasma, visto, reconhecido, identificado pelo casal Ballet-Gallifet, é denunciado por um lulu pomeraniano; a dona do café de Nantes, que vem comunicar que falecera havia dois dias; Robert Mackenzie, que vem declarar que falecera e que era falsa a acusação de que se tinha suicidado; uma jovem americana, que se apresenta com os característicos que tivera em vida, inclusive uma arranhadura no rosto, fato que ninguém conhecia, porque tal arranhadura fora feita inadvertidamente no cadáver pela sua progenitora; a esposa de Bossan, morta em Grenoble, e que se manifesta em Nancy; o amigo de lorde Brougham, que prometeu aparecer-lhe depois de morto e cumpriu a promessa; uma velha senhora que se apresenta com uma capa um tanto esquisita, capa que a identifica, porque só uma pessoa íntima a conhecia, haja vista que ela não a usava à vista de ninguém; o defunto amigo do cônego Bouin, que lhe bate no ombro; o interessante caso do esqueleto de Adams, que ocasiona uma série de fenômenos de assombração, quando os companheiros não cumprem a promessa que haviam feito ao seu antigo possuidor; a aparição do poeta Russell; o morto que leva o bispo de Alger a pagar uma dívida; Sara Clarke que vem acusar-se de um furto e pedir que lhe perdoem; um pai, morto havia quatorze anos, que aparece ao filho e à mulher; o capitão Drisko, que evita um naufrágio por indicação de um Espírito; a manifestação de um marinheiro que, numa sessão, quer estrangular um antigo oficial de marinha, sabendo-se posteriormente que o oficial o havia morto por questões de indisciplina, sendo testemunhas do caso, entre outros, Giuseppe Vezzano, Ernesto Bozzano, o cavaleiro Carlo Perretti.

A REALIDADE DA MANIFESTAÇÃO

Principiemos a nossa demonstração sobre a existência da alma desencarnada, com todos os atributos que tinha em vida, e a sua comunicabilidade, pelo fenômeno de bilocação, de que já vimos, aliás, alguns exemplos, quando procuramos provar a independência do Espírito, do mesmo passo que buscávamos mostrar que não era o corpo a sede da memória e de outras faculdades mentais.

Bilocação, que quer dizer em *dois lugares*, ou seja, o ato de estar alguém em dois lugares ao mesmo tempo, o que era tido, até então, como um milagre, é fenômeno de desprendimento, e pelo qual a alma deixa o corpo, e, por circunstâncias várias, se apresenta e manifesta alhures.

Esse fenômeno, como diz Ernesto Bozzano, prova que no corpo somático existe imanente um corpo etéreo que, em circunstâncias raras de diminuição vital no indivíduo, sono fisiológico, sono hipnótico, sono medianímico, êxtase, delíquio, narcose, coma, é suscetível de afastar-se temporariamente do corpo somático, durante a existência encarnada. Inevitável, pois, a inferência, conclui o filósofo, de que, se o corpo etéreo é suscetível de separar-se temporariamente do corpo somático, conservando íntegra a consciência, forçoso será concluir-se pelo reconhecimento de que, quando aquele se separar deste, definitivamente, pela crise da morte, o espírito individualizado continuará a existir, em condições apropriadas de ambiente, o que equivale a admitir-se que o fato da existência imanente de um corpo etéreo no corpo somático, e, conseqüentemente, a de um cérebro etéreo, demonstra que a sede da consciência, da inteligência, da memória integral e das faculdades de ordem supranormal é o corpo etéreo, que vem a ser o espírito desencarnado.

Era precisamente o que desejávamos deixar definitivamente esclarecido no capítulo a que nos reportamos e que bastaria para destruir a afirmativa de que

certos indivíduos podem descrever fatos passados em civilizações anteriores, porque o indivíduo conserva no seu subconsciente, na mais profunda cripta do eu psíquico, a memória dos ancestrais e é esta que lhe fornece os meios para descrever fatos que ocorreram antes do seu nascimento.

Mas esta memória só pode provir do Espírito, e como não é possível encaixar o Espírito na transmissão genética, nem transformá-lo nos genes hereditários, força é admitir que só pela reencarnação se compreenderá uma cripta do eu psíquico que fornece a memória ancestral. Falar em cripta ou lançar uma abstração como elemento probante é a mesma coisa.

Tomaremos como ponto de partida, na demonstração da existência, da independência e da sobrevivência do Espírito, para a tese que temos em vista, como já o fazia Bozzano, o fenômeno de “sensação de integridade nos amputados”, onde o indivíduo se sente ainda com a parte amputada e onde a noção de sua presença é tão real que ele experimenta a sensação exata, perfeita, de que o membro inexistente ainda faz parte de seu organismo. É o membro em estado fluídico, que ali se acha, lembrando a parte física que já não existe.

A senhora Hauffe, - a vidente de Prevorst, - conforme relata o Dr. Kerner, via, nos amputados, a forma fluídica do membro que lhes faltava, tal como se ele ali estivesse.

Acompanhando ainda Bozzano, verificamos que se seguem os casos de desdobramento incipiente, nos atacados de hemiplegia, os quais vêm no lado paralítico uma seção do próprio fantasma e afirmam que ele goza da sensibilidade que lhes falta.

Há o desdobramento autoscópico em que o indivíduo, vivo, do corpo físico, vê o próprio fantasma, e o caso em que, do fantasma, na posse de todas as suas faculdades mentais, observa o corpo físico na posição em que se encontra, exânime, inerte.

Há ainda o fenômeno de desprendimento, no sono, na hipnose, no desmaio, no coma, nos casos de absorção de substâncias anestésica, na convalescença, no esgotamento nervoso, no enfraquecimento orgânico.

Há os casos de desdobramento no leito de morte, em que os sensitivos presentes percebem o Espírito desligar-se aos poucos do corpo, tomar a forma desse corpo que deixou, ou que está prestes a deixar, flutuar, e depois desaparecer, muitas vezes acompanhado de vários Espíritos que o vêm buscar nos umbrais da outra vida.

Há os fantasmas dos vivos e os fantasmas dos mortos.

Sobre os casos de desdobramento fluídico, ou seja, o desprendimento do Espírito no leito de morte, escreveu Bozzano extensa monografia, com tal robustecimento de provas e tal quantidade de relatos fidedignos, que o fenômeno se acha hoje fora de qualquer dúvida.

É de registrar-se o fato de que o aludido fenômeno já era notado pelos missionários ou investigadores da vida selvagem.

Curioso e interessante – escreve um desses missionários – é o fato dos taitanos acreditarem na saída de uma substância real, que tomaria a forma humana. Muitos afirmam que, mal deixa o moribundo de respirar, para logo se lhe desprende um vapor da cabeça, que se condensa, e que permanece ligado ao corpo por uma espécie de cordão; a substância aumenta e se torna semelhante ao corpo donde emana. Afinal, dissolve-se o cordão, e a alma liberta voa para o alto. O corpo acha-se então inerte e gelado. (202)

Nos casos descritos pelos desbravadores das regiões selvagens, nota-se a concordância, nos mínimos detalhes, com os descritos pelos modernos observadores. Tais coincidências nos dão a convicção da objetividade do fato.

Nos casos de desprendimento nos leitos de morte, tempos que considerar, para a autenticidade do fenômeno, que os sensitivos descrevem, da mesma forma, as fases do mesmo fenômeno, embora nada saibam de Espiritismo, de Pesquisas Psíquicas e nunca soubessem que tais fatos poderiam acontecer. Afirma ainda Bozzano “que as hipóteses onírica, sugestiva, auto-sugestiva, alucinatória, ficam afastadas, porquanto os fenômenos de bilocação no leito de morte são constantemente descritos pelos videntes de todos os povos da Terra, e bem assim, em todas as épocas da História, como produzindo-se sob idênticas modalidades e com as mesmas minúcias, descrições de que ressaltam particularidades igualmente novas e inesperadas, de modo a não se poder logicamente presumir que surjam idênticas e saiam sempre idênticas das mentalidades de todos os videntes, sejam eles indivíduos civilizados, bárbaros ou selvagens. (203)



(202) *The Metaphysical Magazine*, out. 1896.

(203) Ernesto Bozzano – *Animismo ou Espiritismo*, Trad. de G. Ribeiro, 1940, pág. 184.

Dentre centenas de casos, destacaremos três.

Um é de grande valor, porque narrado pelo percipiente, que é o Reverendo William Stainton Moses, figura acatadíssima não só pelos seus dons supranormais, como por se tratar de um sacerdote de ilibada honestidade. O que ele narra, aqui damos em resumo:

Pela primeira vez na vida tive ocasião de estudar os processos de transição do espírito. Tanto aprendi, que julgo ser útil narrar tudo o que vi:

Era um parente de oitenta anos, que se avizinhava do túmulo. Pude notar que em torno e acima do seu corpo acumulava-se a aura com que o Espírito tem que formar o corpo espiritual. Ela aumentava gradativamente de volume e densidade, embora sujeita a contínuas variações, conforme as oscilações de vitalidade do moribundo. Um alimento que ingerisse, um influxo magnético reanimava-lhe o corpo. A aura parecia em constante função de fluxo e refluxo. Mudava de cor e assumia formas cada vez mais definidas à medida que se aproximava o momento da libertação do Espírito.

Antes da morte, quando o velho jazia inerte, apareceram seres espirituais amigos, que se acercaram do corpo exausto e sem nenhum esforço retiraram o Espírito. (204)

O segundo caso é narrado por Joy Snell, que mereceu de Haraldur Niellson as mais elogiosas referências quanto ao seu caráter, à sua lisura e aos seus dotes de sensitiva; não duvidou, mesmo, chamar-lhe apóstolo de Jesus. Sobre a obra da autora diz ele que foi um dos mais belos livros que leu.

Perlustremos uma de suas muito interessantes narrativas:

Certa noite despertei sobressaltada, dando com o quarto iluminado, embora não houvesse luzes, e vi o fantasma de minha amiga Maggie, que me disse: - Tenho um segredo a comunicar-te. Restam-me poucos dias de vida; quero que fiques comigo até o meu último instante, e confortes minha mãe, depois de minha partida.

Antes que me refizesse do medo e do espanto, o fantasma evanesceu e a luz se foi apagando lentamente.

Depois de uma semana mandaram chamar-me da parte da família de minha amiga. Encontrei Maggie resfriada, sem febre, longe de causar preocupações. Não tinha ela quaisquer pressentimentos de morte, nem parecia guardar lembranças de sua visita a mim. Uma tarde, Maggie foi tomada improvisamente de uma tremenda crise e expirou nos meus braços. Era o primeiro caso de morte a que assistia.

Logo que seu coração deixou de bater, vi distintamente uma espécie de vapor, como os que se desprendem de uma chaleira, sair-lhe do corpo, pairar a certa distância dele, e condensar-se numa forma idêntica, em tudo, à da minha amiga. Essa forma idêntica, de contornos e princípio indecisos, foi-se delineando aos poucos, até tornar-se inteiramente distinta. Um véu suave a envolvia; o semblante era o da minha amiga, sem já os vestígios dos espasmos da agonia.

Quando mais tarde me tornei enfermeira, profissão em que permaneci durante vinte anos, assisti a numerosas ocorrências de morte, e logo após o falecimento do enfermo, observei sempre a condensação da forma etérea por sobre o corpo morto, e sempre idêntica à forma humana. Pouco depois, tudo se me desaparecia da vista. (205)

(204) Staiton Moses – *Light*, Londres, 9 de julho de 1887.

(205) Joy Snell – *The Ministry of Angel*, Londres, pág. 15.

Recomendamos, para a completa elucidação do assunto, os trabalhos de Ernesto Bozzano, mormente os intitulados – *Fenômenos de Bilocação* e *A Crise da Morte*, onde uma série de fatos, cercados da maior garantia, nos dão a certeza de que o Espírito se desprende do corpo em várias circunstâncias da vida, e o deixa definitivamente no momento da morte; vêem-lhe a forma espiritual os videntes que cercam o moribundo, podendo ser ela até fotografada, conforme o conseguiram o eminente Baraduc, o capitão Volpi, os romenos Istrati e Hasden, Stainton Moses, De Rochas, Durville e outros.

Uma demonstração da objetividade do fenômeno é que o espírito desprendido é visto simultaneamente por várias pessoas, como no caso referido por Dorothy Monk, e devidamente verificado por David Gaw, diretor da *Light*, de Londres.

Conta Dorothy que sua progenitora, atacada de grave enfermidade, veio a falecer. Nos seus últimos momentos repetia o nome de parentes mortos como se os tivesse vendo.

Começaram os presentes a notar luzes pelo quarto. Estende-se a autora na descrição das luzes e na perplexidade dos assistentes. Transcrevemos o final do relato:

A enferma, em estado de coma, abriu a boca e todos observamos uma nuvenzinha branca a formar-se sobre sua cabeça. Saía da frente, mas se condensava fortemente ao lado da cama. Permanecia no ar, como densa nuvem de fumo branco, parecendo por vezes tão opaca, que impedia se visse o espaldar do leito. Variava de densidade a ponto de não percebermos o menor movimento da nuvenzinha. Estavam comigo minhas cinco irmãs e todas contemplávamos o extraordinário fenômeno. Chegaram, afinal, meu irmão e meu cunhado os quais, a seu turno, observaram o que nós víamos.

A maxila inferior da moribunda continuava a abrir-se lentamente. Por algumas horas não houve alterações notáveis, exceto a formação de uma auréola de raios luminosos amarelados em torno de sua cabeça. Às seis da manhã, uma de minhas irmãs, que repousava, ouviu uma voz que lhe sussurrou: - *mais uma hora de vida*. Ela se levantou, impressionada, e foi assistir aos últimos instantes de mamãe, que realmente faleceu uma hora e dois minutos depois. Rendemos graças a Deus por haver permitido observássemos a amargura de um eterno adeus. (206)

Há aqui a notar que eram oito os percipientes. Dir-se-ia que adejavam em torno ao leito, como a esperá-la para a partida, parentes seus muito queridos, de quem ela apontava os nomes. Esse fenômeno é comum, e em alguns casos os moribundos exclamam: - Aqui está Fulano... Aqui está Sicrano...

Mostra ainda o caso relatado, que antes do suspiro final, já começa o desprendimento do Espírito, que era visto fora do corpo, na nuvem que ora se condensava, ora esmaecia, até separar-se definitivamente. Houve ainda o aviso premonitório de que a doente esperaria uma hora. E todos esses fenômenos, capazes de espantar os indivíduos absolutamente enraizados em outras crenças, deixarem os parentes da morta rendendo graças a Deus pela certeza que lhes deram, a de que a separação era temporária.

Em suma, analisamos o fenômeno, a começar pelos casos de sensação do membro amputado até o das visões coletivas e sucessivas de fantasmas dos moribundos, que tomam o aspecto de pessoa viva logo após o desencarne. Estamos assim aptos a descobrir o caminho que nos leva a demonstrar a existência, a persistência e a manifestação dos mortos.

Continuemos a ilustrar as nossas afirmações onde o embaraço da escolha, como ponderam os que estudam e conhecem o fenômeno, não está na deficiência dos episódios, senão em sua superabundância.

Tomemos alguns exemplos de aparições de mortos e vejamos, como já o fizemos ao tratar da universalidade do fenômeno, casos anteriores ao advento do Espiritismo, e por isso sem qualquer laivo de sectarismo. Os mais suspicazes e desconfiados dos nossos coevos podem aceitá-los sem receios.



Que estas narrativas são velhas e existiam muito antes do Espiritismo, temos, como reforço de prova as que nos são narradas numa obra de Dom Calmet, publicada em 1746, no capítulo que tem por título – *Pessoas que prometeram dar, após a morte, notícias do Outro Mundo*.

Vejamos uma delas.

A história do marquês de Rambouillet, que apareceu depois da morte do marquês de Précý, é famosa. Esses dois senhores entretinham-se com as coisas da outra vida; como pessoas que não se acham muito persuadidas de tudo que se diz, prometeram, que o primeiro que morresse, viria comunicar-se com o outro.

Rambouillet partiu para Flandres, onde havia a guerra, e Précý ficou em Paris, preso por uma febre. Seis semanas depois, ouviu este puxarem os reposteiros da cama e virando-se percebeu o marquês de Rambouillet com capa e botas. Saiu da cama para abraçá-lo, mas Rambouillet recuou, declarando que viera apenas desobrigar-se de sua palavra, e que tudo que se dizia da outra vida era certo; que ele deveria mudar de procedimento, que sua morte estava próxima.

Précý fez novos esforços para abraçá-lo, mas só abarcou o vazio. Vendo Rambouillet que o outro se conservava incrédulo, mostrou-lhe o lugar em que havia recebido o golpe nos rins, e de onde corria sangue.

Précý, pouco depois, recebia a confirmação da morte do amigo, ferido e morto na guerra civil, na batalha de Santo Antônio. (207)

Vejamos outra história ainda mais antiga. Esta é devida à pena de um padre, absolutamente insuspeito, e que chama o Espírito de gênio. Diz ele que o relato lhe foi transmitido pela própria Marechala de Grancey.

Eis o caso:

Um gênio se apresentou a ela durante o sono, *sob a figura do finado esposo*. Sua conversa não foi longa. Ele disse apenas: Senhora, mande procurar em meu guarda-roupa uns calções (*haut-de-chausses*) e veja num bolso uma carta que é de graves conseqüências para um de nossos bons amigos; tenha o cuidado de queimá-la. A marechala quis informar-se das coisas do outro mundo, mas o fantasma desapareceu.

Em suma: a senhora acordou, chamou o criado, mandou que ele fosse procurar a veste, e depois de longas e cansativas pesquisas foram achados os calções, em cujo bolso estava a carta comprometedora. A senhora, consoante o pedido do marido, fê-la queimar. (208)

(207) Dom Calmet – *Dissertations sur les apparitions des anges, des demons et des esprits et sur les revenants*, 1746, pág. 375.

(208) Abbé de Villars – *Le Comte de Gabalis, les génies, assitants*, 1742, pág. 87. Flammarion – *La Mort et son Mystere*, III, pág. 94.

O Espírito conserva os seus preconceitos, as suas idéias, sejam quais forem, nunca é demais salientar. Haja exemplo no seguinte caso que o General Berthaut comunicou ao astrônomo Flammarion e que se encontra também no *Essai de Psychologie Physiologique* de G. Chardel:

Durante os distúrbios da Bretanha, morreu na aldeia de Garenne, perto de Chèse, um tecelão, de nome Jean Goujon. Viúvo, sem filhos, deixou sua choupana deserta e abandonada. Era tempo de colheita. Voltava do campo uma jovem de dezenove anos e ia entrar na herdade vizinha, quando recuou, dando um grito; é que viu, disse ela, Jean Goujon, que a olhava, sentado à ombreira da porta. Ele pediu que mandassem dizer missas em sua intenção, e indicou, para esse fim, o dinheiro que tinha oculto num canto da chaminé, atrás de uma pedra. Encontraram o dinheiro e as missas foram ditas. (209)

Deleuze conta o caso seguinte, recolhido por Charpignon, e que tem a vantagem de ser breve:

Uma senhorita sonâmbula, que perdera o pai, vira-o duas vezes. Vinha sempre dar-lhe importantes conselhos. Depois de havê-la elogiado por seu comportamento, disse que se lhe apresentariam dois bons partidos, mas que recusasse o primeiro, e aceitasse o segundo, que era o conveniente.

Apareceu o primeiro, que foi recusado, em vista do aviso paterno. Chegou o segundo, que foi aceito e o casamento logo se realizou.

Se quisermos ir mais longe, remontemos a Cícero:

Dois amigos chegaram a Mégara e alojaram-se em cômodos separados. Um deles, mal adormeceu, viu o outro diante de si, anunciando-lhe que o hospedeiro tinha o intuito de o assassinar, pelo que lhe pedia fosse imediatamente socorrê-lo. Impressionado, chegou a levantar-se, mas persuadido de que tudo era sonho, readormeceu. De novo lhe aparece o amigo e pede que se apresse, haja vista que os assassinos lhe iam invadir o quarto. Ainda desta vez se impressionara, mas torna a deitar-se. Eis que o outro lhe aparece, ainda, e lhe diz: - Desgraçado, não foste quando te implorei. Ao clarear do dia verás uma carreta de esterco parada à porta da cidade; manda descarregá-la e lá encontrarás meu corpo. Providencia para meu sepultamento e pune os assassinos.

Tamanha a persistência e tantos pormenores não admitiam hesitações. O homem levantou-se, foi ao local indicado, lá encontrou a carreta, deteve o carreiro, que logo se perturbou, e assim descobriu o cadáver do amigo. (210)

Camilo Flammarion cita esta passagem em duas de suas obras: *Casas mal-assombradas* e *Urânia*, declarando, a respeito do autor das *Filípicas*, “que era escritor justamente reputado pela integridade do julgamento e cuidado que dispensava a tudo quanto redigia.” Foi o mais eloqüente dos oradores romanos; dizem os seus biógrafos que era a suprema expressão do gênio latino, e tinha pela honestidade e pela verdade sincero culto.

Vemos, pois, assim, pela exposição já apresentada, como pelos pareceres dos mais autorizados investigadores, que o fenômeno metapsíquico não só data de épocas recuadas como se encontra em todos os povos da Terra, a começar pelos selvagens.

(209) Camille Flammarion – *Après la Mort*, pág. 100.

(210) Cícero – *De Divinatione*, 1, 27.

Nas regiões civilizadas, a configuração do fenômeno é a mesma. Trata-se ainda de fatos muito anteriores ao advento doutrinário de Allan Kardec.

O seguinte caso é devido à pena de Zingaropoli, que o extraiu de uma velha crônica conservada na biblioteca oratoriana de Nápoles, e que data de 1696.

O médium, um noviço de dezenove anos, chamava-se Carlos Maria Vulcano. Produziram-se várias manifestações; as vozes mudavam de tonalidade, conforme as personalidades comunicantes; elas disputavam com os monges, procurando convencê-los de que estavam enganados quando os supunham a eles de natureza infernal. Asseguravam-lhes que eram Espíritos, que procuravam progredir, e que se ali estavam era com a permissão de Deus. (211)

Avancemos no tempo.

Um fenômeno, estudado pelo Dr. Reid Clauny, médico e diretor do Hospital de Sunderland, na Inglaterra, data de 1839. Era médium uma jovem de treze anos, Mary Jobson. Ataques histéricos tornaram-na cega e surda-muda. Com sangrias e vesicatórios aplicados pelos médicos, o seu estado veio a agravar-se. Apresenta-se novo médico e resolve aplicar mais um vesicatório. Ouviram-se então pancadas muito fortes no aposento, que chegaram a tornar-se violentas, quando o médico insistiu na aplicação do vesicatório, para diminuir e cessarem com a desistência da medicação. O médico volta à aplicação, e as pancadas recomeçam. Por fim, ouviu-se uma voz misteriosa que incitava o pai da doente a despedir os médicos e deixar que a natureza agisse.

Dáí em diante a voz se fazia ouvir sempre e dava conselhos, até que a enferma ficou completamente curada. Foram testemunhas o Dr. Clauny e vários colegas. (212)

John Richardson e sua família, em janeiro de 1855, narram, em Hartfod, diante de várias testemunhas e do Juiz de Paz, sob juramento, que ouviram duas vozes humanas de pessoas invisíveis, com timbres diferentes, declararem que se chamavam Henry e George Force; tinham sido ali assassinadas onze anos antes. Esses Espíritos produziram efeitos físicos e chegaram a quebrar louça.

Quando lhes perguntavam porque procediam assim, respondiam: - É para convencer o mundo de nossa presença. (213)

Continuamos a nossa digressão e veremos que o caminhar das idades não modificou o aspecto dos fatos. Eles se reproduzem da mesma forma, continuam com as mesmas características. As manifestações se apresentam idênticas por toda a parte.

A Camilo Flammarion escreve Clovis Hugues:

Foi em 1871. Eu estava na idade em que se colhem flores nos campos, como o amigo colhe estrelas no infinito; nesse momento, porém, tinha esquecido de fazer minha colheita ordinária, para escrever um artigo que me valeu alguns anos de cárcere.

Ora, eu estava na prisão de S. Pedro de Marselha. Lá se achava, também, Gaston Cremieux, condenado à morte. Eu o estimava muito, porque tínhamos os mesmos sonhos e caímos na mesma realidade. Na prisão, à hora do passeio, acontecia tratarmos de Deus e da imortalidade da alma.

(211) F. Zingaropoli – *Gesta di uno Spirito*, Nápoles, 1904.

(212) William Howitt – *History of the Supernatural*, II, pág. 450.

(213) Epes Sargent – *Planchette, the despair of Science*, pág. 134.

Um dia, como alguns camaradas se tivessem declarado ateus e materialistas, com veemência pouco comum, eu lhes fiz notar que seria inconveniente proclamar essas negações diante de um condenado à morte, que acreditava na imortalidade e em Deus.

O condenado me disse, sorrindo: - *Obrigado, amigo. Quando me fuzilarem, irei dar-lhe a prova, manifestando-me em sua cela.*

No dia 30 de novembro, ao amanhecer, fui acordado, subitamente, por um ruído de pancadas secas, dadas em minha mesa. Voltei-me, o ruído cessou, e readormeci. Alguns instantes mais tarde, e o ruído recomeça. Saltei, então, da cama e me coloquei, bem acordado, diante da mesa: o ruído continuou.

Isto reproduziu-se, ainda, sempre nas mesmas condições.

Ao levantar-me, todas as manhãs, tinha o hábito de ir, com a cumplicidade de um bom guarda, à célula de Gaston Crémieux. Nesse dia, as portas estavam seladas, e verifiquei, com o olhar fixado no postigo, que o prisioneiro já não estava lá. Mal fizera a terrível averiguação, e o bom guarda, atirando-se em meus braços, com os olhos rasos d'água: - "Fuzilaram-no esta manhã, ao romper do dia; mas ele morreu corajosamente". (214)

Chevreuil, comentando a narrativa, nos diz:

Sem dúvida, alguns casos isolados, talvez não apresentassem grande valor, mas uma multidão de fatos análogos e ainda mais complexos, não permitem duvidar que nos encontramos em presença de alguns dos grandes mistérios do Além. (215)

Buscamos apresentar exemplos de várias categorias, por maneira a não deixar dúvida de que não há influências externas na produção do fenômeno, e que é ele que nos leva a concluir que a sua verdadeira gênese está na manifestação do morto.

Escolhemos, agora, um caso em que a percepiente é uma criança educada nos princípios da Igreja Metodista; devia, portanto, ter a mente povoada dos ensinamentos daquela Igreja, cheia dos horrores do Inferno e das delícias do Paraíso. Não é isto, porém, o que acontece. No fato que se segue deveria a moribunda estar em comunhão com seres alados; os seus sonhos voltar-se-iam para a mansão divina, tal como é descrita no catecismo em que aprendeu.

Veremos, entretanto, que muito diferente foi o que se passou.

Lamentamos não poder transcrever na íntegra o caso, que é o da menina Daisy, caso absolutamente insuspeito, haja vista que é descrito pelos seus progenitores, sendo que o pai da criança era o Reverendo David Anderson Dryden, missionário da Igreja Metodista. As notas relativas ao episódio foram publicadas em opúsculo no Jornal da S. P. R. americana e ocupou dezessete páginas. Ernesto Bozzano faz dele um resumo, mas ainda assim se torna difícil reproduzi-lo sem gastar muito espaço. Vamos tentá-lo, entretanto, sintetizando-o ainda mais.

A pequena, aos dez anos, foi atacada de febre tífica e teve o pressentimento de seu fim, apesar do prognóstico do médico, para quem a doença era benigna e estava muito longe de ser fatal.

Declarava ela que o termo estava próximo e que seu falecido irmão Allie lhe dizia que ela voltaria a ver os pais, embora eles não a vissem.

(214) Camile Flammarion – *L'Inconnu*, Paris, 1909, pág. 76.

(215) L. Chevreuil – *On ne meurt pas*, Paris, Jouve, ed., Pág. 230.

O pai, armado da Bíblia, e temendo o fim, lhe dizia:

- “Estás prestes a vadear o grande rio tenebroso”.

E ela lhe respondia:

- É um erro, papai, não há rios a vadear; não há linhas divisórias entre as duas vidas.

Eu vejo os Espíritos.

E dizia à mãe:

- Aqui está Allie, mas tu não o podes ver, porque os teus olhos espirituais estão fechados.

- E por que o vês tu?

- Porque meu espírito está quase desprendido; apenas se acha ligado ao corpo por ténue fio de vida.

- E como conversas com ele?

- Pelo pensamento. Ele tem o corpo envolto em uma veste alvíssima, maravilhosa.

Estando sua irmã cantando um hino em que falava de anjos alados, ela emendou:

- Eles não têm asas, não voam, transportam-se.

- Como fazes para ver os anjos?

- Nem sempre os vejo, mas quando os vejo, parece-me que as paredes se somem e a minha vista alcança distâncias imensas. Alguns eu conheço, outros não.

Vendo-se ao espelho, declarou:

- Meu corpo está consumido, assemelha-se ao vestido velho da mamãe; ela não o veste mais; em breve deixarei também de usar o meu corpo, mas o substituirá o meu corpo espiritual. – Mamãe, não chore – dizia – procurando enxugar as lágrimas maternais – se me vou tão cedo é para meu bem.

Pediu que lhe abrissem as janelas, porque não mais veria despontar a alvorada. E despediu-se do céu, das árvores, das flores.

Por fim disse:

- Às onze horas e trinta minutos Allie virá buscar-me.

Às onze horas e trinta minutos, precisamente, estendeu os braços para o alto e exclamou:

- Já vou, Allie.

E não respirou mais.

Aqui fica um pálido transunto de uma história emocionante.

Como se vê, não só deixava ela de dizer aquilo que constava da sua doutrina, senão que contrariava o pai e a sua Bíblia. Suas visões, suas afirmações, suas declarações eram a reprodução exata do ensino dos Espíritos, ensinos de que nunca tivera conhecimento, nem os podia ter, desenvolvida a sua inteligência nos princípios austeros da Igreja e dentro dos métodos paternos.



Apresentamos um caso em que é perfeita a identificação do espírito comunicante. O fenómeno é insofismável pelas provas de que se reveste e dos nomes que o autenticam.

IDENTIFICAÇÃO DO ESPÍRITO

Gabriel Delanne publica-o, extraído do *Spiritualistische Blatter*:

“Devemos ao Conselheiro S., de quem recebemos uma visita, interessante narrativa, que teve a gentileza de comunicar-nos.

Circunstâncias que infelizmente ainda se nos apresentam, impedem-nos de dar os nomes à publicidade; mas, para obviar a esse inconveniente, submetemos a quatro pessoas o protocolo da sessão, o relatório das autoridades e outros documentos, e esses senhores atestam, com suas assinaturas, o episódio seguinte:

Na pequena cidade de G., três senhores se colocavam na noite de 2-8-1882 em torno de uma mesa para experimentar a obtenção dos fenômenos das pancadas e movimentos da mesma. Logo um Espírito se manifestou e estabeleceu-se o seguinte diálogo:

Quem está aí? – Um alfaiate esmagado. – Como assim? – Um trem me passou por cima. – Quando? – Há três anos. – Onde? – Unterbarmen. – Em que dia? – 29 de agosto de 1879. – Seu nome? – Siegwart Lekebusch. – Seu domicílio? – Barmen. – Seus parentes ainda vivem? – Sim. – Em que idade morreu? – Dezesete anos. – Era patrão ou operário? – Aprendiz. – É feliz? – Sou. – Devemos comunicar isto a seus pais? – Não. Não crêem na sobrevivência; e iriam ridicularizá-los. – Como se deu o acidente? – Queria visitar uns parentes em Auerstrasse, que fica em Unterbarmen; seguindo a estrada e tendo a cabeça baixa, não vi a chegada do trem; era de noite, fui esmagado. – Em que se ocupa? – Não lhe posso descrever meu trabalho.

A conversa prolongou-se. Os senhores presentes, surpreendidos, resolveram tomar informações. Assim, K. escreveu no dia seguinte à Prefeitura de Barmen, e a 17 de agosto de 1882 recebia a seguinte resposta:

Tenho a honra de informar-lhe que, segundo o que aqui se acha registrado, o aprendiz de alfaiate Siegwart Lekebusch, de dezesete anos, foi apanhado a 26 de agosto de 1879 por um trem da linha de *la Marche* e esmagado nas vizinhanças da estação de Unterbarmen. A causa do acidente é atribuída a ter ele indevidamente circulado pela via férrea.

Os informes oficiais coincidiam com as comunicações que nos haviam sido feitas; só restava um ponto a verificar: a existência de uma Auerstrasse. M. E. dirigiu-se por isso à redação da *Reinisch Westhal Post*, em Barmen, solicitando os possíveis pormenores sobre o incidente. Foi esta a resposta:

Nada mais poderemos acrescentar ao que já foi dito em nossa comunicação de 28 de agosto de 1879, a não ser que existe a Auerstrasse em Unterbarmen”.

Essa observação como as precedentes reúne as condições necessárias para demonstrar a existência dos Espíritos – acrescenta Delanne – porque ninguém ali conhecia Unterbarmen; com mais forte razão ignoravam a Auerstrasse e sobretudo que houvesse um aprendiz de alfaiate esmagado por um trem três anos antes. O jornal prossegue:

M. S. desejou que os fatos fossem inseridos apenas aqui, e que não publicassem os nomes dos que tomaram parte da sessão. Esta é a razão por que, a pedido de *Spiritualistische Blatter*, deixamos assinadas, quer as atas, onde são designadas as pessoas e os lugares, quer os documentos oficiais, declarando a perfeita exatidão de tudo que aqui se acha.

A. W. Sellin; Ludw Tischer; Carl Baumann; C. E. Noessler. (216)

O fenômeno em que o Espírito se identifica ou aquele em que o morto se apresenta dando inegáveis provas de sua presença, multiplicam-se nos Anais do Psiquismo. Tomemos um exemplo em que os autores, relatores e testemunhas são personalidades altamente classificadas na Sociedade em que se produziram.

O caso da mediunidade da jovem Laura Edmonds, apesar de um tanto conhecido, merece entretanto ser apresentado pelas provas de que se reveste. É seu relator o Juiz John Edmonds, que foi Presidente do Senado Americano e membro (*Chief justice*) da Suprema Corte. Laura é sua filha. Católica fervorosa, tinha sido educada nos princípios da Igreja, um dos quais lhe mandava fugisse do Espiritismo, como prática cheia de erros e demoníaca, o que ela procurava seguir à risca. Seu pai, o magistrado, era cético. Não poderia, pois, haver ambiente menos favorável a manifestações do Além. Mas a moça, apesar do horror que tinha aos Espíritos, começou a denunciar sintomas medianímicos; a casa onde morava se tornou “mal-assombrada”. Não eram só ruídos que se ouviam, ou móveis que se deslocavam: os fenômenos tinham caráter humano: dir-se-iam guiados por uma inteligência.

Seguiam-se outros fenômenos, onde se tornou patente a presença de Espíritos. Certa vez, foram à casa do Juiz vários poloneses. Laura falou-lhes no idioma deles e de coisas do seu país, sem nada conhecer da Polônia e muito menos de polônês. Escrevia automaticamente e usava línguas que lhe eram inteiramente estranhas, fato curiosíssimo, porquanto só conhecia a língua materna e a francesa. Passaremos de alto pelos fatos de menor vulto para relatar o caso Evangelides.

Apareceu em casa do Juiz uma alta personalidade grega, de nome Evangelides. Em meio à palestra, a jovem entrou a discorrer em grego; os assuntos pareciam interessar o visitante, que apresentou sinais de admiração, espanto depois, e finalmente, empalideceu e começou a chorar.

Os circunstantes, uns dez pelo menos, apesar de altas personalidades no meio social e político norte-americano, nada entendiam do que se passava, por não saberem grego. Mais tarde é que o visitante contou que estabelecera palestra em grego, versando diversos assuntos; assim é que ventilou, sucessivamente, questões políticas, filosóficas, fisiológicas, e por último, particulares. Foi aí que ela lhe disse que seu filho tinha falecido na Grécia. O interlocutor, ou o informante do Espaço, era o antigo patriota grego Marco Bozarris. Dessa informação é que resultou a sua intensa perturbação. O falecimento do moço lhe foi comunicado pouco tempo depois. (217)

Da crônica de Isidoro Duarte Santos, em *Estudos Psíquicos* extraímos, ainda como uma prova de identidade, o seguinte episódio do jornal *Survie*, que resumimos:

Trata-se de uma carta do Sr. Jacques Cordier, de Masnières, dirigida em 20 de dezembro de 1946 ao Presidente do *Lar Espiritualista de Douai*.

Fora da nossa reunião de 17 de novembro de 1946 – escreve o Sr. Jacques – entreguei a minha carteira a Madame Richard, sem nada lhe dizer. Eis o que ela me declarou na presença de numerosas testemunhas e depois de ter rapidamente examinado o objeto:

- Esta carteira é sua e foi-lhe roubada há pouco tempo.

(217) Aksakof – *Animismo e Espiritismo*, 1903, págs. 381, 450. – *O Espiritismo Americano* – Pesquisas do Juiz Edmonds (em alemão). New York Tribune – *Spiritual Tracts*, n. 10. 1859, Gully. – *Spiritual Magazine*, 1871, pág. 239.

- Uma pessoa que conheceu o Sr. muito bem, um homem falecido há bem pouco (dois ou três dias) influenciou o ladrão e provocou o remorso que o levou a destruir o dinheiro e impediu a destruição dessa carteira.

- É um homem novo, alto, magro, rosto comprido, que trabalha muito perto do senhor. Reconhecê-lo-ei facilmente, se vir a fotografia. Quem protegeu o Sr. é um indivíduo que, não tendo qualquer parentesco com o ladrão, é muito parecido com ele, embora mais idoso.

Insisto no ponto, segundo o qual o indivíduo que teria influenciado o gatuno faleceu pouco antes do roubo ter sido cometido.

E, munido destes preciosos ensinamentos, é fácil de adivinhar a espécie de explicações que no dia seguinte tive com o jovem B. C. Envergonhado e confundido com tantos pormenores, confessou o seu delito.

Perguntado, declarou-me que, na verdade, o roubo fora cometido na quinta-feira às dezesseis horas e que, não lhe sendo possível utilizar o dinheiro escondido, o queimara impelido pelo remorso, na intenção de destruir a carteira.

Quando voltei a casa, informaram-me da personalidade do meu invisível protetor. Eis o que me disseram:

Na quinta-feira, 14, às dezesseis horas, faleceu em Masnières, onde residia, o Sr. G. A., Caixa reformado da oficina onde eu estava empregado e com quem tinha relações de amizade. Homem de integridade absoluta, e que, devido às suas antigas funções, considerava o dinheiro... dos outros como coisa sagrada.

Os seus sinais característicos físicos correspondem absolutamente à descrição da médium. Furioso com a ação praticada pelo jovem B. C., mesmo do Além o influenciou. Devo-lhe, pois, a solução favorável deste caso.

O Secretário-Geral da União Espírita Francesa, Georges Gonzalès, esteve em Douai no mês de dezembro de 1947 e viu o Sr. Jacques Cordier, que lhe falou da carteira encontrada, em virtude da mediunidade de Madame Lucile Richard. (218)

Dir-se-ia que os mortos, ou calculadamente, ou acidentalmente, usam vários processos para provar a sobrevivência e demonstrarem aos vivos, e sobretudo aos mal-informados, a inanidade de suas doutrinas, fora das verdadeiras causas do fenômeno.

Stainton Moses escrevia automaticamente, em estado normal. Para convencer-se de que estava sob a influência de um Espírito, pediu ao interlocutor invisível que lhe desse uma prova. Este ditou um trecho e indicou ao Reverendo o título, a página e a prateleira onde se encontrava o livro de que tinha extraído o texto. Feita a verificação viu-se que ela era exata. Stainton Moses nunca tinha visto este livro, que se achava na biblioteca de seu amigo, o Dr. Speer. (219)

O que vamos descrever toma, na retorta psicológica, à falta de qualquer explicação, mesmo forçada, o nome de automatismo inteligente. Foi assim que o batizaram, como a outros congêneres, onde se tornou difícil meter o escalpelo e, com aquela legenda, eximiram-se do árduo e penoso trabalho de descobrir e arquitetar uma hipótese razoável.

E nós aproveitamos o caso para deixar clara a nossa tese, que é a prova da existência e persistência da individualidade, mesmo após a crise da morte.

(218) *Estudos psíquicos*, abril de 1948, pág. 125.

(219) *Révue Métapsychique*, 1924.

AUTOMATISMO INTELIGENTE

William James estuda um caso que obteve graças ao Dr. C. W. Fillmore, que o inscreve, calmamente, entre os de histeroepilepsia:

A doente arranca os cabelos, rasga os travesseiros, os lençóis, a roupa, a camisa. Faz tudo com uma das mãos, enquanto a outra procura impedir os desatinos. Queixa-se de dores num dos braços, que cai, de repente, ao longo do corpo; ela supõe que ele já não lhe pertence, que outrem dele se apossou. Trata-o como se fosse dotado de inteligência e lhe chama *Stump, Old Stump*, toco, velho toco.

“Escreve versos, cria personificações, principalmente de mortos”, esclarece o Autor. Explique-se que as incorporações medianímicas, pela boca da Ciência, são *personificações de mortos*.

Não é só. *Stump* desenha, verseja, sem que a paciente seja poetiza ou desenhista. Ela não se interessa com o caso e declara que não tem nada com *Stump* nem quer saber dele.

Ela vê, ainda, com os olhos fechados – assim diz o médico. E com eles fechados lê, escreve e desenha. Sua mão direita conduz-se logicamente, pois que faz pedidos, dá conselhos, responde, mantém a esquerda nos limites do razoável. Ainda durante o sono, a mão continua a conversar, a versejar, a desenhar; conserva o papel de enfermeira, tanto quanto pode, põe cobertas sobre a moça, bate na cama para acordar a sua progenitora, nalgum caso premente. Às vezes faz versos originais. Não sabe francês nem latim. “Entretanto eis o que inventa *Stump*”, fazendo versos em dois idiomas:

*Sed tempus recessit, et puis ce fuit fini.
Cum illi successit, un autre gai rameur;
Nam cum navigaret, dans son proper cutter,
Portentum apparet, qui les fait tous frémir.*

*Est horrendous anguis, voice qu'ils l'aperçoivent
Haud dubio sanguis, en eux tôt se glaça
Triginta pedes, sa tête s'élevait
Et corporis sedes, en secret fut placé.”*

A tradução é a seguinte, se não nos falha o conhecimento:

(Mas o tempo retrocedeu e tudo se acabou.
Quando a ele sucedeu outro alegre remador.
E navegando em seu próprio batel
Apareceu-lhe coisa portentosa que a todos fez estremecer.

Era uma horrível serpente; eis que eles a percebem.
Sem dúvida o sangue neles logo se gelou.
Trinta pés sua cabeça se elevava
E a sede do corpo foi colocada em segredo). (220)

Os versos continuam. Estes, porém, bastam para amostra.

A toda essa fenomenologia deu-se o rótulo de *escrita automática*, ou automatismo inteligente.

O que se entendia por automatismo era algo mecânico, movimentos sem inteligência, uma espécie de deslocamentos de boneco. Pois passou a rotular um complexo de casos, que não se sabe como se formaram, nem apareceram; nem como tomam a feição de inteligentes; e mais ainda como poderiam manifestar-se fora e além dos conhecimentos da paciente.

Esta falava idiomas que não aprendera, desenhava, via com os olhos fechados, lia e escrevia dormindo, e ainda dormindo, tinha uma das mãos a vigiá-la, a compô-la, a dar sinal de alarme... E o que há de mais pitoresco nesse automatismo é a declaração de que se trata de *outro*, em geral de um morto, declaração que parece a principal característica em fenômenos idênticos, fato que se verifica de tempos imemoriais, já dizia Lapponi. É curioso, pelo menos. Mas, ao que parece, com aquela dominação de automatismo inteligente, tudo se esclarece, cientificamente falando.

(220) William James – *Etudes et Réflexions d'un Psychiste* – Trad. de E. Durandeaund, Paris, pág. 59.

O DRAMA REAL

Flournoy descreve as atitudes da médium Helena Smith, quando revive a encarnação de Maria Antonieta, e diz-nos:

Quando é completo o transe real, a graça, a elegância, a distinção, a majestade brilham nos modos, nos gestos de Helena. Ela tem, na verdade, um porte de rainha. O movimento, cheio de desenvoltura, sem que ela se esqueça, jamais, a cada passo, de jogar para trás a cauda imaginária, tudo isso, impossível de descrever, é perfeito na sua naturalidade, na sua simplicidade.

Não pára aí sua perfeição de jogo, que uma atriz não atingiria sem estudo. A ortografia corre também, naturalmente, de sua pena: *instans, enfans, j'étois...* A mudança de voz se faz normalmente, e nesse estado ela ignora que é a senhorita Smith. (221)

O mesmo acontece, ou melhor ainda, no episódio em que a mesma sensitiva se diz a reencarnação da princesa Simandini.

Tem sido muito citado o longo trabalho de Flournoy, e por isso não nos demoramos nele. Basta dizer que no caso da princesa, Helena não só rememorava os fatos daquele longínquo passado, como imitava, de forma empolgante e maravilhosa, os gestos, os modos, a fala daquela de quem se dizia a reencarnação. Se, no caso de Maria Antonieta seria possível justificar a revivescência de lembranças daquela época, por muito conhecidas na história francesa, impossível é dizer o mesmo quando se trata da evocação do episódio hindu, tão fracamente conhecido, que o ignoravam geógrafos e historiadores, e só depois de exaustiva pesquisa encontrou-o o psicólogo na velha História de Marlès, enfiada numa biblioteca.

VOZ SALVADORA

Dizíamos que o morto se manifesta com sua personalidade integral. Ponhamos exemplos:

A seguinte carta foi dirigida de Civita Vecchia, conhecido Oficial da Marinha Mercante ao Diretor de Filosofia della Scienza:

Todos os meus antepassados foram homens do mar. Meu pai, sucedendo ao seu progenitor, tomou o comando do brigue Notre-Dame de Grace, em Marselha. Foi em 1837. Ele partiu para Brindisi com um carregamento de cereais. A navegação era então muito difícil, de uma parte por causa dos piratas, e da outra porque as costas não tinham faróis.

Aproximamo-nos de Brindisi em uma noite negra e tempestuosa. Meu pai achava-se à proa do navio esforçando-se por descobrir uma vaga luz que lhe indicasse o porto. O vento soprava impetuosamente, as ondas, com um ruído infernal, sacudiam o navio, cobrindo-o de espuma e flagelando-lhe os bordos; os ruídos do trovão sucediam-se à luz dos relâmpagos. Aumentava sem cessar a intensidade da tempestade e o momento se tornava crítico.

De repente, ouve-se uma voz que grita:

- Capitão, venha depressa.

Não sabendo o que acontecia, meu pai precipitou-se para a popa, onde a voz continuava a chamar.

- Que é? – Perguntou ele ao timoneiro que, aturdido e trêmulo, balbuciou:

- Não ouviu? Não ouviu a voz que há alguns minutos repete *puggia, puggia!* (Essa palavra significa: Leve a direção ao lado oposto ao vento).

- A voz? Que voz? É a chuva que te faz ouvir vozes imaginárias ou o sibilar do vento que te engana. Eu não ouço nada.

Não havia terminado, quando uma voz que vinha da casa do leme, repetiu em tom de comando: - *Puggia, puggia.*

Estupefato, não acreditando em seus ouvidos, meu pai aproximou-se do lugar donde parecia provir o grito, voltou-se, observou todos os recantos, e nada descobrindo, julgou-se vítima de uma alucinação sensorial. Disse então ao timoneiro: - Não há ninguém. Toda a equipagem está na proa.

A voz, então, mais clara, mais vibrante, repetiu a ordem. Pôde meu pai, então, não só ouvir distintamente, senão ainda reconhecer o timbre, a cadência, a voz de seu pai, que tanto lhe era familiar, pois navegara com ele desde a idade de nove anos.

Fascinado, levado por incompreensível e irresistível força, transmitiu a ordem recebida e tomando a cana do leme, executou ele mesmo a manobra, enquanto a equipagem afrouxava as escotas e as vergas do lado oposto ao vento.

O brigue, com o vento mais em cheio, pende para a direita, corta as ondas em fúria, e avança rapidamente, como um cavalo a quem soltaram as rédeas.

Quase ao mesmo tempo, um clarão ilumina o local onde soprava o vento, isto é, de bombordo, para onde antes o navio se dirigia. Sob o rápido clarão, apresenta-se aos olhos espantados da equipagem a branca espuma das vagas, que se lançavam, raivosas, de encontro aos rochedos da costa.

Uns minutos mais de curso na rota primitiva e tudo estaria terminado para o navio e para a equipagem. *F. Scotti, Capitão de Marinha*. (222)

Aqui temos o falecido marinheiro, manifestando-se com a sua voz, o seu timbre, o seu cuidado paterno, os seus conhecimentos de velho homem do mar.

(222) *Filosofia della Scienza*, Palermo, 1911. – *Annales des Sciences Psychique*. 1911. Pág. 126.

NAS SESSÕES DE VICTOR HUGO

Não menos embaraçosos para os céticos, nem menos interessantes para os estudiosos, são os casos das mesas falantes nas sessões de Victor Hugo.

Victor Hugo, o grande gênio da literatura, fora desterrado por Napoleão III para a ilha de Jersey. Aí recebera a visita da Sra. De Girardin, dama da alta sociedade francesa, em cuja casa se reuniam os grandes vultos da Arte, da Ciência e das Letras da época.

A ilustre trouxe à ilha a grande novidade: - Os mortos falavam! Paris inteiro estava cheia do ruído das “mesas girantes”. E diante da incredulidade geral, propôs-se mostrar que era fácil conversar com os defuntos.

Ouçamos a descrição, um tanto humorística, que das primeiras sessões faz Auguste Vacquerie, da Academia Francesa;

Logo à sua chegada, mal acabou de jantar, e sem esperar a sobremesa, arrastou um dos convivas ao *parloir*, onde atormentaram uma mesa, que ficou muda. Disse ela que a forma quadrada contrariava o fluido. No dia seguinte comprou uma com pé de galo, redonda, e que não se animou mais que a outra.

Ela não desanimou, declarando que os Espíritos não eram cavalos de carro, à espera do passageiro. Ao outro dia, nova experiência e o mesmo silêncio. Ela obstinou-se e a mesa emperrou. “*Elle s’obstina, la table s’entêta*”. Tal era o seu ardor de propaganda que um dia fez interrogar um “guédiron”, diante dos jersienses, e ele provou a sua inteligência não respondendo.

Enfim, sucediam-se as decepções, quando na véspera de sua partida, consentiram em mais uma experiência, e a mesa entrou a dar sinais de vida.

A Sra. de Girardin voltou ao Continente, mas deixou ao grande vate a certeza de que os falecidos continuavam vivos. As provas obtidas por Vacquerie deslumbraram-no. É o ironista dos primeiros dias quem relata:

A partida da Sra. De Girardin não esmoreceu o meu entusiasmo. E agora me precipitava para essa grande curiosidade de morte entreaberta. Só me interrompia para jantar. Pessoalmente, nenhuma ação tinha sobre a mesa, mas a interrogava. Eu conversava corretamente com ela. O ruído do mar misturava-se aos nossos diálogos, e o mistério era envolvido pela noite, pelo inverno, pela tempestade, pelo isolamento. A mesa era, algumas vezes, espirituosa e mesmo cômica, outras grave e magistral. Todas as suas conversas foram registradas, não ao sair da sessão, mas imediatamente. Elas serão publicadas um dia e levarão um problema imperioso a todas as inteligências, ávidas de verdades novas. (223)

E foram publicadas.

Entre os ditados da mesa, poderemos citar os versos dados em resposta ao estro maravilhoso de Hugo. Até então o grande romancista não encontrara um êmulo na poesia francesa. Pois a do *invisível* estava à altura do Mestre e por vezes o superava!

Era espantoso que houvesse no Espaço quem pudesse ombrear com o autor da *Legenda dos Séculos*.

Vejamos alguns exemplos, quase de relâmpago, já porque seria impossível trazer para aqui as longas estrofes em língua francesa, já porque os acanhados lindes de uma página não permitem maiores estudos.

(223) Auguste Vacquerie – *Les Miettes de l’histoire*.

Victor Hugo dirige-se a Molière em versos admiráveis, que somos obrigados a reproduzir em nossa tradução prosaica e insulsa:

Astro que esplendes no horizonte duplo; poeta no Louvre, arcanjo no Céu, ó grande Molière, tua visita honra a minha casa.

Estender-me-ás a tua mão hospitaleira? Que se abra o fosso por entre a relva. Encaro sem medo o túmulo das sombras eternas, porque eu sei que o corpo é uma prisão, mas a alma aí encontra as asas.

Em vez de Molière, aparece a “*Sombra do Sepulcro*” (L’Ombre du Sepulcre), que ditou a seguinte resposta:

*Esprit qui veux savoir le secret des ténèbres,
Et qui, tenant en main le terrestre flambeau,
Viens, furtif, à tatons, dans nos ombres funèbres,
Crocheter l’immense tombeau”*

*Rentre dans tons silence, et souffle tes chandelles;
Rentre dans cette nuit don’t quelquesfois tu sors,
L’oeil vivant ne lit pas les choses éternelles
Par-dessus l’épaule des morts.*

(Espírito que procuras desvendar o segredo das trevas, e que tendo nas mãos o archote terrestre, vens, furtivo, tatear em nossas fúnebres sombras, forçar o túmulo imenso!

Volta ao teu silêncio e sopra as tuas lanternas; entra nessa noite de que saís algumas vezes; o olhar vivo não perscruta as coisas eternas por cima do ombro dos mortos).

Acostumado à admiração universal, esta resposta desconcertante e irônica, depois de sua invocação delicada e encomiástica, pareceu magoar o poeta, embora rendido à beleza do estro e à sutileza do Invisível.

Compreende-se, entretanto, a intenção do Espírito. Ele quis evitar, com a sua inesperada réplica, as explicações que haviam de surgir, baseadas na telepatia ou no subconsciente do Poeta.

Já é difícil telepatizar um móvel, e muito mais extrair de um subconsciente o que já não existe, transformar aquilo em estrofes e passar tudo para certa mesa, que vai transcrevendo o ditado como hábil amanuense.

É de espantar, mesmo, um consciente ver-se contrariado, contraditado, chasqueado por um subconsciente indisciplinado.

As hipóteses explicativas encontraram mais difíceis escolhos na manifestação de lord Byron. Invocado, respondeu:

*Vex not the bard, his lyre is broken.
His last song sung, his last word spoken.*
(Não moleste o bardo, sua lira está quebrada; cantada a sua última canção, dita a sua última palavra).

Estes versos, magníficos aos conhecedores do idioma inglês, foram trazidos à mesa, sem que nenhum dos seus componentes conhecesse inglês. Por que canais o inglês passaria para a tábua ninguém sabe.

As longas tertúlias que o afamado estilista francês teve com os seus colegas do Espaço vêm descritas no livro de um materialista, Jules Bois. (224)

Elas convenceram o imortal Victor Hugo, que, na obra *Shakespeare*, diz o seguinte:

As mesas girantes ou falantes têm sido ridicularizadas. Mas, falemos claro, a zombaria é sem alcance. Substituir o exame pelo motejo é cômodo mas pouco científico. A Ciência não tem o direito de sonhar. Um sábio que ri do possível está nas proximidades da idiotice. O inesperado deve ser esperado sempre pela Ciência.

Assim falava o gigante das letras. Não faltará, porém, por aí, quem se ria de tudo isso, do gigante inclusive, impingindo-nos umas teorias, estas sim, capazes de fazer estourar de cócegas qualquer obelisco.

Percorrendo no espaço e no tempo a série interminável dos fenômenos paranormais, chegamos à nossa época e destarte apresentamos os casos de nossos dias, os casos de ontem. Essa produção constante do fato psíquico é de molde a reavivar-nos a memória.

O ENCONTRO MIRACULOSO

O seguinte caso é narrado pelo *Paris Soir* de 23 de setembro de 1937, e foi descrito pela BBC de Londres, a mais importante rádio emissora do mundo. Diz a folha francesa:

Um milagre se produziu e os Espíritos do mundo inteiro exultam esta manhã. O milagre parece dos mais sérios, se assim nos podemos exprimir, pois que a grande emissora T.S.F. britânica, um diplomata, o ministro da Suécia em Londres, e uma violinista célebre, a senhorita July d'Aranyi, nos garantem que Schumann enviou importante mensagem do Além.

O músico indicou onde se encontrava uma obra sua que se julgava perdida, e a obra foi achada precisamente onde ele disse que ela estava.

Eis como as coisas se passaram: A senhorita July pensou que ninguém melhor que Schumann poderia resolver o caso. Colocou então um copo em uma mesa, depois de ter, previamente, disposto as letras do alfabeto em torno do copo. Logo o copo começou a trazer a mensagem, indicando as letras.

Coisa curiosa: Schumann exprimia-se em inglês, mas quando lhe perguntaram se era realmente ele que falava, respondeu em alemão: *Ich war es selbst*. Sou eu mesmo.

Schumann afirmou que existiam quatro cópias e indicou o local onde estavam.

Logo se utilizaram os informes obtidos e se encontrou "bel et bien" o concerto desaparecido.

Para celebrar o descobrimento e agradecer a Schumann, não esperaram o centenário do saudoso compositor, época em que iriam tocar o concerto, e o executaram imediatamente. (225)

(224) Jules Bois – *Le Miracle Moderne*. Paris, 1907. Ch. Richet. – *Revue Métapsychique*, Paris, 1923, pág. 87.

(225) *Light nrs.* De 9 de maio, 31 de junho e 18 de setembro de 1931.

O DESASTRE DO R-101

Caso que também teve grande repercussão na Europa foi o da manifestação do Comandante do R-101, relatado em vários jornais ingleses.

J. J. Proudhon, em artigo publicado na *Revue Spirite* de 1938, apresenta-nos a revelação do Comandante, conforme a extraiu dos periódicos e do laboratório com seus pormenores, cheios de termos técnicos, sendo que a mensagem contribuiu para elucidar, por parte dos técnicos da Aeronáutica britânica, muitos pontos obscuros.

O dirigível era comandado por H. C. Irwin, e se despedaçou a 5 de outubro de 1930. Fazia-se uma sessão no laboratório Nacional de Pesquisas Psíquicas com a Sra. Garrett, na esperança de conseguir-se uma mensagem de Sir Arthur Conan Doyle. Acabava de ser recebida a mensagem esperada, quando a voz da médium mudou completamente e ouviu-se a do Comandante do R-101, o Primeiro-Tenente H. Carmichael Irwin.

Esse oficial explicou as circunstâncias da catástrofe, as falhas do aparelho, as medidas que tomara, e finalmente o local em que caíra com a nave incendiada.

Impossível reproduzir toda a mensagem, que além de longa e minuciosa, contém uma descrição que só os peritos poderiam entender.

Uma cópia da ata da sessão foi enviada ao Ministério do Ar, e a 6 de maio uma autoridade oficial, junto à construção dos dirigíveis, teve prolongada palestra com os membros do “Laboratório de Pesquisas Psíquicas”, onde se referiu às concordâncias existentes entre o relatório da sessão e os fatos conhecidos na Aeronáutica.

O Ministério do Ar já havia respondido, declarando que o relatório submetido ao seu gabinete pelo “Laboratório” o havia ajudado consideravelmente no inquérito, acrescentando que as precisões que continham só podiam emanar de um técnico, ao corrente dos problemas da Aeronáutica, e que estivesse a bordo do dirigível sinistrado.

Segue-se a descrição do sinistro com sua explicação técnica. Resumindo o ponto essencial, diz o escritor francês, a entidade Irwin e o perito Sr. Spanner estão de acordo em atribuir a causa inicial da catástrofe à “adjunção de um tubo mediano”, com a circunstância de que a entidade deu a conhecer mecanicamente a sua opinião quarenta e oito horas após a catástrofe, enquanto Spanner só o pôde fazer após os resultados do prolongado inquérito. (226)

Tal é o caso do R-101, acrescenta Proudhon. Se há telepatia, será entre quem? – indaga. Para a Sra. Garrett toda essa técnica aérea seria uma espécie de chinês.

Ela ignorava, como todos, a existência da insignificante aldeia de Achy, a qual só figura nas cartas do Estado-Maior e da Navegação Aérea. Quanto ao conteúdo da comunicação, di-lo o Ministro do Ar, só um técnico, e que estivesse a bordo do dirigível sinistrado, poderia ser dele o autor. Certos detalhes só eram conhecidos de um restrito número de peritos.

A entidade dizia-se o Espírito do piloto. Dessa comunicação medianímica, pois que Spanner só assinalou o fato muito tempo depois, nenhum ser vivo estaria a par; ninguém poderia saber que os esteios de tribordo tinham rebentado em consequência da falta de ressaltos da fuselagem, devido ao peso excessivo do tubo mediano acrescentado. Quem poderia revelar isso à médium? E o autor declara que prefere pedir a solução à sobrevivência, a ter que viajar até a Lua para descobrir o comunicante vivo que pudesse revelar a Mrs. Garrett o conteúdo do relatório que ajudou o Ministro do Ar Britânico a determinar a causa da perda, corpo e bens do R-101.

(226) *Revue Spirite*, 1938, pág. 108.

A MANIFESTAÇÃO DO AVIADOR BRASILEIRO

Caso talvez ainda mais notável é o que se passou com o Tenente Heraldo Teixeira de Paula, ex-oficial da nossa gloriosa FAB. Transcrevemo-lo de *Unificação* (S. Paulo) número de março de 1954, no relato do nosso confrade João Teixeira de Paula, seu irmão:

O Tenente Heraldo, então pertencente à Força Aérea Brasileira, acabara de chegar dos Estados Unidos da América do Norte, onde estivera juntamente com diversos colegas seus, por ordem e a expensas do Governo Brasileiro para um estágio de aperfeiçoamento técnico de dois anos. Daquele país trouxera um brevê – uma asa representando a Aviação – que lhe fora conferido pelo Governo norte-americano. Tinha-lhe grande apreço, mais por natural satisfação do que por mera vaidade.

Numa de suas muitas viagens pelo interior do Estado passou por Araraquara, pernoitando na residência de nossa genitora, com quem, no dia seguinte, ao prosseguir vôo para Bauru, então sua moradia, deixou a farda, em cuja túnica estava o brevê, que não quisera, contrariamente ao que sempre costumava fazer, levar consigo.

Decorridos alguns dias, retorna a Araraquara, troca de farda, e, dando pela falta do distintivo, pergunta por ele ao pessoal de casa. Responde-lhe a nossa genitora, entre admirada e já receosa de uma brincadeira de mau gosto ou até de um possível roubo:

- Mas como? Você não o mandou buscar ontem? Entreguei-o a um seu colega, que aqui esteve em seu nome. Vestia farda igual à sua, deu pormenores do brevê e disse até o lugar onde o paletó estava guardado, motivo por que não tive dúvidas em lho entregar, na suposição de que você o tivesse mesmo mandado buscar.

E a nossa genitora passou a descrever o porte de um colega dele, vitimado de horrível desastre aviatório de que viera a falecer havia mais de um ano. Ambos eram muito amigos e juntos haviam estado na América de Roosevelt.

A estupefação foi geral; ninguém pode conter lágrimas de sentida comoção.

Porém a estupefação maior estava reservada para o fim da história: quando o Heraldo retornou a Bauru e abriu o seu guarda-roupa... encontrou na túnica de uma das fardas, colocado com muita correção, como só eles o sabem fazer, o misterioso distintivo!

Sim, meus amigos, neste “grande trajeto da sombra para a luz”, como escreveu Elisabeth d’Espérance, nós não enxergamos um palmo diante do nariz. Sim, os mortos voltam. Só há uma única diferença: os mortos não são eles, somos nós com a nossa cegueira, com a nossa incompreensão e com a nossa descrença!

A VOLTA DO BISPO

Reportamo-nos, finalmente, a um artigo do Professor Silveira Bueno, conhecido jornalista na capital paulista. Tem o valor de documento recente e de fonte insuspeitíssima, haja vista que, além da ambiência eclesiástica que envolveu o episódio, seu autor declara, peremptoriamente, não ser espírita.

Do longo artigo do apreciado beletриста, sob o título *Telepatias e Aparições*, somos obrigado a apanhar, apenas algumas notas, pela tirania do espaço.

Precisava-se, na Cúria, de importante documento que não era encontrado em parte alguma. Inúteis foram as pesquisas do afamado advogado Moisés Coelho. Já se haviam esgotado os prazos legais, prorrogados ainda por deferência do Juiz.

Absorto no caso judicial, vinha o Padre Chico, num tálburi, rumo à Cúria, quando viu que outro padre, da calçada, o chamava por sinais. Depois de conversarem sobre o documento, perguntou-lhe o padre, da calçada: - Mas já o procuraram nos guardados do Sr. Bispo?

- Já. Nenhuma gaveta ficou sem ser examinada e nada se achou.

- Pois olhe, Padre Chico, vá ao quarto de dormir do Sr. Bispo, tire a segunda gaveta da cômoda, mas tire-a completamente; o documento está caído atrás dessa gaveta...

Nesse momento foi que Monsenhor reconheceu no seu interlocutor D. José de Camargo Barros, o Bispo naufragado.

Padre Chico, pálido, nervoso, transfigurado, mandou tocar para a residência do Bispo. Aí contou aos íntimos a visão que tivera. A incredulidade geral só desapareceu quando, tiradas as gavetas, “surtiu nas mãos trêmulas do Governador da diocese o procurado documento”.

Este fato, declara o autor, foi narrado pelo Padre Lindolfo Esteves e confirmado pelo próprio Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, em 1915, quando ambos iam à Catedral para determinada cerimônia religiosa, e ainda pelo advogado da Cúria, Dr. Moisés Coelho. (227)

O CASO PIPER

Terminemos a nossa lacunosa resenha tratando dos fenômenos produzidos pela Senhora Piper.

Conhecemos alguns médiuns que tinham a mesma capacidade medianímica daquela Senhora. Nenhum médium de efeitos intelectuais (ou de fenômenos subjetivos), foi porém tão estudado e observado, durante vários anos, por tantas notabilidades, por tantos homens da Ciência, como a Sra. Piper. Trata-se, portanto, de fatos indiscutíveis, cientificamente comprovados, e, conseqüentemente, sem os motivos de suspeição que poderiam ter quaisquer outros por nós apresentados, onde faltariam as garantias e as provas de que se revestiram as manifestações obtidas por seu intermédio.

(227) Prof. Silveira Bueno – *Folha da Manhã*, S. Paulo, 30 de maio de 1954.

Dela diz Charles Richet:

Madame Piper, estudado por William James, depois com extraordinária paciência por R. Hodgson, depois, com uma não menor perseverança por Hyslop, depois por Fr. Myers, Sir Oliver Lodge, Sir William Barrett, possui poderes de clarividência que ultrapassam, provavelmente, todos aqueles até então observados. Às pessoas que vêm vê-la, diz, imediatamente, quase sem hesitação, os nomes dos diversos membros de suas famílias, contando a respeito deles episódios que o próprio visitante ignora e de que verifica a autenticidade após longa e laboriosa pesquisa.

Ainda que não houvesse como médium (*en fait de médium*) senão a Senhora Piper no mundo, isto seria bastante para que a criptestesia estivesse cientificamente estabelecida. (228)

Tornou-se muito conhecida e notável a frase do célebre psicólogo William James: - Se quiserdes destruir a lei de que todos os corvos são pretos, não é necessário procurar demonstrar que não há corvos; basta mostrar que há um branco. Meu corvo branco foi a Senhora Piper. (229)

A senhora Piper – dizia o eminente filósofo – possuía conhecimentos que nunca lhe foram revelados pelo uso ordinário de seus olhos, dos seus ouvidos ou de sua razão.

James estudo-a no caso especial do “controle-Hodgson”, isto é, no período em que por ela se manifestou o conhecido psiquista Richard Hodgson. Se James não chegou a aceitar decisivamente a tese espírita, concluiu, entretanto, por “uma vontade de personificação, vontade essa que poderia provir de várias fontes, ou mesmo da que se dizia o defunto comunicante.”

Assim declarava;

A causa ativa das comunicações é, segundo toda a hipótese, uma vontade de certa espécie, quer seja a vontade do Espírito de Richard Hodgson, ou de inteligências sobrenaturais inferiores, ou a do subliminal da Senhora Piper.

Não é exata, portanto, a opinião corrente, entre muitos, de que o psicólogo americano era infenso à comunicação dos mortos. Esclarece ele:

A vontade de comunicar, no exemplo considerado, seria *a priori*, a vontade do Espírito sobrevivente do Hodgson.

A considerar os casos de entidades permanentes, não há *a priori* razão para que os espíritos humanos e outros seres espirituais não possam cooperar no fenômeno ou produzir alternativamente manifestações diversas. (230)

Verificava ele que “uma das particularidades do fenômeno consistia em ser a personalidade comunicante diferente da normal, chegando, muitas vezes, a convencer a esta que outrem agia em seus órgãos”. E esta uniformidade nas comunicações é de grande valor teórico.

(228) Charles Richet – *Traité de Métapsychique*, 1923, pág. 39.

(229) William James – *Discurso pronunciado na Sociedade de Pesquisas Psíquicas*, de Londres.

(230) William James – *Études et Réflexions d'un Psychiste*, Trad. De E. Durandaud, 1924, págs. 307, 311.

Referindo-se à personalidade que se dizia Richard Hodgson:

Nas comunicações dos primeiros dias, que foram adquirindo forças gradualmente, havia algo que trazia a sua marca e de modo tão dramático que todos que delas tiveram conhecimento receberam uma viva impressão. (231)

Hodgson – acrescentava William James – distinguia-se por grande vigor; gostava de ironia, da discussão, das réplicas, da poesia; era gesticulador e ria muito. Pois todos esses traços se notam desde o começo de suas aparições.

E a propósito, reforçava do Dr. Bayley:

Tais expressões, tal feição particular marcam, de modo indisfarçável, o gênero de espírito de Hodgson durante sua vida terrestre, e tais como aparecem muitas vezes, dão a impressão, quase irresistível, que é realmente a personalidade de Hodgson que ali está presente com seus caracteres próprios.

William cita ainda uma das testemunhas das sessões, que dizia:

Ele me trazia palavras cheias de afabilidade e de ordem tão íntima, e com tais particularidades, que me deixavam intensamente comovida, e a tal ponto que, no fim da sessão, eu ficava desfalecida. Parecia-me que ele se encontrava ali em carne e osso. (232)

Os fenômenos produzidos por essa médium levaram muito céticos, alguns dos quais acérrimos adversários da hipótese espírita, não só a admiti-la, como a julgá-la irrefutavelmente demonstrada.

Assegura-nos M. Sage:

Le Dr. Hodgson, Le Professeur Hyslop et d'autres qui s'étaient engagés dans ces études, aussi sceptiques que n'importe qui, mais sans parti pris, ont fini, après des hésitations qui ont duré de longues années, par se rallier à l'hypothèse spirite.

(O Dr. Hodgson, o Prof. Hyslop e tantos outros empenhados nesses estudos, absolutamente céticos, embora sem obstinação, depois de hesitações que duraram longos anos, acabaram por adotar a hipótese espírita). (233)

Do Dr. Silva Melo, que escreveu uma obra negando a realidade dos fenômenos psíquicos, colhemos o seguinte:

A senhora Piper foi estudada por sábios de renome; os Espíritos serviam-se-lhe da voz e da mão; apresentavam-se como parentes e amigos mortos dos presentes. William James, um dos mais célebres Psicólogos, bate à sua porta, a sogra volta assombrada porque a médium lhe diz nomes e prenomes de membros de sua família; uma cunhada do Psicólogo leva-lhe uma carta, cujo autor só duas pessoas conheciam e Piper descreve esse autor; James procura-a sob falso nome e as informações que recebe são extraordinárias; a médium diagnostica, descreve pessoas, servindo-se dos objetos que lhes pertencem; dava informes quanto a parentes e amigos dos que a procuravam. James perdera um livro e Piper diz onde ele se encontra, e isso se repete com várias outras coisas que o Psicólogo ignorava.

(231) William James – *Obra cit.*, pág. 183.

(232) William James – *Obra cit.* págs. 222, 223.

(233) M. Sage – *Madame Piper*, pág. 258.

E por essa razão declarava ele: se afirmarem que todos os corvos são pretos, para destruir o preconceito basta um corvo branco; meu corvo branco é a Sra. Piper. E que, se fraude houvesse, seria tão perversa e tão bem sucedida que não poderia haver nada de semelhante. Oliver Lodge, célebre Físico, também lhe envia pessoas sob nomes falsos; havia casos em que as revelações eram confirmadas posteriormente e pareciam totalmente desconhecidas dos presentes. O fato leva Lodge a declarar-se completamente convencido da sobrevivência e da comunicação dos mortos. Newbold e Driesch navegam nas águas de Lodge. (234)

É bem verdade que o ilustre e acatado médico não subscreve os ótimos pareceres dos notáveis psiquistas, porém não teve elementos com que pudesse invalidá-los.

Fiados nessas e em outras asserções dos que analisam o vasto campo dos fatos metapsíquicos é que ousamos entrar francamente no estudo das comunicações dos mortos, estudo já achanado pela comunicação dos vivos. Estas preparam caminho para aquelas. Partindo do conhecido, do indubitável, do que não pode deixar de estar claro aos nossos olhos, achamo-nos aptos para aceitar aquilo que se encontra fora dos moldes consuetudinários.

Vimos seguindo, ainda, o processo científico onde se preceitua que não devemos pronunciar-nos sobre uma ordem de fenômenos, sem que primeiro tenhamos posto em prática um laborioso processo de análise comparada que abranja toda a gradação fenomênica em que eles se produzem.



Um dos mais assíduos e meticolosos observadores dos fenômenos produzidos pela célebre médium foi o Dr. Richard Hodgson, que se transportou da Inglaterra aos Estados Unidos, especialmente para estudar a sua mediunidade e que, segundo os relatores, não poupou canseiras para observá-la, nem deixou de espreitá-la. – *“Il ne l’a pour ainsi dire pas perdue de vue un seul instant”*, diz Sage.

A sua competência no caso era insofismável. Basta dizer que o conheciam como o caçador-de-fraudes. Parece que sua grande preocupação consistia em desmascarar médiuns farsantes. Considerado como um dos grandes pilares da S. P. R. de Londres, tornara-se especialista em descobrir fraudes *“Especially qualified for the detection of fraud”*. A Sra. Blavastky estava no apogeu da fama. Ele foi especialmente à Índia para observá-la e voltou à Inglaterra com um minucioso relatório onde declarava os truques empregados e os meios de que ele se serviu para apanhá-los. Data daí, segundo muitos pensam, a animosidade dos teosofistas para com os fenômenos espíritas, que eles têm como prejudiciais e perturbadores.

Continuando sua caçada, *“ce terrible ennemi de la fraude”* adquiriu extraordinária prática em descobrir médiuns embusteiros; e com tal empenho se iniciou nessa habilidade que chegou a adquirir a arte de consumado prestidigitador. Este hábil cientista e cético inveterado é que foi um dos garantidores da autenticidade das manifestações da Sra. Piper.

Outro psiquista de relevo nas experiências é James Hyslop, professor de Lógica e de Ética da Universidade de Colúmbia, no Estado de Nova York, a cujos trabalhos nos reportaremos mais adiante.



Um dos primeiros guias a apresentar-se durante o sono ou o transe da médium dava o nome de Phinuit. Esse Espírito deveria proceder como certas pessoas de nossos conhecimentos; ele, desejoso de aparecer, ou metedigo, ou convencido de sua importância, mas sem o preparo necessário para o alto mister a que se propôs, costumava atrapalhar-se e a cometer cingas que teriam tornado apagado o caso Piper, ou contribuído para o desmerecimento da sensitiva, se não fosse a intromissão de outros guias e os demais fenômenos que se sucederam.

Um tanto ignorante, um tanto presunçoso, um tanto mentiroso, cometia falhas, caía em contradições, o que tanto bastou para que os desconhecedores do assunto, incapazes de perceber os fatos, logo vissem ali os indícios de burla, irrealidade, ou, na melhor hipótese, simples manifestações do subconsciente. Cumpre, ainda, ter em vista que se tratava de espírito pouco adiantado e que são inúmeras as dificuldades da manifestação.

Assim, os guias afirmam que o fato de o espírito desencarnado mergulhar na atmosfera de um organismo é o suficiente para reproduzir momentaneamente a perturbação de que se achava possuído anteriormente.

Phinuit queixava-se de que, quando ia comunicar alguma coisa, outros o interrompiam, e então procurava ele falar como podia e não como queria.

E Sage acrescentava: - Os Espíritos para se comunicarem colocam-se em um meio muito incômodo, o qual os perturba extraordinariamente.

Diz Rector: - Imaginai o comunicante mergulhado numa atmosfera pesada que, em pouco tempo, lhe dá uma espécie de delírio, e ele fica como que metido num intenso nevoeiro.

Robert Hyslop declarava freqüentemente: - Vou retirar-me, que me estou sentindo fraco.

Mas, como Espírito que era, podendo ver o que nós não conseguimos, Phinuit, por vezes, dava algumas impressionantes demonstrações, de que foram testemunhas vários pesquisadores. Assim, por exemplo, ele dissera à Sra. Pittman, membro da Sociedade de Pesquisas de Londres, que ela iria ficar muito doente, que viajaria para Paris, teria um grande mal no estômago, doença na cabeça... Um senhor louro, pálido, seria o seu médico.

A senhora perguntou quais as conseqüências da doença; ele disfarçou, deu respostas evasivas e depois de algumas reticências, premido pela interlocutora, declarou: - Uma vez que termine a doença, tudo irá bem...

A Sra. Pittman, que não sentia mal algum, contradisse Phinuit em todos os pontos. Este, agastado, retirou-se.

Ela, pouco depois, caía enferma. Foi tratada pelo Dr. Herbert, que diagnosticou – inflamação do estômago. Depois procurou o Dr. Charcot; foram atingidas as suas faculdades mentais e veio finalmente a falecer.

Agora, diz o relator, não está mais doente e tudo deverá ir bem.

Outro caso. Numa sessão, presente a Sra. Howard, diz Phinuit que um Espírito queria falar-lhe. Esse se apresentou, declarava chamar-se Farnworth, tendo estado a serviço de sua tia Ellen. Feitas as indagações, disse a tia que conhecera Farnworth, jardineiro, a serviço de seu pai durante trinta e cinco anos.



Depois de Phinuit veio George Pelham, antigo filósofo que falecera jovem, e aí então é que começa a descortinar-se a maravilhosa mediunidade da Sra. Piper. Honesto, esclarecido, surgiu como certos administradores, que procuram com suas medidas, seus esforços, reparar os erros e os desmandos das administrações passadas. Tratou de afastar

Phinuit e outros, assenhoreando-se das faculdades da médium e cercando-se de Espíritos adiantados e competentes, com a habilidade de um estadista quando compõe o seu Gabinete de bons auxiliares.

Depois de Pelham, ou com ele, veio o grupo de “Imperátor” onde figuravam seres de extraordinária elevação moral, e já conhecidos pela mediunidade de Stainton Moses.

Os informes, as provas de identidade, as comunicações eram de tal ordem, que os experimentadores tomaram precauções fora do comum. Até detetives foram contratados, a fim de que acompanhassem a médium para ver onde ela hauria os seus conhecimentos.

Os consulentes se apresentavam da América e de vários pontos da Europa; disfarçavam-se, mudavam os nomes, punham até máscaras, e só vinham à sala depois que a médium já estava em transe. E as manifestações, não obstante, continuavam admiráveis.

Se a Sra. Piper – diz Sage – obtivesse os informes por meio de espíões a seu serviço, eles deveriam enviar-lhe pormenores a respeito de todas as famílias dos Estados Unidos e da Europa, pois que ela não sabe com quem vai ter uma sessão. Finalmente, a médium é pobre e não teria recursos para estipendar auxiliares. Houve mais: sendo americana, fora convidada a vir à Inglaterra. Recebeu-a Frederico Myers, que a levou para a casa de Oliver Lodge e depois para a sua; ambiente, portanto, absolutamente estranho e seguro. Suas malas foram inspecionadas, sem que ela pusesse a isso a mínima objeção.

Em suma, as experiências duraram quinze anos e nunca se pôde descobrir o menor indício de embuste, por maior que fosse a vigilância e mais hábeis os investigadores.



Nas sessões em que o Espírito manifestante foi o pranteado psiquista Richard Hodgson, que em vida tomara parte tão saliente nas experiências da Sra. Piper, o principal experimentador foi William James, que escreveu memoráveis trabalhos sobre assuntos psíquicos, condensados na obra *Estudos e Reflexões de um Psiquista*. A maior parte da obra cabe aos fenômenos observados com aquela médium.

Hodgson dir-se-ia um Espírito neófito em tais experiências do outro lado; a sua memória enfraquecia, cansava-se com facilidade, sentia-se mal, perdia o fôlego e retirava-se. Daí, talvez não tivessem as suas mensagens e as suas provas o brilho a que se chegou com outros “controles”, e por isso ficassem no espírito do filósofo que as descreve, as reticências e as dúvidas que se lhe notam. Entretanto, não pôde eximir-se de narrar-nos muitos fatos interessantes nas sessões:

Quando a Sociedade Americana entrou em dificuldades financeiras – escreve ele – os seus membros procuraram resolvê-las. As atas mostram que, nesse período, os guias tinham conhecimento dos principais fatores daquelas perplexidades.

Como quer que seja, e ainda que houvessem indiscrições capazes de chegar ao ouvido de Piper, o que é certo é que Rector e Hodgson compreendiam toda a situação. Eles se entretiveram de modo pertinente com Dorr a respeito de certas atas não publicadas; com Henry James sobre a disposição dos livros de Hodgson e outros bens; com Piddington e Dorr sobre os desejos de Hyslop e a melhor maneira de os satisfazer; com Hyslop sobre suas responsabilidades e os médiuns por quem Hodgson e ele se tinham interessado; com Dorr, James, Piddington e Lyman sobre a questão de saber as intervenções inoportunas e perturbadoras de certas pessoas; em suma, cada experimentador tinha a sensação de que as questões que o preocupavam eram percebidas distintamente pela inteligência animadora do organismo adormecido da médium.

Referindo-se às sessões em que tomara parte a senhorita Bergmann, diz ainda o notável Psicólogo:

O conhecimento minucioso assim revelado das conversações de Richard Hodgson nos hotéis de Boston onde estavam aquelas damas, parece-nos um dos fatos mais probantes da série. É improvável que palestras tão triviais pudessem ser levadas por Hodgson vivo à Senhora Piper.

Os textos dos Anais ingleses consagrados ao caso Piper ocuparam quinhentas páginas em tipo pequeno.

O Professor Lodge levantou um mapa das questões reveladas pelos Espíritos, umas já esquecidas, outras inteiramente ignoradas, e outras, ainda, das quais era impossível ter conhecimento.



Pelham conseguira identificar-se. Vivera em Boston e Nova York, fizera parte das Sociedades de Pesquisas inglesa e americana. Amigo de Hodgson, sustentara contra as idéias espiritualistas deste, a da improbabilidade da sobrevivência, num vivo debate, e prometia que se morresse primeiro, e sobrevivesse, viria penitenciar-se do erro.

Cumpriu a palavra.

A princípio Pelham e Phinuit se apresentavam simultaneamente, um pela voz direta, outro pela psicografia.

Pelham teve ocasião de manifestar-se a cento e cinquenta pessoas, todas por ele reconhecidas, sem que houvesse qualquer engano, ou tomasse por amigos os que o não eram. E não só os reconhecia, como os nomeava, dirigia-lhes a palavra no tom com que costumava falar-lhes, com as nuances típicas, de acordo com a idade, a intimidade, o grau de afeição, e lhes dizia particularidades só por eles conhecidas. E eram tão íntimas as palestras que muitos dos seus amigos não consentiram que fossem publicadas.

O pai e a sua segunda mulher vieram à presença de Pelham com supostos nomes. Ele, porém, foi dizendo: - Ó meu pai e minha mãe, sou eu George...

Muito ligado a James Howard, com quem debatia problemas filosóficos, logo o reconheceu e entabulou interessante palestra.

Outro amigo vem à sua presença, M. Vance. Pelham o identifica e pergunta pelo filho.

- Onde o conheceu? – indaga Vance.

- No Colégio, foi meu condiscípulo; estive com ele ultimamente em sua casa de campo, rodeada de árvores, com um pórtico na frente, uma vinha ao lado, um balanço do outro...

Era tudo exato.

Helena Vance pertencia, juntamente com Pelham, a uma sociedade que tinha por fim instruir as pessoas na arte de escrever. Pelham lhe perguntou: - Como vai a Sociedade?

E se travou um diálogo onde não falharam as reminiscências de George.

Conhecera ele, aos três anos, a menina Warner. Havia oito que a perdera de vista. A menina crescera.

Na primeira sessão, George não a reconheceu. Na segunda perguntou quem ela era.

- Mas o senhor visitava minha mãe – lhe diz ela – e eu o vi muitas vezes. O senhor vinha à nossa casa com Rogers.

- Ah, então a menina mudou, porque não posso recordar-me.

Diz Hodgson: - Não se lembra de Sra. Warner?

- Certamente – E com uma exclamação: - Será então, esta, a sua filhinha? Mas como cresceu! Conheci muito sua mãe, uma encantadora senhora!

Não poderia haver cena mais natural. Nenhuma outra hipótese a justificaria; o equívoco só poderia dar-se com pessoa que a conhecendo aos três anos não poderia reconhecê-la aos onze. Se o fenômeno fosse de leitura de pensamento, o médium saberia de quem se tratava.

Pelham lembrava-se ainda da opinião dos amigos, de suas ocupações, de seus hábitos. A James Howard, escritor, indagava: - Por que não escreveu mais a respeito da sobrevivência? Lembra-se quando tínhamos necessidade de recorrer a uma obra? Você logo a encontrava na estante. E que fim levou o seu comprido cachimbo? Já não fuma?

Recordações absolutamente exatas.

Catarina, filha de James, tocava violão e, a propósito, George Pelham fazia muitas pilhérias. E agora lhe pergunta ele: - Como vai seu violão? E como era horrível ouvi-lo!

E a conversa continuou nesse tom humorístico. Tal como dantes.

Vendo uns botões na camisa de John Hart sabe quem os deu.

A Senhora Howard apresenta-lhe uma fotografia. Ele a reconhece e diz: - Era a sua residência de verão... Mas onde está a pequena dependência que não vejo aqui?

Causa admiração o reparo: a pequena dependência existia, de fato, mas ficara fora do retrato.

Também gracejava com a irmã de Catarina como o fazia outrora.

Afinal, James Howard pede-lhe diga algo que só eles dois conhecessem.

A Sra. Piper põe-se a escrever febrilmente e coloca na folha a declaração – pessoal.

Os presentes retiram-se. James lê, guarda o papel, comovido, e exclama: - Obtive tudo o que podia desejar em matéria de prova; estou completa, inteiramente satisfeito.

A descrição que Pelham faz do Além e do que diz respeito à alma não se afasta das lições de Allan Kardec, fato tanto mais curioso quanto na Inglaterra pouco se conhece das obras do Codificador.

Destarte, explicava ele:

Temos um fac-símile etéreo do nosso corpo físico, fac-símile que persiste após a dissolução do corpo somático.

Descreve a sua morte: - Tudo se obscurece, mas a pouco a consciência foi voltando e acordei para uma existência nova. A princípio nada distinguia. O mundo novo surgia para mim como para vocês surgem os instantes que precedem a aurora. De começo era tudo mistério e confusão.

- Então – pergunta Howard: - Deve ter ficado surpreso por se achar vivo.

- De certo, extremamente. Não cria na sobrevivência; isto ultrapassava o meu entendimento. Hoje me admiro de como podia duvidar!

A descrição que faz do Além é animadora.

Um dos tios do Professor Hyslop também dizia: - Fui uma criatura mais ou menos feliz aí; entretanto não desejava voltar de forma alguma.

Pelham declarava: - Este mundo em que me acho é a estância da abundância e da paz.

De fato, a não serem os sofrendores, nenhum Espírito deseja retornar a este “vale de lágrimas”.



Quando os guias que compunham o grupo Imperátor passaram a dirigir as comunicações, estas adquiriram ainda maior nitidez, uma extraordinária exatidão; o erro é raríssimo, a mentira inexistente. O transe da médium mudou; em vez das contorções, a calma, a tranqüilidade, o sono imperturbável.

Imperátor é diferente dos outros. Nele se nota a feição religiosa, a sinceridade, a gravidade; vê-se-lhe a bondade extrema, grande sentimento de piedade pelas criaturas, de equidade, de justiça. Entretanto, nele domina a firmeza das resoluções, que estariam a denunciar o “Imperador”. Os Espíritos que o acompanham, *Dóctor, Prúdens, Réctor*, igualmente elevados, devotam-lhe amizade e respeito. E fato de relevo, os temperamentos, os caracteres, os ideais são os mesmos que já manifestavam ao tempo de Stainton Moses e que transparecem das obras desse virtuoso sacerdote, de quem eram guias, e por cuja mediunidade se revelaram.

Imperador inspirava respeito aos próprios cétricos.

Em matéria religiosa ensinava o que já se encontra nos livros de Kardec, isto é, que a humanidade tem recebido, com intervalos, fragmentos da revelação divina por intermédio de homens inspirados; mas, em pouco tempo, são esses fragmentos deturpados, e de tal maneira mergulhados na lama humana que se tornam irreconhecíveis.

De Réctor escreve William James:

Ele se vos dirige como um dedicado amigo, aparece como homem de idade, e quando fala, dir-se-ia um eclesiástico, de voz fraca, um tanto fatigado de sua experiência do século, de paciência inesgotável, benevolente e desejoso de pôr toda a sua ternura e benevolência a serviço da humanidade. Testemunhas de humor crítico e esmiuçador reconheceram sua sabedoria e confessaram-se admirados de seus conselhos morais.

E James acrescenta:

Com todo o respeito que devo à Senhora Piper, sinto que sua capacidade em vigília seria muito inferior à do Réctor, como conselheiro espiritual.

Passemos às memoráveis sessões em que o experimentador foi James Hervey Hyslop. Este universitário fez um relatório de 650 páginas, dum texto *fin et serré*, diz Sage, que acrescenta:

Os incidentes, os argumentos, as provas, tudo aí é pesado escrupulosamente. É um trabalho de considerável alcance. *Bref, c'est un travail d'une portée considerable.*

E mais:

O professor Hyslop é um espírito de sinceridade absoluta e grande lucidez. Ocupa nos Estados Unidos um eminente lugar entre os trabalhadores do pensamento. *C'est à bon droit que le Professeur Hyslop occupe aux États Unis une place eminente parmi les travailleurs de la pensée.*

Hyslop aparece disfarçado e sob nome suposto; Hodgson apresenta-o como Sr. Smith. Os comunicantes foram seu pai, Robert Hyslop, e vários outros parentes.

Apesar de suas desconfianças, ou de sua quase hostilidade às questões espíritas, ele declarava, logo após as manifestações:

Foi meu pai, foram meus irmãos, foram meus tios com quem conversei. Quaisquer que sejam os poderes supranormais que se concedem às personalidades segundas da Sra. Piper, dificilmente me farão acreditar que essas personalidades tenham podido reconstituir tão perfeitamente a personalidade moral de meus parentes falecidos. Admiti-lo, arrastar-me-ia muito longe na inverossimilhança. Prefiro acreditar que foi a meus parentes que falei.

Tomemos alguns exemplos em meio à grande cópia que enxameia o Relatório, com grande riqueza de pormenores, o que tudo somos obrigados a pôr de lado, premido nas encóspias do espaço.

O pai do experimentador, Robert, era um homem reservado; jamais atraiu a atenção pública; doente, depois de uma longa enfermidade, veio a falecer.

Uma das características de Robert era a sua linguagem. Ora, o estilo é o homem. E ele usava o mesmo falar, as mesmas idéias, as mesmas locuções, os mesmos conselhos que tivera em vida. De quando em quando, o filho interrompia o diálogo com o morto, para exclamar:

- Esta expressão é verdadeiramente de meu pai.

Vale apresentar alguns pequenos episódios:

O velho tinha um cavalo ao qual muito estimava, de nome Tom. Numa das sessões, perguntou: - Que é feito de Tom? – E como James não compreendesse: - Tom, o meu cavalo, que fim levou?

Como ele em vida fosse calvo e se queixasse de frio na cabeça, sua mulher lhe fizera um barrete preto, que ele usava numerosas vezes. Numa sessão, lembra o barrete. James, ausente de casa muito tempo, não tivera conhecimento do tal gorro; escreveu, então, à madrastra que confirmou a exatidão desse detalhe.

Em outra sessão disse que em sua escrivaninha havia habitualmente dois frascos, um redondo e outro quadrado. O professor, ignorando, ainda, esse fato, procurou certificar-se junto à madrastra; esta também não se lembrava; foi o irmão que disse existirem, de fato, esses dois frascos na escrivaninha; o redondo continha tinta e o quadrado uma espécie de mucilagem.

Fatos como esses se reproduziram constantemente; era necessário, para descobri-los, que o filho entrasse em indagações.

Por mínimos que nos pareçam, servem para revelar a identidade do defunto, porque só ele os conhecia; a sua insignificância não os podia tornar públicos.

Vejamos, entretanto, outros de maior vulto.

Um dos filhos de Robert causava ao pai muitos desgostos. Robert, muitas vezes, falara disso a James. Pois bem, em várias sessões tratou ele desse assunto, que tanto o impressionara. Mas, dizia ao filho: - Não te zangues por isso, não te irrites, tudo melhorará... expressões eram estas que costumava ter em vida.



Fora ele calvinista ortodoxo e pertencera a uma seita extremamente rígida, que professava com a mesma rigidez. Nas suas comunicações fazia alusões constantes a esse ponto importante.

Certo dia, o Dr. Hodgson lhe pedira que procurasse seu pai e travasse com ele conhecimento, pois tinham as mesmas idéias religiosas.

Na sessão seguinte, disse Robert a Hodgson: - Encontrei seu pai, conversamos e nos agradamos um do outro. Ele, porém, não era ortodoxo – E de fato não o era. E Robert

acrescenta: - Aqui a ortodoxia não tem importância; modificaria meu modo de pensar em muitos pontos se soubesse o que sei hoje.

Quando vivia em Ohio, Robert tinha por vizinho um tal Samuel Cooper; entre ambos houve longa desavença, porque os cães do Cooper haviam matado os carneiros de Robert. Em determinada sessão, a pedido de James, Hodgson falou no incidente de Ohio e referiu-se a Samuel Cooper. O manifestante tomou-o por um outro Cooper com quem trocara idéias sobre questões filosóficas. E declarava que não tivera questões com ele, que suas discussões giravam em torno da Filosofia, que o julgava amigo.

Isto atrapalhava e desnorreava James Hyslop, até que, por fim, aludindo ele diretamente ao incidente que motivou o rompimento, o pai para logo se lembrou do caso. E explicou imediatamente a razão do engano: ele tomara este Cooper pelo seu antigo amigo do mesmo nome, o admirável filósofo que o deleitava nas suas dissertações. James nada sabia dessa amizade, de que só veio a ter conhecimento pelos informes de outros parentes.

O incidente é duplamente probante. E de grande valor teórico, porque destrói por completo a doutrina da transmissão do subconsciente, do reservatório cósmico, pois que nesses casos seria apanhado o pensamento do interrogante, em vez do equívoco muito comum entre as pessoas vivas.

Não sabemos o que dirá a Psicanálise de semelhante lapso, se ela um dia o estender aos defuntos. Nós veremos nele, em vez dos “recalques” dessa Ciência, uma idéia de superior à outra. É de crer que o Cooper amigo ocupasse com muito mais vigor o pensamento do velho, que o Cooper dos cachorros. Aquele obnubilara este.

Outro equívoco da mesma natureza é o que se deu com uma pergunta de James. Este lembrara-se que o pai chamava de “catarro” à sua doença e para que ele a repetisse, sem que lhe desse o nome, perguntou-lhe por sua perturbação, em inglês *trouble*, vocábulo que significa, ao mesmo tempo, doença e discórdia. Robert toma-o na sua segunda acepção e declara: - Não, James, nunca houve nenhum mal-entendido entre nós.

Após as necessárias explicações, o falecido entrou a discorrer sobre os seus antigos padecimentos, descreveu a sua moléstia, os sintomas da mesma, tal como os presenciaram vários parentes e amigos, e tudo com pasmosa fidelidade.

- Sabe, rematou, que a última coisa de que me lembro é de te ouvir falar-me. De fato, o filho lhe falara, quando ele já estava em coma, e não pudera responder-lhe.

Por fim, perguntou-lhe James se ele se recordava de uma especialidade farmacêutica que lhe enviara de Nova York.

O pai, depois de algum esforço, lembrou-se e disse exatamente o nome do remédio.

James Hyslop que, a princípio, fazia poucas perguntas, que estava cheio de cautelas, deixando que o Espírito visitante falasse quase exclusivamente, por evitar que suas perguntas instruísem as respostas, saiu, finalmente, de suas reservas. O resultado foi extraordinário. – Eu falava com meu pai desencarnado – assegurava o Professor James – com a mesma facilidade e a mesma segurança como se conversasse com ele vivo, pelo telefone. Compreendemo-nos, mesmo nas meias palavras, como em conversa ordinária.

Realmente, falaram de tudo, dos menores incidentes da vida, dos episódios, importantes ou não, de remotos acontecimentos, dos aborrecimentos, contratempos e desgostos, de casos de família, muito íntimos, e dos momentos de alegria, embora poucos.

Pai e filho parece que se tinham encontrado de novo, depois de prolongada ausência, e rememoravam como grandes amigos os dias passados.

Outro comunicante entre os parentes de Hyslop foi o seu tio Carruthers. Este se interessa muito por Elisa, irmã de Robert, e pede que a acalmem, porque ela vive isolada e está desesperada com a sua partida para o Além. De nada disto sabia o professor, e só se certificou do caso pelos informes precisos que lhe deram posteriormente.

Nas sessões com Réctor, Hyslop falava de sua mulher, porém não lhe pronunciava o nome, à espera de que Réctor dissesse. Como ele, porém, nunca foi dito, Hodgson comunicou o caso ao Espírito George Pelham. – Bem, - disse este, - eu vou indagar, e se houver um nome, eu o trarei. – Pouco depois voltava e dizia: - Ora, vocês fazendo tanto barulho por causa de um nome – aí o têm, é Margarida.

Chamava-se, realmente, Margarida, a primeira esposa de James.

Devemos notar que nas sessões com o professor Hyslop só se manifestam os Espíritos susceptíveis de demonstrar a sua identidade. Os outros, ao que parece, tinha Imperátor o cuidado de afastá-los.



Aqui ficam, em ligeiros traços, alguns dos episódios que deixaram patente por intermédio da Sra. Piper, que o Espírito não morre, que conserva as reminiscências da passada existência, e com elas os seus gostos, as suas idéias, a sua inteligência.

Vários fatos militam em favor da sobrevivência e o demonstrou a mediunidade daquela Senhora e, entre eles, a unidade de consciência e de carácter entre os comunicantes. Dizem o que só eles sabem e pensam. Nunca se confundem, nem nas idéias, nem nos conhecimentos, nem no estilo, nem nas afeições.

E tão patente lhe é a personalidade, que, com um pouco de hábito, logo se sabe quem são, mesmo sem que o digam, e apesar do longo intervalo que põem, muitas vezes, nas suas manifestações.

Nota-se, sobretudo, uma empolgante intensidade de vida, de verdade e de gravidade nos guias, declaram todos os sinceros pesquisadores que com eles se entretiveram durante o longo convívio com o mediunismo da famosa sensitiva.

O fenómeno tomava maior realce no chamado grupo de Imperátor, cuja austeridade, cuja solenidade eram de comover.

Não seria possível confundir Phinuit, George Pelham, Robert Hyslop, Réctor, Imperátor, uns com os outros, personalidades distintas, absolutamente distintas.

Tal é em síntese o “episódio Piper”, que aqui apresentamos com exemplo de que os mortos vivem, pensam e se comunicam conosco.

CONSEQUÊNCIAS MORAIS

CONSEQUÊNCIAS MORAIS

Convém tiremos as consequências morais dos fatos aqui expostos.

Toda a doutrina dos Espíritos, revestida das provas que nos trazem, tem por finalidade encaminhar-nos a um porto de salvação.

Ao mostrar que o Espírito é independente do corpo, que o antecede, que lhe sobrevive, que reencarna, que evolve, que sofre na matéria e fora da matéria, em resultado do atraso, o que desejamos é contribuir para o progresso espiritual e universal, embora o programa seja desmedido para a fragilidade de nossos ombros.

Com a certeza de que é necessário dominar os maus pendores, vencer as imperfeições, aprimorar o caráter, o indivíduo busca apressar o seu avanço, pois com ele se libertará do sofrimento e caminhará para a luz e para a felicidade.

Entretanto, há uma verdadeira multidão empenhada em esconder, seja como for, aqueles princípios e as provas que os sustentam. Assim, vemo-los afleimados em destruir as demonstrações da imortalidade que os Espíritos nos trazem, e buscam convencer-nos de que o nosso destino depende da graça divina, graça que é distribuída conforme as simpatias do Criador; ela, por sua vez, está à mercê da ação de intermediários terrenos, pelo braço dos quais se irá alcançar a suprema bem-aventurança, ou a suprema desgraça. Estamos na dependência de fórmulas, do acaso do nascimento, das zumbaias que prestarmos à Divindade; essas, a princípio, tinham um aspecto horrível, como o dos sacrifícios humanos; hoje, os costumes e a civilização amenizaram as barbaridades das cerimônias cruentas, mas, ainda assim, temos uns tantos deveres materiais a cumprir, uns ritos a praticar, uns textos a decifrar, sem que se saiba a vantagem daquilo, e por cima de tudo, as ameaças do fogo eterno aos que não acreditarem.

Ainda mesmo no terreno que palmilhamos, na causa comum que defendemos, há os que nenhum apreço ligam às provas da imortalidade; chegam a acoimar de orgulhosos, de vaidosos da Ciência os que pretendem tenhamos sempre como bússola os fatos, porque é nos fatos que residem os processos da convicção. Mas como os fatos podem desmentir-lhes as doutrinas pessoais, os princípios sem base e comumente sem lógica, lançam eles mão dos mesmos recursos de que se valem os adversários do Espiritismo, quaisquer que sejam as comunidades a que estejam filiados, e anatematizam o saber, e encaram com desdém os que vêem, observam, raciocinam e estudam, para não se enganarem a si e aos outros.

Por seu turno, alguns, os entronados em diversas escolas materialistas, espiritualistas ou espírito-materialistas, acham que os nossos deslizes dimanam do nosso físico, estão no corpo, são anomalias orgânicas, ou fazem parte do soma, vieram de nossos antepassados, através do sêmen, não importa a anciania desses antepassados ou a distância que deles nos separa. Os nossos erros procedem do organismo; hábitos nocivos, vícios, deslizes, crimes, fluem dos órgãos com a cegueira dos cataclismos, que espalham a desordem, o terror e as desgraças, impelidos pelas forças brutais da natureza.

Diante de nossa fatalidade anatômica ou fisiológica não sabemos quem se irá esforçar por progredir, desde que se acha consciente de que age por impulso irresistível, que é vítima de um mal orgânico, tal como se fosse atacado do mal de Bright ou do mal de Hansen, e que é tão culpado de suas faltas como o meteoro que, em sua passagem, deixa o solo juncado de mortos e as almas inundadas de lágrimas.

Para esses que, tomados de ligeiro verniz científico, se julgam muito seguros em suas hipóteses, é que, principalmente, procuramos apresentar as provas trazidas pelas

Ciências Psíquicas, embora contra elas se adunem, de maneira inconcebível, os religiosos de todas as confissões, os materialistas de todas as academias, e, por vezes, os próprios correligionários de várias ortodoxias.

Por mais duvidoso que se nos afigure e temerário que pareça, temo-nos que avir com a Fé e a Ciência; havemos de evitar, no pélago em que conduzimos a nossa nau, os escolhos que surgem à flor das águas, constituídos por uns que não vêem nada e outros que vêem de mais.



Ora o que os fatos nos dizem é que o Espírito, por efeito da lei do progresso a que está submetido, sofre no Espaço pelos males que praticou; que é obrigado a repará-los na sucessão das na sucessão das vidas, até que, pelo atrito constante com a natureza e com os semelhantes, se torne um espírito puro, liberto dos planos materiais, e só então se achará apto a gozar dos esplendores, da beleza, das alegrias e da liberdade que o Criador espalhou por toda da parte.

O que os fatos nos dizem é que o ser pouco evolvido, persistente nos erros, mantém-se nas paragens inferiores da espiritualidade, até que a s dores profundas ocasionadas por suas constantes quedas, lhe abram os olhos para o arrependimento e para o desejo de reparar as faltas, embora ainda seja um mistério para o autor as destas linhas descobrir onde começa o ato responsável.

O que é certo é que as vidas miseráveis não são mais do que a reação inevitável de vidas desregradas, o caminho necessário para a evolução da criatura. O passo inicial é trazido pelo remorso, que são os primeiros rebates da alma, esse despertar da consciência, põe constantemente diante do faltoso o quadro de suas faltas. É a cena aberta, onde, caído o pano, ele vê, em todos os seus pormenores, o horror de suas iniquidades. Começa então o desespero, começam os gritos d'alma.

Já Allan Kardec mostra em suas páginas muitos lances elucidativos; já eles nos deixam ver, pelas manifestações dos espíritos sofredores, o que são as ânsias do arrependimento, o que é o travor do Espírito por não poder apagar aquelas manchas indeléveis que o conspurcam.

Essas manifestações se têm verificado pelos tempos em fora. Vamos, apenas, de acordo com o nosso método, aduzir rápidos exemplos.

O REMORSO

Não o esqueçamos.

Um dos maiores sofrimentos do espírito pecador é o remorso. Estamos longe de perceber o que é essa agonia da alma, essa angústia horrorosa que acompanha o faltoso a todos os momentos, o espia constantemente, e que lhe põe diante da retina espiritual, com terrível intensidade dramática, os seus inapagáveis delitos. Para estes, o Inferno já não é uma simples figura; a sua existência se lhes torna real e a maior ânsia do infeliz seria retirar do espírito aquele espinho que ali se acha encravado de forma cruciante. Às vezes, todo o cenário do crime desfila ante as vistas pávidas do criminoso; e o crime se reedita; e ele como que se eterniza, à maneira da repetição indefinida de um filme pavoroso. E para que os vivos saibam de sua realidade, para que não passe por fantasia de ideólogos ou ideologia de filósofos, também os percebemos, em cena viva, embora nem sempre avaliemos o seu alcance.

Vamos dar um exemplo:

Uma senhora e um filho viviam numa casa isolada, nas costas da Cornualha. Durante a noite, à mesma hora, um fantasma, com um passo pesado, subia a escada e desaparecia por uma porta fechada que ficava no patamar. A senhora corajosamente ficou acordada, à espera do fantasma e notou que se tratava de um sujeito gordo, velho, mal vestido, com os sapatos nas mãos. Tornava-o visível uma luz amarelada, que se lhe desprendia do corpo. Ele subia a uma da madrugada e descia às quatro, sempre com o mesmo passo. A senhora nada disse a ninguém do que vira. Uma noite, porém, a enfermeira do filho desatou a gritar, dizendo que um velho horrível se havia introduzido em casa. Ela fora à sala de jantar para beber um pouco d'água e vira, então, o tal homem de idade; ele sentara-se e tirara os sapatos. Ela nem tempo teve de acender a luz, mas o distinguira perfeitamente, porque o corpo do homem desprendia uma luz estranha.

O irmão dessa senhora e a mulher quiseram certificar-se do caso e entraram a dar buscas por toda a casa; descobriram no subsolo uma velha adega, a qual comunicava com um antro onde a maré alta penetrava. Dir-se-ia um lugar apropriado para contrabandistas. O casal ficou de alcatéia e tiveram uma visão horrível. Notaram que o local se esclarecia como em noite de lua e assistiram a uma furiosa luta entre dois velhos, um dos quais venceu o outro e o matou; depois, arrastou o cadáver para o antro, que dava para o mar, voltou à adega, cavou um buraco e nele jogou a faca homicida. O casal viu o assassino sair e passar perto deles. Seguiram-no até a sala de jantar onde ele tomou um copo de aguardente. Depois, o homicida sentou-se e descalçou as botas, tal como referira a enfermeira; com elas na mão, pôs-se a subir a escada, transpôs a porta e desapareceu, como sempre o fazia. Em todas as manifestações deve-se ter repetido a fase do drama na adega.

No dia seguinte, o marido abriu um buraco naquele ponto e encontrou a faca.

Efetuada as investigações, soube-se que, muitos anos antes, a casa fora habitada por dois irmãos que ganharam dinheiro com o contrabando e guardaram o ganho, sem o dividir. Ao que parece, um deles anunciou que iria casar-se; era a ocasião da partilha. Logo depois, o noivo desapareceu. Fez-se constar que estava em longa viagem. O irmão enlouqueceu e o crime foi descoberto após a sua morte.

A porta através da qual o fantasma desaparecia era a de um armário praticado na parede, onde, provavelmente, o irmão sobrevivente guardara o dinheiro. É também de supor que o fantasma levava na mão os sapatos por haver alguém dormindo na casa, a quem não convinha despertar. (235)

(235) Sir Arthur Conan Doyle – *The Edge of the Unknown*, O Limiar do Desconhecido.

A descoberta da faca traz para o caso a prova objetiva da realidade do fenômeno; há ainda a considerar que o fenômeno foi presenciado por várias pessoas, em diversas circunstâncias.

AS VIDAS INFELIZES

O sofrimento do Espírito traduz-se em dores físicas e morais. Eles sentem, como acontece entre os suicidas e os grandes criminosos, não só os dissabores da alma como as agonias do corpo. Acreditam-se vivos, supõem conservar a matéria que lhes revestia os corpos; muitos pensam que serão eternas as suas penas, e a crença no Inferno aumenta-lhes as terríveis angústias.

Uma longa prática da manifestação dos mortos faz-nos ver que os espíritos atrasados procedem mais ou menos da mesma forma, têm as mesmas dúvidas, mostram a mesma ignorância quanto à realidade de seu estado, desconhecem a condição em que se encontram, espantam-se e revoltam-se porque ninguém lhes presta atenção, supõem-se nos mesmos misteres, continuam nas costumadas atividades, habitam as antigas moradas. Folheando-se a literatura sobre o assunto e os anais do Psiquismo verifica-se que há perfeita concordância entre o que observamos e o que ali se relata.

Repelem energicamente a hipótese de que estejam mortos, haja vista se verem não só com o corpo físico como ainda com as mesmas faculdades; acham-se cansados, desmemoriados; muitos se dizem no escuro, queixam-se dos males físicos e morais que os atormentam, e tais lhes sejam a obstinação e a inferioridade, mantêm os mesmos sentimentos inferiores, mostram-se cheios de antipatias, de orgulho, de inveja, de ódio, de desejos de vingança. Os mais embrutecidos não vêem nada. As aflições são tremendas. Outros continuam praticando o mal e se comprazendo nele, tal como procediam na Terra.

Os viciados conservam-se presos ao vício; o fato de não poderem satisfazê-los trá-los em contínuos e insopitáveis desejos, e o desejo ansiado não satisfeito é uma tortura; a vista dos gozos mundanos produz-lhes o suplício do Tântalo. Quando conseguem, como vampiros, ligar-se a um mortal e participar das suas libações ou de quaisquer más tendências, ficam em piores condições das que as tinham no invólucro carnal, porque o desejo é contínuo, a satisfação é incerta e a degradação infalível.

A falta de sentimento e até a vida inativa acarretam uma situação infeliz no Espaço. Apresentamos apenas os fatos, sem entrar em indagações filosóficas.

Alguns pequenos exemplos do Além, de que fomos testemunha, talvez ilustrem as nossas asserções, embora possa parecer a muitos um tanto fraca a nossa prova e a iniquem de suspeição. Mas os que conhecem o assunto não estranharão os casos.

Certa vez apresentou-se-nos um antigo carrasco; sofria muito e não sabia explicar porquê; compreendia que estava desencarnado; mas – dizia ele – se matei, foi por dever de ofício; era pago para isso, era minha profissão; não matava por gosto, nem por divertimento, nem por ódio; era funcionário do Estado, exercia uma função pública; tratava-se de um serviço...

Ficamos sem poder responder-lhe e talvez dando-lhe um pouco de razão, sem compreendermos, por nossa vez, neste caso particular, onde estaria a justiça divina. Mas, ou por inspiração, ou influência estranha, ou assistência espiritual, logo nos lembraram os assassinos assalariados, e lhe dissemos:

- Meu amigo, provavelmente você está equiparado aos pistoleiros que matam por encomenda; aos profissionais da tocaia; aos homicidas pagos; esses a quem dão ordem de eliminar tal ou qual cidadão; ele nada tem com o outro, que nunca lhe fez mal; não possui ódios; está apenas recebendo o seu dinheiro. A diferença única é que não se trata de um

serviço público, mas de um serviço particular. Não lhe parece razoável o paralelo? E nem por isso deixam de sofrer as consequências.

O carrasco chorou e retirou-se.

Um simples matador de porcos, que se manifestou, não estava lá em boas condições. Antes, lamentava profundamente a profissão que escolhera.

Um caçador, desses que matam por divertimento, não sabe que após o dia da folgança e da glória, em que eles impam de vaidade pela certeza da pontaria, virão outros de tristeza e opróbrio. Os amantes de brigas de galo ou quaisquer outras brigas, os toureiros e seus admiradores, os que rejubilam com as lutas sem lhes importar o sofrimento dos contendores, e mormente o do vencido, esses criam em torno de si uma pesada atmosfera espiritual, que lhes entorpecerá os movimentos e criará, após a morte, um ambiente triste e pesado.

Uma freira falecida queixava-se da vida monótona que levava, da sensaboria em que se achava mergulhada, ela que sacrificara a vida terrena por amor a Jesus e se cobrira de uma verdadeira mortalha em toda a sua existência. – Não tinha relações – dizia – ninguém a procurava, ninguém a estimava, permanecia em desolador silêncio. Eu sou uma isolada – exclamava pesarosamente; entretanto, exclamava com orgulho – esqueci o mundo, tinha o meu corpo imaculado, vivia rezando...

- É, minha filha, lhe dissemos – Você colhe o fruto de uma vida egoísta. Tratou apenas da alma, querendo ir ao Céu pelo ascetismo, quando o nosso dever é vir para as agrestias da vida, para as lutas da existência, para o auxílio ao nosso semelhante. Quem não conheceu o calor do trabalho para o progresso e para o bem geral, há de encontrar o frio nas regiões em que a minha amiga se encontra. O dinamismo é uma necessidade imperiosa para a felicidade do ser. A verdadeira honestidade é a da alma.

- Nunca me disseram isto – replicou ela com um suspiro.

As dores crescem na proporção dos delitos. O hipócrita, que aos olhos de seus coevos, passava por um indivíduo exemplar, limpo, honestíssimo, e que envidava esforços por manter essa reputação, encontra o castigo no se vir desmascarado, no ser apontado como um velhaco, no sentir-se exposto à irrisão e à galhofa públicas.

O usurário, ao notar a maneira por que lhe dilapidam os bens que acumulou, muitas vezes à custa da desgraça alheia, sente ímpetos de ódio e de horror, é tomado de um furor impotente, e vê as notas tão laboriosamente amontoadas se irem gastando uma a uma, com a agonia de quem sente lhe tirarem um a um os pedaços do corpo.

E assim os sofrimentos desdobram-se, ampliam-se, recrudescem na razão direta da falta, da maldade, da infâmia, do rancor, do crime.

Os ladrões têm diante das vistas os furtos cometidos, a miséria que espalharam, a maldição dos espoliados. Eles que tiraram tudo, não terão nada.

Os assassinos se vêem cobertos de sangue, ouvem os gemidos e os gritos das vítimas, presenciam, como num filme interminável, as suas terríveis façanhas, sentem-se desprezados, injuriados, amaldiçoados, e à dor moral se juntam as dores físicas.

Os suicidas se nos apresentam no mais lamentável estado; estão num pesadelo horroroso, de que não acordam; são farrapos humanos. Almerindo de Castro, que escreveu uma obra onde coligiu vários fatos e narrativas relativos ao caso, afirma com muito acerto:

Farta, eloqüente e autêntica é a documentação que os Espíritos têm trazido aos da Terra, cientificando-os dos horrores que os esperam se cometerem o crime do auto-homicídio. (238)

(238) Almerindo Martins de Castro – *O Martírio dos Suicidas*, 1940, pág. 41.

As obras sobre o assunto, com as dolorosas mensagens que os Espíritos nos trazem e as conclusões a que a experiência conduz, já são em grande número, podendo-se destacar em língua portuguesa – *No País da Luz*, de Fernando de Lacerda, o *Suicídio*, de Frederico Figner, várias comunicações por Francisco Cândido Xavier, sem falar nas já citadas obras do Codificador.

Por médium nossa conhecida, Camilo Castelo Branco, que já se manifesta pelo médium português, deu-nos vários escritos, onde, em meio ao seu inimitável estilo humorístico, notava-se a dor pungente que lhe ia n'alma, o golpe terrível por que passara depois do seu desvario. Como se sabe, não podendo suportar a cegueira, o notável romancista suicidou-se. E pedia-nos com muita humildade: - Estou prestes a reencarnar; devo passar por nova prova e serei submetido de novo à tentação do suicídio; não sei até onde irá a minha resistência. Rezem para que Deus me dê força e coragem.

E aqueles que leram a sua opulenta obra romântica, que se deleitaram com seus livros, que aprenderam com sua linguagem, não podiam nem podem deixar de orar pelo grande vulto das letras portuguesas, mormente os que souberam das belezas do seu coração, dos que sabem dos seus atos de generosidade e altruísmo, dos que não o conhecem apenas através das farpas de sua ironia.

E nós lhe dizíamos: - Tu continuas a nos fazer chorar, Camilo. – Ao que ele respondeu: - A lágrima é diante de Deus o maior testemunho da nossa bondade; conservem esse tesouro.



Poderíamos, como temos feito no decorrer deste estudo, ilustrar as nossas asserções com exemplos de vária espécie. A literatura sobre o assunto é incomensurável. As mensagens recebidas de toda a parte, os constantes e lancinantes gritos que vêm do Espaço, os clamores do Outro Mundo que se ouvem de tempos imemoriais, formam inesgotável corrente. Estamos em frente a essas páginas repletas de sofrimento, de soluções, de ânsias indescritíveis, como o viajor que vê estender-se a sua vista pávida diante de inúmeros e atrozinhos caminhos, e sente-se paralisado pelo temor.

Assim, preferimos afastar-nos dos angustiosos quadros. Que sobre eles se abaixe o pano e deixemos surgirem, em novo ato, cenários mais alegres e consoladores.

Vamos a vidas mais felizes no Espaço.

A VIDA FELIZ DO ESPÍRITO

Há quem acuse as religiões de levarem os crentes ao abandono das atividades que lhes competem, para se entregarem a uma vida inativa, vida mística e contemplativa, à espera das prometidas felicidades do Céu.

Nada há que se nos apresente tão contrário ao ensino dos Espíritos. A vida tranqüila e feliz do Espaço ou das Zonas Superiores só se alcança depois de grandes esforços, depois de lutas ininterruptas, depois de continuado exercício por vencer a adversidade e nos vencermos a nós mesmos, depois do labor diuturno em benefício do Progresso, depois do auxílio aos nossos semelhantes, depois de uma vida diligente em prol da harmonia, da paz e da fraternidade, e em regra, depois de grandes sofrimentos.

Só no trabalho, na virtude, no conhecimento e na justiça, após as fadigas a que nos conduzem, é que é possível encontrar a ventura que as religiões prometem, sem nos ensinarem, precisamente, em que consistem os meios de obtê-las e o caminho para alcançá-la.

Vejamos alguns exemplos de como ela é, pelo menos nos primeiros graus da espiritualidade. Colho este nas obras de Barrett, com o seguinte comentário:

As comunicações que se seguem não parecem do tipo habitual; elas nos dão, se verídicas, um apanhado do estado da alma imediatamente após a morte. A Sra. E. assegurou-me que estavam bem longe de seu pensamento, e que ela seria incapaz de os inventar. No inverno precedente perdera um irmão ternamente amado, que estudava numa Escola de Engenharia. Um de seus amigos, depois de haver sofrido muito, falecera antes desse irmão; a Sra. E. não pensava absolutamente nele; eis, porém, que ele se põe a escrever por sua mão:

Quero que vocês creiam que seus amigos vivem e não os esquecem... Abrindo os olhos espirituais, encontrei-me tal como era antes; não senti nenhum terror; experimentei, a princípio, um sentimento estranho, depois veio a paz, um coração consolado, o amor dos companheiros, das lições. Eu sou F. Seu irmão está aqui e lhe quer falar.

Depois de um intervalo a Sra. E. foi levada novamente a escrever, e eis o que traçou:

Estou aqui e lhe quero dizer como acordei na vida espiritual. A princípio fui vagamente consciente das formas que se moviam no quarto e em torno da cama. Depois, fechou-se a porta e fez-se silêncio. Percebi somente que já não estava na cama e flutuava um pouco acima. Vi meu corpo estendido, e face coberta e a minha primeira idéia foi que eu podia voltar a ele de novo, mas depressa perdi esse desejo: tinha-se rompido o laço. Pus-me em pé no assoalho e meu olhar se dirigiu para esse quarto onde estive tão doente, tão fraco e onde agora me podia mover em liberdade. O compartimento não estava vazio; via meu pai perto de mim; ele ficou o tempo todo comigo. Outros que eu amo ainda, também estavam lá...

Pouco depois dava outra mensagem:

Vi a Terra fria e negra sob as estrelas, aos primeiros luars de uma aurora de inverno. Era a paisagem bem conhecida e muitas vezes contemplada. De repente, meus olhos se abriram. Vi o mundo espiritual irradiar sobre o real como flor que desabrocha. É inexprimível o que eu vi. Nada do que eu dissesse faria compreender essa maravilhosa revelação, que um dia será também de vocês. Fui atraído por minhas afinidades para um mundo que é agora meu, mas a que não estou encadeado. Sou ainda atraído para a Terra, não por laços funestos, mas para aqueles a quem amo, para os lugares que me foram caros. (237)

Bozzano colheu nas principais obras medianímicas inglesas vários excertos sobre a vida no Além, principalmente sobre os primeiros passos nos umbrais dessa nova existência. Por nosso turno, apanhamos, aqui e ali, alguns trechos referentes ao tema de que nos ocupamos neste capítulo, e que é a entrada feliz, não no Paraíso, mas num ambiente de calma e de alegria, justo prêmio de uma vida honesta, no resgate de faltas passadas. Vamos aos excertos:

(237) William Barret – *In the Threshold of Unseen* – Na Trad. Francesa: *Au seuil de l'Invisible* – Paris, 1923, - pag. 153.

O Juiz Peckam escreve pela mão do seu confrade, o Juiz Edmonds:

Se eu houvera podido escolher a maneira de desencarnar, por certo não teria preferido a que o destino me impôs. Não me queixo, porém, do que me aconteceu, dada a natureza maravilhosa da nova existência que se abriu, de repente, diante de mim.

No momento da morte, revi os acontecimentos de toda a minha existência. Nem um só de meus amigos faltou à chamada. Na ocasião em que mergulhei no mar, tendo nos braços minha mulher, apareceram-me meu pai e minha mãe, e foi esta quem me tirou da água, mostrando uma energia que só agora compreendo.

...Quis informar-te de tudo isto, a fim de que possam mandar uma palavra de consolação aos que imaginam que os que lhes são caros e que desapareceram comigo sofreram agonias terríveis ao se verem presas da morte.

Não há palavras que te possam descrever a felicidade que experimentei, quando vi que vinham ao meu encontro, ora uma, ora outra das pessoas a quem amei na Terra, e que todas acudiam a me dar as boas-vindas nas esferas dos imortais. (*Do Letters and Tracts on Spiritualism*).

Da Obra *The Morrow of Death*, by "Amicus".

...Vi-me acolhido, reconfortado e ajudado por pessoas que eu conhecera na Terra e que me precederam na grande viagem. Mas, o que constituiu a alegria daquela hora, foi o encontrar-me com a companheira de toda a minha existência, a qual logo se pôs a prodigalizar-me, no meio espiritual, as dedicadas atenções e as ternuras afetuosas que me dispensava no meio terrestre. Meus primeiros passos foram vigiados por esse afeiçoado guia. Posso pois afirmar que a minha primeira impressão no mundo espiritual foi a prova de que a estima e o devotamento da minha companheira não se haviam enfraquecido em consequência da morte, porquanto se renovaram para comigo com toda a comovente espontaneidade, que os caracterizava. Eu sentia que voltara à doce vida familiar do período mais ditoso de minha existência...

O processo da morte física e do renascimento espiritual é muito interessante e mesmo belo. Normalmente, a partir do instante em que começa a cessação das funções corporais, os sofrimentos físicos e as ansiedades do Espírito cessam e ele passa gradualmente a condições de inconsciência absoluta. Uma vez, porém, transposta a crise da morte, opera-se o pleno despertar da consciência; o morto renasce então para uma existência nova e começa logo a exercitar a sua atividade em o novo meio...

Onde vem encontrar-se o Espírito recém-nascido? Entrou no estado de existência que lhe era o único possível, dadas as suas condições morais, intelectuais, espirituais. O meio que o recebe é determinado pelo grau de espiritualidade em que ele se acha. Através da morte, ganha a morada espiritual que preparou para si mesmo; não pode ir a nenhuma outra parte...

Da obra *Heaven Revised*, de E. B. Duffey:

...Nessa hora suprema, a afeição me pareceu o cúmulo e a substância de tudo o que há de apreciável na existência...

... Experimentava penoso sentimento de decepção. Em todo o caso este estado não durou mais que um instante. Apenas formulara aqueles pensamentos, vi desaparecer o quarto em que me encontrava e me achei numa espécie de vasta

planície... Era indescritível a beleza da paisagem. Bela é paisagem terrena, mas a celeste é muito mais maravilhosa...

...Não tinha consciência de haver manifestado de viva voz meus pensamentos; mas, como se alguém me houvesse escutado e se apressasse em me atender, vi diante de mim dois mancebos, cuja radiosa beleza excedia a tudo o que o espírito humano possa imaginar. Muitos anos antes, levava ao túmulo, com lágrimas de desesperada dor, dois filhinhos que adorava: um após outro. E muitas vezes a chorar sobre suas sepulturas, estendera os braços para a frente como se contasse reavê-los à morte que mos arrebatara... Quando vi diante de mim aqueles rapazes, um instinto súbito me preveniu de que eles eram os meus filhinhos, que se haviam tornado adultos. Estendi-lhes os braços como fizera outrora na Terra e desta vez os apertei realmente ao peito... Oh, meus para sempre!...

Do livro *Blair's Letters, communicated by James Blair Williams to his mother*:

...Procurei conhecer qual era o estado do meu Espírito, quando me achava aprisionado no corpo.

Verifiquei que o corpo se pode comparar a uma roupa muito apertada de que o Espírito se reveste, mas uma roupa que só contém uma seção especial do Espírito, porém a mais importante se encontra em estado latente, nas profundezas da subconsciência. Quando o Espírito se desembaraça do corpo, as coisas mudam de aspecto; a parte latente desperta em plena eficiência, realizando todos os poderes. É essa uma sensação maravilhosa e deliciosa para os desencarnados.

Manifestação de Miss Felícia Scatcherd, *Light* de 1927, pág. 314:

O trespasse me foi tão fácil! Senti-me cansada e sonolenta. Pela manhã adormeci ligeiramente. Percebi, então, estranhas luminosidades... Senti-me em seguida a flutuar no espaço, e a minha mentalidade se tornou muito límpida. Pensei: - Como eu me sinto bem! Eu sabia que me havia de curar!... Era uma estupefaciente sensação de bem-estar. Mas logo me inteirei do que significava aquele repentino restabelecimento.

Repousei durante algum tempo. Porém não se tratava de sono; era antes delicioso torpor. Recordações antigas e ditosas me invadiam o espírito: lembranças do tempo em que passei na sua companhia e na de outras pessoas. Tudo se desdobrava com imensa serenidade, sem nenhum choque.

Muitas das pessoas que me eram mais caras vieram em seguida ter comigo. Havia a mais querida de todas: minha mãe. Tornei a vê-la como era na sua mocidade. Quisera que todos se persuadissem de que a vida terrena é a parte mais triste de nossa existência. Na realidade não é uma vida.

Trata-se agora do livro *Messages from the Unseen*. A morta dirige-se ao marido:

Acho-me neste momento bem perto de ti e dos meus filhos. Varre da mente essa idéia de que me encontro muito longe do meio em que vivi. Não te deixarei um só instante até o dia em que te der as boas-vindas, à passagem do grande rio. Possa esta passagem ser para todos tão suave quanto foi para mim.

Devo ter dormido muito tempo, se bem não tenha disso a menor lembrança. Quando abri os olhos, achei-me curada milagrosamente. Vi-me tal como era no curso dos melhores anos de minha mocidade, porém infinitamente exuberante de vida, mais lúcida de espírito, mais ditosa. O extenso período de minha enfermidade me pareceu um mau sonho do qual por fim despertara, para volver à afeição das pessoas que me são caras e que me assistiram com tanta abnegação. Sentia-me na posse de toda a rica experiência adquirida durante a minha passagem através da existência terrena.

Em outra mensagem:

Minha experiência se resume num despertar maravilhoso, que ainda agora me enche de extática alegria. Na morte não há o que temer. Quando despertei, vi-me cercada pela assembléia dos que eu amara na Terra, dos semblantes das pessoas queridas que conhecera nas diferentes épocas da vida. Ao mesmo tempo, ouvia maravilhosos acordes musicais, literalmente celestes, que me extasiavam. No meu trespasse não houve mudanças bruscas: adormeci e despertei, pouco a pouco, para uma vida em que se tem a consciência mais vasta de si e se sabe muito bem estar curado de todas as enfermidades, e livre, livre para sempre do pobre corpo envelhecido. Como exprimir o que esta revelação significa para mim?

Só os que, como eu, sofreram longamente, aguardando com ansiedade a liberação, se acham em condições de o conceber. Quando ao despertar respondi à saudação de boas-vindas de tantas pessoas queridas que me tinham vindo receber, sabia que não sonhava, que efetivamente havia entrado no meio espiritual. Estou viva, com uma vitalidade que jamais experimentei, nem sonhara, na posse de novas faculdades, de novas energias, com um poder de amar e ser feliz dez vezes mais forte do que antes. A existência, nestas esferas, deve ser uma alegria permanente. Para alcançar tal meta valia a pena de viver uma vida de lutas e de sofrimentos. Presentemente, parece-me que vivi na Terra uma vida de sonho; somente é esta, com efeito, vida real; aquela era um sombra... O amado companheiro de minha vida e meus filhos constituem o laço único que me prende ainda ao mundo dos vivos.

Onde me acho reinam o perfeito amor e a harmonia universal, a se manifestarem numa glória de luz radiosa, vibrante de energias vitais, que enchem a alma de sentimentos agradáveis e de suprema alegria. Os pensamentos substituem a palavra; eles não só vibram em uníssono com as almas, como revestem cores admiráveis e se transformam em sons muito harmoniosos, o que faz ouçamos ressoar em torno de nós uma sinfonia de acordes musicais, sempre mais e mais maravilhosos, de uma beleza de gradações infinitas...

...No mundo espiritual a música é o veículo revelador das grandes verdades cósmicas.

Vimos a outra face da existência na sucessão de nossas vidas. É a paisagem confortadora depois das diversas fases que atravessamos, já depurados no cadinho do sofrimento. É ao que chegaremos “depois de longo e tenebroso inverno”. É, enfim, *le coin bleu après un ciel d’orage*.

O acordar no Espaço, depois de uma vida honesta e dignamente vivida, das dolorosas provas suportadas com resignação, toma o aspecto de inesperada e deslumbrante apoteose como jamais puderam ver os nossos olhos.



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
“REVISTA DOS TRIBUNAIS” LTDA., À RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
PARA A
LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO
PARANÁ – CURITIBA – EST. DO PARANÁ
EM SETEMBRO DE 1955.



Digitado e trasladado de maio a junho de 2008 por Daniel S. Viveiros.
Marabá-PA